



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**JÚLIO CÉSAR LIMA MOREIRA**

**ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM ORAÇÕES DECLARATIVAS  
INDEPENDENTES SOB ESCOPO DE MODALIZADORES EPISTÊMICOS DE  
DÚVIDA NO ESPANHOL DA CIDADE DO MÉXICO**

**FORTALEZA**

**2014**

JÚLIO CÉSAR LIMA MOREIRA

ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM ORAÇÕES DECLARATIVAS  
INDEPENDENTES SOB ESCOPO DE MODALIZADORES EPISTÊMICOS DE DÚVIDA  
NO ESPANHOL DA CIDADE DO MÉXICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Hebe Macedo de Carvalho

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- M837a      Moreira, Júlio César Lima.  
            Alternância subjuntivo/indicativo em orações declarativas independentes sob escopo de modalizadores epistêmicos de dúvida no espanhol da cidade do México / Júlio César Lima Moreira. – 2014.  
            191 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.  
            Área de Concentração: Descrição e análise linguística.  
            Orientação: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho.
- 1.Língua espanhola – Espanhol falado – Cidade do México(México) – Tempo verbal. 2.Língua espanhola – Espanhol falado – Cidade do México(México) – Aspecto verbal. 3.Língua espanhola – Aspectos sociais – Cidade do México(México). 4.Língua espanhola – Modalidade. 5.Língua espanhola – Variação. I.Título.

JÚLIO CÉSAR LIMA MOREIRA

ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM ORAÇÕES DECLARATIVAS  
INDEPENDENTES SOB ESCOPO DE MODALIZADORES EPISTÊMICOS DE DÚVIDA  
NO ESPANHOL DA CIDADE DO MÉXICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.  
Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Hebe Macedo de Carvalho (ORIENTADORA)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Alice Tavares  
Universidade Federal do Ceará (UFRN)  
1<sup>a</sup> Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márluce Coan  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
2<sup>a</sup> Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Aluiza Alves de Araújo  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
Suplente externo

---

Prof. Dr<sup>ª</sup> Márcia Teixeira NOgueira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Suplente interno

FORTALEZA

2014

A meus pais, Jorge (*in memoriam*) e Socorro,  
pelo exemplo inspirador de vida.

A meu irmão Jorge Henrique, pelo  
direcionamento e conselhos.

A Larissa Torquato, por seu apoio  
incondicional e constante.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo discernimento e auxílio necessários nas horas difíceis.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

À Professora Dr<sup>a</sup>. Hebe Macedo de Carvalho, pela excelente orientação, preciosos conselhos e por instigar constantemente à pesquisa.

À banca de qualificação do projeto de dissertação (professoras Dr<sup>a</sup> Márluce Coan e Dr<sup>a</sup> Márcia Teixeira Nogueira), pelas oportunas observações e considerações precisas.

Ao professor Expedito, examinador do Seminário de Pesquisas I, pelas considerações sobre a dissertação em andamento.

Ao amigo e companheiro de mestrado Jards Nobre, por compartilhar impressões, discutir conteúdos e por participar diretamente do processo de construção dessa dissertação.

A todos os colegas da turma de mestrado do PPGL/UFC, por compartilharmos ao longo desse processo dúvidas, sugestões, dificuldades e companheirismo.

Aos professores do PPGL que contribuíram diretamente na minha formação e consecução dessa pesquisa.

Aos meus irmãos, pelo apoio e companheirismo.

À Larissa Torquato, pela imensurável ajuda na construção dessa dissertação e pelo apoio e compreensão incondicionais nos momentos difíceis.

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros.  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusíada”

Manuel Bandeira, *Libertinagem*, 1925

## RESUMO

Investigamos neste estudo a alternância entre os modos verbais subjuntivo e indicativo em expressões dubitativas da língua falada da Cidade do México, também conhecida como México, D.F. ou México, Distrito Federal. Valemo-nos do *Corpus Sociolinguístico de Ciudad de México*, coletado e transcrito pelo *Laboratorio de Estudios Fónicos del Colegio de México* (LEF-CM). O principal objetivo desse estudo é descrever o estado da variação entre subjuntivo e indicativo em orações independentes dubitativas, analisando os contextos favoráveis e de restrição da variante subjuntivo e, assim, apontar se há indícios de uma possível mudança em progresso na amostra analisada. Elencamos variáveis linguísticas e sociais que, por hipótese, poderiam favorecer a variação, outras que favoreceriam o indicativo e outras que favoreceriam o subjuntivo. Desse modo, concebendo a força modal não sendo exclusivamente encontrada na forma verbal, mas sim apreensível no discurso e também, considerando um *continuum* do valor de certeza da modalidade *irrealis*, inerente aos enunciados dubitativos, buscamos mapear a frequência de ocorrência dos modos verbais em enunciados dubitativos, onde, segundo a normatividade, teríamos preferencialmente o subjuntivo. Assim, almejamos identificar quais fatores condicionam o uso de subjuntivo ou de indicativo nessas construções. Os dados foram quantificados por meio do programa estatístico GOLDVARB X e analisados à luz da Teoria da Variação e Mudança e de pressupostos funcionalistas, uma vez que ambas convergem no tocante à concepção de língua como sistema heterogêneo e passível às pressões de uso, conseqüentemente à variação e à mudança. Os resultados apontam as variáveis *item dubitativo* e *tempos verbais em alternância* como favorecedores do subjuntivo nessa variável linguística. Nesse sentido, observamos que há uma especialização no paradigma dos advérbios de dúvida, consagrada e ratificada pelo uso, que atuam, assim, como índices da modalidade subjacente a esses enunciados, sendo o *seguramente* e o *a lo mejor* favorecedores do indicativo e de mais certeza do falante, enquanto o *probablemente*, o *posiblemente* e o *quizá(s)* favoreceriam o subjuntivo. Já o grupo *tempos verbais em alternância* nos indica que os tempos verbais de subjuntivo: *presente*, *pretérito perfecto* e *pretérito imperfecto*, sofrem a concorrência da respectiva forma verbal de indicativo. O único tempo verbal que não se mostra favorável à variação é o *pluscuamperfecto de subjuntivo* que se mostra contexto quase que categórico de subjuntivo com apenas uma ocorrência de alternância com a respectiva forma do indicativo. Em linhas gerais, sem desconsiderar a influência sintático-semântica, concebemos que no ato comunicativo a escolha do falante, situada no nível pragmático-dicursivo, propicia a codificação de

mensagens com sentidos diferentes da significação que o item dubitativo ou o modo verbal prototipicamente possuem, com vistas a cumprir determinado propósito comunicativo. Nesse sentido, o julgamento epistêmico do falante subjacente no discurso condiciona a seleção de itens dubitativos, que atuam como índices da modalidade, e na seleção do modo verbal. Quanto às variáveis sociais, embora não selecionadas pelo programa estatístico, os resultados mostram que os homens usam mais a forma subjuntiva que as mulheres e que os falantes com mais escolaridade usam mais o subjuntivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Sociolinguística. Alternância subjuntivo/indicativo. *Continuum* da modalidade *irrealis*.

## RESUMEN

Investigamos en este estudio la alternancia entre los modos verbales subjuntivo e indicativo en expresiones dubitativas de lengua hablada de Ciudad de México, también conocida como México, D.F. o México, Distrito Federal. Nos valemos del *Corpus Sociolingüístico de Ciudad de México*, colectado y transcrito por *Laboratorio de Estudios Fónicos del Colegio de México* (LEF-CM). El principal objetivo de ese estudio es describir el estado de la variación entre subjuntivo e indicativo en oraciones independientes dubitativas, analizando los contextos favorables y de restricción de la variante subjuntivo y, así, apuntar si hay indicios de un posible cambio en progreso en la muestra analizada. Elegimos variables lingüísticas y sociales que, por hipótesis, podrían favorecer la alternancia, otras que favorecerían el indicativo y otras que favorecerían el subjuntivo. De ese modo, concibiendo la fuerza modal como no siendo exclusivamente encontrada en la forma verbal, sino aprehensible en el discurso y también, considerando un *continuum* del valor de certeza de la modalidad *irrealis*, inherente a los enunciados dubitativos, buscamos mapear la frecuencia de ocurrencia de los modos verbales en enunciados dubitativos, donde, según la normatividad, tendríamos preferentemente el subjuntivo. De ese modo, anhelamos identificar cuáles factores condicionan el uso de subjuntivo o de indicativo en esas construcciones. Los datos fueron cuantificados por medio del programa estadístico GOLDVARB X y analizados a la luz de la Teoría de Variación y Mudanza y de presupuestos funcionalistas, una vez que ambas convergen cuanto a la concepción de lengua como sistema heterogéneo y pasible a las presiones de uso, consecuentemente a la variación y a la mudanza. Los resultados apuntan las variables *item dubitativo* y *tempos verbais em alternância* como favorecedoras del subjuntivo en esa variable lingüística. En ese sentido, observamos que hay una especialización en el paradigma de los adverbios de duda, consagrada y ratificada por el uso, que actuarían, así, como índices de la modalidad subyacente a esos enunciados, siendo el *seguramente* y el *a lo mejor* favorecedores del indicativo y de más certeza del hablante, mientras el *probablemente*, el *posiblemente* y el *quizá(s)* favorecerían el subjuntivo. Ya el grupo *tempos verbais em alternância* nos indica que los tiempos verbales de subjuntivo: *presente*, *pretérito perfecto* y *pretérito imperfecto*, sufren la concurrencia de la respectiva forma verbal de indicativo. El único tiempo verbal que no se muestra favorable a la alternancia es el *pluscuamperfecto de subjuntivo* que se muestra contexto casi que categórico de subjuntivo con apenas una ocurrencia de alternancia con la respectiva forma de indicativo. En líneas generales, sin desconsiderar el influjo sintáctico-semántico, concebimos que en el acto comunicativo la

elección del hablante, situada en el nivel pragmático-discursivo, propicia la codificación de mensajes con sentidos diferentes de la significación que el ítem dubitativo o el modo verbal prototípicamente poseen, con vistas a cumplir determinado propósito comunicativo. En ese sentido, el juzgamiento epistémico del hablante subyacente en el discurso condiciona la selección de ítems dubitativos, que actúan como índices de modalidad, y en la selección del modo verbal. Con relación a las variables sociales, aunque no hayan sido seleccionadas por el programa estadístico, los resultados muestran que los hombres usan más la forma subjuntiva que las mujeres y que los hablantes con más escolaridad usan más el subjuntivo.

**PALABRAS CLAVE:** Variación lingüística. Sociolingüística. Alternancia subjuntivo/indicativo. *Continuum* de la modalidad *irrealis*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organização hierárquica do discurso .....	105
Figura 2 – Julgamento epistêmico sobre evento com valor aspectual perfectivo anteriormente efetivado com referência a outro evento no passado no eixo factual .....	155
Figura 3 – Julgamento epistêmico sobre evento com valor de passado perfectivo dependente de condição instaurado no eixo potencial e paralelo ao eixo factual .....	156

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrência de modo verbal por <i>item dubitativo</i> após ajustes – valores percentuais .....	121
Gráfico 2 – Grupo faixa etária: percentuais de ocorrência de subjuntivo .....	167

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os valores de dicionário dos advérbios de dúvida .....	46
Quadro 2 – Sistema, norma e fala .....	54
Quadro 3 – Modalidades epistêmicas .....	70
Quadro 4 – Hierarquia das modalidades.....	71
Quadro 5 – Distribuição dos tempos verbais.....	78
Quadro 6 – Alternância modal com “ <i>Posiblemente</i> ” e “ <i>Probablemente</i> ”.....	81
Quadro 7 – Alternância modal com “ <i>Tal vez</i> ”.....	83
Quadro 8 – Modo subjuntivo: grupos de fatores condicionantes.....	87
Quadro 9 – Estratificação dos informantes por sexo, idade e escolaridade.....	94
Quadro 10 – A classificação dos fatores do grupo modalidade.....	114

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Modo subjuntivo e contexto.....	87
Tabela 2 – Modo subjuntivo e escolaridade.....	88
Tabela 3 – Modo subjuntivo e conjugação.....	88
Tabela 4 – Modo subjuntivo e tempo-modalidade.....	89
Tabela 5 – Grupo <i>item dubitativo</i> sem ajustes de acordo com expectativa de uso - valores percentuais de ocorrência .....	118
Tabela 6 – Grupo <i>item dubitativo</i> após ajustes - valores percentuais de ocorrência.....	120
Tabela 7 – Grupo <i>item dubitativo</i> sem <i>o a lo mejor</i> - valores percentuais de ocorrência .....	121
Tabela 8 – Ocorrências por tempo verbal com todos os <i>itens dubitativos</i> sem ajustes – valores percentuais .....	122
Tabela 9 – Grupo tempos verbais em alternância - valores percentuais de ocorrência..	125
Tabela 10 – Grupo posição e distância da forma verbal em relação ao <i>item dubitativo</i> – valores percentuais de ocorrência .....	126
Tabela 11 – Grau de atividade verbal sem ajustes – valores em percentuais .....	130
Tabela 12 – Grau de atividade verbal - valores percentuais de ocorrência .....	132
Tabela 13 – Grupo pessoa gramatical – valores percentuais de ocorrência .....	134
Tabela 14 – Grupo modalidade <i>irrealis</i> – valores percentuais de ocorrência.....	138
Tabela 15 – Grupo padrão morfofonológico – valores em percentuais de ocorrência ....	142
Tabela 16 – Atuação do grupo <i>item dubitativo</i> no uso do subjuntivo .....	143
Tabela 17 – Ocorrência da variante subjuntivo em função da modalidade <i>irrealis</i> e <i>item dubitativo</i> .....	151
Tabela 18 – Atuação do grupo <i>tempos verbais em alternância</i> na variável .....	154
Tabela 19 – Ocorrência do subjuntivo em função do tempo verbal e item dubitativo ....	163
Tabela 20 – Grupo faixa etária – valores percentuais de ocorrência.....	166

Tabela 21 – Grupo escolaridade – valores percentuais de ocorrência.....	167
Tabela 22 – Atuação do nível de escolaridade no uso do presente do subjuntivo .....	168
Tabela 23 – Grupo gênero/sexo – valores percentuais de ocorrência.....	169

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2</b>	<b>OBJETO DE ESTUDO</b> .....	22
<b>2.1</b>	<b>Objetivos e hipóteses</b> .....	22
<b>3</b>	<b>A GRAMÁTICA NORMATIVA E O TRATAMENTO DA ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO</b> .....	29
<b>3.1</b>	<b>Modo verbal espanhol</b> .....	30
<b>3.2</b>	<b>Advérbios de dúvida: Modalizadores Epistêmicos</b> .....	43
<b>4</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	49
<b>4.1</b>	<b>Preâmbulo</b> .....	49
<b>4.2</b>	<b>Sociolinguística variacionista</b> .....	49
<b>4.3</b>	<b>Funcionalismo: Algumas considerações</b> .....	62
<b>4.3.1</b>	<i>Iconicidade</i> .....	66
<b>4.3.2</b>	<i>Marcação</i> .....	67
<b>4.3.3</b>	<i>Modalidade</i> .....	68
<b>4.3.3.1</b>	<i>A identidade gradativa do epistêmico irrealis</i> .....	73
<b>5</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	77
<b>5.1</b>	<b>Lastra e Butragueño (2012)</b> .....	77
<b>5.2</b>	<b>DeMello (1995)</b> .....	80
<b>5.3</b>	<b>Pimpão (1999)</b> .....	85
<b>6</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	91
<b>6.1</b>	<b>Natureza da pesquisa</b> .....	91
<b>6.2</b>	<b>Amostra</b> .....	92
<b>6.3</b>	<b>Seleção e codificação dos dados</b> .....	95

<b>6.4</b>	<b>Envelope de variação .....</b>	<b>96</b>
<b>6.5</b>	<b>Aferição da modalidade <i>irrealis</i> .....</b>	<b>102</b>
<b>6.5.1</b>	<b><i>Parâmetros de aferição da modalidade irrealis</i> .....</b>	<b>104</b>
<b>6.6</b>	<b>Codificação e análise da amostra .....</b>	<b>114</b>
<b>6.6.1</b>	<b><i>Análise quantitativa</i> .....</b>	<b>115</b>
<b>7</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>117</b>
<b>7.1</b>	<b>Primeiros resultados .....</b>	<b>117</b>
<b>7.2</b>	<b>Grupos seleccionados pelo GOLDVARB X.....</b>	<b>143</b>
<b>7.3</b>	<b>Variáveis sociais .....</b>	<b>166</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>172</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>180</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>187</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com base em observações de alternância subjuntivo/indicativo do vernáculo, tanto em língua espanhola como em língua portuguesa, e do tratamento da variável em alguns estudos em ambas as línguas, nos propusemos a levar adiante neste trabalho uma investigação sobre a alternância subjuntivo/indicativo na língua falada do espanhol da Cidade do México em orações declarativas independentes sob escopo de advérbios de dúvida.

Objetivamos, neste estudo, analisar a atuação de fatores linguísticos e sociais na alternância subjuntivo/indicativo, na fala do espanhol da Cidade do México, em orações declarativas independentes sob escopo de advérbios de dúvida, com base em entrevistas de cunho sociolinguístico de falantes dessa comunidade de fala, da última década do século XX e 1ª década do século XXI. Com isso, almejamos contribuir complementarmente para os estudos da variação dos modos verbais, uma vez que tradicionalmente os estudos recaem sobre as orações subordinadas e por não encontrarmos em nossa pesquisa bibliográfica trabalhos de orientação variacionista, em língua espanhola, que tratem esse fenômeno exclusivamente com foco em orações independentes.

Este estudo adota uma abordagem de interface entre os pressupostos teórico-metodológicos da *Sociolinguística Variacionista*, cuja perspectiva concebe a variação como propriedade inerente às línguas naturais, e conceitos do Funcionalismo Linguístico. O estudo trata, especificamente, a alternância subjuntivo/indicativo em enunciados dubitativos, onde buscamos averiguar o estado da variação ora estudada.

Conforme enfoque teórico-metodológico apontado acima, tratamos o fenômeno em foco considerando-o uma *regra variável* (LABOV, 1972), ou o termo atual mais apropriado, *variável linguística*, de modo a considerar como variáveis interferentes os fatores internos ao sistema linguístico e as pressões extrínsecas ao sistema, presentes nas interações comunicativas de uso efetivo da língua, ou seja, as características sociais da comunidade de fala em foco.

Almejamos, assim, contribuir para a discussão do estado em que se encontra a variação em foco no espanhol da Cidade do México, se estável ou se apresenta tendência à mudança em progresso. Ademais, esperamos apontar sua relevância para possíveis estudos linguísticos comparativos que tratem o fenômeno em outros países que têm o espanhol como língua oficial, bem como outras línguas neolatinas como o português, de modo que propiciem num contexto mais amplo investigar regularidades da alternância subjuntivo/indicativo.

A tradição gramatical de línguas neolatinas como o espanhol tem um valor incontestável como precursora na descrição e registro de uma língua natural, além de sua grande relevância e contribuição na categorização e explicação dos mecanismos dessa língua. Outrossim, atua na manutenção de normas e modelos recorrentes entre os falantes dessa língua natural. Todavia, tem tomado, de forma apriorística e prescritivista, como modelo de descrição e análise, amostras ideais da língua considerada culta que não condizem com a realidade linguística apreensível no vernáculo, desconsiderando a variação linguística e contemplando as variantes convencionalmente de maior prestígio. A abordagem da gramática tradicional não se propõe a analisar a variação, antes, a vê como desvio da norma prescrita como a do “bem falar”, e, conseqüentemente, não visa ao entendimento do percurso da variação linguística no sistema, quer dizer, como essa se origina e como e porquê se implementa. Por outro lado, a abordagem variacionista adota a descrição e análise da variação, vista não como aleatória, mas sim como inerente ao sistema linguístico e condicionada por elementos internos e externos a esse.

A Gramática Tradicional espanhola (doravante GT espanhola), ao longo da história, alterna no uso de critérios, ora semânticos, ora sintáticos, ou ambos na classificação dos modos subjuntivo e indicativo e na prescrição do uso de ambos os modos. A categoria modo verbal tem sido tratada de forma apriorística por grande parte dos gramáticos que estipulam regras para o emprego dos modos verbais que não condizem com o real uso atualizado da fala.

Os modos verbais indicativo e subjuntivo do espanhol são conceituados pela GT espanhola de forma que as atitudes valorativas do falante, e as noções semânticas do verbo, relacionam-se de forma biunívoca às codificações morfológicas. Propõem-se correspondências do tipo: se expressa certeza, objetividade ou realidade, tem-se o indicativo; se expressa incerteza, subjetividade ou irrealidade, tem-se o subjuntivo. Essa classificação se mostra incoerente em relação ao uso dos modos verbais observado no vernáculo onde frequentemente os dois modos verbais alternam-se na codificação do mesmo valor de verdade, *i.e.*, do mesmo significado referencial.

A grande maioria dos manuais normativos de gramática espanhóis nos traz que as noções de dúvida e incerteza devem ser preferencialmente codificadas pelo modo subjuntivo, o que não se observa exclusivamente no vernáculo. Bem como, os manuais não contemplam a variação subjuntivo/indicativo recorrente no vernáculo. No âmbito escolar, incluindo cursos livres de Espanhol como Língua Estrangeira (doravante E/LE), prevalecem as regras disseminadas pelos manuais didáticos de ensino de gramática que frequentemente não

correspondem ao uso, não havendo consenso entre os próprios gramáticos quanto aos critérios na definição dos modos e na indicação do emprego do indicativo e do subjuntivo.

Nesse sentido, consideramos oportunas as seguintes perguntas: *é possível estipular regras de uso do subjuntivo e do indicativo de forma categórica, i.e. padrões de uso universais entre as línguas? Em uma mesma língua podemos estipular um padrão entre suas diversas normas de uso, padrões estilísticos, dialetos?* Cremos que não. Essa normatividade acaba sendo uma aplicação virtual de regras e normas que não habilitam o falante a interagir satisfatoriamente em situações efetivas de fala. Problemas sentidos principalmente por estudantes de E/LE, por turistas estrangeiros ou até mesmo por nativos que fazem uso dos modos verbais em interações comunicativas em comunidades de fala distintas. Os **falantes não-nativos**, não estando a par das formas em variação que se atualizam no vernáculo, acabam por incorrer em insucesso comunicativo, ou num uso engessado com uma expressão extremamente formalizada. No caso dos **nativos**, que podem estar em uma comunidade de fala diferente da sua ou em um âmbito social distinto de sua realidade, deparam-se com um uso com características diferentes da norma de uso ao qual estão habituados, o que pode acarretar insucesso comunicativo, inadequação ao grau de formalidade do discurso e até mesmo uma situação de preconceito linguístico.

Portanto, tendo em vista essa lacuna deixada pela GT espanhola no tratamento dos modos verbais que desprestigia uma abordagem da língua em uso, objetivamos, com a descrição da alternância subjuntivo/indicativo em língua espanhola, contribuir para a discussão já existente, e no reconhecimento de padrões e regularidades de uso dessa variável, concebendo a variação como inerente ao sistema e não uma concepção apriorística de emprego dos modos verbais.

Optamos pela seleção do espanhol do México pelo fato de ser o país hispânico mais populoso, de exercer forte influência cultural, política e econômica no mundo hispânico e por ter sido o primeiro historicamente a ser estabelecido nas Américas pelos espanhóis, ademais, por passar por drásticas mudanças sociais, e de forte miscigenação étnica. Dessa forma gerou a expectativa de haver ocorrido uma prematura evolução cultural de caráter plural, refletindo a diversificada estratificação social e uma conseqüente propagação peculiar de mudanças da língua espanhola ali, em relação aos demais países hispano-americanos.

Sobre a variável linguística em questão, destacamos, em língua espanhola, o estudo de DeMello (1995) que investiga o fenômeno em língua espanhola na modalidade falada culta de algumas cidades do mundo hispânico, descrevendo a variação subjuntivo/indicativo em função dos advérbios modalizadores. Outro trabalho que destacamos

é o de Lastra e Butragueño (2012). Os autores fazem um exímio trabalho descritivo da alternância subjuntivo/indicativo em todas as suas ocorrências, valendo-se do mesmo *corpus* ora empregado por nós.

Destacamos também, no português brasileiro (doravante PB), o trabalho de Pimpão (1999), que trata a alternância presente subjuntivo/presente indicativo em orações com o advérbio *talvez* e cláusulas subordinadas em língua portuguesa.

Com esse trabalho, objetivamos corroborar de forma significativa com os estudos sobre a alternância entre subjuntivo e indicativo no espanhol, uma vez que se concentra em orações independentes, fenômeno sobre o qual, pelo que observamos, há poucos estudos que investiguem essa variável em orações independentes, sobretudo sob escopo de modalizadores epistêmicos de dúvida. Observamos que em línguas espanhola e portuguesa os estudos que tratam da alternância subjuntivo/indicativo se voltam predominantemente para orações subordinadas, uma vez que tradicionalmente o subjuntivo é considerado o modo da subordinação.

No entanto, além das orações subordinadas também são reconhecidos como contextos favorecedores do subjuntivo as orações independentes com valores *desiderativo* e *dubitativo*, normalmente identificadas pela presença dos núcleos modalizadores. Por focarmos as orações independentes sob escopo de modalizadores epistêmicos de dúvida (advérbios e locuções adverbiais), buscamos verificar em que medida estes modalizadores favoreceriam a alternância subjuntivo/indicativo nessas orações. Para isso, estipulamos três contextos: o de favorecimento do indicativo, o contexto de alternância e o prototípico de ocorrência do subjuntivo.

Dentre nossas hipóteses, destacamos a que gerou o grupo de fatores *modalidade irrealis*. Pressupomos, inicialmente, que em enunciados dubitativos, inerentemente instauradores do *irrealis*, a atitude valorativa do falante apresenta um grau escalar de certeza sobre o *dictum* e que isso incidiria diretamente na seleção verbal. Também estipulamos o grupo de fatores *item dubitativo*, para o qual pressupomos que os modalizadores atuam como um índice do valor escalar da modalidade *irrealis* e também estariam relacionados à seleção do modo verbal. Nesse sentido, a escolha do falante seria, sem esquecer a influência sintático-semântica atuante em alguns contextos, sensível a condicionamentos em um nível pragmático-discursivo, em especial da modalidade.

Buscamos aferir também, além do grupo de fatores *modalidade irrealis* e do grupo de fatores *item dubitativo*, o peso de outros grupos de fatores que por hipótese propiciassem ou restringissem o modo subjuntivo. São as variáveis independentes

linguísticas: *tempos verbais em alternância, grau de atividade verbal, pessoa gramatical, padrão morfofonológico do verbo, posição e distância do verbo em relação ao item dubitativo*. E as variáveis independentes sociais: *faixa etária, gênero/sexo, escolaridade*, as três últimas já testadas em outros trabalhos variacionistas e que por hipótese merecem nossa atenção também nessa pesquisa.

No Capítulo 2, trazemos os questionamentos iniciais e as hipóteses a eles relacionadas que embasam os grupos de fatores e, conseqüentemente, os objetivos a ser perseguidos.

No Capítulo 3, fazemos uma exposição sobre o tratamento diacrônico da GT espanhola sobre o modo verbal, categoria gramatical, distinguindo-a de modalidade, categoria pragmático-discursiva, com vistas a deixar claro que é imprescindível essa distinção para compreensão da variação das formas verbais. Além disso, expomos apreciações sobre os advérbios epistêmicos, que têm o papel de núcleos modalizadores nas orações dubitativas.

No Capítulo 4, trazemos considerações sobre o quadro teórico da Teoria da Variação e Mudança correlacionando-a a nossa pesquisa e também sobre o Funcionalismo Linguístico, em especial da linha givoniana, e uma exposição sobre os conceitos de marcação, iconicidade e modalidade. Ademais trazemos uma seção em especial tratando da hipótese do caráter escalar do *irrealis* epistêmico.

No Capítulo 5, fazemos uma resenha de alguns trabalhos em língua portuguesa e em língua espanhola que tratam do fenômeno em foco a fim de apontar correlações e discrepâncias nos resultados e dar-nos subsídios para uma comparação de resultados.

No Capítulo 6, descrevemos todos os procedimentos metodológicos e critérios tomados para a coleta dos dados, a codificação e análise do fenômeno prestigiado, bem como detalhes das variáveis independentes linguísticas e sociais e sobre o tratamento estatístico imprescindível na análise quantitativa da abordagem variacionista.

No Capítulo 7, expomos o percurso e ajustes necessários para a realização da análise e apresentamos os resultados obtidos no tratamento dos dados com o programa computacional *GOLDVARB X*, onde se comprovam se as hipóteses iniciais se confirmaram. Ademais, nos são apresentados os padrões de uso da variável linguística em foco, indicando quais os fatores selecionados como favoráveis à variante tida como conservadora e à variante inovadora, comentando esses resultados com base na fundamentação teórica linguística adotada.

## 2 OBJETO DE ESTUDO

### 2.1 Objetivos e hipóteses

Nesta seção, discorreremos sobre os objetivos desta pesquisa e as hipóteses que os sustentam. Logo, buscamos delinear nas próximas páginas desta seção os caminhos percorridos por nós no estabelecimento dessas hipóteses e, conseqüentemente, das variáveis independentes a elas relacionadas, bem como expor os objetivos a serem alcançados.

Partimos da hipótese básica de que em orações declarativas independentes<sup>1</sup> sob escopo de núcleos modalizadores<sup>2</sup> de dúvida e incerteza, embora seja um contexto *a priori* prototipicamente favorecedor do subjuntivo, com exceção do *seguramente* e do *a lo mejor*, há variação sistemática e regular entre o subjuntivo e o indicativo. A partir disto, deduzimos que alguns fatores linguísticos e sociais incidiriam sobre essa variável, em especial a modalidade *irrealis*, concebida aqui como um *continuum* do valor de certeza. Nesse sentido, nos propomos a averiguar se a variável subjuntivo/indicativo em enunciados dubitativos da fala da comunidade da Cidade do México esboça uma tendência à mudança em progresso.

Expomos, à continuação, as hipóteses específicas testadas e, conseqüentemente, os objetivos a elas relacionados.

i) Questionamos inicialmente se a escolha das formas verbais indicativas ou subjuntivas se relacionaria a um grau escalar de maior ou menor certeza epistêmica na oração, em outras palavras, se as formas verbais indicativas ou subjuntivas seriam selecionadas biunivocamente em relação ao grau de certeza subjacente à proposição e apreensível no contexto discursivo.

<sup>1</sup> Aqui consideradas as orações declarativas não-subordinadas a outras orações. Portanto, incluem-se em nosso foco as orações absolutas, as coordenadas, as justapostas e as principais de subordinadas.

<sup>2</sup> Consideram-se núcleos modalizadores o que tradicionalmente são chamados os advérbios ou locuções adverbiais modalizadores, mas também se incluem as interjeições que instauram o julgamento do falante sobre o *dictum*, como na oração desiderativa em espanhol: *¡Ojalá lleguen hoy!* Em nosso caso especificamente tratamos dos modalizadores de dúvida, incerteza etc., que funcionam como o núcleo do sintagma ao qual estendem todo o seu valor modal, como o atesta Givón (1995), para quem advérbios modalizadores epistêmicos como o *talvez* instauram o *irrealis* ao conteúdo proposicional que esteja sob seu escopo. Nos enunciados dubitativos o predicado ligado ao modalizador é complementado pelo seu valor e muitas vezes a noção semântica de dúvida, incerteza etc., é veiculada tão somente pelo modalizador e não na forma verbal, que assim sendo se restringiria à marcação do tempo e aspecto. Alguns estudos de cunho variacionista, a exemplo disso o estudo de Carvalho (2007), que tratam o fenômeno variável alternância subjuntivo/indicativo em orações complexas apontam que a oração principal (a depender da carga semântica do verbo) exerce influência sobre o verbo da encaixada resultando daí o caráter de subordinação do subjuntivo. No entanto, também se constata que tanto o indicativo como o subjuntivo ocorrem em orações subordinadas, a depender do contexto. Portanto, não se pode falar categoricamente que o subjuntivo é o modo da subordinação.

Com isso, chegamos à hipótese de que a modalidade epistêmica *irrealis*, inerentemente subjacente às orações declarativas com modalizadores de dúvida (GIVÓN, 1995), abriga graus de certeza epistêmica dispostas em um *continuum*<sup>3</sup> sobre o *dictum*. Desse modo, concebendo o componente pragmático na gramática da língua, supomos que a escolha do falante por formas verbais indicativas ou subjuntivas relaciona-se a um grau escalar de maior ou menor certeza epistêmica, com vistas a cumprir dado propósito comunicativo, de acordo com o contexto situacional. Para isso, o falante se vale de estratégias discursivas, por exemplo, a seleção de modalizadores epistêmicos, atribuindo em enunciados dubitativos<sup>4</sup> sentidos diferentes aos significados prototipicamente veiculados pelos modos verbais e modalizadores epistêmicos.

Supomos que o falante, embora possua conhecimento e certeza sobre o *dictum*<sup>5</sup>, constrói um enunciado imprimindo uma modalização expressa pela presença do advérbio de dúvida que serviria como atenuante sobre o *dictum*, distanciando-o da responsabilidade da mensagem ou como estratégia de modéstia sobre o dito na proposição ou uma estratégia de polidez discursiva (BROWN; LEVINSON, 1987).

Portanto, concebendo a *modalidade irrealis* um grupo de fatores, estabelecemos parâmetros para aferi-la, os quais são detalhados na seção 6.5. Deste modo, objetivamos investigar o peso dessa variável independente na alternância subjuntivo/indicativo em orações independentes declarativas com advérbios de dúvida.

ii) Nosso segundo questionamento surgiu da observação da variação em orações dubitativas. Indagamo-nos em que medida os advérbios e locuções adverbiais dubitativas do espanhol (*tal vez, a lo mejor, quizá(s), acaso, posiblemente, probablemente, seguramente*) favoreceriam a alternância subjuntivo/indicativo em orações não-subordinadas. Com isso, estabelecemos a hipótese de que uns favoreceriam mais o subjuntivo, outros o indicativo e outros a alternância subjuntivo/indicativo. Por exemplo, acreditamos que *seguramente* e *a lo mejor* favoreçam o indicativo e de que o *tal vez* seja o maior favorecedor do subjuntivo. Cremos que dentro do paradigma dos advérbios de dúvida e incerteza, há aqueles prototipicamente especializados para expressar maior incerteza e outros que expressam mais

<sup>3</sup> Explicitada mais detalhadamente abaixo na seção 4.3.3.1.

<sup>4</sup> O leitor perceberá que alternamos a referência ora *orações dubitativas* e ora *enunciados dubitativos*. Tal distinção ocorre por usarmos orações dubitativas quando se ressaltam as relações a nível sintático. Já enunciados dubitativos quando ressaltamos o componente pragmático, considerando não apenas uma construção meramente produto das regras do sistema linguístico, mas sim como ato comunicativo, portanto, produto de restrições internas e externas ao sistema.

<sup>5</sup> Aqui *dictum* se refere ao conteúdo proposicional, considerando a significação dos itens linguísticos que compõem a sentença em questão desprovida da inferência apreensível do componente pragmático-discursivo. Em enunciados dubitativos trata-se da proposição sob escopo do modalizador.

certeza nesse *continuum* da modalidade *irrealis*. Kovacci (1986 *apud* CHUECA, 2005, p.4) partilha dessa perspectiva. Sendo assim, essas formas *seguramente* e *a lo mejor* provenientes de outros paradigmas, em seu processo de gramaticalização carregariam resquícios de sua forma-fonte e com isso manteriam maior correlação semântica com mais certeza e, conseqüentemente, selecionariam em maior medida o indicativo.

Por conseguinte, a fim de testar tal hipótese descrevemos e analisamos os advérbios e locuções dubitativas do espanhol (*tal vez, a lo mejor, quizá[s], acaso, posiblemente, probablemente, seguramente*), nomeando-o grupo de fatores *item dubitativo*, para avaliar sua influência na variável subjuntivo/indicativo.

iii) Considerando a carga semântica do verbo, nos questionamos se o seu *status* semântico, considerando o tipo de predicado e os argumentos a ele ligados, ou seja, os papéis temáticos (FILMORE, 1968)<sup>6</sup>, configuraria fator condicionador na alternância das formas verbais em orações com advérbios modalizadores de dúvida. Com esse problema proposto, buscamos uma classificação tipológica verbal que fosse satisfatória. Logo, julgamos coerente a tipologia verbal proposta em Tavares (2003), na qual os verbos são classificados de acordo com seu grau de atividade, e para isso se consideram aspectos semântico-pragmáticos como: agentividade, duração, argumentos afetados, perfectividade, pontualidade, intencionalidade<sup>7</sup>.

Essa consideração da carga semântica do verbo em graus de atividade nos levou a estipular uma hipótese, segundo a qual esse grau de atividade do verbo está diretamente relacionado ao grau de certeza do falante, inerente a cada proposição, uma vez que dentro desta classificação tipológica os verbos de maior atividade indicam ser mais observáveis, perceptíveis, empíricos. Pressupõe-se que o falante tem mais subsídios para expressar maior certeza ao predicar sobre processos com maior grau de atividade, pois possuem um agente,

<sup>6</sup> Neves (1997, p. 88-91), resenhando o conceito de uma gramática funcional, apresenta os mais importantes parâmetros propostos por Dik para uma tipologia semântica dos estados-de-coisas: ± Dinâmico; ±Télico; ± Momentâneo; ± Controle; ± Experiência. A combinação desses traços leva à tipologia. Observa-se a contemplação de critérios semânticos inerentes a cada predicado semelhantemente à base semântica de Fillmore (1968) na identificação dos papéis temáticos dos elementos constituintes da oração e a direta correlação desses com o tipo de predicado.

<sup>7</sup> Essa classificação remete aos parâmetros para uma tipologia semântica dos estados-de-coisas de Dik descrito na **nota 6** acima. Bem como podemos associá-la à classificação escalar da transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011), na qual, concebendo a transitividade não restrita ao predicado, mas sim presente em toda a oração e conseqüentemente aos argumentos que a compõem, estabelecem-se critérios sintático-semânticos relacionados aos argumentos para aferir a transitividade, vista como uma noção escalar. Creemos que a tipologia de Tavares baseia-se não de forma paralela aos parâmetros estabelecidos por Hopper e Thompson, excluindo os parâmetros apreensíveis no nível morfossintático, mas baseia-se semelhantemente em parâmetros semântico-pragmáticos para aferir o grau de atividade e concretude dos verbos, considerando a carga semântica do predicado e os argumentos que toma como escopo complementando-o. A partir da combinação desses parâmetros Tavares estabelece sua tipologia verbal que afere de forma escalar em um *continuum* os graus de atividade dos predicados.

mais argumentos afetados, são pontuais, são mais dinâmicos, experimentáveis, controláveis, definidos no tempo.

Por conseguinte, buscamos verificar em que medida o grupo de fatores *grau de atividade verbal* favorece a variável subjuntivo/indicativo em orações dubitativas.

iv) Nossa próxima indagação consistia em se fazer julgamentos sobre ações passadas, experienciadas, concluídas, em andamento ou habituais bem como julgamentos efetivados no presente, ou seja, factuais, seriam favoráveis, assim, a um grau de maior certeza epistêmica do falante e, conseqüentemente, ao uso do indicativo, mesmo em sentenças com operadores modais epistêmicos de dúvida. E, por outro lado, se as proposições com referência futura, sem aspecto de ação concluída ou proposições cujo julgamento esteja ancorado em um plano não-factual, em uma realidade hipotética paralela ou potencial, favoreceriam o subjuntivo.

Partindo da perspectiva da modalidade inserida e interrelacionada no complexo categorial TAM(+R) (GIVÓN, 1984; COAN, 2003) (tempo, aspecto, modalidade e referência), supomos que o tempo e o aspecto do evento sobre o qual se ancora o julgamento epistêmico incidem no julgamento epistêmico do falante e, conseqüentemente, condicionam a seleção da forma verbal em orações dubitativas.

Por conseguinte, almejamos descrever quais os tempos verbais de subjuntivo que mais se alternam com o indicativo e quais permitem menos a alternância subjuntivo/indicativo a fim de avaliar a frequência de alternância entre os tempos verbais na codificação dos mesmos valores **aspecto-tempo-modais**<sup>8</sup> e, logo, apontar o peso relativo dos tempos verbais na variável.

v) Em seguida, considerando o *princípio icônico da proximidade*<sup>9</sup> (GIVÓN, 1984), nos indagamos se a posição e a distância entre a forma verbal e o item dubitativo interfeririam na seleção do modo verbal, isto é, se a posição anteposta ou posposta do verbo em relação ao modalizador e se a maior distância do verbo em relação ao modalizador seria um fator positivo na substituição do subjuntivo pelo indicativo.

Para respondê-la, tomamos por hipótese que a posição e a distância entre a forma verbal e o advérbio de dúvida interferem na seleção de formas verbais indicativas ou subjuntivas, de modo que quando o verbo estiver antecedido ao item adverbial a seleção será

---

<sup>8</sup> Usamos esse termo considerando a proposta de Givón (1984, 1993) ao apontar que os traços semânticos de tempo, aspecto e modalidade estão intrinsecamente interligados formando o complexo categorial TAM e presentes na forma verbal. Nesse sentido, em enunciados dubitativos concebemos que toda codificação morfológica de uma forma verbal carrega em si os três traços semânticos e que cada grupo de alternância pode codificar mais de um valor de combinação desses traços semânticos.

<sup>9</sup> Em Martellota *et al.* (2003, p. 33) se faz satisfatória apresentação do subprincípio icônico da proximidade.

exclusiva do indicativo, assim como, quanto mais distante a forma verbal posposta venha a ocorrer, maior será a tendência à seleção do indicativo em detrimento do subjuntivo, independentemente da carga da modalidade.

Para tanto, testamos o grupo de fatores **posição e distância da forma verbal em relação ao item dubitativo** na descrição ora realizada e assim aferir o seu peso na variável em foco<sup>10</sup>.

vi) Nos questionamos se as formas verbais de segunda pessoa gramatical, consideradas as formas marcadas por serem menos frequentes e mais complexas estruturalmente, segundo o *princípio da marcação* desenvolvido pela Escola de Praga<sup>11</sup> e retomados por Givón (1990; 1991; 2001), tenderiam a manter a forma subjuntiva, por ser convencionalmente o padrão morfofonológico verbal marcado.

Ancorados no princípio funcionalista da marcação e no papel da frequência na propagação e ratificação da variação e mudança, tomamos por hipótese que em enunciados dubitativos, as formas de primeira e terceira pessoas gramaticais, as formas não-marcadas, por serem mais frequentes, tenderiam a ser mais suscetíveis à ocorrência do indicativo. Por conseguinte, sendo o uso do indicativo mais frequente e generalizado, isto é, a forma não-marcada, tenderia a substituir a forma verbal subjuntiva preferencialmente na primeira e terceira pessoas gramaticais.

Destarte, tratamos de investigar até que ponto **a pessoa gramatical** atua na seleção do subjuntivo em orações que preveem a alternância de modo.

vii) Considerando o já citado *princípio da marcação* e devido ao papel regularizador da frequência (BYBEE, 2003), nos perguntamos se formas verbais irregulares tenderiam a manter as formas subjuntivas enraizadas.

Quanto a isso, tomamos como hipótese que formas verbais irregulares, segundo o princípio supracitado da marcação, por serem as menos usuais e não seguirem o padrão, são as formas marcadas, são mais complexas cognitivamente e estruturalmente, e devido ao papel regulador da frequência tendem a manter as formas subjuntivas enraizadas.

Por conseguinte, descrevemos e analisamos o peso relativo do grupo de fatores **padrão morfofonológico verbal** na variável em foco.

Passamos, a seguir, às três hipóteses referentes às variáveis independentes sociais enumeradas a seguir.

<sup>10</sup> Pimpão (1999) também trabalha com essa hipótese: “Ao contexto com o advérbio *talvez*, temos as hipóteses de que a maior proximidade do respectivo advérbio com o verbo-dado e a menor quantidade de material interveniente entre o advérbio e o verbo condicionem o uso do modo subjuntivo”.

<sup>11</sup> Conferir exposição em Martellota *et al* (2003, p.34).

viii) Inicialmente nos indagamos sobre a validade da suposição generalizada de que falantes com menos escolaridade tendem a usar menos as formas subjuntivas por serem mais complexas estruturalmente, e por serem, supostamente, adquiridas principalmente no âmbito de aprendizagem formal.

Quanto a isso supomos que o subjuntivo, por ser um paradigma mais complexo estruturalmente, é geralmente aprendido e assimilado em maior medida por falantes que frequentam contextos de educação formal. Portanto, cremos que no *corpus* de língua falada analisado uma menor escolaridade demonstrará desfavorecimento ao uso do subjuntivo.

Nesse sentido, buscamos verificar se o grupo de fatores **escolaridade** confirma nossa hipótese acima exposta.

ix) O segundo grupo de fatores sociais corresponde ao **gênero/sexo**. Tem-se revisto na literatura variacionista que o papel da mulher em dada comunidade de fala depende muito de seu “mapa cultural e socioeconômico” e do papel da mulher circunscrito a essa<sup>12</sup>. Por tanto, nos questionamos se falantes do sexo feminino tenderiam realmente, como suscita a literatura variacionista, a usar mais as formas de prestígio, nesse caso o subjuntivo, nos contextos de uso previstos pela gramática normativa.

Tomamos como hipótese que, embora a mulher hoje esteja em nível de igualdade nos grandes centros urbanos, recebendo a mesma educação e oportunidades de emprego e vivenciando as mesmas práticas socioculturais, segue desempenhando um papel de mantenedora de valores e convenções sociais de prestígio quanto às formas linguísticas no núcleo familiar. Portanto, a partir da amostra analisada, cremos que as mulheres tendem a manter em maior medida a forma subjuntiva nos contextos considerados de uso prestigiado pela tradição normativa no vernáculo da Cidade do México.

Buscamos averiguar em que medida a variável **gênero/sexo** do falante atua na variável subjuntivo/indicativo.

x) Finalmente, quanto ao terceiro grupo de fatores extralinguístico, **a faixa etária**, nos questionamos inicialmente com respeito a esse grupo, dada a tradição na literatura sociolinguística considerá-lo fundamental na pesquisa variacionista, se realmente se observará

---

<sup>12</sup> Como o admite o próprio Labov (1982): “O princípio geral que emerge dos estudos na Europa, no Canadá, nos Estados Unidos e na América Latina é o de que as mulheres são mais conservadoras em sua reação frente à variação estável e socialmente reconhecida. Mas essa generalização tem sido revertida em estudos realizados em sociedades do Oriente Médio e do sul da Ásia (...). O comportamento conservador das mulheres é, portanto, limitado pelas particularidades históricas e culturais das regiões envolvidas. (...) [Diferentemente do que ocorre nas sociedades urbanas ocidentais], parece que, onde a mulher não desempenha um papel relevante na vida pública, as perspectivas culturais fazem com que elas reajam menos fortemente diante das normas linguísticas de prestígio”. (LABOV, 1982, p.78-79 *apud* LUCCHESI, 2004, p.192). Conferir também o Princípio da não-conformidade (LABOV, 2001) e a discussão levantada em Scherre (2011).

uma manutenção do uso pelos mais velhos da variante conservadora, as formas subjuntivas, e se a forma inovadora, as formas do indicativo, seria mais privilegiada pelos mais jovens, denotando assim uma tendência à mudança linguística.

Tomamos por hipótese que haverá essa tendência nos dados do espanhol falado na Cidade do México, que consiste em dizer que nos contextos em orações declarativas independentes sob escopo de advérbios e locuções adverbiais dubitativos, há uma frequência mais elevada de uso do indicativo (variante inovadora) de que do subjuntivo (variante prototípica, considerada a padrão) nas faixas etárias dos jovens e dos adultos do que entre os mais velhos, sinalizando, assim, o cenário de uma possível *mudança em progresso*.

Por conseguinte, para concretizarmos isso, levamos adiante uma análise em tempo aparente combinando numa análise multivariada os resultados obtidos neste grupo de fatores com os demais para observar se podemos efetivamente esboçar um quadro de *mudança em progresso*.

Expusemos acima as hipóteses que originaram os grupos de fatores testados e conseqüentemente os objetivos que norteiam essa pesquisa. Destacamos as hipóteses *i) e ii)* que ocupam papel de destaque em nosso estudo por julgarmos as variáveis independentes de maior influência na variável em foco e que contemplam o componente pragmático na análise.

Em linhas gerais, objetivamos verificar, concebendo por hipótese que há contexto de favorecimento do indicativo, contexto de alternância e contexto de favorecimento do subjuntivo, de que há tendência à mudança substitutiva do subjuntivo na expressão da dúvida na fala da comunidade de fala em foco e, assim, apontar essas regularidades de uso.

No capítulo seguinte, trazemos algumas considerações sobre o tratamento dado pela gramática normativa à categoria modo verbal e ao uso dos advérbios e locuções adverbiais de dúvida.

### 3 A GRAMÁTICA NORMATIVA E O TRATAMENTO DA ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO

Como já visto acima, um conceito que requer bastante nossa atenção é o de modo, que aqui, para cumprirmos claramente com nossa proposta, buscaremos tratá-lo separado de modalidade. A tradição gramatical normativa tende a tratar modalidade ligada à expressão formal do verbo, ou seja, ao modo verbal, não a distinguindo desse. Sugere, assim, que a seleção morfossintática que representa o modo verbal está uniformemente ligada à atitude valorativa do falante (*modus*) em relação ao conteúdo proposicional (*dictum*), melhor dizendo, à sua intencionalidade comunicativa, numa relação biunívoca.

Compartilhamos a perspectiva da separação entre modo e modalidade como as de Lyons: “modo é uma categoria gramatical que é encontrada em algumas, mas não todas línguas. Não pode ser identificado com a modalidade ou força ilocucionária” (LYONS, 1977, p.848)<sup>13</sup>. A de Palmer: “[...] um é gramatical (modo) o outro nocional ou semântico (modalidade)” (PALMER, 1986, p.7)<sup>14</sup>. E por fim, a de Bybee: “[...] modalidade é uma categoria conceptual e modo é sua expressão flexional.” (BYBEE *et al.*, 1994, p.181)<sup>15</sup>.

Tendo em vista essa concepção que adotamos nesse trabalho, na distinção entre modo e modalidade, consideramos, assim, que a atitude valorativa do falante em relação ao conteúdo proposicional não está intrínseca à forma verbal que o falante codifica na sua mensagem. Dessa forma, existe uma distinção entre as marcas morfológicas (os paradigmas verbais, as desinências) e a atitude valorativa veiculada pelo locutor em dada oração.

Reconhecemos como oportuno o tratamento dos núcleos dos predicados como **formas verbais**<sup>16</sup> distinguindo-as de modos verbais. Considerando que há padrões, paradigmas flexionais regulares, as formas verbais se caracterizam como categorias morfofonológicas. Entretanto, nem sempre os verbos atualizados pelos paradigmas flexionais codificam os mesmos valores nocionais semânticos, i.e., os modos verbais, em contextos idênticos (LYONS, 1977; CARVALHO, 2007).

Feita esta nota introdutória no que tange ao tratamento de modo e da modalidade passamos a um breve panorama do tratamento histórico da GT espanhola no tocante ao modo

<sup>13</sup> ...mood is a grammatical category that is to be found in some, but not all, languages. It cannot be identified with either modality or illocutionary force... (LYONS, 1977, p.848).

<sup>14</sup> ... the being grammatical (mood), the other notional or semantic (modality)... (PALMER, 1986, p.7)

<sup>15</sup> ...modality is the conceptual domain, and mood is its inflectional expression (BYBEE *et al.*, 1994, p. 181).

<sup>16</sup> Carvalho (2007, p.41-43) tece esclarecedora exposição sobre a oposição entre formas verbais e modo verbal.

verbal para que entendamos a contraposição que adotamos ao modelo normativo tradicional no uso dos modos verbais na língua falada.

### 3.1 Modo verbal espanhol

Nessa seção, mostramos o tratamento da categoria tradicionalmente difundido pela GT espanhola e oportunamente fazemos breves considerações a partir da perspectiva da língua em uso. Ilustraremos, a seguir, com algumas definições de manuais de gramática, o percurso e manutenção da tradição acerca da categoria gramatical modo verbal, desde a primeira gramática do castelhano antigo do mestre Antônio de Nebrija até a novíssima atualização da gramática normativa da *Real Academia Española* (2009) (doravante RAE). Observe a seguir o que Nebrija nos traz sobre os modos verbais:

Divide-se o verbo em modos, o modo em tempos, o tempo em números, o número em pessoas. O modo no verbo (que Quintiliano chama qualidade) é aquilo pelo qual se distinguem certas maneiras de significado no verbo. Estes são cinco: Indicativo, Imperativo, optativo, subjuntivo, infinitivo. **Indicativo é o** modo através do qual demonstramos o que se faz, por que indicar em latim é demonstrar. Como dizendo: Eu amo a Deus. [...] **Subjuntivo é o** modo pelo qual juntamos um verbo com outro, porque *subjungere* é ajuntar, como dizendo: se tu amasses a Deus ele te amaria. **[grifos nossos]** (NEBRIJA, 1492 [1992]: Libro III, cap. 10, 247)<sup>17</sup>

Passando pela definição de Gonzalo Correas, no século XVII, em sua obra intitulada *Arte de la lengua española castellana*:

Os Modos são dois na diferença dos tempos: Demonstrativo ou Indicativo, que demonstra certa e livremente, e é como Substantivo e essencial na oração: Subjuntivo que fala condicionalmente e depende do Indicativo, e se junta a ele como seu Adjetivo, e não pode estar sem ele. Este Subjuntivo, sem mudar nada de seus tempos em letra ou terminação, se divide em: Optativo, Potencial, Concessivo, Depurativo, Indicativo e vago, e outros modos, segundo a diversidade e maneiras e propósitos de falar, e as partículas que lhe modificam e fazem deste ou daquele modo<sup>18</sup> (CORREAS, G., 1626 [1903], p.158).

<sup>17</sup> [...] repártense el verbo en modos. el modo en tiempos. el tiempo en números. el numero en personas. El modo en el verbo: que Quintiliano llama calidad: es aquello por lo cual se distinguen ciertas maneras de significado en el verbo. estos son cinco: Indicativo, Imperatigo, optativo, subjuntivo, infinitivo. **Indicativo modo es aquel: por el cual demostramos lo que se haze. por que indicare en el latín es demostrar. como diciendo io amo a dios. [...] Subjuntivo modo es aquel por el cual juntamos un verbo con otro. por que subjungere es aiuntar. como diciendo. si tu amasses a dios: el te amaria.** (NEBRIJA, 1492[1992]: Libro III, cap. 10, 247) **[grifos meus].**

<sup>18</sup> Los Modos son dos en la diferencia de los tiempos: Demostrativo ó Indicativo, qe demuestra zierta i libremente, i es como Sustantivo i esenzial de la orazion: Sujuntivo qe habla condizionalmente i depende del Demostrativo, i se le junta como su Adjetivo, i no puede estar sin él. Este Sujuntivo, sin mudar nada de sus tiempos en letra ó terminazion, se divide en Optativo, Potenzial, Conzesivo, Depurativo, Indicativo i vago, i otros modos, según la diversidad i maneras i propósitos de hablar, i las Partículas qe le modifican i hazen deste ó de aquel modo.

Observa-se que ambos tomam como parâmetro para definição dos modos o critério semântico. Temos na sequência a definição do gramático Andrés Bello, um dos mais representativos da tradição normativa espanhola (considerado um divisor de águas no tratamento dos modos verbais), sobre os modos verbais indicativo e subjuntivo em espanhol, o qual já apresenta uma definição mais moderna considerando aspectos sintáticos em sua definição. Como o atesta Peñalver (2005, p. 306) “será Bello [...] quem defenda a concepção de que na seleção do modo intervêm aspectos sintáticos e não somente semânticos, o que constitui um indício claro de sua modernidade<sup>19</sup>”. Vejamos a sua definição:

Chamam-se **Modos as flexões do verbo quando provêm da influência ou regência de uma palavra ou frase a que esteja ou possa estar subordinado.**[...] As flexões verbais que são regidas por uma palavra ou frase dada em circunstâncias iguais ou que só variam quanto às ideias de pessoa, número y tempo, pertencem a um Modo idêntico.[...]. **Sendo a regência o que verdadeiramente distingue os Modos, só por ela podemos classificá-los e defini-los**<sup>20</sup>. [...] (BELLO, 1847[1972], p. 135-136) **[grifos nossos]**.

Prossegue na definição de indicativo e subjuntivo:

Formas indicativas ou do modo indicativo se chamam as que são ou podem ser regidas pelos verbos saber, afirmar, não precedidos de negação.[...] O subjuntivo comum tem um caráter que o diferencia de todo outro Modo, e é que subordinando-se ou podendo se subordinar a palavras ou frases que expressam mandato, rogo, conselho, permissão, em uma palavra, desejo (e o mesmo as ideias contrárias, como dissuasão, desaprovação, proibição), significa a coisa mandada, rogada, aconselhada, permitida, em uma palavra, desejada (e a coisa dissuadida, desaprovada, proibida, etc.) [...] O Modo indicativo serve para os juízos afirmativos ou negativos, seja da pessoa que fala, seja de outra pessoa indicada na proposição de que dependa o verbo. [...] Pedem de ordinário o subjuntivo comum as palavras ou frases subordinadas que denotam incerteza ou dúvida, ou alguma emoção do ânimo, ainda que daquelas que indiretamente afirmam o objeto ou causa que a ocasiona, por exemplo<sup>21</sup>. (BELLO, 1847[1972], p. 137-140).

<sup>19</sup> “será Bello [...] quien defienda la concepción de que en la selección del modo intervienen aspectos sintácticos y no solamente semánticos, lo que constituye un indicio claro de su modernidad”

<sup>20</sup> Llámense **Modos** las inflexiones del verbo en cuanto provienen de la influencia o régimen de una palabra o frase a que esté o pueda estar subordinado.[...] Las inflexiones verbales que son regidas por una palabra o frase dada en circunstancias iguales o que sólo varían en cuanto a las ideas de persona, número y tiempo, pertenecen a un Modo idêntico.[...]. **Siendo el régimen lo que verdaderamente distingue los Modos, sólo por él podemos clasificarlos y definirlos.** [...] (BELLO, 1847[1972] :135-136).

<sup>21</sup> **Formas indicativas** o de **modo indicativo** se llaman las que son o pueden ser regidas por los verbos saber, afirmar, no precedidos de negación.[...] **El subjuntivo común** tiene un carácter que lo diferencia de todo otro Modo, y es que **subordinándose o pudiéndose subordinar a palabras o frases que expresan mandato, ruego, consejo, permisión, en una palabra, deseo** (y lo mismo las ideas contrarias, como *dissuasión, desaprobación, prohibición*), significa la cosa mandada, rogada, aconsejada, permitida, en una palabra, deseada (y la cosa disuadida, desaprobada, prohibida, etc.) [...] El Modo indicativo sirve para los juicios afirmativos o negativos, sea de la persona que habla, sea de otra persona indicada en la proposición de que dependa el verbo. [...] Piden de ordinario el subjuntivo común las palabras o frases subordinadas que denotan incertidumbre o duda, o alguna emoción del ánimo, aun de aquellas que indirectamente afirman el objeto o causa que la ocasiona, verbigracia. (BELLO, 1847[1972]:137-140).

O venezuelano Bello apresenta o uso dos modos verbais de forma categórica sem prever a variação observável no vernáculo, e expõe uma classificação dos modos baseado principalmente na regência, na dependência sintático-semântica do termo em relação a outro termo da oração. É interessante notar que estudos de cunho variacionista, como o de Carvalho (2007), corroboram o que prescreve Bello, que a carga semântica da principal influencia o verbo da encaixada, no entanto, não de forma categórica como ele o expõe.

A tradição normativa tende a tratar *o modo subjuntivo como o modo da subordinação*. O subjuntivo é visto como um termo que se subordina a palavras ou frases. Vejamos exemplos de subordinação a palavras:

(1) *Ojalá llueva mañana*. (RAE, 2006, p.361).

(2) \**Ojalá llueve mañana*".

O enunciado 2 é claramente agramatical, pois há incompatibilidade do valor do núcleo modalizador, nesse caso a interjeição que denota desejo, logo, um evento não-factual, tido como contingente, com inerente projeção futura, desse modo, intrinsecamente ligado ao subjuntivo e incompatível com o indicativo que não satisfaz a expectativa de sentido insaturado pelo modalizador no enunciado. Confirma-se aí um contexto categórico de uso do subjuntivo condicionado por uma palavra regente. No entanto, há contra-exemplos de palavras que veiculam noções semânticas de não-factalidade que se agrupam tanto a subjuntivo como a indicativo sem perda do significado referencial, como é o caso dos advérbios de dúvida, incerteza, ora escopo de nosso estudo, como o seguinte:

(3) *María, quizá Lola fue la culpable*.

(4) *María, quizá Lola haya sido la culpable*.

Oportunamente, relacionamos ao nosso trabalho, já que há uma correlação com esta concepção do subjuntivo sofrer influência semântica não apenas de predicados da principal, como o afirma Bello (1847[1972], p.135-136), mas também que um verbo ou uma palavra pode ser um subordinante, em nosso caso testaremos a influência dos itens dubitativos. Testaremos a hipótese de que no cenário da alternância subjuntivo/indicativo na expressão da dúvida na comunidade de fala em foco, há tendência à substituição do subjuntivo em orações com os advérbios de dúvida, embora o verbo esteja sob a influência

desses modalizadores dubitativos previstos pela normatividade como favorecedores do subjuntivo. Quanto a isso expõe o manual da RAE:

[...] vimos que o subjuntivo depende de outros verbos (temo que, não sabia que, é possível que), o qual envolve o verbo subordinado na irrealidade que cada um deles expressa. Daí o nome de *subjuntivo* que significa subordinado ou dependente. Isto não quer dizer que o uso deste modo adote sempre a forma de ‘verbo regente expreso + subjuntivo regido’. **Sabemos, pelo contrário, que são muitas as orações simples e independentes cujo verbo único está no modo subjuntivo: tais são as orações de possibilidade, exortativas, dubitativas e desiderativas[...]**<sup>22</sup> (Real Academia Española, 1973[2006], p. 455). [grifos nossos].

O manual da RAE, no trecho acima, não aponta em orações independentes de dúvida, de possibilidade, a existência de um elemento regente que influencie categoricamente a forma verbal como nos exemplos logo acima (1 – 4). Este estudo investiga a influência dos itens dubitativos como regentes da forma verbal a que estão ligados.

Llorach (1994) faz uma apreciação do modo tradicionalmente visto como uma categoria que rotula o processo no qual as variantes morfêmicas são uma resposta, expressão da seleção relativa à atitude do falante, ou seja, de acordo com certo significado, intencionalidade, há um significante a ser selecionado, uma relação biunívoca. O autor menciona que o *modo* se relaciona à *modalidade do enunciado* e reconhece três tipos de modalidade, sendo estas definidas com base em *aspectos suprasegmentais*:

Se costuma distinguir o *dictum* [...] do *modus* [...]. Os procedimentos que denotam a atitude do falante a respeito do dito, constituem as variações morfêmicas do verbo conhecidas como *modus* [...] os **modos** mantêm uma relação com as modalidades do enunciado que ficam distinguidas pelo contorno da entonação, sendo elas: assertivas, interrogação e apelação. [...] Descontado o Imperativo, o resto das formas verbais se repartem, [...], em dois grupos dependendo de sua compatibilidade com as modalidades do enunciado. (**asserção, interrogação, apelação**) Um reúne as formas possíveis com entonação interrogativa e o outro engloba os que carecem dessa possibilidade<sup>23</sup> (Llorach (1994, p.149). [grifos nossos].

<sup>22</sup> [...] hemos visto que subjuntivo depende de otros verbos (temo que, no sabía que, es posible que), el cual envuelve el verbo subordinado en la irrealidad que cada uno de ellos expresa. De aquí el nombre de subjuntivo que significa subordinado o dependiente. **Esto no quiere decir que el uso de este modo adopte siempre la forma de ‘verbo regente expreso + subjuntivo regido’.** Sabemos, por el contrario, que son muchas las oraciones simples e independientes cuyo verbo único está en modo subjuntivo: tales son las oraciones de posibilidad, exhortativas, dubitativas y desiderativas[...] (Real Academia Española, 1973[2006], p. 455).

<sup>23</sup> Se suele distinguir el dictum [...] del modus [...]. Los procedimientos que denotan la actitud del hablante respecto a lo dicho, constituyen las variaciones morfológicas del verbo conocidas como *modus* [...] los **modos** mantienen una relación con las modalidades del enunciado que quedan distinguidas por el contorno de la entonación, siendo ellas: asertivas, interrogación y apelación. [...] Descontado el Imperativo, el resto de las formas verbales se reparte, según lo visto en §209, en dos grupos dependiendo de su compatibilidad con las modalidades del enunciado. (**aserción, interrogación, apelación**) Uno reúne las formas posibles con entonación interrogativa y el otro engloba los que carecen de esa posibilidad (LLORACH, 1994, p.149) [grifos nossos].

Na definição acima, claramente se observa a concepção da atitude do falante ligada diretamente à forma, à categoria gramatical modo. Ou seja, o autor define a categoria modo como uma relação direta entre a atitude do falante relacionada à significação do *dictum* e a codificação morfológica, e defende que a codificação morfológica está relacionada aos aspectos suprasegmentais. Em nosso caso, analisamos enunciados dubitativos exclusivamente declarativos que supomos que apresentariam tanto contexto favorável de indicativo, contexto de variação como também contexto favorável ao subjuntivo, o que desconstruiria essa noção de modo verbal como um paradigma morfológico pré-determinado empregado biunivocamente para codificar a atitude do falante sobre o *dictum*.

Llorach também expõe uma valoração sobre a classificação com base sintática dos modos verbais esboçada por Andrés Bello, como se observa a seguir:

[...] segundo sua diferente dependência sintática nas orações transpostas: de um lado, as que aparecem *Creo que viene, Creo que venía, Creo que vino, Creo que vendrá, Creo que vendría*, e do outro lado as que ocorrem em *No creo que venga, No creo que viniera o viniese*. Se trata dos modos indicativo (as do primeiro conjunto) e subjuntivo (as do segundo conjunto) Ambas terminações são válidas como tais, ainda que imprecisas e heterogêneas: em sua maneira de designar, o indicativo ‘indica’, assinala uma determinada noção; **o subjuntivo alude a um comportamento sintático se subordina a algo**<sup>24</sup> [grifos nossos]. (BELLO, 1928 *apud* LLORACH, 1994, p. 152 e 153).

Llorach (1994) reconhece a debilidade nos critérios (o da combinabilidade com a modalidade interrogativa, e o das diferentes dependências sintáticas nas orações transpostas), para determinar os morfemas de modo das formas verbais quando sua presença não está condicionada pelo contexto. Para o autor, a seleção do modo verbal estaria “a mercê” da livre eleição do falante, dependendo de seu objetivo comunicativo. Conclui que o modo fica configurado gramaticalmente em três zonas diferenciadas por significantes distintos, sendo elas: *i*) a dos feitos estimados reais ou cuja realidade não se questiona por serem diferentes na situação do falante; *ii*) a dos feitos cuja realidade é factível sempre que se cumpram certas condições (o passar do tempo, a mudança de circunstâncias ou outros fatores); *iii*) a dos feitos fictícios, cuja eventual realidade se ignora ou cuja irrealidade se julga evidente (feitos que se imaginam, se desejam, se suspeitam etc.). Desse modo, com relação aos modos indicativo e subjuntivo faz a seguinte classificação:

<sup>24</sup> “[...] según su diferente dependencia sintáctica en las oraciones transpuestas: de un lado, las que aparecen *Creo que viene, Creo que venía, Creo que vino, Creo que vendrá, Creo que vendría*, y del otro lado las que ocurren en *No creo que venga, No creo que viniera o viniese*. Se trata de los modos indicativo ( las del primer conjunto) y subjuntivo (las del segundo conjunto) Ambos términos son válidos como tales, aunque imprecisos y heterogéneos: en su manera de designar, el indicativo ‘indica’, señala una determinada noción; **el subjuntivo alude a un comportamiento sintático se subordina a algo**” [ grifos e tradução minhas]. (BELLO, 1928 *apud* LLORACH, 1994, p. 152 e 153).

O indicativo é o modo de maior amplitude de uso; designa a não “ficção” do denotado pela raiz léxica do verbo, isto é, tudo o que o falante estima real ou cuja realidade ou irrealidade não se questiona [...] O subjuntivo é o modo de menor capacidade de aplicação e assinala o caráter fictício, não real, do que denota o significado da raiz verbal<sup>25</sup> (LLORACH, 1994, p. 154).

Portanto, para Llorach existem três modos verbais e cada modo verbal representa significados diferentes, e que a cada um compete exclusivamente uma noção, atitude comunicativa com relação à realidade ou não do fato, ou seja, se repete uma consideração de uma relação biunívoca entre as formas verbais e a atitude valorativa do falante.

Para Sarmiento e Sánchez (1989), autores de orientação descritivista, há uma oposição correlacionada a modo e noção comunicativa do falante (cf. p.135), Subjuntivo (*Modo de la no-realidad*) VS. Indicativo (*Modo de la realidad*). Ainda sobre modo verbal os autores complementam:

O modo verbal assinala uma ação como ajustada à realidade objetiva ou bem como algo que nós vemos ou apresentamos, subjetivamente de uma determinada maneira, mas sem que se lhe atribua existência objetiva fora de nosso pensamento<sup>26</sup>. (SARMIENTO; SÁNCHEZ, 1996, p.135).

E quanto ao uso dos modos Indicativo e Subjuntivo, Sarmiento e Sánchez (1996) especificam seu uso sugerindo que utilizamos o modo indicativo para expressar a realidade que constatamos ou para afirmar algo que consideramos que se produziu ou que se produzirá. Por outro lado, se utiliza o subjuntivo em frases nas quais o expressado reflete algo que está relacionado e depende da subjetividade de quem fala, não da realidade da ação.

Passamos à exposição de uma gramática normativa escolar mais atual, a de Torrego (2005). O autor partilha da visão tradicional, quando fala de modos verbais:

[...] os modos em espanhol são três: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. **Cada um desses modos se mostra com suas desinências.** Indicativo: É o modo do qual se vale o falante para expressar conteúdos ou fatos reais ou objetivos vistos por ele como seguros. É o único modo no qual cabem enunciados interrogativos [...] Subjuntivo: Expressa desejos, possibilidades, irrealidades [...] O falante vê os fatos como ficção [...] **Porém a diferença entre indicativo e subjuntivo não reside só na atitude do falante ante os fatos.** Nas orações subordinadas, por exemplo, é fundamental a natureza do predicado do que dependem as orações nas que devem aparecer o indicativo ou subjuntivo<sup>27</sup> (TORREGO, 2005, p.142) [**grifos nossos**].

<sup>25</sup> “El indicativo es el modo mayor amplitud de uso; designa la no “ficción” de lo denotado por la raíz léxica del verbo, esto es, todo lo que el hablante estima real o cuya realidad o irrealidad no se cuestiona [...] El subjuntivo es el modo de menor capacidad de aplicación y señala el carácter ficticio, no real, de lo que denota el significado de la raíz verbal.”. (LLORACH, 1994, p. 154).

<sup>26</sup> El modo verbal señala una acción como ajustada a la realidad objetiva o bien como algo que nosotros vemos o presentamos, subjetivamente de una determinada manera, pero sin que se le atribuya existencia objetiva fuera de nuestro pensamiento. (SARMIENTO E SÁNCHEZ, 1996, p.135).

<sup>27</sup> los modos en español son tres: el indicativo, el subjuntivo y el imperativo. **Cada uno de esos modos se muestra con sus desinencias.** Indicativo: Es el modo del que se vale el hablante para expresar contenidos o

Torrego mostra que a dependência sintático-semântica entre os predicados numa relação de subordinação interfere na seleção da forma verbal na oração encaixada, *i.e.*, prevê o condicionamento sintático em orações complexas. Ademais, assim como Llorach e Bello, Torrego concebe os modos interrelacionados com as modalidades do enunciado que ficam distinguidas pelo contorno da entonação, sendo elas de interrogação, asserção e apelação, denotando a dependência do nível morfofonológico ao pragmático. Claramente se observa uma tendência a tratar o julgamento do falante inerentemente expressado na forma verbal.

Expomos que a GT espanhola não contempla satisfatoriamente a abordagem do uso dos modos verbais nos manuais didáticos, fazendo-o de forma prescritivista sem atentar para a língua em uso, onde ocorre com significativa frequência, como pretendemos aqui demonstrar, a alternância entre os modos subjuntivo/indicativo na codificação do mesmo significado.

Destarte, pretendemos demonstrar nesse estudo a relevância de conceber a categoria modalidade em moldes comunicativos descolada da categoria gramatical modo. Observemos estes exemplos:

(5) *Bueno, pero por lo mientras en este momento, sí, estoy enfocado al tatuaje, **tal vez** me DEDIQUE toda mi vida [Inf. 39. Turno: 221].*

(5) Bom, porém por enquanto neste momento, sim, estou focado na tatuagem, **talvez** me DEDIQUE toda a minha vida.

(6) *Bueno, pero por lo mientras en este momento, sí, estoy enfocado al tatuaje, **tal vez** me DEDICO / DEDICARÉ toda mi vida. [frase anterior adaptada]*

(6) Bom, porém por enquanto neste momento, sim, estou focado na tatuagem, **talvez** me DEDICO / DEDICARÉ toda a minha vida.

(7) *Bueno, quien sabe **a lo mejor** ERA perrito. [Inf.1. Turno: 381].*

(7) Bom, quem sabe provavelmente era um cachorrinho).

(8) *Bueno, quien sabe **a lo mejor** FUERA perrito. [frase anterior adaptada].*

(8) Bom, quem sabe provavelmente fosse um cachorrinho).

---

*hechos reales u objetivos vistos por él como seguros. Es el único modo en el que caben enunciados interrogativos [...] Subjuntivo: Expresa deseos, posibilidades, irrealidades [...] El hablante ve los hechos como ficción [...] Pero la diferencia entre indicativo y subjuntivo no reside sólo en la actitud del hablante ante los hechos. En las oraciones subordinadas, por ejemplo, es fundamental la naturaleza del predicado del que dependen las oraciones en las que deben aparecer el indicativo o subjuntivo. [grifos nossos].*

Tanto em (5) como em (6) o falante expressa uma possibilidade, uma realização virtual com referência em tempo futuro não sendo a alternância da forma verbal coibidora da gramaticalidade da sentença, tampouco modificadora do valor referencial dessa. Em (7) e (8) o falante faz um julgamento epistêmico sobre o *dictum* ancorado no passado efetivo, no entanto, as expressões *quien sabe* e *a lo mejor* denotam, independentemente da forma verbal, o não comprometimento total com a verdade do *dictum* veiculado. Tomando (5) e (6), listamos três possibilidades de atitude do falante: *i*) pode o falante expressar dúvida com alta incerteza epistêmica nos dois enunciados; *ii*) se poderia atestar, considerando o contexto discursivo e situacional, uma escalaridade da certeza epistêmica do falante da sentença (5) em relação ao grau de certeza da (6) com mais ou menos comprometimento e ainda; *iii*) este falante poderia ter construído um enunciado dubitativo, valendo-se do item dubitativo *tal vez*, como uma estratégia discursiva, com vistas a manter a preservação da face, usando uma estratégia de polidez discursiva (BROWN; LEVINSON, 1987) e, dessa forma, atenuar ou distanciar-se do *dictum*, embora tenha certeza de que irá à escola.

Daí se atesta a relevância em considerar o nível discursivo-pragmático e, assim, distinguir a categoria gramatical modo da categoria pragmático-discursiva modalidade.

Conforme as sentenças (5), (6) e (7), (8), observa-se que os termos *tal vez* e *toda mi vida* já carregam o valor semântico do não-factual, ou seja, algo a ser efetivado, uma projeção, *i.e.*, o posicionamento, o baixo grau de comprometimento do falante com o *dictum*. Essa **noção**<sup>28</sup> não se codifica exclusivamente através do **verbo**<sup>29</sup>, mas sim também por outros mecanismos, como os advérbios e locuções adverbiais de dúvida (*tal vez, a lo mejor, quizá(s), acaso, posiblemente, probablemente, seguramente*), os quais analisamos no momento como fatores de uma variável independente.

Considerando o exposto acima, deduzimos que na tradição gramatical se faz uma oposição excludente, dicotômica: realidade, certeza (indicativo) x não-realidade, incerteza (subjuntivo) e que a seleção da forma verbal está diretamente atrelada à intencionalidade comunicativa do falante.

Em contrapartida ao que postulam tradicionalmente os gramáticos, temos uma reformulação despontando, a posição da RAE (2006; 2009) em sua tentativa de remodelação

<sup>28</sup> Atitude valorativa epistêmica do falante sobre o conteúdo proposicional.

<sup>29</sup> Para ver maior exemplificação sobre os meios de codificação da modalidade veja a exposição de Neves (2006, p 169).

de conceitos gramaticais consagrados na tradição. Vejamos que a RAE concebe a modalidade, nomeando-a *modus*, não exclusivamente expressa pela forma verbal<sup>30</sup>:

Na análise de qualquer oração devemos distinguir, por conseguinte, entre o conteúdo da representação psíquica, o que nela se diz, e a atitude do que fala com relação a dito conteúdo. [...] Chamamos *dictum* ao conteúdo representativo, ao que se diz em cada oração; e chamamos *modus* a atitude subjetiva. O *modus*, ou maneira de dizer, pode achar-se implícito e deduzir-se do contexto da situação; ou pode achar-se explícito no gesto, as variações fonéticas, ou os signos léxicos e gramaticais que a língua possui, **entre eles os modos do verbo**, que por isso se chamaram assim<sup>31</sup>. (RAE, 2006, p. 353) [grifos meus].

O manual de RAE (1973[2006]) expõe considerações sobre a concepção da tradição normativa quanto aos modos indicativo e subjuntivo, segundo a qual em frases que afirmamos ou negamos fatos, pensando que se produzem, se produziram ou se produzirão na realidade, empregamos ao enunciá-las o indicativo; já nas frases nas quais se expressa um temor, um fato como não real, possibilidade, passível de não efetividade vão todas expressas pelo subjuntivo. Resumindo-a no trecho:

A gramática estrutural moderna vê as formas modais do subjuntivo e do indicativo como expressivas da oposição: *não realidade/ realidade*; e deve advertir-se que entre os dois membros da correlação, o primeiro (não realidade = subjuntivo) é o positivo, o membro marcado diferenciador enquanto o segundo (realidade = indicativo) representa a forma habitual e indiferenciada de expressão que se acha em todas as línguas. Em troca, o subjuntivo pode faltar e de fato falta em muitas línguas<sup>32</sup>. (RAE, 1973[2006], p. 454).

O manual tece uma crítica à GT espanhola, concebendo a alternância subjuntivo/indicativo, logo vem ao encontro da nossa perspectiva que diverge do tratamento dos manuais de gramática normativos no emprego dos modos verbais, veja:

A Gramática Tradicional resume o emprego do subjuntivo na seguinte regra, bem fácil de reter: Usamos o modo subjuntivo na oração subordinada sempre que o verbo principal expresse uma ação duvidosa, possível, necessária ou desejada. [...] **Na realidade da fala, as terminações desta classificação se confundem entre si, porque o modo depende da atitude do falante, quer dizer de como viva em cada**

<sup>30</sup> Isso observa-se na obra: *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* (1973[2006]), na qual se expõe uma postura mais próxima da defendida pelos variacionistas e funcionalistas, ou seja, considerando a língua em uso e sujeita às pressões de uso que acarretam em variação e até em mudança linguística.

<sup>31</sup> *En el análisis de cualquier oración debemos distinguir, por consiguiente, entre el contenido de la representación psíquica, lo que en ella se dice, y la la actitud del que habla con respecto a dicho contenido. [...] Llamamos dictum al contenido representativo, a lo que se dice en cada oración; y llamamos modus a la actitud subjetiva. El modus, o manera de decir, puede hallarse implícito y deducirse del contexto de la situación; o puede hallarse explícito en el gesto, las variaciones fonéticas, o los signos léxicos y gramaticales que la lengua posee, entre ellos los modos del verbo, que por ello se llamaron así.* (RAE, 2006, p. 353)

<sup>32</sup> *La gramática estructural moderna mira las formas modales del subjuntivo y del indicativo como expresivas de la oposición: no realidad/ realidad; y debe advertirse que entre los dos miembros de la correlación, el primero (no realidad = subjuntivo) es el positivo, el miembro marcado diferenciador mientras que el segundo (realidad = indicativo) representa la forma habitual e indiferenciada de expresión que se halla en todas las lenguas. En cambio, el subjuntivo puede faltar y de hecho falta en muchas lenguas.*

**caso os matizes e graus da dúvida, o desejo, etc., e, por conseguinte, prefira o indicativo ou o subjuntivo. [...]**<sup>33</sup> (RAE, 2006, p. 455) [grifos nossos].

A RAE em sua mais nova formulação: *Nueva Gramática de la Lengua Española* (2009) supera alguns pontos conflitantes e passa a conceber e a descrever a variação dos modos verbais subjuntivo e indicativo. Inclusive, traz em sua mais nova versão uma seção de modo e de modalidade, apontando uma atualização na concepção da gramática espanhola no tocante ao tratamento dos paradigmas verbais. Trazemos o que a RAE (2009, p. 1866) expõe sobre a correlação entre modo e modalidade:

O modo constitui uma das manifestações da MODALIDADE [...] O conceito de ‘modalidade’ é, certamente, muito mais amplo que o de ‘modo’, porém a conexão entre ambas noções é muito estreita. A associação de um sujeito com um predicado descreve uma situação ou um estado de coisas, quer dizer, um CONTEÚDO PROPOSICIONAL que pode ser objeto de atitudes diversas. Pode, de fato, filtrar-se ou modular-se através da intenção, a percepção ou o conhecimento do falante, o que tem consequências gramaticais patentes. Se mostrou em múltiplas ocasiões que o modo subjuntivo aparece de forma destacada em uma série de contextos modais ou modalizados que costumam chamar-se **NÃO FACTUAIS** [...], o que sugere que a flexão do subjuntivo poderia considerar-se a manifestação na forma gramatical das noções abstratas que correspondem a estes contextos. Outros autores preferem evitar o enfoque segundo o qual certos predicados elegem certas inflexões modais, e optam por uma descrição mais neutra, de acordo com a qual o significado dos predicados há de ser compatível com o da flexão modal.<sup>34</sup>

Acima se expõem duas tendências no tratamento da relação modo-modalidade. A primeira perspectiva destacada é a que se encaixaria no nível semântico-pragmático onde se dá uma maior relevância ao papel do falante e à sua interação no ato comunicativo e o valor que este imprime na proposição, sendo a codificação verbal operada por essa escolha do falante. Já a segunda, contemplaria uma perspectiva sintático-semântica onde a escolha da forma verbal seria condicionada, considerando o significado dos predicados, por mecanismos sintáticos reguladores e condicionadores.

<sup>33</sup> a) *La Gramática tradicional resume el empleo del sustantivo en la siguiente regla, bien fácil de retener: Usamos del modo subjuntivo en la oración subordinada siempre que el verbo principal exprese una acción dudosa, posible, necesaria o deseada. [...] En la realidad del habla, los términos de esta clasificación se confunden entre sí, porque el modo depende de la actitud del hablante, es decir de cómo viva en cada caso los matices y grados de la duda, el deseo, etc., y consiguientemente prefiera el indicativo o el subjuntivo. [...]*<sup>28</sup> (RAE, 2006, p. 455).

<sup>34</sup> *El modo constituye una de las manifestaciones de la MODALIDAD [...] El concepto de ‘modalidad’ es, ciertamente, mucho más amplio que el de ‘modo’, pero la conexión entre ambas nociones es muy estrecha. La asociación de un sujeto con un predicado describe una situación o un estado de cosas, es decir, un CONTENIDO PROPOSICIONAL que puede ser objeto de actitudes diversas. Puede, de hecho, filtrarse o modularse a través de la intención, la percepción o el conocimiento del hablante, lo que tiene consecuencias gramaticales patentes. Se ha señalado en múltiples ocasiones que el modo subjuntivo aparece de forma destacada en una serie de contextos modales o modalizados que suelen llamarse **NO FACTUALES** [...], lo que sugiere que la flexión del subjuntivo podría considerarse la manifestación en forma gramatical de las nociones abstractas que corresponden a estos contextos. Otros autores prefieren evitar el enfoque según el cual ciertos predicados eligen ciertas inflexiones modales, y optan por una descripción más neutra, de acuerdo con la cual el significado de los predicados ha de ser compatible con el de la flexión modal. [grifos nossos].*

O manual em sua concepção de modo prevê a regularidade da variação entre as formas verbais de indicativo e de subjuntivo:

Na concepção mais restrita, que se seguirá aqui, os modos representam paradigmas flexivos, mesmo que quando sejam defectivos ou incompletos, ou possam coincidir suas formas com elementos de outros paradigmas.[...] **[O imperativo]** não aparece em contextos de subordinação [...] O indicativo e o subjuntivo, em troca, podem alternar em um grande número de contextos<sup>35</sup>. (RAE, 2009, p.1866-67) **[grifos nossos]**.

Segundo o manual (RAE, 2009, p.1868) a visão tradicional de que as flexões modais se caracterizam por expressar a atitude do falante com relação ao conteúdo da mensagem, o conceito de “atitude” seria demasiado impreciso. O modo verbal pode permitir que as orações se diferenciem em outros aspectos como:

**o valor ilocucionário** – *No se molesta / No se moleste;*

**interpretar a especificidade do grupo nominal indefinido** – *Un diccionario que me resulta / resulte útil;*

**determinar o âmbito da negação e também seu foco** – *No aceptó el trabajo porque le hicieron / hicieran outra oferta econômica;*

**regência** – *Depende de que \*llueve / llueva; Depende de si llueve / \*llueva.*

Concluindo, o manual da RAE, criticando a visão de modo da GT espanhola, diz que

O conceito de ‘atitude’ resulta, pois, bastante impreciso se se pretende aplicá-lo a fenômenos gramaticais tão diferentes como os mencionados. [...] Também resultam, de modo geral, demasiado imprecisas, oposições semânticas como certeza / incerteza, realidade / virtualidade ou irrealidade, atualidade / não atualidade, e outras similares formadas com as noções de ‘potencialidade’, ‘possibilidade’ e suas contrárias que se propuseram como características generalizantes que oporiam o indicativo ao subjuntivo<sup>36</sup>. (RAE, 2009, p.1868).

Na sequência, com vistas a fazer uma breve comparação com o tratamento dado à categoria modo em língua portuguesa, também correlacionados à atitude do falante, expomos

<sup>35</sup> *En la concepción más estricta, que se seguirá aquí, los modos representan paradigmas flexivos, aun cuando sean defectivos o incompletos, o puedan coincidir sus formas con elementos de otros paradigmas.[...] **[El imperativo]** no aparece en contextos de subordinación [...] El indicativo y el subjuntivo, en cambio, pueden alternar en un gran número de contextos<sup>30</sup>(RAE, 2009, p.1866-67) **[grifos nossos]**.*

<sup>36</sup> *El concepto de ‘actitud’ resulta, pues, demasiado impreciso si se pretende aplicarlo a fenómenos gramaticales tan diferentes como los mencionados. [...] También resultan, por lo general, demasiado imprecisas, oposiciones semánticas como certeza / incertidumbre, realidad / virtualidad o irrealidad, actualidad / no actualidad, y otras similares formadas con las nociones de ‘potencialidad’, ‘posibilidad’ y sus contrarias que se han propuesto como rasgos generalizadores que opondrían el indicativo al subjuntivo. (RAE, 2009, p.1868).*

alguns exemplos da definição de modo por parte de alguns pesquisadores da língua portuguesa, para realçar a semelhança da tradição normativa latina. Cunha e Cintra (1985, p. 436) assim definem *modo* verbal:

Entende-se por MODO [...] a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por TEMPO, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

Observa-se, portanto, a classificação dos modos com base em um critério semântico. A seguir, os autores definem os modos indicativo e subjuntivo, acrescentam restrições sintáticas na identificação dos modos, denotando que há uma relação entre os valores semânticos e as formas verbais dos modos:

Com o **Indicativo** exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É fundamentalmente, o modo da oração principal. [...] **Subjuntivo** – Ao empregarmos o subjuntivo [...] Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual ou, mesmo, irreal. [...] **é o modo exigido** nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso por exemplo dos verbos desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar. Como o próprio nome indica, o subjuntivo (do latim *subjunctivus*, que serve para ligar, para subordinar) denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. A NGB preferiu subjuntivo à conjuntivo (do latim *conjunctivus*, que serve para ligar) (CUNHA; CINTRA, 1985, p.436; 453-54) [**grifos nossos**].

Bechara (2002) apresenta uma definição que abrange os níveis semântico e sintático e traz uma distinção com relação à NGB quanto à classificação do modo, privilegiando em sua classificação o objetivo do falante e o propósito comunicativo:

Modo – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto – como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo. (BECHARA, 2002, p. 213).

Sobre os modos indicativo e subjuntivo, nos diz o autor:

Indicativo – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal. [...] **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2ª pessoa do singular e plural), **nas dubitativas com o advérbio talvez** e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar. (BECHARA, 1999, p. 275; 280).

Nota-se que o autor, com relação ao advérbio *talvez*, considera-o como contexto favorecedor do subjuntivo, o que ora buscamos descrever e analisar na língua espanhola falada da Cidade do México.

Alguns autores de cunho variacionista e funcionalista trataram a variável subjuntivo/indicativo e, geralmente, ao buscar rastrear a origem da variação quase sempre chegam à conclusão de que o modo subjuntivo é um elemento categorial conflituoso dentro da gramática tradicional das línguas neolatinas. Estas línguas herdaram essa alternância que já ocorria desde o latim, como cita Pimpão (1999, p. 58) com um exemplo no português:

O português herdou das gramáticas gregas e latinas valores nocionais opostos entre si e manifestos morfologicamente na flexão da categoria de modo verbal. O latim já opunha o paradigma morfológico do indicativo de exprimir certeza, precisão, à flexão modal do subjuntivo de atribuição duvidosa, desejável, hipotética.

Fagundes (2007) reitera essa concepção da autora. O autor expõe a posição de Maurer Junior (1959) que afirma que a variação subjuntivo/indicativo já ocorre desde o latim vulgar e início das línguas românicas. Para Maurer Junior (1959, p. 177 *apud* FAGUNDES, 2007, p. 10) “as funções que correspondem ao subjuntivo na língua clássica são expressas nas línguas vulgares pelo indicativo e, às vezes, por perífrases constituídas de um auxiliar com o infinito.” Prosseguindo em sua exposição, Fagundes discorre sobre a investigação do Maurer Jrº que atribui o amplo desenvolvimento do modo subjuntivo (doravante MS), enquanto modo da subordinação, ser característico da sintaxe clássica latina dentre as línguas indo-européias e diz que o modo subjuntivo se trataria ou de uma invenção latina ou se não, de algo bem recente na história dessa língua. Quanto a isso nos diz Maurer Júnior:

O uso do indicativo em lugar dêle [do MS] na língua arcaica, freqüente em Plauto, e a concordância das línguas românicas, para não falar das inscrições e de outros documentos latinos de caráter mais vulgar, mostram que a língua do povo conservou muitas vezes a construção antiga, [o uso do MI] não acompanhando o evoluer, às vezes subtil, do subjuntivo de subordinação. (MAURER JUNIOR, 1959, p. 177 *apud* FAGUNDES, 2007, p.10) [grifos nossos].

Com isso, Maurer Júnior destaca que o uso do modo subjuntivo não era categórico nem preponderante por grande parte da população no início das línguas românicas e que inclusive no latim clássico era comum encontrarmos o indicativo em lugar do subjuntivo que era concebido como o modo da subordinação.

Fagundes prossegue na sua exposição e justifica o estudo da alternância subjuntivo/indicativo, baseado em Maurer Júnior (1959, *apud* FAGUNDES, 2007), que afirma que cada comunidade de fala apresenta historicamente um encaixamento social e linguístico peculiar de uma dada variável. Isso dialoga com nossos objetivos uma vez que

buscamos descrever e analisar no estágio atual de uma língua neolatina, o espanhol falado na Cidade do México, os fatores condicionadores dessa variável. Conforme se observa na passagem:

A razão, portanto, de mencionarmos o trabalho de MAURER JUNIOR (1959) tem por objetivo ilustrar que a oscilação entre MI e MS já é recorrente, enquanto tema a ser estudado, no latim vulgar e nas línguas românicas. Contudo, as razões que motivam a variação dos modos verbais em diferentes línguas e diferentes épocas certamente não são as mesmas e justificam, por isso, o seu estudo.

MAURER JUNIOR (1959) nos chama a atenção, sobretudo, para o fato de que em textos literários do latim tardio há com frequência o uso do MS em contextos em que os autores clássicos certamente usariam o MI. Tal fato se dá, segundo o autor, em razão de duas tendências: por um lado a da língua popular, que usava o MI, destinando ao MS somente a expressão da dúvida, e por outro lado, a tendência da língua semi-erudita, que se esforçava por dar um cunho literário às suas construções. Dessa maneira, os escritores tardios procuravam seguir a prática tradicional, retomando, assim, o emprego do MS. (FAGUNDES, 2007, p.10-11).

Passamos, a seguir, ao tratamento dos advérbios e locuções adverbiais de dúvida, modalizadores epistêmicos, da língua espanhola.

### 3.2 Os advérbios de dúvida: Modalizadores Epistêmicos

Por investigarmos os enunciados dubitativos construídos com sete advérbios ou locuções adverbiais, elaboramos esta seção para descrevê-los conforme concebidos pela gramática normativa e por dicionários da língua espanhola dos advérbios modalizadores, bem como mostrar que têm em nossa pesquisa um papel de destaque. No espanhol, a tradição normativa faz a classificação dos advérbios de acordo com a noção semântica prototipicamente veiculada, formando, assim, várias categorias, entre elas a dos *advérbios de dúvida*. No entanto, há também uma classificação pautada na função discursiva que estes desempenham na proposição sendo chamados *advérbios modalizadores*, e que entre estes podemos incluir os advérbios de dúvida. Damos o exemplo de algumas classificações, desde a primeira gramática escrita em língua castelhana de Antonio de Nebrija, que segue a lógica aristotélica, na qual o autor se baseia nos modelos de uso e desse modo

Advérbio é uma das dez partes da oração. A qual acrescentada ao verbo inche ou mingua ou muda a significação daquele. Como dizendo: *bien lee. mal lee. no lee. bien hinche. mal mengua*. Não muda a significação deste verbo lee. E se chama advérbio porque comumente se junta e contribui para o verbo determinar alguma qualidade nele [...]. As significações dos advérbios são diversas [...] Para duvidar como *quiza* [...] <sup>37</sup> (NEBRIJA (1492 [1992], p. 265).

<sup>37</sup> *Adverbio es una de las diez partes de la oración. La cual añadida al verbo hinche o mengua o muda la significación de aquel. Como diciendo bien lee. mal lee. no lee. bien hinche. mal mengua. no muda la significación deste verbo lee. I llama se adverbio por que común mente se junta I arrima al verbo para*

A definição do venezuelano Andrés Bello “Los adverbios se dividen por su significación en varias clases [...] Adverbios de duda: acaso, tal vez, quizá, o quizás, etcétera” (BELLO (1847 [1972], p. 116 - 117).

Llorach também em sua classificação concebe que o valor lexical, ou seja, seu significado é o critério de classificação:

Podem classificar-se os advérbios em vários grupos tendo em conta seus valores lexicais e, portanto, as referências que fazem à realidade. Se enumeram, pois, [...] de dúvida (como *acaso, quizá*) [...] Não há dúvida de que o que permite distinguir uns advérbios de outros é a significação<sup>38</sup>. (LLORACH, 1994, p. 129–130).

Sarmiento e Sánchez já preveem em sua classificação, claramente de orientação descritivista, o componente pragmático ao considerar os advérbios com função modalizadora:

[...]as formas de advérbios de dúvida são: *quizá(s), probablemente, acaso, tal vez, a lo mejor, sin duda*. [...] **Advérbios como *quizá(s), verdaderamente, seguramente, tal vez, que expressam um juízo do falante, já seja em forma de reserva ou de insistência, podem introduzir a expressão de modalidade***<sup>39</sup>. (SARMIENTO; SÁNCHEZ, 1996, p. 196). [grifos nossos].

Além disso, os autores preveem a variação entre subjuntivo e indicativo em orações sob escopo dos advérbios de dúvida que atuam como modalizadores epistêmicos:

Isso reflete no uso – a) do subjuntivo com os advérbios que expressam possibilidade ou conjectura: *Quizá venga; posiblemente no esté enfermo*. Frente ao uso do indicativo em outros casos: *Tal vez está enfermo; Quizá está enfermo*<sup>40</sup>. (SARMIENTO; SÁNCHEZ, 1996, p. 196).

Os autores concebem o nível pragmático-discursivo ao tratarem das modalidades oracionais obrigatórias baseadas em aspectos suprasegmentais. Reconhecem que elementos morfológicos desempenham o papel de complementadores como reforçadores na asseveração afirmativa, negativa ou hipotética. Sendo assim, os itens dubitativos (*adverbios: difícilmente, acaso, posiblemente, probablemente, seguramente; locuciones adverbiales: a lo mejor, casi*

---

determinar alguna calidad enel [...]. Las significaciones de los adverbios son diversas [...] Para dudar como *quiza* [...] (NEBRIJA (1492 [1992] : 265-).

<sup>38</sup> Pueden clasificarse los adverbios en varios grupos teniendo en cuenta sus valores léxicos y, por lo tanto, las referencias que hacen a la realidad. se enumeran, pues, [...] de duda (como *acaso, quizá*) [...] No cabe duda de que lo que permite distinguir unos adverbios de otros es la significación. (LLORACH, 1994, p. 129 – 130).

<sup>39</sup> [...]las formas de adverbios de duda son: *quizá(s), probablemente, acaso, tal vez, a lo mejor, sin duda*”. [...] **Advérbios como *quizá(s), verdaderamente, seguramente, tal vez, que expresan un juicio del hablante, ya sea en forma de reserva o de insistencia, pueden introducir la expresión de modalidad***. (SARMIENTO Y SÁNCHEZ (1989 [1996], p. 196).

<sup>40</sup> Ello refleja en el uso a) del subjuntivo con los adverbios que expresan posibilidad o conjectura: *Quizá venga; posiblemente no esté enfermo. frente al uso del indicativo en otros casos: Tal vez está enfermo; Quizá está enfermo*. (p. 196).

*seguro, quizá(s), tal vez*) são vistos, nesse sentido, atuantes na suspensão motivada da asseveração ou declaração. (SARMIENTO; SÁNCHEZ, 1996, P. 262).

Por fim, uma classificação mais atual, a de Torrego (2005), considera o critério semântico na classificação dos dubitativos: *quizá(s), igual, acaso, posiblemente, probablemente, seguramente; locuciones: a lo mejor, tal vez*, sendo os dois últimos considerados locuções adverbiais (cf. p.209). Ademais, considera o componente pragmático na classificação desses elementos quanto à função comunicativa exercida: “Algumas locuções incidem sobre a locução inteira e se referem à atitude do falante sobre os fatos, quer dizer, à modalidade, Exemplos: *a lo mejor, tal vez, puede que*<sup>41</sup>.” (TORREGO, 2005, p. 212)

Acrescenta ainda sobre o valor modalizador dos advérbios que envolvem toda a oração:

Uma oração ou um enunciado podem estar envoltos em uma modalidade manifestada por certos advérbios ou locuções adverbiais como: *no, sí, tal vez, a lo mejor, posiblemente, probablemente, seguro(seguramente), ojalá, así, etc*, e sem valor atributivo. São elementos que apontam a atitude do falante sobre o conteúdo que oferece a oração. Exemplos: “*Probablemente cante*”. “*Tal vez esté lloviendo*”<sup>42</sup> (TORREGO, 2005, p. 261).

Apoiados na definição do dicionário da RAE, considerada uma instituição de grande destaque entre as academias de países de língua espanhola, por conseguinte, importante instrumento de descrição da língua espanhola, acrescentamos o valor de dicionário dos modalizadores em questão<sup>43</sup> a seguir:

<sup>41</sup> *Algunas locuciones inciden sobre la locución entera y se refieren a la actitud del hablante sobre los hechos, es decir, a la modalidad, Ejemplos: a lo mejor, tal vez, puede que.* (212).

<sup>42</sup> *Una oración o un enunciado pueden estar envueltos en una modalidad manifestada por ciertos adverbios o locuciones adverbiales como: no, sí, tal vez, a lo mejor, posiblemente, probablemente, seguro(seguramente), ojalá, así, etc, y sin valor atributivo. Son elementos que apuntan a la actitud del hablante sobre el contenido que ofrece la oración. Ejemplos: “Probablemente cante”. “Tal vez esté lloviendo”*(TORREGO, 2005, p.261).

<sup>43</sup> disponível em sua versão online: <http://www.rae.es/rae.html>

**Quadro 1** – Os valores de dicionário dos advérbios de dúvida

ADVÉRBIOS	DEFINICIÓN DOS ADVÉRBIOS
Seguramente	<p>1. adv. m. De modo seguro. U. t. c. adv. afirm. <i>¿Vendrás mañana? — Seguramente.</i></p> <p>2. adv. m. Probablemente, acaso.</p>
A lo mejor	<p>1. loc. adv. Méx. <b>a lo mejor.</b>/ a la mejor</p> <p>2. loc. adv. coloq. Quizá, tal vez.</p>
Probablemente	1. adv. m. Con verosimilitud o fundada apariencia de verdad.
Quizá	<p>(Del lat. <i>qui sapit</i>, quién sabe).</p> <p>1. adv. duda Denota la posibilidad de que ocurra o sea cierto lo que se expresa. <i>Quizá llueva mañana. Quizá sea verdad lo que dice. Quizá trataron de engañarme.</i></p>
Tal vez	1. loc. adv. <b>quizá.</b>
Acaso	<p>(De <i>caso</i>)</p> <p>1. m. Casualidad, suceso imprevisto.</p> <p>2. adv. m. desus. Por casualidad, accidentalmente.</p> <p>3. adv. duda Quizá, tal vez.</p> <p>4. adv. neg. Ec. <b>no</b> (   indica la falta de lo significado por el verbo). <i>Acaso he podido dormir.</i></p> <p><b>por si acaso.</b></p> <p>1. loc. adv. En previsión de una contingencia. <i>Hay que salir con tiempo, por si acaso.</i> U. t. c. loc. conjunt. <i>Fíjate bien en lo que dicen, por si acaso hay que replicarles.</i></p> <p><b>si acaso.</b></p> <p>1. loc. conjunt. condic. U. para expresar la posibilidad o contingencia de lo manifestado por el verbo. <i>Si acaso viene gente, yo aviso.</i></p> <p>2. loc. adv. En todo caso, a lo sumo. <i>No he de demostrar nada a nadie; si acaso, a mí mismo.</i></p>
Posiblemente	1. adv. Probablemente, quizá.

Fonte: RAE, 2001

Oportunamente, fazemos uma breve exposição sobre o trabalho de Marchante Chueca (2005) no tratamento dos advérbios modalizadores epistêmicos, em especial *a lo*

*mejor, quizá(s), tal vez e acaso.* A autora adota uma perspectiva que contempla o nível pragmático na análise dos advérbios e o uso dos modos verbais. Critica a concepção tradicional que associa modalidade relacionada inerentemente aos modos do verbo, destacando o papel da modalidade como categoria linguística mais ampla e que esta está deslocada da forma verbal e não é inerente ao *dictum*, mas sim expressão motivada psiquicamente da perspectiva do falante frente a este conteúdo representacional veiculado pelo *dictum* e que é codificada linguisticamente por meios linguísticos gramaticais ou não gramaticais (ex. entonação).

Sobre a seleção do item dubitativo relacionado ao julgamento do falante e em relação à alternância subjuntivo/indicativo, ao citar Concha Moreno, Chueca afirma:

O interessante dos advérbios como *acaso* é que manifestam o *modus* da oração na que se inserem. Assim *acaso* reflete a atitude do falante frente ao *dictum*: dubitativa, asseverativa, etc. Desde o momento em que incluímos a perspectiva do falante, a presença do indicativo ou do subjuntivo dependerá de sua intenção mais ou menos dubitativa<sup>44</sup> (CHUECA, 2005).

A autora expõe a ideia de Kovacci (1986) que afirma que os advérbios modalizadores atuam como **índices de modalidade**. Esta posição vem ao encontro do que propomos de que nas orações dubitativas há uma escalaridade do julgamento epistêmico circunscrito à modalidade *irrealis* inerente nesses enunciados dubitativos. Desta forma, os modalizadores epistêmicos estariam especializados uns em mais certeza e outros em menos certeza, nisso residiria um dos fatores indicadores da regularidade da alternância subjuntivo/indicativo. Sobre isso declara Chueca:

Ofelia Kovacci afirma que este tipo de advérbios devem ser entendidos como índices de modalidade, isto é, como índices de atitude, ou seja, modalidades declarativas e dubitativas que apresentam modos verbais diferentes. Se refere ao modo indicativo e modo subjuntivo expressando assim dúvida, possibilidade, e probabilidade que pedem os advérbios *quizá(s), tal vez, acaso, a lo mejor*. Afirma Kovacci que existe uma **gradação da expressão dubitativa** entre a inclinação do falante em direção à afirmação da verdade do *dictum* e sua inclinação em direção à negação de dita verdade, de modo que isto explica porque este tipo de advérbios usa no primeiro caso o indicativo enquanto que para a negação usam o subjuntivo<sup>45</sup>. (CHUECA, 2005). [**grifos nossos**].

<sup>44</sup> [...] *lo interesante de los adverbios como acaso es que manifiestan el modus de la oración en la que se insertan. Así acaso refleja la actitud del hablante frente al dictum: dubitativa, aseverativa, etc. Desde el momento en que incluimos la perspectiva del hablante, la presencia del indicativo o del subjuntivo dependerá de su intención más o menos dubitativa.* (CHUECA, 2005).

<sup>45</sup> *Ofelia Kovacci(1986) afirma que este tipo de adverbios han de ser entendidos como índices de modalidad, esto es, como índices de actitud, esto es, modalidades declarativas y dubitativas que presentan modos verbales diferentes. Se refiere al modo indicativo y modo subjuntivo expresando así duda, posibilidad, y probabilidad que reclaman quizá(s), tal vez, acaso, a lo mejor. Afirma Kovacci que existe una **gradación de la expresión dubitativa** entre la inclinación del hablante hacia la afirmación de la verdad del dictum y su inclinación hacia la negación de dicha verdad, de modo que esto explica porque este tipo de adverbios usa en el primer caso el indicativo mientras que para la negación usan el subjuntivo<sup>45</sup>.* (in: CHUECA, 2005). [**grifos nossos**].

Dada a convergência da proposta acima às nossas duas primeiras hipóteses específicas, e, portanto, diretamente relacionada ao estudo da variável subjuntivo/indicativo, nos compete saber o seguinte: como aferir este grau escalar da modalidade (maior ou menor inclinação à verdade do *dictum* como expõe a autora acima) e apontar assim os índices de modalidade dos advérbios modalizadores nos enunciados dubitativos? Isso é o que buscaremos responder na seção 6.5, *aferição da modalidade irrealis*, e assim usarmos a modalidade como um dos grupos de fatores na variável em foco.

Nesta seção fizemos um percurso histórico sobre o tratamento dado pela normatividade à categoria gramatical modo verbal de forma a evidenciar a sua inadequação no tratamento do uso variável dos modos verbais na expressão da dúvida na comunidade de fala em foco. Ademais trouxemos considerações acerca dos advérbios e locuções adverbiais de dúvida e sobre uma possível especialização desses como índices de modalidade.

Expomos na próxima seção o referencial teórico que fundamenta essa pesquisa.

## 4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 4.1 Preâmbulo

Exporemos considerações, de uma maneira mais geral, sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, também conhecida como Sociolinguística Laboviana ou simplesmente chamada de Sociolinguística Variacionista, bem como descreveremos sucintamente alguns conceitos oriundos do Funcionalismo Linguístico considerados relevantes para o empreendimento de nossa pesquisa. Essa correlação entre essas duas vertentes teóricas é válida, uma vez que ambas concebem a língua como um artefato sociocultural servindo a funções comunicativas e vista como um sistema heterogêneo sujeita à variação e mudança linguísticas. Nesse sentido, esperamos com esse arcabouço teórico contemplar satisfatoriamente a descrição e análise do fenômeno variável em questão.

### 4.2 Sociolinguística variacionista

Debruçaremos-nos sobre a variação e mudança linguística, objeto primeiro da atenção da Sociolinguística Variacionista. A Sociolinguística Variacionista compartilha alguns pressupostos básicos Funcionalismo Linguístico. Por exemplo, parte do pressuposto inicial de análise da língua em uso, cujo sistema disponibiliza aos falantes escolhas de codificação linguística de acordo com seu objetivo comunicativo. Os falantes de dada comunidade partilham normas<sup>46</sup> linguísticas e essas, por sua vez, estão estreitamente associadas ao contexto sócio-histórico e cultural no qual vivem.

O modelo leva em conta na análise linguística tanto os aspectos linguísticos como os extralinguísticos, nesses inserida a escolha do falante com vistas a cumprir uma dada função comunicativa (nível pragmático), e considera relevante o enquadramento do contexto social para entender a variação linguística observável no ato comunicativo e o que influencia a seleção de uma variante de dado fenômeno variável em uma comunidade de fala. Os objetivos do pesquisador na Sociolinguística Variacionista segundo Cezario e Votre (2008, p. 141) podem ser assim resumidos:

O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais

---

<sup>46</sup> A norma é a realização da fala da comunidade, o que é mais comum, normal e não se deve confundir com prescrição gramatical, conforme Coseriu, em sua obra: *Teoría del lenguaje y lingüística general*, 1967.

fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início, ou se completou uma trajetória que aponta para mudança.

O precursor dessa abordagem é William Labov, que em meados do século XX se consagrou com o conhecido estudo sobre variação fonética no inglês, em 1963, na Ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA). Nesse estudo, passou a investigar sobre um fenômeno de variação, o alçamento de ditongos, sendo as variantes fonéticas /ay/ e /aw/ do inglês falado naquela ilha. O autor observou que havia uma regularidade, um encaixamento social do uso da variável, constatada a partir da avaliação positiva ou negativa dos falantes da ilha em relação à variante inovadora. E, utilizando um método inovador à época, pôde constatar e ressaltar o papel crucial dos fatores sociais na explicação da variação linguística. Nascia então a base dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, que propunha analisar e interpretar quantitativamente, com dados rigorosamente estratificados e catalogados, os fenômenos linguísticos no seio da comunidade de fala, concebidos como estreitamente interrelacionados.

Portanto, Labov planteia, desde sua gênese, uma abordagem da língua que privilegia o caráter quantitativo, uma vez que se baseia em dados empíricos, e com o emprego de tratamento estatístico visa à análise das variáveis em foco para atribuir regularidades e peso relativos que podem sugerir e apontar ao pesquisador generalizações sobre o fenômeno variável. Criou-se um novo ponto de vista sobre o objeto, de modo a contemplar a variação inserida no sistema linguístico. Com isso, indubitavelmente, fortaleceu-se cientificamente a Linguística com a recém-criada Sociolinguística Variacionista, que veio para suprir as lacunas não atendidas pelos modelos estruturalista e gerativista até então vigentes.

A Sociolinguística Variacionista coincide com o Estruturalismo de Saussure por ambos conceberem a língua como um fenômeno social, no entanto se opõe a esse, principalmente, por Saussure ter alicerçado suas bases na noção de língua como sistema homogêneo, autônomo, regular e linear, no qual se exclui o plano histórico, onde se projeta o percurso evolutivo e o caráter dinâmico da língua, e se privilegia o plano sincrônico, hipoteticamente equilibrado. Quanto a isso, oportunamente expomos as palavras de Lucchesi (2004, p. 60):

Segundo Saussure a língua poderia ser estudada fora da consideração do fator tempo, já que sua estrutura constituiria um sistema de valores, em cuja lógica interna se poderia encontrar toda a sua explicação<sup>47</sup>. Assim, a dicotomia entre sincronia e

<sup>47</sup> “a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos”. (SAUSSURE, 1973. p. 95).

diacronia se apoia no pressuposto de que, em cada estado momentâneo, a língua apresenta uma lógica interna, que se explica a si mesma. Tal lógica é a lógica do seu funcionamento, de suas relações funcionais.

Complementando, nas próprias palavras de Saussure, sobre essa concepção do estudo da língua em um estado sincrônico:

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo [o que o] produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. A intervenção da história apenas lhe falsearia o julgamento. (SAUSSURE, 1973, p.97).

Esta dicotomia *diacronia/sincronia*, que era um dos pilares do modelo, foi também um dos mais conflituosos para a manutenção do modelo estruturalista, principalmente no tocante à análise da língua atualizada na fala que não era contemplada, tampouco o era o percurso evolutivo dos itens linguísticos que acompanhavam o evoluir socio-histórico da comunidade de fala. Estudar a língua num estado sincrônico idealmente estável era imprescindível para o modelo estruturalista. E tudo o que fosse diacrônico representaria uma ameaça ao modelo já que incidiria em estágios de evolução da língua e, conseqüentemente, apresentaria a variação e mudança. Nesse sentido, para Lucchesi a concepção mais dinâmica levantada pelo problema da transição, o qual planteia que se a mudança se processa por estágios discretos ou em um *continuum*, se constituirá em

[...] um dos pontos cruciais para a superação da concepção estrutural da mudança linguística e da própria concepção estruturalista de língua. Através do equacionamento do problema da transição através de um *continuum* ininterrupto de variação e mudança, a sociolinguística se contrapõe frontalmente à concepção de estado de língua de Saussure[...] (LUCCHESI, 2004, p.174).

Além disso, o modelo legado pelo suíço era incipiente e limitado no tocante ao tratamento dos componentes gramaticais. O sistema linguístico é visto por Saussure segundo Lucchesi (2004, p. 40-41): “quase exclusivamente um sistema de signos, sendo essencial apenas a relação que une o significado ao significante. Assim, toda a estrutura sintática e gramatical ocupa uma posição secundária.” Complementa Lucchesi que o tratamento dado aos signos não era de forma isolada, mas sempre considerando o papel desses signos na organização da língua enquanto sistema, logo, “circunscrito à formulação dicotômica das relações paradigmáticas e sintagmáticas, ou seja, às relações que o signo linguístico estabelecerá nos eixos vertical e horizontal da estrutura da língua” (p.42). Nesse modelo não se contempla uma análise que privilegie as peculiaridades de uso, por exemplo, de dado elemento gramatical de forma individualizada, o porquê de uso de formas alternantes para

uma mesma função/significado, ou mesmo uma mesma forma veiculando diferentes significados/funções, sem privilegiar a evolução propiciada pelo uso de um item dentro de dado paradigma, uma vez que se limita ao próprio sistema de forma imanente e ao plano sincrônico para análise do sistema linguístico, a língua.

O autor suíço chega a considerar a sintaxe como pertencente à fala e não à língua, rejeitando a possibilidade de uma sistematização dos mecanismos que formam as frases na língua<sup>48</sup>. Portanto, aquilo que pertence à fala, considerada caótica, irregular e não-sistematizável, é necessariamente considerado como acidental e não pertencente ao sistema, é rejeitado para a validade do modelo estruturalista que concebe a língua um sistema autônomo, imanente. Quanto a isso afirma Lucchesi (2004, p. 42-43):

De igual modo o estudo da **variação linguística** é excluído, a partir da concepção de língua de Saussure. Se a linguística deveria centrar-se no estudo da língua enquanto sistema, todos os fenômenos relativos à variação linguística, por serem estranhos ao sistema, deveriam ser banidos desse estudo. Ao tratar da ‘extensão geográfica das línguas e do fracionamento dialetal’, o raciocínio do Curso, a esse respeito, é muito claro: ‘O fenômeno geográfico está intimamente associado à existência de qualquer língua; entretanto, na realidade, ele não afeta o organismo interno do idioma’, e conclui: ‘Pensamos que o estudo dos fenômenos linguísticos é muito frutuoso; mas é falso dizer que, sem eles, não seria possível conhecer o organismo linguístico interno’

A Sociolinguística Variacionista surgiu como modelo teórico para preencher essa lacuna. A partir de seus pressupostos, rejeitamos a dicotomia diacronia/sincronia e partilhamos a noção de um estudo numa perspectiva sob a qual os planos diacrônico e sincrônico, segundo Wartburg (1946 p.123 *apud* CÂMARA, 1974, p.45), “se combinam para constituir uma linguística pancrônica, onde a verdade sincrônica e a verdade diacrônica, à maneira da oposição entre “tese” e “antitese” da dialéctica hegeliana, confluem numa síntese ampla”. E ainda que “todo fato linguístico deve ser considerado no sistema de que é parte, e na sua história, que é história do próprio sistema.” (PAGLIARO, 1930, p.176 *apud* CÂMARA, 1974, p.45). Embora não empreendamos nesse trabalho uma análise diacrônica, reconhecemos que o uso das formas linguísticas de subjuntivo e indicativo em foco são fruto desse evoluir histórico do sistema interno em confluência com o contexto sociocultural.

Uma possível relação coerente entre o modelo saussuriano com o da Sociolinguística se dá na concepção de língua como um artefato cultural socialmente compartilhado. No entanto, cabe destacar que no modelo proposto pelo suíço que concebia a língua como instrumento social onde a partir de um indivíduo se poderia deduzir todo o sistema linguístico, o idioleto do falante somente seria apreensível a partir da comparação de

---

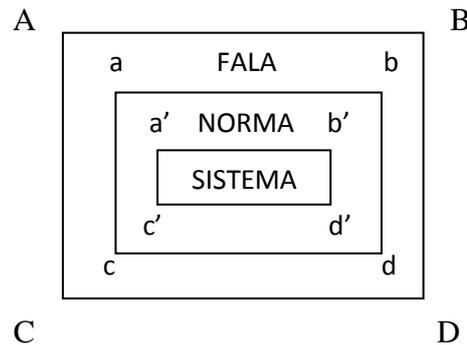
<sup>48</sup> SAUSSURE, 1973, p. 144, 162 *apud* LUCCHESI, p.42.

dois ou mais idioletos. Eis o **paradoxo saussuriano**. E nesse sentido, sendo a língua um artefato socialmente compartilhado, na sua proposta paradoxalmente não se valorizam fatores de ordem sociocultural presentes na interação comunicativa que se mostrem efetivamente refletidos na *parole* do indivíduo que usa socialmente a *langue*. Não é aceitável incluir no sistema o idioleto, ficando a *parole* excluída do sistema, vista como acidental e irregular não passível de sistematização. Segundo Saussure, a *parole* é a concretização da *langue* e assim:

[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, a fala precede sempre. Como seríamos capazes de associar uma idéia a uma imagem verbal se antes não tivéssemos surpreendido uma associação num acto de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a nossa língua materna; ela só se instala no nosso cérebro após inúmeras experiências. Por último, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvirmos os outros que modificam os nossos hábitos lingüísticos. Há, portanto, interdependência da língua e da fala; aquela é, ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Mas tudo isto não as impede de serem duas coisas absolutamente diferentes. (SAUSSURE, 1995, p. 48-49).

O modelo saussuriano baseava-se numa concepção de língua idealizada isenta da variação recorrente na fala dos indivíduos que faziam uso desse sistema. Diferentemente, a Sociolinguística tem uma concepção de língua como objeto histórico culturalmente compartilhado que se constitui da interação social entre os membros de determinada coletividade. E a pluralidade sociocultural dessa coletividade estratificada reflete uma estrutura linguística igualmente diversificada. Por isso, em essência, o foco do estudo da Teoria da Variação é o falar da coletividade, concebendo-a uma **comunidade de fala**.

Conforme Labov (1972) e Guy (2000), a preocupação maior da Sociolinguística é com a língua em uso, atualizada, com a mudança em curso em dada comunidade de fala, grupo visto não como homogêneo, mas sim como um grupo de indivíduos que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outro e se comunicam mais entre si do que com outros e compartilham normas e usos diante do uso da linguagem. Nesse tocante, com relação à norma linguística da comunidade de fala, convém destacar que se alinha ao conceito de Coseriu (1967, p. 95-96). Veja o esquema proposto de norma linguística em dada comunidade de fala em relação ao sistema (a língua):

**Quadro 2** – Sistema, norma e fala

Nesse sentido, a fala (por extensão à escrita individual), no primeiro estrato, está composta das particularidades estilísticas fisiológicas e de desempenho de cada falante. Num segundo estrato se constitui, tanto na fala como na escrita, aquilo que é composto da repetição dos modelos anteriores de dada comunidade de fala. Ou seja, a tradição continuada, modificada e reiterada de falar e escrever de dada comunidade linguística. No terceiro estrato, temos os elementos indispensáveis da estrutura da língua, as oposições funcionais do sistema. Nesse caso, como o exemplificou Biderman (1973), a partir desse esquema se nos mostra que usamos o mesmo sistema do português lusitano, o que nos diferencia, e nos deixa cada vez mais distantes, é a norma do português brasileiro.

Portanto, são fundamentais essas concepções de *comunidade de fala* e de *norma linguística* aos propósitos dos estudos sociolinguísticos, uma vez que é a partir do desenho do linguista sobre o fenômeno a ser estudado que deverá relacioná-lo adequadamente à comunidade de fala, observando como os estratos sociais e características sociais de dada comunidade de fala correlacionam-se à variável em foco. A partir disto, tratando o fenômeno ora em destaque, considerando a variedade regional do espanhol da comunidade de fala da Cidade do México, descreveremos os padrões regulares de uso da variável linguística dentro da estratificação dessa comunidade, refletindo, assim, a norma instituída da comunidade quanto a essa variável, sua frequência de uso e o alcance dessa nos estratos da comunidade de fala em questão.

Ampliando a comparação com o modelo estruturalista à Sociolinguística, a partir da perspectiva de língua do modelo saussuriano, visto como um sistema fechado de regras e de relações, portanto, um sistema que abrange os eixos paradigmático e sintagmático, nos quais as formas linguísticas são sempre regidas pela oposição, subcategorização (semântica e sintática) e hierarquização, se acrescentam a força condicionadora do meio, e o repositório sócio-histórico e cultural difundido e estratificado. Para a Sociolinguística a variação é sistemática, concebida como uma heterogeneidade linguística no sistema linguístico (*langue*)

de dada comunidade de fala. A variação, observada na *parole*, é tratada dentro do sistema, *da langue*, e se faz uma correlação entre os fatos linguísticos, nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico com os fatos sociais, sexo, idade, escolaridade, etc.. Portanto, sujeito também às pressões extrínsecas ao sistema, além das regras internas ao sistema, como na concepção do suíço Ferdinand Saussure.

Passando ao sucessor do modelo estruturalista saussuriano também de base formalista, o Gerativismo, que também se opõe ao modelo sociolinguístico, nos cabe ressaltar as diferenças primordiais entre os modelos, e nos parecem oportunas as palavras de Pimpão (2009a) ao comentar como o modelo sociolinguístico surgiu da necessidade de preenchimento de lacunas no tocante à variação linguística que era desprestigiada. Assim, o define em relação ao modelo gerativo sucessor estruturalista formal:

A interpretação formal da regra laboviana, em uma retomada à regra linguística da gramática gerativa padrão, não deve ser com essa confundida. A regra variável opõe-se à regra categórica chomskyana que gera toda e qualquer sentença da língua, alargando a noção de competência linguística e abordando regras variáveis sob um tratamento quantitativo.

O esquema abstrato e formal da regra variável visa a sistematizar a variação e a tratar a frequência com que as variantes são empregadas em situações concretas de comunicação através de um modelo probabilístico. Ao contrário de Chomsky, que prevê um modelo linguístico para a sintaxe, Labov (1972) prevê um modelo de regras que atribui sistematicidade ao caráter heterogêneo do vernáculo (PIMPÃO, 2009a).

A variação para os gerativistas, seguidores do paradigma formal que concebe o sistema voltado à forma, ao plano da expressão, não considera a variação. Conforme Labov (1972[2008], p. 221), a variação dentro do modelo gerativo era explicada de duas formas:

- 1- diz-se que as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de “mistura dialetal” ou “alternância de código”, ou;
- 2- as variantes se encontram em “variação livre” dentro do mesmo sistema, e a seleção se encontra abaixo do nível da estrutura linguística.

O modelo gerativo se alinha ao modelo estruturalista no tocante à concepção de homogeneidade da língua e de exclusão da reflexão sobre os conteúdos sociais (MONTEIRO, 2008, p.15). Além disso, não se centrava no estudo da língua, mas sim no estudo da linguagem, sendo esta “a faculdade mental que determina as capacidades linguísticas do ser humano, portanto, um objeto de natureza psicológica, ou mesmo biológica, onde, segundo o modelo teórico gerativista se situa a dimensão estrutural e estruturante do fenômeno linguístico” (LUCCHESI, 2004, p.196). E, para isso, baseava-se em um estado idealizado de uso da língua com um **falante-ouvinte ideal** que não sofria nenhum tipo de intervenção do

meio, com ótima competência da língua, conhecimento de mundo, e mesmo sem intervenções de ordem fisiológica.

Considerando o exposto acima e por o escopo da Sociolinguística Laboviana valer-se de correlações entre estrutura interna e estrutura social com vistas a estudar a estrutura e evolução da língua contemplando os componentes gramaticais: fonologia, morfologia, semântica e sintaxe (LABOV, 1972, p.184), ressaltamos a importância dos pressupostos variacionistas no tratamento do fenômeno de variação concebido como uma variável linguística tendo como variantes as formas de subjuntivo e indicativo na qual o subjuntivo é tomado como forma conservadora e o indicativo como forma inovadora. No entanto, nos alerta Coan (2003, p.54) baseada em Figueroa (1996, p.71):

[...] quando se diz que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser mal-interpretado. A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*).

Tendo em vista o caráter de nosso trabalho, a abordagem metodológica variacionista é a mais viável e que melhor contempla nossas expectativas. Tratamos, segundo terminologia da Sociolinguística, um fenômeno variável, ou melhor, uma **variável linguística**, pois temos uma ou mais formas linguísticas em coocorrência na codificação do mesmo *significado/função* em dado contexto e em dado momento, formando o **envelope de variação** em nosso caso: a alternância subjuntivo/indicativo em orações independentes dubitativas, com alguns fatores hipoteticamente pré-concebidos como interferentes no processo. Essas formas em concorrência são denominadas *variantes linguísticas*, formas diferentes de dizer “a mesma coisa”, com mesmo significado referencial<sup>49</sup>. Pode ser representada pelo seguinte esquema:

$$A = x > A = x / B = x > B = x.$$

Aplicando a nossa pesquisa, observa-se que no primeiro estágio para as orações dubitativas a forma considerada a aplicação da regra é o único valor (A), em um segundo estágio onde as formas indicativo (B) e subjuntivo (A) se alternam. Por fim, hipoteticamente a

<sup>49</sup> Quanto à questão de representação do mesmo significado oportunamente fazemos alusão à crítica suscitada por Lavandera (1978, p.181), discípula de Labov. A autora sugere que acima do nível fonológico não haveria duas unidades com mesmo significado, mas sim poderiam exercer a mesma função, sugerindo alargar o conceito, ao invés de mesmo significado para o de comparabilidade funcional. A esse respeito, conferir mais detalhadamente a exposição em Coan (2003 p. 62 - 67) e Carvalho (2007, p.31 – 33).

forma inovadora tenderia a substituir a forma considerada arcaica (B). Convém destacar que não é categórico que isso ocorra.

Vale ressaltar que esse tipo de mudança representada no esquema acima contemplada pela Sociolinguística Variacionista é do tipo **substitutiva** (COAN, 2003, p. 46).

Portanto, considerando o esquema acima, na alternância dessas variantes, chamada *variável dependente*, em dado contexto, a teoria pressupõe um ou mais grupos de fatores que interfiram na alternância, chamadas *variáveis independentes*. Logo, a dependente é formada pelas variantes linguísticas que sofrem influência das variáveis independentes, dentro do contexto do fenômeno variável em estudo. Coan (2003, p.61) considerando ainda o conceito tradicional de *regra variável* nos diz a respeito sobre a condição de sê-la:

O alargamento da concepção de sistema para abrigar a variação e a mudança linguísticas traz consigo a noção de **regra variável**. Regras variáveis são concebidas como inerentes ao sistema, como padrões sistemáticos previsíveis que emergem a partir da língua em uso. Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável). Como propriedades de uma variável linguística, Labov elencou as seguintes: ter ocorrência frequente; ser estruturalmente integrada num sistema de unidades em funcionamento e ser estratificada (1972, p.8).

A Sociolinguística, segundo Labov (1972 [1974]; 1982; 1984), se pauta em dois princípios teóricos fundamentais: *(i)* o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções, rompendo-se, assim, a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; *(ii)* os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso.

Nesse sentido, a abordagem variacionista privilegia o vernáculo, cuja realização é espontânea. Concebendo a variação dentro do sistema, a atualização no eixo sintagmático de uma variação entre formas alternantes de dizer a mesma coisa incide em considerar que os falantes de dada comunidade de fala, ou até se tratando do mesmo falante, possuem no repositório do eixo paradigmático formas diferentes de dizer “a mesma coisa” que se atualizam (são selecionadas e codificadas) de acordo tanto com o contexto sintagmático (interno ao sistema, condicionamento linguístico) como de acordo com o contexto situacional (condicionamento social) e à dinâmica da fala que envolve processos tais como: erosão fonética (supressão, fusão); lapso de memória; eclipse; hesitação; e regras circunscritas ao

componente pragmático: estratégias de polidez discursiva, comutação, metaforização, metonímia, recategorização etc.

Nesse sentido, a escolha de certa variante não é categórica nem automatizada, mas sim segue padrões de uso, sendo a escolha capitaneada por fatores internos e externos ao sistema, propensa a regularidades, normas de uso dentro de dada comunidade de fala.

Com esse propósito, realizamos nesse trabalho uma **análise em tempo aparente** com finalidade de testar a hipótese de que há, na variável em destaque, tendência à mudança em progresso. Para Labov (1981), uma análise em tempo aparente consiste em um prognóstico como uma hipótese que poderá ser comprovada e originar uma análise de dados diacrônicos.

Desse modo, realizamos a investigação da variável exclusivamente com dados da fala do espanhol da Cidade do México, de falantes estratificados por sexo, escolaridade e idade. Conforme a hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem de que as mudanças linguísticas ocorrem em períodos geracionais e de que os jovens, quando adquirem seu padrão linguístico, tendem a mantê-lo durante sua vida adulta, cremos que com a estratificação por idade se faz possível rastrear possíveis mudanças linguísticas. De acordo com essa hipótese, infere-se que o indivíduo tem seu período de aquisição da linguagem concluído por volta dos 20 anos, supõe-se que os adultos de hoje, digamos com 60 anos, mantêm os padrões de 40 anos atrás. Portanto, comparando seus dados com falantes de 20 anos de hoje poder-se-á fazer essa contrastação entre essas gerações e permitir-nos avaliar se há uma possível mudança em tempo aparente e abrir a possibilidade de empreender uma análise histórica da variável. Vale destacar que a distribuição da variável em tempo aparente corresponde à distribuição por faixa etária, e não à *gradação etária* (comportamento linguístico previsível para diferentes idades, por exemplo, o uso de gírias na adolescência) (COAN, 2003, p.56).

Em uma abordagem na qual se objetiva avaliar o percurso da variação e mudança, os planos diacrônicos e sincrônicos são concebidos como indissociáveis numa *pancronia* (como exposto mais acima), e assim, é imprescindível, para uma melhor compreensão na análise de um fato linguístico, fazer o percurso *presente-passado-presente*. Nesse sentido, após constatada a variação no presente, é necessário voltar ao passado para um encaixamento histórico das variantes e em seguida retomar os dados no presente para concluir a descrição e análise da variável (TARALLO, 1994). Essa abordagem que se vale de dados históricos é conhecida como **análise em tempo real**.

Um princípio que nos permite esboçar critérios e parâmetros para levar a cabo a análise em tempo real dentro da metodologia variacionista é o **princípio do uniformitarismo**

(LABOV, 1972; PAIVA; DUARTE, 2003, p. 183). Segundo Martellota (2011), esse princípio, criado pelos neogramáticos, tornou-se a base para os estudos variacionistas. Segundo este princípio, os mesmos mecanismos da mudança que atuavam no passado atuam no presente, ou seja, há uma regularidade nos efeitos de fatores controladores da variação de dada variável no percurso diacrônico de cada língua. A esse respeito, Martellota (2011, p. 32) nos expõe:

[...] Para Brugmann, os mesmos tipos de mudança semântica ocorriam em todas as fases da história linguística: todos os eventos passados – cada um deles – podem ser explicados pelas ações ou causas agora operantes. Nenhuma causa velha se extinguiu; nenhuma causa nova foi introduzida. Era o *princípio do uniformitarismo*, que fornecia a ideia de que não há evolução para melhor ou decrepitude nas línguas, mas mudanças que seguem tendências gerais, perceptíveis em todos os momentos da evolução histórica das línguas.

Portanto, através de sua consideração é possível realizar investigações com dados do passado presumindo que forças atuantes da mudança hoje também o eram no passado. Para complementar, parece-nos interessante ressaltar o que Paiva e Duarte (2003, p.183) argumentam sobre a validade desse princípio:

[...] as forças que impulsionam as mudanças linguísticas em germe no presente são as mesmas que impulsionaram as mudanças operadas no passado. O que, em outros termos, equivale a dizer que a língua de ontem não era, em sua essência, diferente da língua de hoje.

Portanto, considerando o exposto acima, se faz oportuna uma pesquisa futura, de forma a agregar à atual pesquisa, uso de dados escritos diacrônicos o que, como já antevisto por Labov (1994), não é tarefa fácil e deve ser bastante criteriosa. Como o disse o autor: “arte de fazer o melhor uso de maus dados” (LABOV, 1994, p.11). Paiva e Duarte (2003, p.182) argumentando sobre a importância da análise em tempo real expõem:

[...] o estudo da mudança em tempo real, não isento de problemas [...] constitui um recurso imprescindível não apenas para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante linguística como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança.

Concebendo o caráter dinâmico da língua, e adotando os pressupostos básicos da Sociolinguística de que a variação é inerente ao sistema linguístico, abordagem que objetiva analisar a língua em uso, atualizada, negociada, concepção que nesse tocante dialoga com o conceito de uma *gramática adaptativa* (GIVÓN, 2001), buscamos descrever e analisar o fenômeno variável em destaque no seio da comunidade de fala em que se insere, considerando a expressão falada contemporânea.

Buscamos neste trabalho captar qual o estado de variação e mudança da variável subjuntivo/indicativo em um estado de língua<sup>50</sup>, a partir de um recorte sincrônico. Difícil realizar essa tarefa se pensarmos em explicar como a língua muda enquanto a usamos, bem como o que motiva a mudança e quando essa ocorre. No entanto, visando responder a essas questões que permeiam os estudos sobre variação e mudança linguísticas, Labov, Weinrich e Herzog ([1968], 2006) postularam alguns **princípios empíricos**<sup>51</sup> para descobrir o mecanismo da mudança. Esses princípios norteiam a abordagem metodológica do pesquisador variacionista na empreita do reconhecimento de uma variante que passa a covariar com outra já existente, e como e quando se instalou uma nova variante. Esses princípios se apresentam na resposta dos já consagrados problemas clássicos da pesquisa variacionista:

- (i) Como e por quais caminhos se dá a **transição** da mudança na língua?
- (ii) Quais os **fatores condicionadores** da variação e mudança?
- (iii) Como se dá o **encaixamento** no sistema linguístico e no estrato social?
- (iv) Qual a **avaliação** da comunidade de fala sobre a variação e mudança?
- (v) Por que, quando e onde determinada **implementação** da mudança ocorreu?

Quanto a isso comenta Lucchesi (2004, p. 173):

Na equação proposta pela sociolinguística variacionista para resolver a questão da mudança linguística, destacam-se os seus hoje já clássicos **cinco problemas**, que foram reunidos em sua totalidade e sistematizados pela primeira vez por Weinreich, Labov e Herzog (1968) [...] Através da consideração desses cinco problemas, é possível não apenas reconhecer os pontos em que a explicação sociolinguística da mudança supera a explicação estrutural-funcionalista, como também as características desta que se perpetuam naquela.

As questões acima, norteadoras de uma abordagem variacionista, nos orientam cientificamente na investigação do fenômeno da alternância subjuntivo/indicativo em enunciados declarativos com valor dubitativo no espanhol contemporâneo falado na Cidade do México. Buscaremos responder se essa variável encontra-se em estado de **variação estável** ou se aponta para uma **mudança em progresso**, considerando a ressalva de que nem toda variabilidade na estrutura linguística implica em mudança, mas toda mudança prescinde

---

<sup>50</sup> Não se deve confundir com a noção saussurreana de estado de língua. Para Saussure (1973) um estado de língua seria um intervalo de tempo consideravelmente longo, durante o qual a soma de modificações é mínima e pode durar uma geração, um século e até mais. Essa concepção é considerada hoje uma abstração teórica. Em nosso caso, vemos um estado de língua dinâmico, em constante variação; o que se deve considerar é a relação entre o “retrato” do sistema linguístico e o contexto histórico-social do período em foco.

<sup>51</sup> Esses princípios são detalhados também em Tarallo (1994, p. 73-74).

obrigatoriamente um estágio intermediário de variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968], 2006).

Limitamo-nos a tomar como orientação apenas os **problemas do encaixamento e o dos fatores condicionadores**, uma vez que empreendemos uma análise de um estado de língua com um recorte sincrônico e com isso não podemos responder satisfatoriamente às questões que requerem uma imersão histórica na língua, **o problema da transição**, de como se dá a transição entre um estado de língua e outro. Vale ressaltar que se concebe que a língua nesse estágio (de transição) possui uma menor sistematicidade, uma vez que os falantes da comunidade alternam no uso de uma ou de outra variante, porém sem problemas de comunicação e sem notar que a língua está mudando. Para identificarmos o ponto de transição da variável, seria necessária uma *análise em tempo real* para rastrear regularidades de uso das variantes subjuntivo e indicativo que indicassem que uma estivesse sobrepujando a outra, e, assim, conhecer como se daria a implementação da mudança na comunidade de fala.

Não pudemos, devido a emprendermos apenas uma análise em tempo aparente, fazer o devido encaixamento histórico da variável, mas sim nos debruçamos a buscar o encaixamento linguístico e social da variável na sincronia em foco. Como exemplo de *encaixamento linguístico*, observamos que quando o falante constrói seu enunciado pondo o verbo antes do modalizador de dúvida a consequência é que o verbo apareça no indicativo e que quando vem imediatamente depois do modalizador de dúvida há tendência à ocorrência do subjuntivo. Na sequência, como exemplo de *encaixamento social*, se observa que na comunidade de fala em foco as pessoas com menor escolaridade tendem a usar menos a variante conservadora, supomos que devido à sua maior complexidade estrutural e que os homens tendem a usar mais a variante subjuntivo que as mulheres.

Considerando o **problema dos fatores condicionadores da mudança**, nos propomos a identificar quais os fatores que condicionam a alternância subjuntivo/indicativo e, assim, descrever essa variável linguística nessa comunidade de fala. Para identificarmos os fatores condicionadores que favorecem a forma conservadora ou a inovadora elencamos por hipótese, entre outras variáveis independentes: a modalidade, tipo de item dubitativo, tempo verbal<sup>52</sup>.

Por último, quanto ao **problema da avaliação**, não foi levantada nessa pesquisa nenhuma proposta de avaliar a posição dos falantes dessa comunidade com relação às variantes em competição devido ao fato de usarmos *corpus* já existente.

---

<sup>52</sup> Para maiores detalhes ver subseção de *Metodologia 6.3.2.4 Envelope de variação* mais adiante

### 4.3 Funcionalismo: Algumas considerações

Expomos essa seção sobre os pressupostos do Funcionalismo Linguístico como introdução uma vez que nos valeremos de alguns conceitos desta escola, especialmente em se tratando da modalidade. Ademais, vemos entre essa e a Sociolinguística Variacionista uma convergência no que toca à perspectiva da língua como um sistema heterogêneo e sujeita às pressões do uso. Pareceu-nos oportuna, para ilustrar essa concepção de língua que concebe a variação e mudança, esta afirmação de Cunha *et al.* (2003, p. 29):

Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema.

Essa passagem, a nosso ver, ilustra bem uma correlação entre os pressupostos funcionalistas e os pressupostos da Sociolinguística Variacionista.

Há, como seccionam os estudiosos da linguagem, entre eles Moura Neves (1997), duas grandes vertentes que se encarregam do estudo da linguagem, em especial das línguas naturais, o polo formalista (doravante PFO) e o funcionalista (doravante PFU). Uma se voltará mais para a *langue*, priorizando a estrutura, o polo formalista e a outra mais para a *parole*, o uso efetivo na comunicação, a língua em uso, atualizada, o polo funcionalista.

Os primeiros esboços de uma teoria funcionalista da linguagem surgiram no *Círculo Linguístico de Praga* (doravante CLP), com expoentes como Jakobson e Trubetzkoy, cujos pressupostos originaram e influenciaram as escolas nomeadas hoje funcionalistas. Como nos relata Neves (1997), para os estudiosos do CLP a linguagem permite ao homem, acima de tudo, reação e referência à realidade extralinguística. Na abordagem da Escola de Praga se prioriza a língua em uso, a fala, os enunciados são vistos não somente como um conjunto de relações de elementos linguísticos hierarquizados mantendo relações estruturais entre si, mas também como fruto do contexto, seja verbal ou não-verbal. Trataram a língua diferentemente dos estruturalistas a partir de Saussure que não expuseram uma preocupação inicial de explicar a *parole*, a efetivação concreta da língua sujeita às variações, mas sim somente um sistema abstrato e suas relações, tratando a língua como uma estrutura autônoma e estática, passível de ser idealmente formalizada e de se mensurar previsivelmente sua codificação. Para destacar a sua importância no âmbito do

Funcionalismo como ponto em comum, entre as diversas tendências, consideramos relevante a consideração de Neves (1997, p.16 - 17):

Os mais representativos desenvolvimentos da visão funcionalista da linguagem são comumente relacionados às concepções da Escola Linguística de Praga. O primeiro ponto de contato sempre apontado é uma rejeição da distinção - que está na base da dicotomia chomskyana – entre competência e atuação, rejeição que (...) é facilmente rastreável nos modelos de Halliday e Dik [...] Halliday também se aproxima da Escola Linguística de Praga[...] ao considerar a existência de estratos na linguagem com a fonologia na base e a semântica no topo intermediadas pelo léxico e sintaxe[...] Finalmente, como os linguistas de Praga, Halliday e Dik buscam construir a teoria no interior do próprio sistema, o que revela, fundamentalmente, uma consideração funcional da própria natureza da linguagem.

E sobre a abordagem da Escola de Praga a autora assevera: “A abordagem da Escola de Praga é caracterizada como um estruturalismo funcional; é do domínio comum (...) de que a língua é um sistema funcional, no qual aparecem, lado a lado, o estrutural (sistêmico) e o funcional” (NEVES, 1997, p.17).

Não nos debruçaremos sobre os postulados da Escola Linguística de Praga, somente desejamos pincelar sua importância, por representar um emblema prototípico, um marco inicial a partir do qual se desdobraram as várias abordagens funcionalistas da linguagem. Essas têm em comum a visão da língua vista como mecanismo de efetivação da comunicação, uma ferramenta para servir a um propósito.

Sendo a comunicação interpessoal e vivendo o homem em sociedade, a língua é uma representação convencional da realidade e serve ao propósito comunicativo, ou seja, cumpre as **metafunções ideacional e interpessoal** (HALLIDAY, 1973), e está, portanto, sujeita às pressões do uso e do meio social. Por conseguinte, uma abordagem funcional considera a **competência comunicativa**, termo cunhado por Hymes (1974), quem sugeria modificar o processo tradicional de descrição gramatical puramente estrutural, acrescentando a descrição das regras para o uso social apropriado da linguagem. Acerca do qual diz Moura Neves (1997, p. 15):

Quando se diz que a gramática funcional considera a **competência comunicativa**, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. [grifos nossos]

Todas as abordagens funcionalistas preveem a constatação de como se processa a comunicação linguística, de como se dá de forma satisfatória a comunicação interpessoal entre os usuários. A língua se impõe como um instrumento de comunicação, cuja estrutura gramatical é analisada na situação comunicativa: o propósito do evento de fala, os participantes e o contexto discursivo. Oportunamente, evocamos a noção de *gramática*

*emergente* cunhado por Hopper (1987), embora considerado um modelo radical de gramática, segundo Givón (2001 *apud* NOGUEIRA, 2006), sendo a gramática o conjunto de mecanismos distribuídos em vários níveis, sendo o pragmático o que prevalece na hierarquia, (modelo *top down*) que se interrelacionam e que operam o sistema linguístico durante a interação comunicativa síncrona. Esta é fomentada por processos cognitivos que se baseiam em experiências anteriores armazenadas que se atualizam e se adaptam a cada situação comunicativa de acordo com o contexto situacional, considerando onde, quando, para quem se fala e sobre o que se fala. A este ponto sobre o conceito de gramática, acrescentamos as palavras de Martins (2007) ao resenhar o conceito proposto por Hopper (1987):

Basicamente, Hopper nega a imagem da língua como um sistema abstracto, fixo, pré-discursivo, sustentado por um conjunto fechado de regras, que deixe a descoberto ocorrências desviantes.

[...] a **gramática é inteiramente fundada no discurso** e corresponde a uma organização cognitiva apurada a partir de experiências passadas de activação discursiva individuais de cada sujeito falante. Nesta medida, aquilo que os falantes accionam cognitivamente quando falam não é um conjunto fixo de postulados, mas apenas experiências passadas de uso de certas construções, a que acresce a avaliação/ponderação do contexto interactivo, com especial enfoque na imagem do interlocutor. A capacidade cognitiva dos falantes permite-lhes, então, a partir dos eventos discursivos, categorizar e classificar similaridades e diferenças. [...] [grifos nossos].

A autora descreve detalhadamente o conceito de “**emergente**” empregado por Hopper na sua concepção de gramática:

O adjectivo "emergente" da designação "gramática emergente" capta o carácter provisório, transitório, fluido da estrutura da língua, sempre adiada, sempre negociável na interacção real, cujo processo de formação nunca está acabado. Há sempre conjuntos e subconjuntos de activação de formas e de expressões recorrentes que estão em constante processo de inovação e alargamento e, concomitantemente, estão a fazer rear e contrair outros usos e práticas. A gramática é vista assim como um fenómeno social, tal como o discurso. (MARTINS, 2007)

Acerca da consideração de Givón (2001) sobre a concepção de *gramática emergente*, Nogueira (2006) nos expõe que o autor considera uma posição radical, como se a estrutura estivesse sempre passível à mudança. Ainda segundo Nogueira, para o autor, há uma posição intermediária em que o sistema tem uma gramática não totalmente mutável, mas sim, adaptável. Quanto a isso nos expõe Nogueira (2006, p. 30):

Criticando tanto a visão de Chomsky de gramática como um algoritmo, quanto a de Paul Hopper, de gramática emergente, totalmente flexível, sempre negociada e completamente dependente do contexto comunicativo, Givón (2001) defende uma posição intermediária, ao reconhecer que a gramática é um instrumento discretizante, categorizador por excelência (e, como código, é mais abstrato do que o que codifica), mas que isso não deve nos cegar para o fato de que a gramática raramente tem 100% de dominância em uma regra. A flexibilidade residual, a gradualidade e a variabilidade da gramática são motivadas de maneira adaptativa.

Quanto a essas concepções de gramática e, conseqüentemente, de língua, como sistema heterogêneo e adaptável e que serve à comunicação, entendemos que há convergência entre as teorias funcionalistas, ao se reconhecer a instabilidade da língua e sua interdependência ao contexto situacional, tanto por seu caráter funcional quanto por seu caráter dinâmico. Reconhecemos a língua como funcional, pois os diversos propósitos comunicativos são realizáveis porque se valem da pluralidade do sistema da língua; e dinâmica, uma vez que não há uma relação uniforme entre forma e função, mas sim uma instabilidade que é prevista no sistema, instabilidade essa gerada pela própria natureza comunicativa da linguagem, não podendo ser entendida sem referência a parâmetros, tais como, interação social e cultural, mudança e variação linguísticas, havendo diversas motivações responsáveis pelo constante desenvolvimento da linguagem. Logo, podemos dizer que o sistema se atualiza no uso, e a gramática, aqui é vista como um conjunto de regras e categorias flexíveis, não-discretas, inerentes ao sistema linguístico.

Por conseguinte, concebemos uma **gramática adaptativa** que permite o estudo da variável linguística ora em foco. Como aponta Givón, a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática. Assim, consideramos a alternância subjuntivo/indicativo em orações independentes dubitativas uma possibilidade disponibilizada por este caráter adaptável, dinâmico, negociável, heterogêneo da língua.

Considerando também contribuições da Linguística Cognitivo-Funcional concebemos que a mente humana é categorizadora por excelência, processo que reflete aspectos cognitivos, linguísticos e socioculturais (MARTELLOTA, 2011). Nesse sentido, os modos verbais e os modalizadores possuem valores convencionados pelo uso, ou seja, a norma da comunidade (COSERIU, 1967), baseada em padrões de conhecimento e crença compartilhados. Segundo Martellota (2011, p.56) os eventos de uso:

São cruciais para a continuidade da estruturação do sistema, já que não representam apenas o produto do sistema linguístico do falante, mas fornecem o *input* para os sistemas de outros falantes [...] Todo esse mecanismo, veiculado pelo uso, ocasiona reanálises, analogias e outros processos que implicam alterações e extensões no emprego das expressões linguísticas. Os novos usos provenientes desses processos podem ter sua frequência aumentada, a ponto de transcender os limites do ambiente comunicativo em que são empregados, sendo assim incorporados ao sistema.

Desse modo, concebemos que os falantes da comunidade em foco, de forma criativa, partindo dos significados convencionados dos modos verbais e dos modalizadores, criam e atribuem interpretações de sentidos diferentes na combinação desses itens nos

enunciados dubitativos, codificando um *continuum* da certeza epistêmica atendendo a diferentes propósitos comunicativos.

Destacamos, outrossim, a importância do reconhecimento do conceito de *competência pragmática* inerente ao modelo funcionalista no entendimento do fenômeno linguístico e da inserção do componente pragmático na análise linguística associado aos componentes morfossintático e sintático-semântico. Com a consideração do componente pragmático em nossa análise, buscamos entender o fenômeno variável em foco, uma vez que através dele se busca explicar como os falantes são capazes de entender uma expressão não-literalmente. No caso dos enunciados dubitativos, buscamos entender o que eles podem significar além do valor discreto dos itens que os compõem e, também, por supomos que em enunciados dubitativos o falante se vale de estratégias distintas para dizer algo, muitas vezes encobrando seu verdadeiro julgamento sobre o *dictum*. Dito de outra forma, valendo-nos do componente pragmático na análise, fazemos as inferências necessárias para chegar ao sentido dos enunciados, considerando a distinção entre *significação* e *sentido*.

Nesta pesquisa, embora assumamos uma orientação predominantemente de cunho sociolinguístico, buscar-se-á tecer considerações acerca do caráter inerentemente dinâmico da língua a partir da análise de fenômeno de variação, valendo-nos também de conceitos tomados do paradigma funcionalista: *modalidade*, *iconicidade* e *marcação* e concebendo essa convergência na consideração do caráter inerentemente dinâmico da língua, flexível e adaptável e privilegiando a análise da língua em uso, onde se enquadra o estudo da variação e mudança linguísticas.

#### **4.3.1 Iconicidade**

Consideramos o princípio da *iconicidade* (GIVÓN, 1984, 1991) relevante para compreensão de fenômenos de variação que envolvem a seleção por parte do falante de itens linguísticos com significados semelhantes, cumprindo a mesma função gramatical, com o mesmo valor de verdade, uma vez que na seleção linguística, a partir desse princípio, há subprincípios que explicam a não-arbitrariedade da seleção do item linguístico. Antes, preveem regularidades e tendências que nos ajudam a compreender a variável linguística em estudo.

Segundo este princípio, o plano da expressão tende a refletir aspectos cognitivos do plano do conteúdo demonstrando, paralelamente à aparente arbitrariedade, motivações de ordem morfológica, fonológica e semântica. Os subprincípios icônicos a saber são:

*i) quantidade de informação:* quanto maior a quantidade de informação maior será a quantidade de forma de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa;

*ii) integração dos constituintes da expressão:* este prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação, *i.e.*, se mentalmente junto, sintaticamente junto. Nesse sentido, se entende que se houver muita informação entre dois pontos no eixo do plano do conteúdo, tenderá a haver discrepâncias formais no plano da expressão, como por exemplo, a alternância subjuntivo/indicativo. Se o indivíduo tem uma incerteza bem saliente no plano mental, certamente o advérbio de dúvida tende a ficar mais próximo da forma verbal, e sendo esta prototipicamente o subjuntivo. Também é chamado de princípio da proximidade;

*iii) ordenação linear dos segmentos:* nos diz que a informação mais importante para o enunciador tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante. Este subprincípio também pode se associar à sequenciação temporal dos fatos: a ordenação linear mental dos fatos que ocorrem tende a ser codificada no plano da expressão na mesma ordem. (MARTELLOTA *et al.*, 2003, p. 29 a 34).

Ao tratarmos da variável independente *posição e distância da forma verbal em relação ao item dubitativo*, consideramos o subprincípio da integração supondo que a forma subjuntiva seja preterida nos casos em que haja uma distância maior entre a forma verbal e o modalizador de dúvida, refletindo, assim, uma maior distância no plano do conteúdo.

#### 4.3.2 Marcação

Outro princípio importantíssimo para a nossa pesquisa é o princípio da marcação, herança da Escola de Praga. De acordo com este princípio, nos é possível, a partir dos critérios listados abaixo, estabelecer correlações entre a estrutura e codificação no campo da expressão e a carga cognitiva representada pela forma. Assim, de acordo com Givón (1990; 1991; 1995; 2001) e Martellota *et al.* (2003, p. 34-36), se estabelecem quais formas são marcadas e quais não são de acordo com os critérios:

*i) Complexidade estrutural:* a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;

*ii) Distribuição de frequência:* a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente;

*iii) Complexidade cognitiva:* a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

Seguindo esse conceito, concebemos o subjuntivo como a forma marcada, por ser um paradigma morfofonológico mais elaborado estruturalmente e que requer mais esforço de processamento por ser o paradigma menos frequente e de uso mais restrito. O uso deste conceito nos ajudou a esboçar hipóteses e a criar alguns grupos de fatores a serem testados sobre o que possivelmente condiciona a alternância subjuntivo/indicativo em enunciados dubitativos no presente estudo. Entre elas, esperamos verificar se as pessoas gramaticais de primeira e terceira pessoas, por serem mais recorrentes na fala, têm o caráter de não-marcadas, da mesma forma que o indicativo é considerado a forma não-marcada em relação ao subjuntivo. E, portanto, acreditamos que seja mais comum a troca da forma subjuntiva pela forma indicativa quando se trate de primeira e terceira pessoa gramaticais.

Ademais, outra hipótese que se embasa no princípio da marcação está relacionada ao padrão morfofonológico dos verbos. Testamos se as formas verbais irregulares, que são mais complexas estruturalmente e cognitivamente por sofrerem mudanças na estrutura da palavra e por fugirem do paradigma da conjugação verbal em que se enquadram, logo, são as formas marcadas, conservam mais a forma subjuntiva.

### **4.3.3 Modalidade**

Trazemos estas considerações que ora se iniciam sobre modalidade, dado o seu tratamento como um grupo de fatores condicionadores sobre a variável linguística em foco, bem como para distingui-la da categoria modo verbal. Assim, se concebe o componente pragmático-discursivo na análise do fenômeno.

Tradicionalmente, a gramática normativa alia a modalidade, embora não use esse termo, ao modo, baseada geralmente em conceitos semânticos, nocionais pré-determinados e prescritivos, sem consensualidade. Resultam, assim, uma definição dos modos verbais sem um critério bem delineado e o não reconhecimento da modalidade como categoria independente, subjacente e apreensível no nível discursivo-pragmático.

O Funcionalismo Linguístico, diferentemente da GT e com outra perspectiva de gramática e de análise da língua, privilegia a modalidade centrada no falante, externa ao *dictum* (GIVÓN, 2001). Valendo-nos dos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, que concebe o sistema linguístico como um sistema de níveis interrelacionados e

interdependentes no qual a pragmática é o mais abrangente, acrescentamos esse componente discursivo-pragmático (a modalidade) à nossa pesquisa como um dos fatores condicionadores relevantes na variável subjuntivo/indicativo. Ademais, propomos identificar a modalidade na construção linguística, assim como Pimpão (1999, p.51), concebendo-a deslocada do paradigma morfofonológico verbal declara:

Reconhecemos a postura tradicional que prescreve o modo verbal como uma categoria gramatical, e propomos identificar a modalidade na construção linguística e não mais reconhecê-la gramaticalmente associada ao verbo. Não pretendemos destituir o modo verbal de seus valores nocionais, mas sim deslocá-los do sistema verbal. (p.48-49).[...] Consideraremos o uso das categorias de modalidade e de tempo do sistema TAM nos dois eixos da gramática: semântica proposicional e **discurso multiproposicional** [grifos nossos].

Supomos que o entendimento da categoria modalidade como grupo de fatores aliada às demais variáveis (linguísticas e extralinguísticas) será fundamental na descrição e análise do fenômeno da variação em destaque. E sua inferência será realizada a partir do contexto discursivo mais amplo, uma análise multiproposicional, apreensível não apenas na oração em que se insere o predicado.

Delineando brevemente o tratamento da modalidade dado pela abordagem funcionalista, veremos que, da mesma forma que na tradição normativa há uma certa variedade na definição de modo, há uma diversidade no tratamento dado à modalidade pelos funcionalistas. Veremos abaixo algumas definições. Começamos com três noções de modalidade discutidas por Kiefer (1987, *apud* NEVES, 2006, p. 158 e 159):

[...] *i*) expressão de possibilidade e de necessidade (alética / epistêmica / deôntica); *ii*) expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva); *iii*) expressão de atitudes do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas)[...]

Na terceira classe se tem a noção mais estrita de modalidade, ou seja, fora da proposição e centrada no falante, no ato de fala, externa ao *dictum*.

Dentre as divergências na classificação e delimitação dos tipos de modalidade nos pareceram mais esclarecedoras as definições de Klinge (1996) e Givón (1995; 2001). O primeiro sugere uma classificação mais geral entre epistêmica e não epistêmicas, sendo esta subclassificada em raiz deôntica e dinâmica. Por sua vez, Givón concebe que os julgamentos do falante podem ser de caráter epistêmico ou deôntico (2001, p. 300). Nossa atenção se voltará para a modalidade epistêmica, aquela que constitui a qualificação do falante sobre um certo estado-de-coisas em termos das chances de que tenha ocorrido, esteja ocorrendo ou ocorra em um mundo possível (NUYTS, 1993 *apud* NEVES, 2006, p.163).

Apoiaremos-nos em particular na concepção do Funcionalismo Linguístico norte-americano de Givón (1995; 2001). O autor insere à concepção das modalidades herdada da tradição aristotélica o componente pragmático. Nessa classificação, o valor de verdade da proposição não é o fator preponderante, mas sim o julgamento e a avaliação do falante, tendo em conta o papel deste e do interlocutor na interação comunicativa. Como se observa na reformulação comunicativa das submodalidades epistêmicas quando em *realis* e *irrealis* são definidos em termos cognitivo e comunicativo:

Um legado infeliz da tradição lógica é a definição do contraste entre *realis* e *irrealis* como um contraste entre, respectivamente, os eventos reais e irrealis; isto é, afirmações com ou sem valor de verdade, respectivamente. Quando *realis* e *irrealis* são definidos em termos cognitivos e comunicativos, o foco do contraste muda em dois aspectos importantes: i) cognitivamente: a partir de questões de lógica a questões de certeza subjetiva; ii) comunicativamente: da semântica orientada para o falante para a interação pragmática, envolvendo negociação social entre falante e ouvinte (GIVÓN, 2001, p.302)<sup>53</sup>.

Nesse sentido, conforme apontado por Givón, não se trata apenas do valor semântico do conteúdo proposicional e da atitude do falante isoladamente, mas sim contemplando sua atitude valorativa nessa intrincada relação na interação comunicativa.

Portanto, baseado em Ackrill (1963) e Carnap (1947), Givón faz a inserção do componente pragmático correlacionado à concepção filosófica aristotélica da modalidade, conforme quadro:

### Quadro 3 – Modalidades epistêmicas.

tradição lógica	equivalente comunicativo
a. verdade necessária	pressuposição (fato)
b. verdade factual	asserção <i>realis</i> (fato)
c. verdade possível	asserção <i>irrealis</i> (não-fato)
d. não-verdade	asserção negativa (não-fato)

Fonte: Givón, 2001, p.301

<sup>53</sup> One unfortunate legacy of the logical tradition is the definition of the contrast between *realis* and *irrealis* as a contrast between, respectively, *real* and *unreal* events; that is, assertions with or without *truth value*, respectively. When *realis* and *irrealis* are defined in cognitive and communicative terms, the focus of the contrast shifts in two important ways: i) *cognitively*: from matters of logical to matters of subjective certainty; ii) *communicatively*: from speaker-oriented *semantics* to interactive *pragmatics*, involving social negotiation between speaker and hearer.

Como se observa acima, Givón atribui à classificação legada pela tradição lógica uma classificação em que se insere o componente comunicativo, ou seja, a perspectiva do falante e do ouvinte com relação ao conteúdo veiculado e não apenas tratando este conteúdo em termos de verdade ou não-verdade de sua realização efetivamente.

O autor sugere uma classificação considerando a factualidade como aspecto mais abrangente seguindo uma classificação hierárquica a qual esboçamos abaixo:

**Quadro 4 – Hierarquia das modalidades.**

Supermodalidades =>	Modalidade	=>	Submodalidades
Fato	Pressuposição e realis		
Não fato	Irrealis		Epistêmico e Deontico
	Negação		

Nessa perspectiva em que se reconhece o componente pragmático-discursivo que concebe a interferência das relações entre falante-ouvinte que se instauram no contrato comunicativo na produção da mensagem, as modalidades são assim definidas: *i) pressuposição*: a proposição é verdadeira por definição ou por concordância prévia; *ii) asserção real*: proposição é fortemente asseverada como verdadeira; *iii) asserção irreal*: a proposição é fracamente asseverada como possível, provável ou incerta; *iv) asserção negativa/contrafactual*: proposição é fortemente asseverada como falsa.

Resumindo o tratamento dado à modalidade, Neves (2006, p.164) define os tipos de modalidade, de forma satisfatória, como se expõe no trecho a seguir:

Diferentes graus de modalidade também são reconhecidos tradicionalmente (...) em particular os pares: possibilidade / permissão e necessidade / obrigação (PALMER, 1990), aos quais acrescentam-se habilidade, volição, intenção e predição (KLINGE, 1996, p.36). Necessário e possível são graus ligados à crença do falante na verdade da proposição, e, portanto à **modalidade epistêmica**; obrigatório e permitido são graus ligados ao modo como um ato se circunscreve social ou legalmente, e, portanto à **modalidade deontica**. À modalidade dinâmica, também chamada disposicional (...) ligam-se os demais graus, habilidade, volição, intenção e predição. [grifos nossos].

Concordamos com Pimpão (1999) que nos expõe, baseada em Bybee e Fleishmann (1995) e Givón (1995): “A base funcional da distinção pressuposição/realis/irrealis está no julgamento que o indivíduo atribui à realidade. Um grande número de línguas naturais parece classificar os eventos, ações e estados como

atualizados, já ocorridos e que ainda estão ocorrendo por oposição aos não-realizados, potenciais.”

Portanto, acreditamos que para o presente trabalho de análise da variável linguística subjuntivo/indicativo em orações independentes dubitativas, na qual inserimos o componente pragmático, se faz necessária a consideração da concepção de modalidade descolada da categoria gramatical modo, logo, a modalidade não é veiculada exclusivamente por essa. Ademais, a concepção tradicional dos modos verbais que congrega a modalidade como diretamente relacionada à codificação morfológica dos verbos não contempla satisfatoriamente a variação.

Nesse sentido, a interação comunicativa é dinâmica e emergente e visa a um determinado objetivo. Com isso, em dada situação comunicativa, a modalidade, *i.e.*, a atitude valorativa do falante diante do *dictum*, pode ser impressa no enunciado através de diferentes estratégias comunicativas de acordo com seu objetivo e isso incide diretamente sobre a produção linguística do falante, incluindo a seleção do modo verbal. Prevemos que em orações independentes dubitativas haja essa interferência pragmático-discursiva da modalidade na seleção do modo verbal.

Portanto, a alternância subjuntivo/indicativo estaria sujeita a fatores externos à estrutura linguística onde o falante assume um posicionamento de valoração ativo diante do que veicula. Oportunamente quanto a isso Pimpão (1999, p. 51) nos expõe:

O falante não permanece indiferente à informação veiculada, mas se coloca na proposição mediante avaliações estabelecidas em graus de crença e em graus de obrigação. Esse posicionamento acrescido à informação proposicional perpassa o complexo domínio TAM, instaurando-se no âmbito da modalidade pressuposição ou *realis* ou *irrealis*.

Acreditamos que, consoante à premissa de Givón, é necessário conhecer primeiro o *irrealis* para conhecer o subjuntivo. Para o autor, o subjuntivo é um subconjunto do *irrealis* (GIVÓN, 1995), uma vez que a modalidade *irrealis* é a modalidade correlata a noções de futuridade, de incerteza, de habitualidade, de hipótese, de condição, de dúvida, conjectura, suposição (são essas as noções atribuídas ao subjuntivo). Sob a modalidade *irrealis*, o fraco fornecimento de evidências acerca do que é dito pelo falante acentua as chances do ouvinte em desafiar, em refutar o conteúdo dessa mensagem.

Conforme Givón (1995), o *irrealis* instaura-se no discurso mediante determinadas estratégias linguísticas cujos contextos gramaticais tendem a favorecer o emprego do modo subjuntivo. Ou seja, a modalidade não se depreende apenas das formas verbais, mas sim de

várias outras estratégias linguísticas de codificação, substantivos, adjetivos, advérbios<sup>54</sup>. Vários estudos já enveredaram na análise das orações subordinadas, contexto prototipicamente considerado como favorecedor do subjuntivo. Em nosso caso, analisamos o contexto gramatical instaurado pelos advérbios e locuções adverbiais de dúvida (aqui chamados modalizadores epistêmicos ou itens dubitativos) em orações independentes, contexto que se julga, *a priori*, favorecedor do *irrealis* e conseqüentemente do subjuntivo.

Supomos que o entendimento da categoria modalidade como grupo de fatores aliada às demais variáveis (linguísticas e extralinguísticas) será fundamental na descrição e análise do fenômeno da variação.

Logo abaixo, discutimos o valor escalar da modalidade *irrealis* inerente aos enunciados dubitativos. Essa concepção de um *continuum* na valoração epistêmica do falante é imprescindível para o entendimento das hipóteses que deram origem aos grupos de fatores *modalidade irrealis* e *item dubitativo*. Veja-se também, mais adiante, a subseção 6.5, *Aferição da Modalidade Irrealis*, para maiores detalhes sobre como chegar a esses valores escalares previstos.

#### **4.3.3.1 A identidade gradativa do epistêmico irrealis**

Trazemos nesta seção uma exposição sobre a modalidade epistêmica *irrealis* de forma a aclarar a motivação de tê-la tomado como um dos grupos de fatores em nossa análise, bem como uma discussão sobre a validade de ela ser usada como uma variável independente nessa pesquisa fundamentada no arcabouço teórico funcionalista.

Ao nos propormos a tarefa de analisar a alternância das formas verbais em orações independentes dubitativas na codificação da valoração epistêmica do falante, nos deparamos com um questionamento inquietante: “*o falante, categoricamente, possui dúvida, incerteza sobre o dictum nessas construções?*” Se a resposta for positiva, estará conforme com o que prescreve a norma gramatical de que em enunciados sob escopo de advérbios de dúvida o conteúdo proposicional codifica as noções semânticas de incerteza, dúvida, hipótese etc. Ao revés, se não, necessariamente teríamos de considerar na análise o componente pragmático-discursivo que privilegia a interação falante-ouvinte e que a “proximidade proporcionada pelo fluxo conversacional na atividade comunicativa, distancia o falante do comprometimento com

---

<sup>54</sup> a) Pimpão (1999) em seu trabalho já se atinha a isso, considerando o caráter multiproposicional do discurso e prevendo em sua hierarquia os níveis da *semântica lexical*, *semântica proposicional* e o *nível pragmático-discursivo*. b) Para verificar as várias formas de codificação da modalidade conferir Neves (2006, p. 167 – 169).

a informação proposicional, minimizando os efeitos da subordinação característica do nível sintático-semântico” (PIMPÃO, 1999, p.113), onde teríamos contexto propício à alternância.

Nessa perspectiva, acreditamos que o falante, visando a um dado objetivo comunicativo e considerando a informação pragmática do seu ouvinte, pode valer-se de: estratégias que rompem com os paradigmas de uso da norma instituída de ordem sintático-semântica com vistas a causar um efeito em sua mensagem, prevendo certa recepção do ouvinte; uma estratégia discursiva para enfatizar um elemento na construção, bem como enfatizar uma dada função.

Nesse sentido, considerando a competência pragmática do falante e segundo o *princípio da polidez* de Brown e Levinson (1987), pode-se sugerir que os enunciados dubitativos sejam construídos como estratégia que visa à harmonia na interação, de atenuação sobre o *dictum*, de distanciamento da responsabilidade sobre o *dictum*, de modéstia, de *preservação da face* do ouvinte, etc., sem que necessariamente implique que o falante tenha incerteza, dúvida quanto ao conteúdo proposicional sob escopo dos advérbios modalizadores.

Dessa forma, estaria em conformidade com a proposta de Givón (1995, 2001) em assentar as bases da modalidade em moldes comunicativos acerca do julgamento do falante e do ouvinte, pois teríamos, nitidamente no caso dos advérbios de dúvida, o descolamento entre as noções semânticas prototipicamente veiculadas por esses advérbios e a atitude valorativa do falante.

Essa afirmativa é coerente com o exposto, pois mesmo que o falante não tenha dúvida, incerteza sobre o que diz, ele assim o transmite ao ouvinte. Nesse sentido, para atingir dado efeito no ouvinte faz uso dos modalizadores com os quais demonstra não possuir evidências, convicção, devido à escolha de expressar-se usando os modalizadores de dúvida. O ouvinte poderá, ou prever essa estratégia do falante se a informação for inferível ou pressuposta (um exemplo prototípico, a ironia), ou, dada a fraca asserção, transmitida como incerta, possível, duvidosa, refutar, desafiar a veracidade do conteúdo proposicional veiculado. Esse desafio é até esperado pelo falante.

A partir do questionamento inicial exposto acima, surgiram alguns desdobramentos em nossas considerações: **1)** Os enunciados com advérbios de dúvida possuem, todos eles, a modalidade *irrealis* subjacente, ou seja, todos são classificados como *irrealis*? **2)** Nesses enunciados, tanto a seleção dos advérbios de dúvida quanto das formas verbais estariam relacionadas a um grau escalar de certeza epistêmica do falante? **3)** Concebendo esse *continuum* da atitude valorativa do falante em enunciados dubitativos, seria mais prudente falarmos em um *continuum* do *irrealis* ou em um *continuum* circunscrito na

interface *realis-irrealis* já que se supõe uma oscilação do polo de certeza à incerteza? **4)** Se há *irrealis* subjacente à proposição sempre haverá valor de incerteza no julgamento do falante?

Buscamos orientar-nos na proposta de Givón sobre modalidade epistêmica vinculada ao contexto comunicativo. Podemos ver a representação da interação comunicativa nesse esquema representativo exposto em Pimpão (1999, p. 53):

O processo cognitivo desencadeado entre os participantes do ato comunicativo configura-se em um processo bi-direcional, perpassando: **intenção comunicativa** => **estratégias linguísticas** (falante) e **estratégias linguísticas** => **intenção comunicativa** (ouvinte).

Considerando-a na análise em enunciados dubitativos, a proposta givoniana nos afirma que a modalidade epistêmica é um submodo de *irrealis* e que os advérbios modalizadores epistêmicos (em especial os de dúvida como *tal vez*) instauram o *irrealis* sobre conteúdo proposicional que esteja sob seu escopo (GIVÓN, 1995).

Seguindo a lógica da proposta do autor norte-americano, deduz-se que todos os enunciados dubitativos (assim considerados dada a presença de advérbios e locuções adverbiais de dúvida) são por excelência codificadores do *irrealis*, pois a presença dos advérbios de dúvida permitem ao ouvinte, como visto acima, uma inferência pragmática de baixa asserção, de dúvida, incerteza, e, assim, desafiar e questionar a verdade do que é dito. Desse modo, cremos haver respondido ao questionamento **1**.

Destarte, sabendo que o contexto situacional e as diversas situações de interação permitem ao falante, como já visto acima, fazendo uso de estratégias discursivas distintas, expressar diferentes graus de certeza em enunciados dubitativos. A esse caráter escalar dos graus de certeza em enunciados dubitativos, o consideramos um caráter escalar inerente do *irrealis* nessas proposições, nomeando-o **a identidade gradativa do *irrealis***. Cremos, assim, ter respondido à questão **3**. A questão **2** refere-se às hipóteses *i* e *ii* listadas acima em 2.1. Já quanto à questão **4**, já dissertamos acima que partimos do pressuposto de que em enunciados dubitativos, ou seja, inerentemente *irrealis*, há um grau escalar que oscila entre certeza e incerteza epistêmica, portanto, se *irrealis* não necessariamente há incerteza epistêmica.

Objetivamos, portanto, fazer uma satisfatória colaboração, um aporte aos estudos que tratam a variável em foco no que diz respeito à hipótese de que em orações dubitativas há um valor escalar do epistêmico *irrealis* e que os advérbios e locuções adverbiais dubitativos (*tal vez, a lo mejor, quizá(s), acaso, probablemente, posiblemente, seguramente*), assumindo a função de modalizador, seriam uns especializados a codificar *mais certeza* e outros *incerteza*. Por conseguinte, a modalidade não está exclusivamente presa às formas verbais, pois é

favorecida a alternância com o indicativo, onde se prevê dentro da tradição normativa a presença do subjuntivo, veiculando uma mensagem com o mesmo valor de verdade na interação comunicativa. Nesse sentido, na apreensão da modalidade se deve considerar o contexto, tanto discursivo (caráter multiproposicional) como extralinguístico (pragmático).

Em suma, neste capítulo elencamos os principais pontos da Sociolinguística Variacionista que norteia a nossa pesquisa ao conceber a variação como algo inerente ao sistema linguístico que nos permite, assim, sistematizar o estudo do fenômeno variável subjuntivo/indicativo. E também expusemos os conceitos do Funcionalismo Linguístico que nos dão subsídios para a análise dos resultados.

Passaremos, na próxima seção, a uma apreciação de trabalhos que versam sobre a variável em foco.

## 5 REVISÃO DA LITERATURA

Supomos que o presente estudo contribuirá com a literatura variacionista já existente sobre o fenômeno de variação subjuntivo/indicativo em línguas neolatinas, o qual já fora investigado por Poplack (1992) no francês do Canadá; Silva-Corvalán (1994) no espanhol de Los Angeles; Lastra y Butragueño (2012) no espanhol da Cidade do México; Silva (2009) no espanhol escrito de jornais de vários países *hispanohablantes*; Pimpão (1999) no português de Florianópolis; Fagundes (2007) no português da região Sul do Brasil. Destacamos o trabalho de Carvalho (2007) no português da região Nordeste do Brasil, o qual sugere uma resistência à substituição do subjuntivo pelo indicativo, e que o subjuntivo prevalece em dados contextos, contrariando o já observado em estudos sobre outras comunidades de fala.

Por conseguinte, expomos nesta seção considerações acerca de alguns dos trabalhos supracitados em língua espanhola e em língua portuguesa que tratam da variação subjuntivo/indicativo. Cremos que esses estudos nos deram subsídios para enriquecer a nossa pesquisa e robusteceram a comparação de resultados na análise, embora não se enquadrem necessariamente no mesmo envelope de variação, uma vez que até onde procuramos não conseguimos encontrar em nossa pesquisa bibliográfica estudos sobre a variável subjuntivo/indicativo em enunciados dubitativos de língua espanhola.

### 5.1 Lastra e Butragueño (2012)

Convém destacar que nesse estudo os autores não se valeram de uma análise multivariada própria da abordagem variacionista, pois não consideraram uma variável linguística delimitada, ao avaliar a “concorrência” entre as variantes subjuntivo e indicativo. Mas sim, somente, focaram em averiguar a frequência de ocorrência do subjuntivo e do indicativo em vários contextos linguísticos sem conceber um envelope de variação. O trabalho dos autores se propôs a estudar a vitalidade do subjuntivo na Cidade do México e a detectar as alternâncias motivadoras de variação com o indicativo de forma geral, sem um contexto linguístico delimitado como ora o fazemos.

Esse estudo é viável para uma comparação com nossa pesquisa da variação subjuntivo/indicativo por dois motivos: *i*) usaram a mesma amostra para a consideração do uso do subjuntivo considerando dados da fala coletados seguindo padrões labovianos e estratificados socialmente; *ii*) tomaram como hipóteses e consequente teste alguns grupos de

fatores semelhantemente por nós considerados: *tempo verbal, factualidade (modalidade) e probabilidade*. Dessa forma, poderemos comparar resultados e a metodologia utilizada pelos autores. As variáveis sociolinguísticas consideradas são: a procedência do dado, escolaridade, a idade e o gênero/sexo.

Em seu trabalho, os autores concluem que o subjuntivo está em plena vitalidade do ponto de vista quantitativo, quanto a sua frequência geral e à ocorrência de cada fator do grupo e, assim, atribuindo sua frequência absoluta. Os autores não se valem do instrumental de análise da pesquisa variacionista, não efetivam uma análise multivariada dos dados, somente averiguam a frequência de ocorrência.

Além disso, afirmam que os contextos sintáticos e semânticos são importantes para caracterizar o subjuntivo, e para expressar a alternância do subjuntivo com o indicativo é fundamental considerar a atuação de fatores condicionadores como *probabilidade, factualidade e assertividade* vistas em cada contexto específico.

Como já destacado acima, não foi empreendido um estudo da alternância subjuntivo/indicativo, como o que ora empreendemos, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Antes se pode dizer que os autores se propuseram a avaliar todas as ocorrências do subjuntivo da amostra em todos os contextos apresentados, para em seguida apontar as ocorrências por grupos de fatores e avaliar as frequências nesses contextos. Ou seja, fizeram um mapa de uso do subjuntivo considerando diversos contextos gramaticais e fatores sociais.

Para exemplificar, trazemos a seguir a síntese do resultado da ocorrência do subjuntivo em relação aos tempos verbais:

**Quadro 5 – Distribuição dos tempos verbais**

	F	%
Presente	783	67,3
Pretérito	277	23,8
Antepresente	35	03,0
Antepretérito	69	05,9

FONTE: Lastra e Butragueño, 2012, p.106

Os autores se detiveram em registrar dentro do universo da amostra a quantidade de ocorrências no modo subjuntivo de cada fator (F) e o seu valor percentual. Observa-se acima que o presente foi a forma mais produtiva com 783 ocorrências, no entanto, não se vale

de uma abordagem variacionista da variável subjuntivo/indicativo com vistas a apontar padrões de uso e o peso relativo de cada fator na variável dependente.

Com relação à **factualidade** ou não da sentença, que dialoga com a concepção da categoria modalidade relacionada à efetivação ou não no tempo, os resultados alinham-se à nossa expectativa do subjuntivo ser preferentemente encontrado em contexto não-factual, com 980 ocorrências e percentual de 84,2% contra 184 ocorrência como factual e percentual de 15,8%.

Os autores estabelecem a consideração do parâmetro **probabilidade** a fim de estabelecer os usos do subjuntivo. Os autores reconhecem a dificuldade na hora de apontar o grau de probabilidade subjacente à proposição e denotam que haja uma correlação entre o grau de probabilidade de ocorrência da proposição e o grau de evidencialidade do falante com o evento em questão.

Nossa proposta coincide nesse ponto com a dos autores, uma vez que concebemos um valor escalar da modalidade *irrealis* em enunciados dubitativos e que o grau de certeza do falante nesses enunciados incide na seleção do modo verbal. Na aferição da modalidade *irrealis*, em um dos parâmetros por nós estabelecidos, o de conhecimento, entra essa noção de considerar o evento com mais ou menos probabilidade. E concordamos com o que dizem a esse respeito:

A probabilidade de que a ação se realize é outro parâmetro interessante na hora de estabelecer os usos do subjuntivo, ainda que haja que dizer que existe uma ampla margem de incerteza na hora de atribuir a interpretação no processo de análise. [...] No geral, um dos principais subconjuntos de subjuntivos prováveis são todos ou quase todos os casos de caráter factual, onde a atribuição de probabilidade é até certo ponto trivial. Outro grupo interessante de realização provável são exemplos de presentes de subjuntivo que permitem uma interpretação de futuridade [...] Por outro lado, é claro também que o contexto é determinante na interpretação da probabilidade[...]<sup>55</sup> (LASTRA; BUTRAGUEÑO, 2012, p.118-19).

O resultado quanto à ocorrência de subjuntivo com o parâmetro **probabilidade** é o que esperávamos, sendo: improvável, 784 ocorrências, percentual: 67,4% e; provável, 380 ocorrências e frequência 32,6%. Portanto, quanto menos provável maior a ocorrência do subjuntivo.

---

<sup>55</sup> La probabilidad de que la acción se lleve a cabo es otro parámetro interesante a la hora de establecer los usos del subjuntivo, aunque hay que decir existe un amplio margen de incertidumbre a la hora de asignar la interpretación en el proceso de análisis. [...] En general, uno de los principales subconjuntos de subjuntivos probables son todos o casi todos los casos de carácter factual, donde la asignación de probabilidad es hasta cierto punto trivial. Otro grupo interesante de realización probable son ejemplos de presentes de subjuntivo que permiten una interpretación de futuridad [...] Por otro lado, es claro también que el contexto es determinante en la interpretación de la probabilidad[...]<sup>55</sup> (LASTRA; BUTRAGUEÑO, 2012, p.118-19).

Os autores tomam também o parâmetro **assertividade** da oração para averiguar o uso do subjuntivo considerando o sentido tradicional na teoria dos atos de fala, segundo a qual o *ato assertivo* assenta a afirmação vigorosa ou compromisso do falante com a realidade representada. Os resultados mostram 1128 ocorrências de subjuntivo com o traço sem assertividade, com 96,9%, e 36 ocorrências de subjuntivo com o traço assertividade, 3,1%.

Em nossa pesquisa, supomos que a alternância subjuntivo/indicativo em enunciados dubitativos está relacionada a essa atitude valorativa do falante frente ao *dictum* e que o uso do indicativo e dos modalizadores *seguramente* e *a lo mejor* demonstrariam um grau maior de certeza do falante <sup>56</sup>.

Finalmente, quanto às variáveis sociais, os autores concluem que existem certas associações que valem a pena explorar com mais detalhes: um maior uso entre as pessoas com mais estudos, entre os jovens e entre as mulheres.

## 5.2 DeMello (1995)

Neste trabalho, DeMello apresenta um estudo da alternância modal subjuntivo/indicativo em expressões, como ele julga, de possibilidade e de probabilidade relacionado às seguintes palavras e expressões: “*probablemente/posiblemente*”, “*a lo mejor/seguramente*”, “*ser posible/ probable que*”, “*acaso/quizá(s)/tal vez*”, e “*puede que/pueda (ser) que*” no espanhol falado culto. Para a nossa pesquisa, nos serão relevantes os resultados relacionados aos advérbios e locuções: *a lo mejor*, *acaso*, *tal vez*, *seguramente*, *posiblemente*, *probablemente*, *quizá(s)*.

A amostra é composta de todos os casos de uso dos itens dubitativos encontrados nos *corpora* compostos por entrevistas que seguiram orientação sociolinguística gravadas em doze cidades do mundo hispânico coletados desde o final da década de sessenta até princípios dos anos oitenta<sup>57</sup>. Com relação aos usos de *posiblemente* e *probablemente* o autor obteve os seguintes resultados:

<sup>56</sup> Silva-Corvalán (1994, p. 260 y ss.) fala de diferenças semântico-pragmáticas subjetivas por parte do falante, que em última instância parecem delimitar-se através de um traço [±assertivo] (in: LASTRA y BUTRAGUEÑO, 2012, p.122).

<sup>57</sup> O material que constitui o *corpus* do presente estudo faz parte do “Proyecto de estudio coordinado de la norma lingüística culta de las principales ciudades de Ibero América y Península Ibérica” Para uma história pormenorizada do projeto veja: *El estudio del español hablado culto*. México. UNAM. Lope Blanch (1986) Amostras coletadas nas cidades: Bogotá, Buenos Aires, Caracas, La Habana, La Paz, Lima, Madrid, México, San José (Costa Rica), San Juan de Puerto Rico, Santiago de Chile, y Sevilla.

**Quadro 6** – Alternância modal com “*Posiblemente*” e “*Probablemente*”

CIUDAD	POSIBLEMENTE		PROBABLEMENTE	
	IND.	SUBJ.	IND.	SUBJ.
BOGOTÁ	4	3	5	1
BS. AIRES	11	3	2	2
CARACAS	11	5	8	1
LA HABANA	2	0	0	0
LA PAZ	9	1	1	1
LIMA	4	2	4	0
MADRID	4	3	4	0
MÉXICO	5	1	7	4
SAN JOSÉ	6	1	1	0
SAN JUAN	4	2	6	4
SANTIAGO	9	5	3	1
SEVILLA	0	0	2	0
TOTAL	69 (73%)	26 (27%)	43 (75%)	14 (25%)

FONTE: DeMello, 1995, p.341

Para o autor, seus resultados corroboram com o que já fora exposto em Anadón (1979, p. 38-41)<sup>58</sup> indicando a preferência de uso junto ao indicativo com o percentual global de **73%** de indicativo para o *posiblemente* e de **75%** de indicativo para *probablemente*. Destaca que seus resultados confrontam com o que sugerem alguns estudiosos como Lope Blanch, que, embora assinale a alternância modal com *posiblemente* e *probablemente*, denota, ao expor primeiro a regência com subjuntivo, uma prevalência do subjuntivo:

A ideia de possibilidade e de probabilidade em orações independentes, introduzidas por um advérbio, pode expressar-se tanto em subjuntivo como em indicativo: “*posiblemente llueva*”, mas também “*Posiblemente lloverá*”; “*Probablemente lo haya terminado*”, como também “*Probablemente lo terminó (o ha terminado) ya*”<sup>59</sup> (DEMELLO, 1995, p.341).

Quanto à expressão *a lo mejor*, o autor a considera sinônimo de *probablemente*. Vemos aqui uma correlação coerente, pois o *a lo mejor* é uma forma gramaticalizada que guarda resquícios de sua forma fonte, um valor maior de certeza epistêmica. Decerto, ambas denotam maior certeza do que a possibilidade inerente de *posiblemente*. Logicamente, se esperaria que sendo sinônimo de *probablemente* houvesse um índice no mínimo moderado de alternância entre subjuntivo e indicativo, o que de fato não ocorreu. *A lo mejor* quase categoricamente selecionou o indicativo. Dentre as 228 orações com *a lo mejor* 226, ou seja,

<sup>58</sup> Anadón, “en una encuesta administrada a 245 estudiantes universitarios de cinco países hispanoamericanos (Panamá, Colombia, Ecuador, Perú y Chile), encuentra que tanto con *posiblemente* como con *probablemente* el hablante opta por la forma indicativa” (DeMello, 1995, p. 341).

<sup>59</sup> *La idea de posibilidad y de probabilidad en oraciones independientes, introducidas por un adverbio, puede expresarse tanto en subjuntivo como en indicativo: “posiblemente llueva”, pero también “Posiblemente lloverá”; “Probablemente lo haya terminado”, pero además “Probablemente lo terminó (o ha terminado) ya”* (LOPE BLANCH, 1986, apud DEMELLO, 1995, p.341)..

mais de 99% ocorrem com o indicativo. O resultado encontrado pelo autor corrobora com a nossa hipótese quanto a essa locução adverbial e está consoante com o que diz a GT espanhola, bem como o que fora proposto por Porto Dapena (1991, p.59) de ser o *a lo mejor* regente de indicativo. Bosque (1990, p.17, *apud* DEMELLO, 1995, p.342) de igual maneira considera o *a lo mejor* como sendo regente do indicativo:

As caracterizações mais intuitivas dos modos não se baseiam na estrutura sintática das orações... Na realidade, é muito simples construir sequências que transmitam os conteúdos habitualmente associados ao subjuntivo (incerteza, hipótese, eventualidade, prospecção, etc.) e que, no entanto, são para todo efeito agramaticais: “\**A lo mejor él sepa la verdad*”<sup>60</sup>.

Confirma-se também nossa hipótese em se tratando do advérbio *seguramente*. No trabalho de DeMello, das 94 ocorrências com *seguramente*, todas aparecem com o indicativo. O autor discorda da definição de Porto Dapena (1991, p.59) ao considerá-lo como sinônimo de *posiblemente* e concorda com a definição de Moliner (1967, p.1127, *apud* DEMELLO, 1995, p. 343) a qual também julgamos mais coerente:

No entanto, não me parece exata a descrição de “*seguramente*” como “sinônimo de ‘*posiblemente*’”, uma vez que, mais que possibilidade, implica grande probabilidade, tal como se vê na definição de “*seguramente*” dada por Moliner (1967: II: 1127): “Indica grande probabilidade, mesmo que não certeza, da coisa que se afirma: ‘*Seguramente se irá pronto*’”. Em meu *corpus* ocorrem 94 orações nas que “*seguramente*” modifica o verbo, sempre em indicativo, assim confirmando o que diz Porto Dapena do emprego exclusivo do indicativo com esta locução<sup>61</sup>.

Ao tratar do advérbio *tal vez*, o autor adverte sobre a manifesta expectativa de que esse advérbio se construa preferentemente com o subjuntivo. Cita Fernández e Feijó (1972, p. 58), pois os autores afirmam que o falante tem uma grande liberdade de escolha do modo verbal no uso com esse advérbio, embora considerem que haja uma preferência pelo subjuntivo. Parece-nos oportuna a exposição do autor sobre Gilli e Gaya (1964, p.112), segundo a qual existe uma escalaridade na valoração do indivíduo que é codificada nessa alternância:

O verbo pode achar-se em indicativo quando a dúvida se inclina à afirmação ou à negação. Entre as orações independentes: *tal vez lo conoces* y *tal vez lo conozcas*,

<sup>60</sup> *Las caracterizaciones más intuitivas de los modos no se basan en la estructura sintáctica de las oraciones... En realidad, es muy sencillo construir secuencias que transmitan los contenidos habitualmente asociados al subjuntivo (incertidumbre, hipótesis, eventualidad, especulación, etc.) y que sin embargo son a todas luces agramaticales: “\*A lo mejor él sepa la verdad.*

<sup>61</sup> *Sin embargo, no me parece exacta La descripción de “seguramente” como “sinónimo de ‘posiblemente’”, puesto que, más bien que posibilidad, implica gran probabilidad, tal como se ve en la definición de “seguramente” dada por Moliner (1967: II: 1127): “Indica gran probabilidad, aunque no seguridad, de la cosa que se afirma: ‘Seguramente se irá pronto’”. En mi corpus ocurren 94 oraciones en que “seguramente” modifica el verbo, siempre en indicativo, así confirmando lo que dice Porto Dapena del empleo exclusivo del indicativo con esta locución.*

notamos em seguida que a dúvida está mais próxima à certeza na primeira e mais acentuada na segunda<sup>62</sup>. (DEMELLO, 1995, p 346).

Compartilhamos dessa noção como hipótese a ser testada através de um grupo de fatores, por isso buscamos aferir o grau de certeza epistêmica do falante considerando o contexto a partir de quatro parâmetros (cf. seção 6.5 *aferição da modalidade*).

Segundo DeMello, seus resultados corroboram os resultados obtidos por Anadón (1979, p.38-39), os quais indicam que há uma forte preferência dos estudantes universitários hispanoamericanos pelo indicativo quanto ao uso do *tal vez*. No entanto, nos resultados de DeMello os *corpora* de Cidade do México e do espanhol peninsular (Madrid e Sevilla) apresentam preferência pelo subjuntivo, enquanto nas demais cidades prevalece o indicativo, conforme o quadro a seguir:

**Quadro 7** – Alternância modal com “*Tal vez*”

CIUDAD	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
BOGOTÁ	43 (84%)	8 (16%)
BS. AIRES	3 (60%)	2 (40%)
CARACAS	6 (75%)	2 (25%)
LA HABANA	6 (75%)	2 (25%)
LA PAZ	33 (59%)	23 (41%)
LIMA	8 (89%)	1 (13%)
<b>MADRID</b>	<b>2 (29%)</b>	<b>5 (71%)</b>
<b>MÉXICO</b>	<b>4 (33%)</b>	<b>8 (67%)</b>
SAN JOSÉ	37 (84%)	7 (16%)
SAN JUAN	9 (60%)	6 (40%)
SANTIAGO	33 (73%)	12 (27%)
<b>SEVILLA</b>	<b>1 (25%)</b>	<b>3 (75%)</b>
TOTAL	185 (70%)	79 (30%)

FONTE: DeMello, 1995, p. 347

Há um ponto interessante destacado por DeMello, ao aludir ao trabalho de Woehr (1972, p.324), no qual o autor realça que há uma relação entre o tempo verbal e o modo verbal, é que o indicativo está preferentemente ligado ao presente/futuro e o subjuntivo ao

<sup>62</sup> *El verbo puede hallarse en indicativo cuando la duda se inclina a la afirmación o a la negación. Entre las oraciones independientes: tal vez lo conoces y tal vez lo conozcas, notamos en seguida que la duda está más próxima a la certidumbre en la primera y más acentuada en la segunda.* (DEMELLO, 1995, p 346).

passado. Isso vai de encontro à nossa orientação de base givoniana no tratamento da modalidade. Para Givón a **supermodalidade factual** compreende o presente e o passado, tempos favorecedores das modalidades *realis* e pressuposição, já a **supermodalidade não-factual** abriga as modalidades *irrealis* e negação, logo o âmbito preferencial do subjuntivo uma vez que esse é um submodo do *irrealis*. (GIVÓN, 1995).

Portanto, os resultados de Woerh (1972, p.324) são incompatíveis com nossa expectativa. O autor destaca que no seu corpus “há evidência de uma relação entre a ação verbal e a seleção do indicativo ou subjuntivo, sendo de marcada preferência o indicativo com o tempo presente/futuro e, ao invés, o subjuntivo com referência ao tempo passado”. (DEMELLO, 1995, p.347). Também não está em consonância com os resultados apresentados por Pimpão (1999) e Carvalho (2007) no estudo da alternância subjuntivo/indicativo onde o traço de futuridade foi selecionado como forte condicionador do subjuntivo.

DeMello concorda com Woehr (1972) de que haja essa forte relação temporal-modal no que se refere ao passado e constata que, em sua pesquisa, **87%** dos verbos no passado modificados por *tal vez* estão no indicativo. O que para nós é coerente com a premissa givoniana de que fatos experienciados (fatuais) estão mais propensos à certeza epistêmica e, logo, ao indicativo. Porém, cremos que numa abordagem variacionista o trabalho deveria ser revisto e ser aferida a influência de outros fatores linguísticos ou extralinguísticos em uma análise multivariada, de modo a evitar enviesamentos e dar maior credibilidade com a atribuição de pesos relativos.

Um ponto de discussão exposto pelo autor nos parece ser bastante oportuno, a variação entre as formas verbais na codificação do tempo futuro. O autor expõe que há três formas em competição nessa função: presente do indicativo, presente do subjuntivo e futuro do indicativo. DeMello advoga pela posição de Kleiman (1974, p.56), que, diferentemente de Butt e Benjamin (1988), concebe que o presente do indicativo acompanhado do *tal vez* codifica ações com referência de realização no eixo futuro. Quando isso ocorre, Kleiman chama de “futuro de certeza” onde *o tal vez* se mostra sinônimo de “*con toda seguridad*” ou “*a lo mejor*”. Já quanto ao emprego do subjuntivo com referência ao futuro, para Kleiman *o tal vez* é sinônimo de “*puede ser que*”. Essa discussão se mostrará produtiva em nosso trabalho uma vez que o traço de futuridade, como visto em Pimpão (1999), é contexto favorecedor de subjuntivo e observamos a frequência da alternância entre o presente de indicativo, presente do subjuntivo, futuro do indicativo e perífrase de futuro.

Finalizamos com a exposição dos resultados com o advérbio *quizá(s)*. DeMello conclui que, somando as ocorrências das duas formas do advérbio, o total é de **64%** de casos

no indicativo e de 36% no subjuntivo. Esses resultados contradizem o resultado de Woehr (1972), que encontrou uma predominância do subjuntivo (**62,5%**) sobre o indicativo (**37,5%**). Por outro lado, denota semelhança com os resultados de Anadón (1979) quanto à preferência do *quizá* pelo indicativo. Em se tratando da relação modo-temporal, o autor confirma que há uma preferência do uso do subjuntivo relacionado ao advérbio *quizá(s)* com referência ao tempo futuro, com um percentual de **85%**, corroborando a conclusão de Pimpão (1999) de que a futuridade é traço favorecedor do subjuntivo.

DeMello chega à conclusão de que há uma forte predominância do emprego do indicativo com os advérbios de dúvida: *probablemente, posiblemente, acaso, quizá(s) e tal vez*. No total, houve uma porcentagem de **69%** para o indicativo e somente **31%** de subjuntivo. Esse fato contradiz fortemente a prescrição normativa incutida nos manuais e nas escolas de que com os advérbios de dúvida predomina e muito o emprego do subjuntivo. Por outro lado, os advérbios *seguramente e a lo mejor*, como era esperado e previsto pela normatividade, se empregam quase que categoricamente com o indicativo. Para o *a lo mejor* houve menos de **1%** de ocorrência com o subjuntivo e o *seguramente* aparece em **100%** dos casos com o indicativo.

Isso corrobora com nossa hipótese de que há uma escalaridade do julgamento epistêmico *irrealis* do falante em enunciados dubitativos e em sua expressão há advérbios especializados na codificação desse *continuum* da certeza do falante e, conseqüentemente, na seleção das formas verbais indicativas ou subjuntivas.

Devemos ressaltar que o autor faz um percurso sobre o que fora feito até então em estudos de língua espanhola sobre a alternância de modo verbal subjuntivo/indicativo de forma a ilustrar os seus resultados. No entanto, percebe-se que seus resultados não seguiram a metodologia variacionista, uma vez que não apresentam: uma delimitação da comunidade de fala; uma análise multivariada; a apresentação de pesos relativos; nem a estratificação dos dados em grupos de fatores extralingüísticos, uma vez que se tratam todos de dados de contextos da norma culta. Não optou por estudar os fatores condicionadores da variação destacada, mas sim apenas averiguar que a variação existe, em que contextos e sua frequência absoluta.

### 5.3 Pimpão (1999)

Em seu trabalho, a pesquisadora, valendo-se dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico da linha givoniana, sob uma perspectiva que

privilegia o componente discursivo-pragmático na análise, trata a variação linguística concebendo o *irrealis* como domínio funcional preferencial do modo subjuntivo, focando o *presente do subjuntivo* como fenômeno variável que covaria com o *presente do indicativo*, e, assim, buscou desvincular a correlação entre modo e modalidade. Investigou o fenômeno no português falado na cidade de Florianópolis. Recortou a variável em quatro ambientes gramaticais indutores da modalidade *irrealis* a saber: advérbio *talvez*, cláusula adverbial, cláusula substantiva e cláusula relativa, e também em contexto sob o escopo da modalidade pressuposição. Dentre os ambientes acima citados nos interessam, em particular, os resultados obtidos em cláusulas com o advérbio *talvez*, o que destacaremos mais adiante.

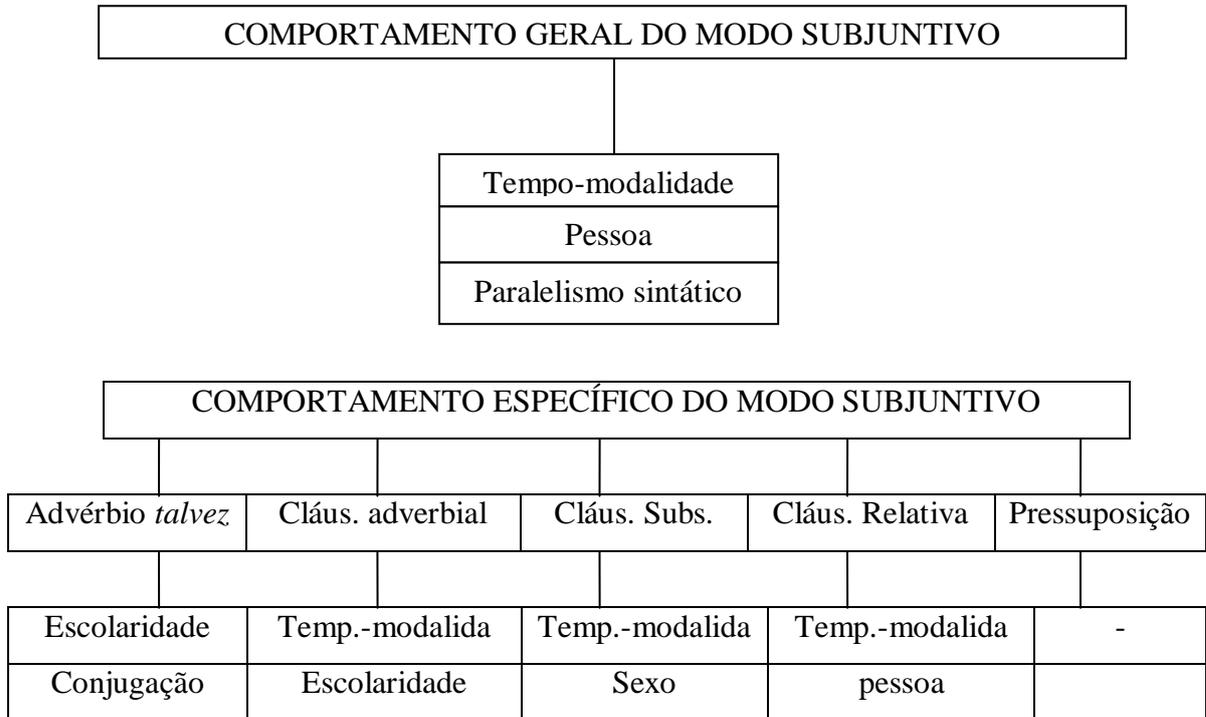
A hipótese central da autora, na análise da alternância presente subjuntivo/presente indicativo, fundamenta-se no reconhecimento da fronteira entre, de um lado, as categorias tempo e modalidade e, do outro lado, o modo subjuntivo. Ou seja, a autora supunha que o uso do subjuntivo estaria diretamente correlacionado às categorias tempo e modalidade e, nesse sentido, o uso do modo subjuntivo seria propiciado pela *futuridade* inerente da modalidade *irrealis* vinculada a eventos ainda não experienciados, potenciais e, portanto, não armazenados na memória dos participantes no evento comunicativo. A autora salienta que a incerteza dissociada do traço de futuridade constituiria um fator menos favorável ao subjuntivo, configurando contexto propenso à variação subjuntivo/indicativo.

Ao revés, os prescritivistas pregam que o subjuntivo está diretamente correlacionado ao valor de incerteza, da hipótese, da possibilidade. Já para a autora, essas noções semânticas sem o traço de futuridade não caracterizam contexto favorecedor de subjuntivo.

Considerando o exposto quanto às conjecturas da autora, tocamos num ponto que dialoga com nossas suposições. Pimpão defende a hipótese da existência de um *continuum* das modalidades pressuposição-*realis-irrealis*, onde haveria a correlação do subjuntivo com o traço de futuridade do *irrealis*, um equilíbrio na faixa intermediária onde, devido aos traços de incerteza e atemporalidade, dada a interferência própria dos níveis pragmático-semântico e pragmático-discursivo, haveria a variação entre subjuntivo e indicativo e, por fim, inibindo o subjuntivo o traço de pressuposição. Semelhantemente ao que diz a autora, prevemos que em orações modalizadas por advérbios de dúvida, onde inerentemente se instaura a modalidade *irrealis*, haja um *continuum* dessa modalidade e isso propiciaria a variação nesse intervalo. Assim, teríamos motivações sintático-semânticas e pragmático-discursivas atuando na alternância entre os modos verbais em orações independentes dubitativas.

Passemos agora às conclusões da autora quanto aos fatores condicionadores do comportamento geral do modo subjuntivo que foram selecionados pelo programa estatístico VARBRUL em sua pesquisa. Vejamos o quadro a seguir:

**Quadro 8** – Modo subjuntivo: grupos de fatores condicionantes



Fonte: PIMPÃO, 1999, p.109

Para a autora, de forma mais geral, os fatores mais importantes no favorecimento do subjuntivo são os grupos de fatores: tempo-modalidade, pessoa, paralelismo sintático. Cumprindo o objetivo de nossa pesquisa, vale destacar o contexto do advérbio *talvez*, o qual mostrou-se favorável ao emprego do subjuntivo. Relativizando-o aos demais contextos foi o de maior ocorrência do subjuntivo com um percentual de **67%** e peso relativo de **0,73**. Como se constata abaixo:

**Tabela 1** – Modo subjuntivo e contexto

FATORES	APL./TOTAL	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
<b>Advérbio <i>talvez</i></b>	24/36	67	(.73)
<b>Intercaladas</b>	06/19	32	(.62)
<b>Cláusulas adverbiais</b>	44/75	59	(.60)
<b>Cláusulas substantivas</b>	80/114	70	(.52)
<b>Cláusulas relativas</b>	32/72	44	(.24)
<b>TOTAL</b>	186/316	59	

FONTE: Pimpão, 1999, p.78

Os grupos de fatores considerados no tratamento da variável no contexto do advérbio *talvez* foram: paralelismo sintático, pessoa, tempo-modalidade, escolaridade, conjugação verbal, distância do advérbio. No entanto, quanto aos resultados obtidos na análise da variação em contexto do *advérbio talvez*, foram selecionados como mais significantes pelo programa estatístico VARBRUL os grupos *escolaridade* e *conjugação*, como se observa:

**Tabela 2** – Modo subjuntivo e escolaridade

FATORES	APL./TOTAL	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
<b>Colegial</b>	17/21	81	.71
<b>Primário/ginásio</b>	08/18	44	.26
<b>TOTAL</b>	25/39	64	

FONTE: PIMPÃO, 1999, p. 80

Como se observa acima, os falantes com mais escolaridade (o colegial) tendem a usar mais o subjuntivo, com um percentual de **85%** e peso relativo de **0.71**. Isso corresponde à nossa expectativa no presente estudo, confirmando-se, a princípio, que a normatividade escolar favorece o uso do subjuntivo enquanto a redução da educação formal restringe-o.

Esperamos que os falantes com mais escolaridade tendam a usar mais o subjuntivo em enunciados dubitativos em relação aos com menos escolaridade por ser o subjuntivo uma forma mais elaborada e, conseqüentemente, requerer mais instrução formal.

**Tabela 3** – Modo subjuntivo e conjugação

FATORES	APL./TOTAL	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
<b>Primeira</b>	10/11	91	.86
<b>Segunda/terceira</b>	15/28	54	.33
<b>TOTAL</b>	25/39	64	

FONTE: Pimpão, 1999, p. 80

Quanto ao grupo **conjugação**, a primeira conjugação mostra-se mais favorável ao subjuntivo do a segunda e terceira conjugações com peso relativo de **0.86**. A autora acrescenta uma observação a esse resultado a qual sugere que os verbos de segunda e terceira conjugações seriam em sua maioria verbos estativos ou auxiliares, como os verbos *ir e vir*. Já os de primeira conjugação seriam verbos menos estativos que implicam certo processo. Nesse sentido, argumenta que os verbos mais estativos aproximariam o falante do conteúdo proposicional, identificando um maior envolvimento, tomada de posicionamento,

responsabilidade pelo conteúdo da informação e estaria dentro da faixa intermediária de equilíbrio, dentro do *continuum* pressuposição-*realis-irrealis* onde se favoreceria a variação.

Além dos supracitados, a autora menciona o grupo **tempo-modalidade**, que embora não tenha sido selecionado pelo *Varbrul* seria o terceiro de maior relevância, atingindo o peso **0,93**. Além disso, foi selecionado em todos os quatro contextos que também foram analisados com exceção do contexto com o advérbio *talvez*. Seguem seus resultados:

**Tabela 4** – Modo subjuntivo e tempo-modalidade.

FATORES	APL./TOTAL	PERCENTUAL
<b>Futuridade</b>	12/15	80
<b>Incerteza</b>	13/24	54
<b>TOTAL</b>	25/39	64

FONTE: PIMPÃO, 1999, p.82

Como se observa na tabela acima, confirma-se a sua hipótese de correlação entre a futuridade e o modo verbal subjuntivo. A *futuridade* apresenta-se como fator favorável à retenção do subjuntivo em **80%** dos casos. Já a *incerteza* apresenta **54%**. Discordamos da autora quando põe o fator *incerteza* como inibidor do subjuntivo, ao contrário, de acordo com seu resultado seria neutro com **54%**, concordando com ela que nesse caso a incerteza desprovida de futuridade permite a variação subjuntivo/indicativo.

Por fim, destacamos algumas de suas conclusões que julgamos relevantes em suas considerações finais. Pimpão chega à conclusão de que seus resultados estão em paralelo com a premissa givoniana na qual se indica que o subjuntivo é mais provável de aparecer sob a modalidade *irrealis*, no entanto, refere-se, especificamente, ao traço de futuridade do *irrealis*. Quanto a isso a autora confirma:

O subjuntivo está deixando de vincular-se a valores atitudinais de incerteza, de possibilidade, de hipótese conforme prevê a norma gramatical, para vincular-se ao fator tempo. Na verdade, o traço de futuridade consiste em contexto preferencial para o emprego do modo subjuntivo e a ausência desse traço, evidenciada pelos traços de atemporalidade, incerteza e pressuposição, indica o contexto inibidor para o seu uso, propiciando a interferência do modo indicativo. (PIMPÃO, 1999, p.110).

Pimpão propõe a seguinte correlação [+futuro] = [+subjuntivo] e [-futuro] = [-subjuntivo], aproximando-se, assim, do contraste de Givón (1995) e de Bybee e Fleischmann (1995) de que os eventos do passado e do presente, mais salientes na memória, experienciados, distinguem-se de eventos projetados para o futuro, menos disponíveis aos falantes e de maior complexidade cognitiva (futuro e habitual). Sua análise diferencia-se da dos autores acima, pois inclui o traço de atemporalidade ou habitualidade sob escopo da

modalidade *realis*. Embasa sua dicotomia em função da presença ou da ausência do traço de futuridade.

Com relação a uma explicação dada ao rompimento da identificação do subjuntivo com a subordinação sintática, ou seja, a variação, Pimpão concorda com Poplack (1992 *apud* BYBEE; FLEISHMANN, 1995) que a explicação esteja no domínio pragmático, uma vez que para ela, uma maior identificação do ouvinte, maior responsabilidade com o dito e o envolvimento do falante com a proposição, ou seja, no campo do *realis*, minimizaria os efeitos da subordinação, característica do nível sintático-semântico, por isso haveria uma interferência do indicativo.

A partir de seus resultados quanto à variação entre o presente do indicativo e do subjuntivo, a autora expõe que seus resultados podem estar apontando para uma regularização no paradigma do modo verbal onde haveria uma neutralização entre o presente do indicativo e o do subjuntivo, sendo esse preferencial na codificação dos traços de futuridade e aquele onde se verifica a ausência do traço de futuridade. Portanto, para a autora, a pragmática comum aos níveis semântico-pragmático e discursivo-pragmático rompe com a correlação estabelecida pela norma gramatical entre subjuntivo e subordinação sintático-semântica.

Sendo assim, o nível sintático-semântico seria ambiente favorecedor do subjuntivo e os dois acima inibidores desse, onde ocorreria a interferência do indicativo. Por conseguinte, conclui que a correlação desses níveis com os fatores tempo e modalidade ressalta o tempo futuro como fator responsável pela retenção do subjuntivo e não os traços *irrealis* de incerteza, hipótese, dúvida e que a ausência do traço de futuridade permitiria a extensão do indicativo. Segundo a autora, essa correlação do subjuntivo com o futuro aponta um deslocamento dessa categoria da modalidade para o tempo.

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção são apresentados os procedimentos de coleta e transcrição; os critérios adotados para a escolha e delimitação para a composição do *corpus*; as etapas da análise e o tratamento estatístico dos dados.

### 6.1 Natureza da Pesquisa

Nossa abordagem se vale dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, portanto, há critérios específicos a serem seguidos desde a coleta dos dados ao tratamento estatístico final. Na pesquisa sociolinguística, na qual se concebem aspectos sociais, deve haver uma preocupação maior com a fiabilidade dos dados na catalogação, categorização, de acordo com características como idade, sexo, escolaridade, ocupação social e com a espontaneidade da fala, a fim de captar uma produção linguística autêntica, mais próxima possível do vernáculo. Portanto, na coleta dos dados o pesquisador deve atuar de forma a evitar o *paradoxo do observador*, usando um método próprio de coleta, a *entrevista sociolinguística* (cf. TARALLO, 1994, p. 20-26).

Em uma abordagem variacionista, tratamos o fenômeno da variação onde competem duas ou mais variantes expressando um mesmo significado referencial. Em nosso caso, o *envelope da variação* é composto pela alternância dos modos subjuntivo e indicativo em orações declarativas independentes sob escopo de advérbios e locuções adverbiais de dúvida e incerteza, sendo as formas verbais do indicativo e do subjuntivo as variantes da variável dependente sobre a qual atuam variáveis independentes, linguísticas e sociais. Essa abordagem concebe a variação linguística inerente ao sistema e opera com base em uma *variável linguística*. Objetiva descrever quais fatores linguísticos ou extralinguísticos (as variáveis independentes) podem interferir na escolha de dada variante. Descreveremos mais adiante em 6.5 a variável dependente e as independentes.

Quanto ao objetivo desta pesquisa, a denominamos, usando um termo a partir da conceituação de Gil (2002, p.42), uma pesquisa “descritivo-explicativa”, uma vez que almejamos, outrossim, além de evidenciar as relações existentes entre a variável dependente e as variáveis independentes que tratam do fenômeno da variação em estudo, a partir das hipóteses levantadas, esboçar formalmente as relações entre esses fatores, buscando descrever e analisar a natureza dessas associações e o que as condiciona, a fim de entender o fenômeno linguístico, em nosso caso a *variável linguística* supramencionada.

A presente pesquisa se desenvolve em etapas complementares, começando por uma pesquisa bibliográfica de gramáticas tradicionais e históricas, para se verificar o tratamento dado à categoria modo verbal, em particular os modos subjuntivo e indicativo, e aos advérbios de dúvida do espanhol e como a gramática tradicional espanhola trata a modalidade. Buscamos, em contrapartida, fazer o mesmo levantamento bibliográfico sobre o tratamento dado à modalidade e o papel do modo pelos linguistas funcionalistas. Dessa forma, construiremos, a partir da perspectiva tradicional e da perspectiva variacionista sobre o mesmo objeto um conceito que nos conduzirá na análise dos resultados.

Para conhecer bem o fenômeno estudado, empreendeu-se uma satisfatória pesquisa bibliográfica e estudo das teorias-base que tratam sobre o fenômeno para que se pudesse averiguar até que ponto se poderia embasar e respaldar as hipóteses originalmente suscitadas. Identificamos a frequência de ocorrência de alternância subjuntivo/indicativo no envelope de variação supracitado a partir de amostras de língua falada do espanhol da Cidade do México. Ademais, fizemos a revisão da literatura, através de uma pesquisa bibliográfica de artigos, dissertações e teses que tratassem o fenômeno variável em estudo: *alternância subjuntivo/indicativo*. Dessa forma, esperamos suscitar estudos comparativos sobre o fenômeno de variação com foco em línguas neolatinas, em especial português e espanhol, com a exposição de nossas considerações, possíveis correlações, assim como as possíveis incongruências nas considerações resultantes da análise entre nossa proposta e resultados de análises vistos em outros trabalhos em língua espanhola e portuguesa.

Detalhamos nas seções seguintes os critérios e procedimentos de coleta e de análise dos dados.

## **6.2 Amostra**

A língua espanhola é falada em 21 países oficialmente e nos Estados Unidos e Filipinas por grande número de falantes, além de contar com diversas variantes locais e regionais, os dialetos. Para delimitar nosso trabalho, e dar mais rigor científico, faremos um recorte dentro deste universo seguindo secção da RAE (Real Academia Espanhola), instituição mantenedora da prescrição de normas de uso, descrição da língua espanhola, padronização e estudos referentes à língua espanhola, a qual divide a língua espanhola em sete regiões, a saber: Espanha e América, subdividida em seis subregiões: caribenha, mexicana, central, andina, chilena e rio-platense. Dentro deste universo, escolhemos o espanhol da

região mexicana para estudo, e mais especificamente nos detivemos a dados da língua falada da Cidade do México.

Trabalhamos com uma amostra de língua falada do espanhol contemporâneo com alguns dados a partir de fins da década de 90 do século passado, e a imensa maioria da primeira década do século XXI, provenientes de entrevistas de caráter semi-espontâneo. Em se tratando de pesquisa de enfoque sociolinguista, é imprescindível para o estudo da variação contar com uma amostra representativa da comunidade de fala, assim como definir o perfil dos informantes e quais os grupos de fatores sociais relevantes.

Nesta pesquisa, não procedemos à realização direta de entrevistas. Buscamos e investigamos *corpora* existentes de língua espanhola com entrevistas já transcritas e catalogadas que convergissem a nossas aspirações de trabalho, isto é, que contivessem satisfatória quantidade de orações dubitativas e que seguissem os critérios da Sociolinguística Variacionista em sua composição.

As entrevistas seguem a seguinte estratificação: Nível Médio com 36 informantes, sendo 18 homens e 18 mulheres, destes dois grupos cada grupo terá 6 representantes para cada das três faixas etárias: *i*) 20 – 34 anos; *ii*) 35 – 54 anos; *iii*) 55 – em diante. O Nível Superior conta com a mesma estratificação com 36 informantes, somando-se os dois níveis temos ao todo 72 informantes. A cada informante corresponde uma entrevista, as quais seguiram padrões labovianos para a sua implementação.

Como já exposto, os informantes foram entrevistados em seus ambientes ordinários de trabalho ou residencial, tratando de temas que evocassem experiências vividas, de modo a se expressarem mais espontaneamente em forma de narrativa e com pouca intervenção do entrevistador. Os falantes foram selecionados seguindo uma estratificação de características extralinguísticas: idade, sexo, escolaridade, ocupação profissional. Em nosso caso, consideramos para efeito de análise apenas as três primeiras características. Ilustramos a seguir a estratificação dos informantes:

**Quadro 9** – Estratificação dos informantes por sexo, idade e escolaridade.

SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Masculino (36)	20 – 34 (12)	Médio (6)
		Superior (6)
	35 – 54 (12)	Médio (6)
		Superior (6)
	55 - + (12)	Médio (6)
		Superior (6)
Feminino (36)	20 – 34 (12)	Médio (6)
		Superior (6)
	35 – 54 (12)	Médio (6)
		Superior (6)
	55 - + (12)	Médio (6)
		Superior (6)
<b>TOTAL</b>		<b>72</b>

Selecionamos o banco de dados do *Laboratorio de Estudios Fónicos del Colegio de México* (LEF-CM)<sup>63</sup>, uma vez que encontramos no LEF-CM resposta a nossa aspiração de conseguir um banco de dados dentro dos moldes labovianos e com riqueza de informações e criteriosa estratificação dos dados, um trabalho bem significativo. Nele se trabalha dentro de uma perspectiva maior, a do PRESEEA<sup>64</sup>, a de criar um grande atlas, podemos assim dizer, com amostras de fala de todos os países hispânicos considerando aspectos sociais dos informantes. Segundo Butragueño e Lastra (2011), o *Corpus Sociolingüístico de Ciudad de México* (doravante CSCM) foi elaborado sob critérios labovianos desde a seleção dos informantes, visando proceder a uma estratificação bem elaborada e satisfatória, de modo a contemplar os diversos estratos da comunidade de fala considerada.

Nessa empreita, as entrevistas foram realizadas com o uso de gravadores *minidisc* e microfones de lapela, empregando uma técnica de coleta buscando evitar-se o “paradoxo do observador”. Essas entrevistas obedeceram a um estilo semi-espontâneo e foram realizadas, geralmente, em ambientes próprios do informante (domicílio ou profissional). Os dados foram todos armazenados e digitalizados em arquivos *wav* a 44100 HZ, 16 bits e formam parte do acervo do LEF-CM.

<sup>63</sup> disponível em: <http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/CSCM/Corpus.htm>

<sup>64</sup> PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico de español de España y de América*). Es un proyecto para la creación de un corpus de lengua española hablada representativo del mundo hispánico en su variedad geográfica y social. Esos materiales se reúnen atendiendo a la diversidad sociolingüística de las comunidades de habla hispanohablantes. PRESEEA agrupa a cerca de 40 equipos de investigación sociolingüística. Es el fruto del trabajo coordinado de investigadores comprometidos con una metodología común para reunir un banco de materiales coherente que posibilite su aplicación con fines educativos y tecnológicos. Disponible en: <http://preseea.linguas.net/>.

Quanto à transcrição, foram usados critérios convencionados: ortografia ordinária e não fonética; processador de textos convencional, para facilitar a manipulação e disponibilizados em arquivo *pdf*; códigos de caracteres que seguem o ASCII (*American Standard Code for Information Interchange*) ampliado para ISO 8859-1 contando com os 128 caracteres iniciais do ASCII mais 128, totalizando 256 caracteres; marcadores discursivos, marcas suprasegmentais e de troca de turno, a fim de captar nuances do contexto situacional<sup>65</sup>.

### 6.3 Seleção e codificação de dados

Inicialmente, procedemos a selecionar e copiar criteriosamente todas as orações que contivessem a presença dos advérbios e locuções adverbiais de dúvida (citados acima), observando os caracteres e recursos de transcrição utilizados, fazendo as devidas adaptações para transformar e demarcar os limites das sentenças, pondo a pontuação para torná-las inteligíveis, pois não estavam transcritas com a pontuação convencional. Num segundo momento, após a cópia da transcrição dos enunciados, passamos a selecionar aqueles que atendessem à exigência: ser uma oração independente sintaticamente de outra oração (simples, coordenada, justaposta ou oração principal de subordinada), descartando as demais para assim proceder à análise.

Descrevemos na sequência o envelope de variação, a variável dependente e os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que por hipótese atuam como fatores condicionadores nessa variável.

### 6.4 Envelope de variação

Seguindo com a descrição das variáveis, vemos que a **variável dependente** é composta das variantes: (i) formas verbais do indicativo e (ii) formas verbais do subjuntivo.

Quanto às variáveis independentes, os grupos de fatores tanto de caráter linguístico como de caráter extralinguístico, correspondem às hipóteses levantadas com vistas a identificar os fatores condicionadores da variável em questão.

Expõem-se logo abaixo as variáveis linguísticas independentes:

---

<sup>65</sup> Todos os procedimentos metodológicos da composição do corpus aqui descritos podem ser conferidos em: BUTRAGUEÑO, P. M. (coord.); LASTRA, Y., (coord.). **Corpus sociolingüístico de la ciudad de México. Materiales de Preseca-México. Volumen I. Hablantes de instrucción superior**. México D. F.: El Colegio de México, 2011.

**1. Item dubitativo** – Espera-se avaliar com este grupo de fatores a atuação do item dubitativo na alternância subjuntivo/indicativo:

1.1 *Tal vez*

(9) [...] *Bueno, pero por lo mientras en este momento, sí, estoy enfocado al tatuaje, **tal vez** me DEDIQUE toda mi vida. [Inf. 39. Turno: 221].*

(10) Bem, porém por enquanto neste momento, sim, estou focado na tatuagem, talvez me dedique toda minha vida.

1.2 *A lo mejor*

(10) [...] *Por ejemplo hay gente igual, **a lo mejor** no le GUSTA tatuarse, pero hablan mal del tatuaje ¿no? [Inf. 39. Turno: 377].*

(10) [...] Por exemplo há gente igual, **provavelmente** não GOSTA de se tatuar, mas falam mal da tatuagem, né?

1.3 *Quizá(s)*

(11) [...] **Quizás** yo ya SEA un alcohólico o **quizás** no. No sé, pero sí soy una persona que no me puedo tomarme una cerveza porque a partir de ahí cambio completamente mi estructura mi forma de ser, todo eso cambia, entonces ese ha sido el problema que he tenido, pero yo no tomando yo puta soy. [Inf.51. Turno: 229].

(11) **Talvez** eu já SEJA um alcoólatra ou talvez não. Não sei, mas sim sou uma pessoa que não posso tomar uma cerveja porque a partir daí mudo completamente minha estrutura, minha forma de ser, tudo isso muda, então esse foi o problema que tive, mas não tomando, eu sou “beleza”.

1.4 *Posiblemente*

(12) [...]yo a mis hijas les dije yo: “**posiblemente** no ERA la que ustedes querían” [Inf. 58. Turno: 365].

(12) [...] eu a minhas filhas disse, eu: “possivelmente não era a que vocês queriam”

1.5 *Probablemente*

(13) *Pues mi mamá [la mimá] un poco quizá porque es la chiquita, ahora. **Probablemente** lo que TUVO que ver ahí también fue lo de su operación, de hace un año. [Inf. 7. Turno:114 ].*

(13) Pois minha mãe [a mim] um pouco talvez porque é a caçula, agora. Provavelmente o que teve a ver aí também foi a sua operação, de ... faz um ano.

### 1.6 *Seguramente*

(14) *Entonces ya nos moríamos de la risa ahí, nada más. Viéndolos y viéndonos nosotros, no, pues **seguramente** HAN DE ESTAR DICRIENDO: [estas], este trío de lesbianas, ¿no? [Inf. 7. Turno: 711].*

(14) Então já morríamos de rir aí, nada mais. Vendo-os e vendo-nos, né, pois seguramente não de estar dizendo: estas, este trio de lésbicas, né?

Com relação ao grupo *item dubitativo*, prevemos, em consonância ao que prescreve a normatividade, que orações com *a lo mejor* e *seguramente* representam contexto restritivo de uso do subjuntivo. As orações com os demais advérbios mostram-se como contexto de alternância, no entanto, com o *tal vez* e com o *quizá(s)* supõe-se que há maior favorecimento do subjuntivo. Buscaremos testar essa hipótese.

**2. Tempos verbais em alternância** - Neste grupo de fatores, a partir dos paradigmas morfofonológicos dos tempos verbais, esperamos apontar qual(is) favorece(m) a alternância subjuntivo/indicativo, qual(is) favorece(m) o subjuntivo e qual(is) o indicativo. Trabalhamos com grupos de alternância nos quais esses tempos verbais se alternam na codificação dos mesmos significados do complexo categorial TAM. Consideramos os conceitos de *futuro de certeza*<sup>66</sup> (KLEIMAN, 1974, p. 56) e de *presente de incerteza*<sup>67</sup> (BOSQUE, 1990, p. 28) para justificar a classificação, no Grupo A, do *futuro imperfecto* e da *perífrasis de futuro* como alternantes na codificação do mesmo significado referencial. Inicialmente dispusemos os grupos de alternância conforme se observa a seguir:

Grupo A:

2.1 *Presente* (indicativo e subjuntivo).

2.2 *Futuro Imperfecto* indicativo.

<sup>66</sup> Segundo Kleiman (1974, p.56) o presente do indicativo pode ocorrer junto a advérbios de dúvida com referência ao futuro, o que ela chama de “futuro de certeza”. Exemplo: “Tal vez Pablo nos visita mañana” comutável por “*Tal vez Pablo nos visite/visitará/va a visitar mañana*”.

<sup>67</sup> Segundo Bosque (1990, p.28), algumas orações que apresentam as formas verbais do futuro com referência ao presente são usadas com valor modalizador e não para realizar afirmações ou apresentar *estados-de-coisas* tomados como certos. Exemplos: “*Tal vez estará enfermo de los nervios*” comutável por: *Tal vez sea/es enfermo de los nervios*; “*Quizá serán las cuatro de la tarde*” por: *Quizá sean/son las cuatro de la tarde*.

### 2.3 Perífrasis de futuro.

(15) [...] *pero otra de mis grandes pasiones ha sido la música. Quizá yo en el fondo SEA (SOY/ SERÉ) un músico frustrado...[Inf. 17. Turno.358].*

(15) [...] *mas outra de minhas grandes paixões foi a música. Talvez eu, no fundo seja (SOU / SEREI) um músico frustrado.*

(16) [...] *sí ahí está entonces pues me alejo ¿no? Entonces tal vez HABRÁ (HAY/ HAYA/ VA A HABER) otra oportunidad, pues para que pueda hablar con esa persona o si no hay pues ni modo ¿no? [Inf. 39 Turno: 369].*

(16) [...] *sim aí está, pois então me distancio, não é? Então talvez haverá (HÁ / HAJA / VAI HAVER) outra oportunidade, pois para que possa falar com essa pessoa ou se não há, pois, nem maneira, não é?*

#### Grupo B:

### 2.6 Pretérito imperfecto (Indicativo e subjuntivo).

### 2.7 Condicional simple.

(17) *Me pedía cuanto? Cien libras egipcias por la pieza que en pesos, pues no sé, quizá FUERAN (ERAN/ SERÍAN)... pues no sé. [Inf.28 Turno: 211].*

(17) *Me pedia quanto? Cem libras egípcias pela peça que em pesos, huumm, não sei, talvez fossem (ERAM / SERIAM)... bem, não sei.*

#### Grupo C:

### 2.4 Pretérito perfecto (indicativo e subjuntivo).

### 2.5 Pretérito indefinido.

(18) *hey, entonces digo como que HAYAN TRAÍDO (HAN TRAÍDO/ TRAJERON) quizás otro tipo de cosas, tal vez sí ¿no? Como, digamos, falluca [Inf. 52. Turno: 216].*

(18) *ei, então digo como que tenham trazido (TROUXERAM<sup>68</sup>) talvez outro tipo de coisas, talvez sim, não é? Como, digamos, "muamba". [mudar]*

#### Grupo D:

<sup>68</sup> No português não há um forma correspondente ao *pret. perfecto compuesto de indicativo*. No português as duas formas que aqui se mostram *han traído* e *trajeron* têm a mesma correspondência no português *trouxeram*. No espanhol esses dois tempos verbais marcam diferenças na referência temporal da ação no passado, o que não se codifica morfológicamente no paradigma do modo indicativo em língua portuguesa. O *pret. perfecto compuesto* indica ações concluídas em um passado recente ou com referência temporal indeterminada. Já o *pret. perfecto simple* também chamado *pret. indefinido* indica uma ação concluída com referência temporal bem determinada.

2.8 Pluscuamperfecto (Subjuntivo e indicativo).

(19) [...] entonces **a lo mejor** ya lo **HABÍAMOS HECHO (HUBIÉSEMOS HECHO)** (Inf. 56. Turno: 347].

(19) [...] então provavelmente já o tínhamos feito (TIVÉSSEMOS FEITO).

(20) [...] **tal vez** tenía algo de razón, pero también nos hubiera explicado, pero se hubiera metido más en lo que yo quería, hubiera [estudiado] lo que yo quería. **A lo mejor** **HUBIERA GANADO (HABÍA GANADO / HABRÍA GANADO)** bien de lo que yo quería. [Inf.54 Turno: 1106].

(20) [...] talvez tinha alguma razão, mas também nos tivesse explicado, mas tivesse se metido mais no que eu queria, tivesse estudado o que eu queria. Provavelmente tivesse ganhado (TINHA GANHADO / TERIA GANHADO) bem do que eu queria.

Apresentamos os demais grupos de fatores de forma sucinta e sem exemplificações para evitar uma exposição demasiado extensa.

**3. Posição e distância da forma verbal em relação ao item dubitativo** - com este grupo de fatores se pretende avaliar a influência da posição e distância da forma verbal de acordo com o *subprincípio da proximidade*.

3.1 - posterior subsequente.

3.2 - posterior até 3 palavras intervenientes

3.3 - posterior 4 palavras intervenientes ou mais.

3.4 - anterior subsequente

3.5 - anterior até 2 palavras

3.6 - anterior 3 palavras intervenientes ou mais.

**4. Modalidade *irrealis*** - Estabelece-se este grupo de fatores para avaliar a interferência do caráter gradativo da submodalidade epistêmica do *irrealis*, inerentemente instaurada nos enunciados dubitativos, dada a presença de modalizadores epistêmicos (advérbios e locuções adverbiais), na seleção da forma verbal de subjuntivo e de indicativo. Os fatores considerados são:

4.1 - Certeza 1

4.2 - Certeza 2

### 4.3 – Incerteza

Para chegarmos a esses fatores, valendo-nos de uma análise multiproposicional, consideramos os parâmetros: conhecimento, experiencialidade, grau de atividade verbal e referência temporal. Esses parâmetros, devido à extensão de sua exposição, são detalhados na subseção *afeição da modalidade* (6.5). Por ora, adiantamos que para cada parâmetro há uma classificação binária e que, a partir da combinação da classificação resultante dos quatro parâmetros, atribuímos os valores *certeza 1*, *certeza 2* e *incerteza*.

**5. Pessoa gramatical** - Estabeleceu-se este grupo de fatores, baseado no *princípio da marcação*, para avaliar se a pessoa gramatical interfere na seleção das variantes, devido a sua frequência, sua carga fonética e complexidade estrutural.

5.1 - 1ª pessoa gramatical

5.2 - 2ª pessoa gramatical

5.3 - 3ª pessoa gramatical

**6. Padrão morfofonológico verbal** - Busca-se avaliar também, se há, segundo o *princípio da marcação*, a interferência da carga fonética, complexidade estrutural e cognitiva dos verbos irregulares na seleção das formas verbais. Como nos propomos a avaliar a forma verbal que se flexiona dentro do paradigma de modo verbal (subjuntivo ou indicativo), devido às locuções verbais, dividimos o grupo *padrão morfofonológico*, inicialmente entre regular e irregular, e entre os verbos auxiliares e os verbos principais, resultando quatro fatores:

6.1 - Regular verbo principal

6.2 - Irregular verbo principal

6.3 - Regular verbo auxiliar

6.4 - Irregular verbo auxiliar.

**7. Grau de atividade verbal** - Os verbos são todos classificados dentro da tipologia verbal de Tavares (2003, p.232-36) que, à semelhança de Dik (1989 *apud* NEVES, 1997), se baseia em parâmetros para uma tipologia semântica dos estados-de-coisas. Dik se baseia nos seguintes parâmetros: [ $\pm$  Dinâmico], [ $\pm$  Télico], [ $\pm$  Momentâneo], [ $\pm$  Controle], [ $\pm$  Experiência]. No entanto, Tavares diferencia-se por uma concepção mais abrangente,

considerando traços semântico-pragmáticos e prevê uma escalaridade do grau de atividade para a classificação dos predicados. Para nós, quanto maior o grau de atividade do verbo maior a sua concretização, maior evidencialidade e, por conseguinte, maior convicção do falante sobre o *dictum*. A tipologia verbal nos fornece os seguintes fatores:

7.1 - Momentâneo - refere-se à atividade repentina, de curta duração: saltar, chutar, bater, derrubar, golpear, quebrar (intencional).

7.2 - Atividade específica - evoca uma imagem específica: escrever, jogar, beber, desenhar, nadar, andar, sorrir.

7.3 - *Dicendi* - precede a citação ou discurso direto: dizer, falar, responder, ordenar, perguntar.

7.4 - Atividade difusa - não evoca uma imagem específica: aposentar-se, trabalhar, aprender, mendigar, estudar.

7.5 - Instância - posição corporal estática: deitar(-se), recostar(-se), sentar(-se), pousar(-se), reclinar(-se).

7.6 - Estímulo mental - o sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem: impressionar, agradar, surpreender, assustar, espantar, aborrecer.

7.7 - Evento transitório intencional - indica se o sujeito permanece em certo lugar: permanecer, residir, situar, estar (em um lugar).

7.8 - Evento transitório não intencional - refere-se a ações não intencionais: morrer, cair, desmaiar, adormecer, acordar, quebrar (não intencional).

7.9 - Processo - mudança não intencional sofrida por um corpo (mais ou menos animado): deteriorar, crescer, amadurecer, transformar, ferver, congelar.

7.10 - Experimentação mental - o sujeito da oração é o experienciador: adorar, odiar, desejar, pensar, lembrar, entender.

7.11 - Atenuação - distanciamento ou suavização da opinião: achar, pensar.

7.12 - Relacional - representa relações assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade: identidade, analogia, comparação, posse, causa, finalidade, consequência etc.: depender de, merecer, precisar; servir como, assemelhar-se, causar, igualar, ter (posse), determinar, faltar (algo), errar, resultar de/em, relacionar-se com, custar.

7.13 - Sensação corporal - sensação física: machucar-se, doer, ferir, sentir, sofrer.

7.14 - Existência - ter, haver, existir.

7.15 - Estado - ser, estar, parecer, ter (olhos azuis) (TAVARES, 2003, p.232-6).

Consideramos que a heterogeneidade linguística é reflexo de uma sociedade igualmente heterogênea. Portanto, um mapeamento dessa estratificação social, das características sociais da comunidade, nos darão subsídios para compreender a propagação dessa variável nessa comunidade de fala. Consideramos três variáveis independentes extralinguísticas tradicionalmente testadas e consideradas como relevantes; são os grupos de fatores seguintes:

**8. Faixa etária** - jovens, 20-34 anos; adultos, 35-54; idosos, 55 ou +.

**9. Escolaridade** - nível médio e nível superior.

**10. Gênero/sexo** – masculino e feminino.

Expomos na seção seguinte a descrição dos parâmetros de aferição da modalidade *irrealis*, apresentada como um grupo de fatores, como exposto acima, uma vez que os parâmetros para a aferição da modalidade ora apresentados formam parte de uma tentativa nossa de mensurar essa categoria discursiva dentro do contexto discursivo, deslocada da forma verbal, não estando restrita a essa e que influencia diretamente a seleção verbal. Com isso, poderemos testar o grupo de fatores *modalidade irrealis* e seu peso na variável em foco.

### 6.5 Aferição da modalidade *irrealis*

Trazemos esta seção com vistas a descrever como chegamos à classificação dos fatores da variável independente *modalidade irrealis* expostos em 6.5 e como encontramos esse valor em orações independentes dubitativas.

Começamos a nos questionar (como se vê detalhadamente mais acima em **4.3.3.1**) se em proposições operadas por modalizadores epistêmicos tipicamente *irrealis* (advérbios e locuções adverbiais de incerteza, dúvida) há uniformidade no grau de certeza do falante ou há uma escalaridade, um *continuum* do julgamento epistêmico *irrealis* subjacente à proposição. E a partir disto, nos questionamos se seria possível mensurar este grau escalar dos valores semânticos do julgamento epistêmico no discurso do falante, circunscrito nesse *continuum* do *irrealis*, transformando-a em uma variável independente na análise.

Por conseguinte, nos propusemos a esboçar essa possibilidade. Interpretamos, a partir dos dados, que em orações declarativas dubitativas (aqui entendidas aquelas onde há a presença de advérbios de dúvida) pode haver uma escalaridade do julgamento do falante, um *continuum* do julgamento epistêmico *irrealis* subjacente à proposição que geralmente

representa uma miscelânea fluida de noções semânticas. Essa miscelânea possui um valor escalar, cuja influência supomos atuar diretamente na codificação linguística da proposição, inclusive na seleção da forma verbal. As proposições com presença dos advérbios de dúvida podem abrigar um *continuum* do *irrealis*. Portanto, cremos que seja possível mensurar essa escalaridade da modalidade epistêmica *irrealis* nas proposições sob escopo dos advérbios de dúvida e incerteza, baseados na interpretação de elementos contextuais com parâmetros sugeridos neste trabalho relacionados a: *i) conhecimento* sobre o tópico discursivo que se insere o *dictum*; *ii) evidencialidade* do falante e foco discursivo (como participa do evento ou situação), em suma, sua experiencialidade com relação ao conteúdo do *dictum* (GIVÓN, 2001); *iii) grau de atividade verbal*, (TAVARES, 2003); *iv) referência temporal* na qual se ancora o julgamento epistêmico, baseada no complexo categorial TAM(+R) (GIVÓN, 1984; COAN, 2003; 2006).

Buscamos mensurar a modalidade baseados em uma caracterização dicotômica de traços semânticos e gramaticais, tomando como modelo a proposta de Hopper e Thompson (1980). Os autores estudaram a estrutura da narrativa e sua correlação com determinadas formas gramaticais, por exemplo, a seleção das formas verbais correlacionadas às noções de *figura e fundo*. A partir disto, propuseram uma classificação da transitividade, inferível não apenas a partir do trinômio – sujeito, verbo, objeto – como prevê a gramática tradicional, mas sim, a partir de toda a oração. Conceberam dez parâmetros para a aferição da transitividade. Convém destacar que nos propusemos, a partir da proposta dos autores, igualmente estabelecer parâmetros para fazer a correlação entre a modalidade subjacente à proposição, a partir de critérios semânticos, morfossintáticos e textuais. Ou seja, semelhantemente à forma que eles estabeleceram uma escala de transitividade, propomos uma forma de aferir o grau escalar da modalidade epistêmica *irrealis* em enunciados dubitativos.

Acreditamos que, ao concebermos uma análise realizada num nível multiproposicional, poderemos mensurar o valor escalar da modalidade *irrealis*, ao correlacionar a modalidade subjacente à proposição em questão aos traços de tempo, aspecto (complexo categorial TAM) e ao grau de atividade verbal, presentes no predicado da proposição. Bem como, ao correlacionar essa modalidade subjacente, sem perder a coerência textual, a palavras, orações ou porções maiores do texto, que confirmem positiva ou negativamente os parâmetros *conhecimento* e *evidencialidade* que denotam a atitude valorativa do falante sobre o conteúdo proposicional. Deste modo, poderemos avaliar sua atuação (como variável independente) na variação entre as formas verbais de subjuntivo e de indicativo.

Agora que já compreendemos em que consiste e com que propósito elaboramos a aferição da modalidade *irrealis*, na sequência, passamos à descrição dos parâmetros considerados nessa análise.

### 6.5.1 Parâmetros de aferição da modalidade *irrealis*

Com vistas a tomar a categoria modalidade como um grupo de fatores, estipulamos critérios para mensurá-la contextualmente, pois se supõe, nesta pesquisa, que haja um caráter gradativo da modalidade epistêmica *irrealis* codificada em proposições sob escopo de advérbios de dúvida e que o mesmo interfere diretamente na seleção verbal. Apresentamos os parâmetros, a seguir, delineando e justificando a fundamentação de uso de cada um deles.

#### I – Conhecimento do falante sobre o tópico discursivo

Com esse parâmetro, buscamos aferir o grau de conhecimento do falante, o grau de evidências que o falante possui sobre o conteúdo proposicional. Esse parâmetro é mensurado contextualmente, ou seja, uma análise multiproposicional, a partir de asserções (afirmativas ou negativas), ou interrogativas precedentes ou subsequentes que estejam coerentemente ligadas ao mesmo tópico discursivo da oração dubitativa em questão. A partir do contexto discursivo no qual se insere a oração dubitativa, se busca atestar o conhecimento do falante e a fiabilidade de sua capacidade avaliativo-julgadora acerca do *dictum* na proposição em questão sob escopo do modalizador.

Em relação à proposta desse parâmetro, convém destacar o que afirma Pimpão (1999) sobre a correlação entre *status informacional* e *modalidade*. Segundo a autora, há uma correlação entre a *distribuição da informação* no contexto discursivo em associação com a frequência do modo subjuntivo que tenderia a codificar uma informação nova:

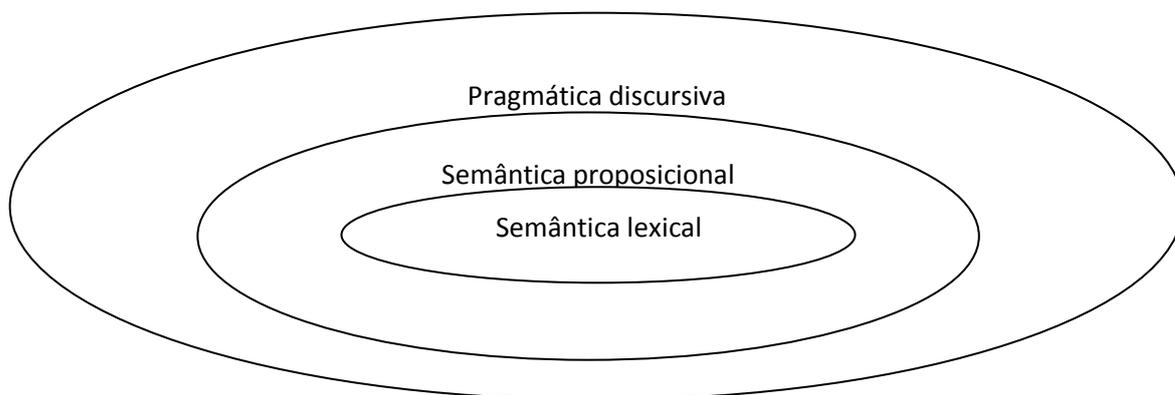
A modalidade *irrealis*, de acordo com o critério da marcação (GIVÓN, 1995, p.28), por exigir maior atenção e processamento da informação, por apresentar mais material fônico e por ser menos frequente no discurso, tenderia a codificar uma informação nova. A informação nova não está saliente na memória do falante, não sendo mencionada no discurso precedente, exigindo mais material linguístico. O conhecimento da informação diminuiria o índice de aplicabilidade do modo subjuntivo, pressupondo a interferência do modo indicativo. **A informação pressuposta, ou inferível**, identificaria a tendência à inibição do emprego do modo subjuntivo em virtude da informação ser tomada como conhecimento compartilhado, como conhecimento garantido. (PIMPÃO, 1999, p.18). [grifos nossos].

Tomando como escopo os enunciados dubitativos, entendemos que o conhecimento do falante sobre a informação veiculada incide em um grau maior de certeza

epistêmica e, conseqüentemente, incidiria em um grau menor de certeza do *irrealis* inerentemente instaurado, o que favoreceria o uso do indicativo. E este conhecimento não explícito sobre o conteúdo proposicional que se encontra sob escopo do advérbio modalizador é inferível no discurso do falante seguindo uma perspectiva de uma gramática funcional que congrega uma análise multiproposicional. Nessa perspectiva, a coerência a nível de discurso só é possível graças à combinação da informação proposicional com outras proposições no discurso do falante.

A gramática é um código que visa a organizar a informação, a fim de lograr êxito comunicativo. Congrega o significado da informação lexical de cada item, integrando-os na construção da proposição atribuindo-lhe sentido, logo, integra as várias proposições com coerência textual na construção do discurso. Assim, há uma mútua troca onde a gramática configura o discurso e o discurso molda a gramática. Podemos representar essa organização nesse esquema proposto por Pimpão (1999):

Figura 1 – Organização hierárquica do discurso.



FONTE: Pimpão, 1999, p.29

Desse modo, entendemos que esse caráter multiproposicional do discurso nos dará pistas contextuais para aferir o grau de conhecimento do falante sobre certo conteúdo proposicional. Oportunamente, trazemos outra observação que corrobora nossas expectativas. Lavandera (1979), em seu estudo que analisou o comportamento variável em *prótasis* de condicional, avalia a alternância entre o *presente de indicativo, condicional* e o *imperfecto de subjuntivo*. A autora parte da hipótese básica “os distintos tempos verbais que podem usar-se na prótase de orações condicionais **categorizam uma substância semântica** que podemos caracterizar como ‘a probabilidade que tem uma situação hipotética de tornar-se um

acontecimento real”” (LAVANDERA, 1979, p.118). Em sua análise<sup>69</sup>, o primeiro passo consistiu em classificar todos os contextos das prótases em três grupos de acordo com o grau de probabilidade: *contrario, real, posible*. Em suma, o que nos é relevante é a demonstração do uso de critérios de inferência contextual para aferir um grau de certeza, pois a escala de probabilidade está relacionada a um grau escalar de certeza. Nesse sentido, a autora afirma sobre sua análise:

Mas às vezes a decisão de classificar um contexto em um grupo ou outro depende de informação que o falante ofereceu em uma parte anterior de seu discurso. Por exemplo, se o informante me disse um momento antes que é portenho (nascido em Buenos Aires) e professor de escola, e comenta mais tarde:  
*Se eu sou um operário do interior, me entusiasmo com a ideia de vir a Buenos Aires.* O contexto desta prótase deve analisar-se como [contrario]<sup>70</sup>.  
 (LAVANDERA, 1979, p.119).

No caso acima, o contexto denota que o falante não tem subsídios que embasem e confirmem probabilidade ao seu julgamento na proposição em destaque. Lavandera enfatiza a importância da informação contextual para aferição do grau de probabilidade do conteúdo proposicional. Pretendemos, semelhantemente, aferir o grau de certeza do falante sobre o *dictum* analisando o contexto discursivo a partir dos parâmetros ora apresentados, como este, o de **conhecimento**, que pretendemos inferir contextualmente.

Podemos relacionar as sequências textuais com o *dictum* alvo da análise. Por exemplo, buscar descrições que denotem o conhecimento do falante sobre o conteúdo do *dictum*. Vejamos a seguinte situação que propomos:

Alguns colegas comentam sobre a possível causa da queda de uma ponte na cidade, um deles que é engenheiro e possui conhecimento sobre o assunto diz:

(21) - “*Talvez a coluna da ponte quebrou*”. O mesmo falante acrescenta:

- “*A ponte é feita com vigas de sustentação de pelo menos 30” polegadas recoberta com aço treliçado e de acordo com a espessura e capacidade de peso suportado e...*”.

<sup>69</sup> Semelhantemente ao que realizou Lavandera (1979), estamos fazendo uma classificação do grau de certeza em enunciados dubitativos.

<sup>70</sup> Pero a veces la decisión de clasificar un contexto en un grupo u otro depende de información que el hablante ofreció en una parte anterior de su discurso. Por ejemplo, si el informante me ha dicho que un rato antes que es porteño (nacido en Buenos Aires) y maestro de escuela, y comenta más tarde:  
*Si yo soy un obrero provinciano, me entusiasmo con la idea de venir a Buenos Aires.*  
 El contexto de esta prótasis debe analizarse como [contrario] (LAVANDERA, 1979, p.119).

No exemplo acima, se observa que a descrição (que funciona como fundo) contribui para aferir o conhecimento do falante sobre o *dictum*. As sequências narrativas também contribuem para expor o conhecimento do falante a partir de experiências anteriores sobre dada ação, processo, estado expostos e correlacionados ao conteúdo do *dictum* em questão. Do mesmo modo, a presença de sequências dissertativo-argumentativas com argumentos mais pontuais e factivos, asserções positivas que atestem o *status* de conhecimento do falante sobre o *dictum* na proposição em questão, denotam mais conhecimento e, conseqüentemente, mais certeza sobre o tópico discursivo.

De acordo com a presença ou ausência dessas asserções positivas (ou seja, esse conhecimento expresso, ou a convicção do falante), classificamos se o falante possui conhecimento satisfatório que embasa seu julgamento.

## II - Evidencialidade

O grau de evidencialidade do evento é medido através da correlação de elementos contextuais que atestem a forma de participação do falante na predicação sob escopo do modalizador, *i.e.*, o grau de percepção do falante sobre o evento, estado ou processo enunciado na proposição. Busca-se constatar se o falante vivenciou ou presenciou diretamente ou indiretamente o evento ou situação sobre o qual o julgamento avaliativo epistêmico se desenvolve. Quanto maior seu grau de participação, ou seja, de experiencialidade do fenômeno **fonte de evidencialidade**, mais acurada será sua percepção e, conseqüentemente, maior será seu grau de certeza.

A fonte de evidencialidade pode ser objetiva ou subjetiva. Sendo de fonte objetiva, *i.e.*, através da percepção do mundo exterior, o falante pode ter essa experiencialidade de distintas maneiras: participar diretamente de um processo; participar indiretamente, como se fosse um personagem secundário; ser um observador de um evento ou das ações de outrem ou somente a partir de relatos de terceiros; ou não experienciar um fenômeno específico, nesse caso apenas fazer generalizações sobre um tópico discursivo baseado em sua experiencialidade acumulada e em seu conhecimento sobre o assunto que pode estar diretamente ligado a si ou sobre terceiros (uma projeção). Fazemos uma apreciação semelhantemente à classificação dos tipos de narradores<sup>71</sup>, no tocante ao acesso que têm às informações.

---

<sup>71</sup> Uma exemplificação resumida dos tipos de narradores usualmente exposta nos manuais didáticos está disponível em: <http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-narrador/>.

Quando a fonte da evidencialidade está relacionada à subjetividade, *i.e.* o falante pode vivenciar um processo subjetivo em si mesmo ou “observar”, supondo o que se passa no mundo interior de outrem, a partir de reações, gestos etc., o falante possui mais subsídios e autonomia para fazer julgamentos, sejam objetivos ou subjetivos, de eventos cuja participação tenha sido mais direta, ou seja, de si mesmo. Dialoga com o que prevemos como *foco/objetividade* aqui tratados como dois aspectos, o de foco, o sujeito da proposição (a pessoa discursiva) que faz o julgamento, a modalização, e o de mundo objetivo ou subjetivo. Portanto, o parâmetro **evidencialidade** consiste em averiguar se o dito na proposição incide sobre experiência do próprio falante ou sobre outrem e se é do mundo objetivo ou subjetivo.

Fazer um julgamento sobre si mesmo é bem mais fiável, pois o falante possui muito mais evidências para falar de si mesmo, portanto, tem mais evidencialidade e consequentemente mais certeza. O inverso, falar de terceiros, é menos fiável, o falante possui menos evidencialidade, menos conhecimento para tal fim e, principalmente, de acordo com sua forma de “experienciação”, se direta ou indireta. O falante possui mais subsídios e autonomia para fazer julgamentos, sejam objetivos ou subjetivos, de si do que de outros. Portanto, falar de si próprio ou falar do que se presenciou, se experienciou diretamente, incide em mais certeza. Inevitavelmente, se infere que há um *continuum* nessa experiencialidade.

Acrescentamos a esse parâmetro o conceito de *evidencialidade* (GIVÓN, 2001, p. 326). A evidencialidade está intrinsecamente relacionada ao grau de certeza epistêmico do falante. Segundo o autor, a evidencialidade e a modalidade epistêmica sobrepõem-se, podendo ser gramaticalizada ou não em uma língua natural. “A relação entre evidencialidade e modalidade epistêmica pode ser, portanto, dada como cadeia causal mediada: origem da evidência > força da evidência > certeza epistêmica.” Desse modo, inferimos se o falante possui **evidencialidade** satisfatória do evento que embasa seu julgamento epistêmico. No exemplo a seguir, temos uma valoração na qual o falante **não** experiencia diretamente a fonte da evidencialidade, nem através de terceiros.

(22) *O sea no es que se haya descubierto, o sea sí se HA DESCUBIERTO nuevos sistemas a lo mejor, o nuevas formas de calcular y eso quién sabe. [Inf. 1. Turno.677].*

(22) Ou seja não é que se tenha descoberto, ou seja, sim se descobriu novos sistemas provavelmente, ou novas formas de calcular e isso quem sabe.[?]

### III – Grau de atividade verbal

Processos que envolvem mais atividade (cf. SCHLESINGER, 1995; SCHEIBMAN, 2000; TAVARES, 2003) geralmente são mais concretos e falar de processos mais concretos é mais evidenciável do que falar de processos abstratos de experimentação, sem intencionalidade. Estão implícitos nessa classificação traços já vistos na classificação de Fillmore (1968), ao tratar da relação do predicado e os argumentos por ele regidos em sua Gramática de Casos. Também presente na proposta de Dik (1989) para a classificação dos tipos de estados-de-coisas na perspectiva da gramática funcional. Segundo Neves (1997), Dik apresenta os mais importantes parâmetros para uma tipologia semântica dos estados-de-coisas: [ $\pm$  Dinâmico]; [ $\pm$ Télico]; [ $\pm$ Momentâneo]; [ $\pm$ Controle]; [ $\pm$  Experiência]. A combinação desses traços leva à sua tipologia. Observa-se a contemplação de critérios semânticos inerentes a cada predicado semelhantemente à base semântica de Fillmore (1968) na identificação dos papéis temáticos dos elementos constituintes da oração e a direta correlação desses com o tipo de predicado.

Podemos, do mesmo modo, fazer algumas associações entre a tipologia de Tavares à classificação escalar da transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980 *apud* CUNHA; SOUZA, 2011). Os autores concebem a transitividade não restrita ao predicado, mas sim presente em toda a oração e conseqüentemente aos argumentos que a compõem, estabelece critérios sintático-semânticos relacionados aos argumentos para aferir a transitividade, vista como uma noção escalar.

Creemos que a tipologia de Tavares baseia-se não de forma paralela aos parâmetros estabelecidos por Hopper e Thompson, uma vez que exclui os parâmetros apreensíveis no nível morfossintático e se vale semelhantemente dos mesmos parâmetros semânticos para aferir o grau de atividade e concretude dos verbos, e acrescentando o componente pragmático à sua tipologia. Portanto, considera aspectos semânticos inerentes dos predicados e, na relação desses predicados com os argumentos que o complementam, acrescenta o componente pragmático na análise de uso desses predicados. A partir da combinação desses parâmetros se estabelece a tipologia verbal de Tavares que afere de forma escalar em um *continuum* os graus de atividade dos predicados.

Portanto, supomos que quanto maior for o grau de atividade do predicado sob escopo dos modalizadores epistêmicos, seguindo a escala de Tavares (2003), maior será seu grau de certeza.

Valendo-nos da escala da atividade exposta na *seção envelope de variação*, efetivando uma classificação dicotômica, consideramos os verbos que possuem agentividade e

intencionalidade, compreendidos entre *momentâneo* e evento *transitório intencional*, com valor de **mais atividade** e os demais consideramos como **menos atividade**.

#### IV - Referência temporal

Consideramos este parâmetro como o tempo de referência no qual se ancora o julgamento epistêmico do falante, uma vez que o evento ou a situação constante na proposição sob escopo do modalizador não possui, necessariamente, uma efetivação temporal no plano real nem uma orientação cronológica definida. Quanto a isso, consideramos oportuno o conceito de *virtualidad e actualidad* de Dapena (1991, p. 33):

Mesmo que semelhante consideração parece levar-nos à conclusão, antes rebatida, de que indicativo e subjuntivo se oporiam sob os traços, respectivamente, realidade/não-realidade, isso não é nem muito menos exato, pois estes términos aludem melhor, respectivamente à existência efetiva e inexistência (ou melhor talvez à impossibilidade de existência) da ação. Para nós, por outro lado, seria preferível falar de **atualidade** para o indicativo, por referir-se este à realização da ação – realização que pode ser efetiva ou não – e de **virtualidade** para o subjuntivo, o qual não indica propriamente a irrealidade (vale dizer, inexistência ou impossibilidade) de uma ação, mas sim sua **virtualidade**, isto é, com independência de sua realização possível ou impossível[...] <sup>72</sup> [grifos nossos]

Com isso, inferimos que se deve considerar a referência temporal sobre a qual o falante projeta o seu julgamento epistêmico. A proposição que está sob escopo desse julgamento codifica um evento, estado ou ação em um mundo possível, real ou não, com ou sem efetiva realização no tempo. O seu valor de verdade é contestável, por isso o que nos bastará será a referência temporal na qual se ancora esse julgamento epistêmico. Vejamos o exemplo:

(23) [...] *tal vez tenía algo de razón, pero también nos hubiera explicado, pero se hubiera metido más en lo que yo quería, hubiera [estudiado] lo que yo quería. A lo mejor HUBIERA GANADO bien de lo que yo quería. [Inf.54. Turno: 1106].*

(23) [...] Talvez tinha algo de razão, mas também nos tivesse explicado, porém se tivesse metido mais no que eu queria, tivesse estudado o que eu queria. **Provavelmente TIVESSE GANHADO** bem do que eu queria.

<sup>72</sup> Aunque semejante apreciación parece llevarnos a la conclusión, antes rebatida, de que indicativo y subjuntivo se opondrían bajo los rasgos, respectivamente, realidad/no realidad, ello no es ni mucho menos exacto, pues estos términos aluden más bien, respectivamente a la existencia efectiva e inexistencia (o mejor quizá a la imposibilidad de existencia) de la acción. Para nosotros, en cambio, sería preferible hablar de **actualidad** para el indicativo, por referirse éste a la realización de la acción – realización que puede ser efectiva o no – y de **virtualidad** para el subjuntivo, el cual no indica propiamente la irrealidad (vale decir, inexistencia o imposibilidad) de una acción, sino su **virtualidad**, esto es, con independencia de su realización posible o imposible; [...] [grifos meus]. (DAPENA, 1991, p. 33).

Na proposição acima, o julgamento epistêmico está ancorado em uma referência temporal não efetiva na linha do tempo, ou seja, não-factual, uma vez que o falante não estudou o que queria e não trabalhou com o que queria. Por isso, exprime essa conjectura sobre um passado possível, virtual.

A modalidade subjacente a uma proposição está diretamente relacionada ao complexo categorial TAM (GIVÓN, 1984; 1993) e com a contribuição de Coan (2003; 2006) se acrescenta o critério R (referência) sugerindo o complexo categorial TAM (+R). Esse complexo categorial corresponde à: *i*) temporalidade; *ii*) à modalidade; *iii*) ao aspecto da ação; *iv*) e à referência temporal considerada pelo falante na enunciação da predicação na expressão do evento. O “não-realizado”, o futuro, o passado possível, estão relacionados à menor certeza do falante. Já o “factual”, o vivido ou em andamento incidem em mais certeza.

A relação imbricada já sugerida no complexo categorial TAM proposto por Givón (1984, 1995) é vista separadamente com vistas a facilitar a compreensão. Coan (2003, p. 86) comenta sobre a concepção do autor:

Givón [...] refere-se à separação em termos de conveniência expositiva visto que sincronicamente, diacronicamente e ontogeneticamente, **as categorias são interconectadas**, bem como conectadas a outras propriedades. [grifos nossos].

Em seguida, a autora comenta a classificação dada à categoria TAM por Givón:

O autor menciona que esse sistema constitui-se como um feixe de traços: semântico-lexicais (envolvidos na estrutura significativa dos verbos); semântico-proposicionais (codificadores de estado, ação) e **pragmático-discursivos (tendo um papel crucial na sequenciação de proposições figura/fundo e na indicação de modalidades)** (COAN, 2003, p. 86-87). [grifos nossos].

Segundo Coan (2003), Lyons (1977) corrobora a observação de Givón sobre o complexo TAM como categorias interconectadas, ao reconhecer que não pode haver em gramática universal nenhuma distinção nítida entre tempo verbal e aspecto por um lado e tempo verbal e modalidade por outro. Acrescenta ainda que essas noções no discurso se interligam para referir tempo.

Portanto, justifica-se a concepção de um complexo categorial TAM(+R) pois sendo intrinsecamente relacionados, a partir da referência temporal que o falante toma pra realizar seu julgamento em um enunciado dubitativo, teremos um indicador da modalidade. Assim, o falante ao efetivar seu julgamento epistêmico sobre um conteúdo proposicional, este tem uma referência no tempo (determinada ou indeterminada; perfectiva ou imperfectiva; futura ou não-futura; efetiva ou hipotética). Portanto, esse julgamento epistêmico pode estar

ancorado ou em uma situação efetiva no tempo ou numa referência de tempo não-efetiva (vir-a-ser, desejada, suposta ou hipotética). Tomemos os exemplos:

(24) *Seguramente* [la huelga] *ESTABA dirigida, pero había maestros que se estaban realizando con su primera huelga.* [Inf. 35. Turno: 650].

(24) **Seguramente** [a greve] ESTAVA conduzida, mas havia professores que estavam se realizando com sua primeira greve.

(25) [...] *o sea sí me gustaba mucho. Me gustaba la cocina mucho. Si en mis tiempos hubiera existido, como actualmente la carrera de chef, probablemente HUBIERA ESTUDIADO eso.* [Inf. 35. Turno:737].

(25) [...] ou seja, sim gostava muito. Gostava muito de cozinha. Se nos meus tempos tivesse existido, como atualmente a carreira de *chef*, **provavelmente** TIVESSE ESTUDADO isso.

Observe que, no exemplo (24), o momento a que o falante faz alusão e do qual tem uma referência para fazer um julgamento epistêmico trata-se de um passado efetivo, embora a valoração sobre a proposição de “*estar dirigida*” não seja necessariamente verdade, real. Portanto, assim consideramos como *referência temporal* o corte do tempo em que se insere a valoração epistêmica do falante, momento no qual se ancora sua valoração epistêmica. Sendo esse corte do tempo efetivado na linha cronológica, no plano real, entenda-se aqui o que nomeamos como **factual**.

Em contrapartida, no exemplo (25) claramente o julgamento epistêmico sobre a proposição “*haber estudiado*” ancora-se num corte do tempo que não é efetivo na linha do tempo, claramente atestado pela partícula condicional que indica a não efetivação do evento no qual se ancora o julgamento epistêmico, o que aqui nomeamos **não-factual**.

Acrescentamos ainda que esse parâmetro condiz coerentemente com o *princípio da marcação* (GIVÓN, 1991, p.106; COAN, 2003, p. 70), uma vez que associamos o que seja *factual* ao caso não-marcado e *não-factual* ao caso marcado. Aquilo que é *factual*, experienciado está mais saliente na memória, é mais fiável de se fazer julgamento sobre o que fora experienciado. Em contrapartida, o não-factual demanda mais esforço cognitivo para imaginar, projetar uma situação hipotética, criar suposições, conjecturas sem experiencialidade do evento.

Considerando os três critérios para avaliar a marcação, justifica-se o uso do parâmetro *referência temporal* para correlacionar tempo à modalidade, vejamos:

(i) *complexidade cognitiva* - falar do hipotético do provável, do condicional, do que não foi realmente experienciado ou que esteja em andamento e sem fim determinado é mais complexo de se processar do que fatos experienciados, rotineiros, em progresso e com fim determinado;

(ii) *distribuição de frequência* - falar de eventos, ações ou processos que ocorreram, ocorrem normalmente, ou referir-se a eventos ou estados no presente são mais frequentes, são o caso não-marcado e, portanto, tendem a fixar-se mais na memória e a propagar-se no uso;

(iii) *complexidade estrutural* – os conceitos mais abstratos nesse caso, os eventos ou estados hipotéticos, incertos, desejados, ou seja, no campo do *irrealis*, são o caso marcado, por conseguinte, tendem a ser codificados através de uma estrutura mais complexa.

Portanto, processos que podem ter sua referência bem delimitada no tempo e seu término indicado, incidem em maior certeza do falante. Givón (2001) correlaciona tempo, aspecto e modalidade como sendo mutuamente correlacionados. Sendo assim, o passado acabado, o presente momentâneo, realizado e asserido no momento da fala dão maior subsídios a uma maior certeza.

Nesse sentido, concebemos que o futuro pode ser: situação futura desejada, planejada (não-factual); simulação (projeção) de situação futura concebida como realizada (tida como factual); um *futuro lúdico*, com caráter didático. E o passado pode ser codificado: relatando o que ocorreu (factual); relatando o que ocorria (factual); e servindo de referência para uma suposição ou condição (não-factual) realizada pelo enunciador no momento da fala (presente) ou futuro. O que é factual indica mais certeza do falante e, por sua vez, o não-factual favorece a incerteza. Classificamos as proposições em **[factual]** e **[não factual]**.

Para atribuir os parâmetros acima citados, para mensurar o grau escalar do julgamento epistêmico *irrealis* subjacente a proposições operadas por modalizadores de dúvida e incerteza, procedemos à leitura da entrevista a fim de reconhecer o tópico discursivo no qual se insere o *dictum* da oração dubitativa em questão e, considerando a coerência textual, buscamos interpretar os parâmetros supracitados a partir de uma análise multiproposicional.

Como nos baseamos em uma classificação dicotômica dos parâmetros, para cada parâmetro há uma marcação considerada positiva, quando encontramos o valor que embasa o julgamento do falante sobre para mais certeza, e há outra negativa, quando não encontramos esse valor que embasa a certeza do falante. Portanto, para a aferição do grau escalar do *irrealis* epistêmico, estipulamos a seguinte classificação:

**Quadro 10** – A classificação dos fatores do grupo modalidade.

<b>CERTEZA 1</b>	3 ou 4 parâmetros positivos.
<b>CERTEZA 2</b>	2 parâmetros positivos e 2 negativos.
<b>INCERTEZA</b>	0 ou 1 parâmetro positivo.

Sugerimos abaixo, valendo-nos dos parâmetros supracitados, uma classificação prototípica dos valores escalares do *irrealis* de acordo com a presença ou não no discurso do falante dos valores positivos dos parâmetros acima descritos.

**Certeza 1:** conhecimento do falante sobre o tópico discursivo

evidencialidade

factualidade

**Certeza 2:** conhecimento do falante sobre o tópico discursivo

factualidade

**Incerteza:** sem nenhum traço positivo encontrado.

Porém, deve-se destacar que pode haver combinações diferentes. Esperamos que, atestada a coerência e eficácia nos resultados, isso represente uma contribuição relevante aos estudos da modalidade e da alternância subjuntivo/indicativo não só em língua espanhola, mas sim também suscite trabalhos comparativos em línguas neolatinas como a língua portuguesa.

Para averiguar a aplicação dos parâmetros estabelecidos veja análise de aferição da modalidade nos *anexos* (p.187-189).

## 6.6 Codificação e análise da amostra

Empreendemos uma análise ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista que empreende um método quantitativo com base em resultados estatísticos. Nessa perspectiva temos uma variável linguística na qual duas ou mais variantes competem na codificação do mesmo significado e nessa competição incidem, com certo peso relativo, alguns fatores condicionadores. Em nosso caso, a alternância subjuntivo/indicativo forma a nossa variável linguística, sendo a forma subjuntiva considerada a aplicação da regra em enunciados sob escopo de advérbios e locuções adverbiais de dúvida e, em contrapartida, o indicativo a forma inovadora. Buscaremos descrever dentro da amostra

tomada da comunidade de fala da Cidade do México os padrões de ocorrência dessa variável e o peso relativo das variáveis independentes atuantes nessa.

Inicialmente trabalhamos na codificação dos dados que serviram como *input* ao programa computacional GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Nessa etapa, nossa análise se deu principalmente pela inferência textual do fenômeno estudado privilegiando aspectos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos. Em especial, em se tratando do *grupo de fatores modalidade*, fizemos a identificação do tópico discursivo na entrevista, geralmente lemos em média 100 turnos antes da proposição em questão, a fim de rastrear o tópico discursivo no qual se enquadra a proposição em foco. Nessa leitura buscamos apreender, a partir dos parâmetros estabelecidos (vistos em 6.5), o grau de comprometimento, conhecimento, convicção do falante em relação ao conteúdo proposicional sob escopo do modalizador epistêmico na cláusula em análise.

Portanto, previamente foram estipulados símbolos para cada fator da variável dependente e das variáveis independentes. Procedemos à codificação das formas verbais encontradas no *corpus*, as quais foram codificadas em cada grupo de fatores<sup>73</sup>. Nessa etapa, a atenção do pesquisador é fundamental para dar veracidade aos resultados obtidos. Há uma hipótese intrínseca a cada grupo de fatores que prevê sua relação com a variável dependente e que essa relação será inferida a partir do *input* dos dados.

Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico no programa GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A descrição do programa estatístico é feita logo a seguir.

### **6.6.1 Análise quantitativa**

Os estudos sociolinguísticos se valem essencialmente de recursos advindos da matemática, da estatística e noções de probabilidade para a confecção de dados de forma empírica e com rigor científico. Nesta pesquisa, aplicamos a técnica já consagrada na literatura da Sociolinguística Variacionista com o uso do programa computacional estatístico GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). O programa, basicamente falando, consiste na tarefa de estabelecer relações de peso relativo entre a variável dependente e as variáveis independentes e qual a probabilidade de ocorrência de cada variante correlacionando-as aos fatores condicionadores. De acordo com o *input* das sentenças já devidamente codificadas, se estabelece a relação entre a quantidade de ocorrência de dado

---

<sup>73</sup> Ver seção 6.5 envelope de variação acima e a tabela de codificação em ANEXOS.

fator e sua relação com a realização da variável dependente e se testa a relação entre os vários fatores simultaneamente, daí o seu caráter de possibilitar uma *análise multivariada*.

O programa faz uma série de rodadas a fim de testar fator por fator em suas possíveis correlações de influência recíproca ou isoladamente na ocorrência da variável sob análise. O programa disponibiliza várias ferramentas com as quais o pesquisador poderá reaplicar a análise fazendo combinações julgadas necessárias, como recodificar fatores através de amalgamação, descarte parcial e/ou definitivo; rodar separadamente o peso dos grupos de fatores mais relevantes etc.

Embora o modelo de experimento utilizado inerentemente numa pesquisa variacionista seja quantitativo e se valha do tratamento estatístico para apresentar de forma empírica e sistematizada a relevância dos dados obtidos na análise, atribuindo a cada fator o seu peso relativo, probabilidade de ocorrência e o percentual dentro dos grupos preestabelecidos como variáveis independentes e sua correlação à variável dependente, vale ressaltar que o tratamento estatístico é instrumental. De nada vale sem a interpretação dos dados por parte do pesquisador. Portanto, se necessário, a partir dos resultados estatísticos iniciais obtidos, se partirá para uma leitura dos resultados e uma experimentação a partir de um controle dos dados em novas rodadas estatísticas a fim de constatações e questionamentos possíveis que venham a surgir, pois a ferramenta nos permite essa aplicação, ou melhor dizendo, reaplicação e uma posterior reanálise.

Tendo em vista a funcionalidade do Programa computacional GOLDVARB X, realizamos uma primeira rodada com todos os grupos de fatores. Em seguida, partimos para uma análise separada para cada grupo de fatores selecionado como relevante para a variável linguística.

A seguir, expomos pormenorizadamente os resultados obtidos após submissão dos dados ao programa estatístico GOLDVARB X e a consequente análise dos resultados.

## 7 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção apresentamos os resultados em percentuais da primeira rodada, realizada com o programa estatístico GOLDVARB X com todos os grupos de fatores linguísticos tomados como hipóteses e que foram apresentados na seção *envelope de variação*. Detalhamos também, neste momento, os ajustes realizados para maior compreensão do percurso que realizamos até chegarmos aos resultados finais expostos. Em seguida, apresentamos os grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico e expomos nossa análise comentando se os resultados condizem com nossas hipóteses. Na sequência, apresentamos os resultados das variáveis extralinguísticas em uma seção à parte.

### 7.1 Primeiros resultados

No tratamento da variável em foco, adotamos o uso do subjuntivo como valor de aplicação, seguindo o que prediz a tradição gramatical normativa, que a ocorrência do subjuntivo nessas orações com valor de dúvida, incerteza, possibilidade, probabilidade e de conjectura é a aplicação da regra. O indicativo seria a forma inovadora que viria ganhando espaço e alternando-se com o subjuntivo na codificação desses valores escalares codificados sob o domínio do *irrealis* epistêmico. No entanto, pressupomos também haver contextos de uso preferenciais com o indicativo, como prediz a própria GT espanhola, junto ao advérbio *seguramente* e à locução adverbial *a lo mejor*. Controlamos todos os modalizadores epistêmicos listados no grupo de fatores *item dubitativo* a fim de testar se há, realmente, tanto os contextos inibidores do subjuntivo (com *a lo mejor* e *seguramente*), como os que o favoreceriam (por hipótese o prototípico seria o *tal vez*) e qual o contexto preferencial de alternância.

Na rodada inicial, foram encontradas ao todo 284 ocorrências no *corpus sociolinguístico de Ciudad de México (CSCM)*, com um percentual geral de **10.6%** de ocorrência para o subjuntivo e **89.4%** de indicativo. Inicialmente, ao rodarmos os dados, alguns grupos apresentaram *knockouts*<sup>74</sup>, com isso necessitamos fazer ajustes para retirá-los. Restaram **219** ocorrências após a retirada das ocorrências que se apresentaram ou como contexto categórico do indicativo ou inadequadas ao rumo tomado em nossa análise. Detalharemos esses ajustes na sequência.

---

<sup>74</sup> Terminologia usada pelo programa computacional, se refere ao que acontece quando um dos fatores apresenta valores de 0% ou 100% de frequência para um dos valores da variável dependente (cf. GUY; ZILLES, 2007).

### a) Item dubitativo

Começamos mostrando o grupo *item dubitativo* sem os ajustes e agrupado de acordo com a nossa expectativa de uso com o modo verbal:

Tabela 5 – Grupo *item dubitativo* sem ajustes de acordo com expectativa de uso - valores percentuais de ocorrência.

Item dubitativo	Ocorrências de subjuntivo		Ocorrências de indicativo	
	Total	%	Total	%
<b>Expectativa de uso do indicativo</b>				
<i>A lo mejor</i>	12	5,9	190	94,1
<i>Seguramente</i>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
<b>Expectativa de uso do subjuntivo</b>				
<i>Quizá (s)</i>	7	25,0	21	75,0
<i>Tal vez</i>	3	15,0	17	85,0
<b>Expectativa de uso da alternância subjuntivo/indicativo</b>				
<i>Probablemente</i>	7	41,2	10	58,8
<i>Posiblemente</i>	1	25,0	3	75,0
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>10,6</b>	<b>254</b>	<b>89,4</b>

Os dados nos mostram que, na grande maioria das ocorrências, se faz uso do indicativo, **89,4%** do total de dados. No entanto, convém destacar que, das 284 ocorrências iniciais, **71,1%** dos enunciados dubitativos ocorrem com o *a lo mejor*, considerado pela GT espanhola favorecedor do indicativo. Ademais, nessa etapa inicial encontram-se também 65 ocorrências consideradas de uso categórico do indicativo, as quais serão detalhadas adiante, o que seguramente influenciou esse percentual.

Os dados percentuais acima nos mostram que orações com o *seguramente* revelam-se contexto categórico do indicativo, e que o *a lo mejor* se mostra também como altamente favorecedor do indicativo. No entanto, convém destacar que esse modalizador não selecionou categoricamente o indicativo, contrariando o que prediz a GT espanhola. Não há entre os demais, à primeira vista, observando somente o percentual, um modalizador favorecedor do subjuntivo, sendo o *probablemente* (**41,2%**) e o *quizá(s)* (**25%**) os que apresentaram maiores percentuais de ocorrência do subjuntivo.

Retiramos, aplicando o comando de *exclusão da análise*<sup>75</sup>, as 13 ocorrências com o advérbio *seguramente*; as 7 ocorrências com o fator *anteposto mais de 3 palavras intervenientes*; 7 ocorrências do fator *anteposto até 2 palavras intervenientes*; 11 ocorrências do fator *anteposto imediato*; e do grupo tempo verbal, as 12 ocorrências do tempo *condicional*, 7 ocorrências do *futuro imperfecto* e as 12 ocorrências de *perífrasis de futuro*, as quais se mostraram como contexto categórico do indicativo, como previsto. Algumas dessas ocorrências coincidem estar na mesma oração, por isso o total de dados categóricos de indicativo descartados é de 65 ocorrências. Exemplificamos na sequência, respectivamente, os dados descartados acima descritos:

(26) ... *les planteamos el proyecto y dijeron que sí, pero hay problemas muy graves de... Bueno... problemas, seguramente HAY en todos lados, pero que para nosotros era muy difícil, de tipo político...* [Inf. 18 Turno:194]

(26) lhes sugerimos o projeto e disseram que sim, mas há problemas muito graves de... Bem... problemas, **seguramente** HÁ em toda parte, mas que pra nós era muito difícil, de tipo político...

(27) ...*Y DIJE algo mal aquí quizás, no se puede estar en todo....* [Inf. 16, Turno: 462].

(27)... E DISSE algo mal aqui **talvez**, não se pode estar em todo...

(28) *Colaboro desde hace bastantes años en un taller de teoría y crítica literaria de mujeres que se llama D M. Este grupo tiene veinte años y fracción. De trabajar yo TENGO, pues, a lo mejor dieciséis o diecisiete años de estar ahí.* [Inf.36. Turno: 33].

(28) Colaboro desde faz bastantes anos em um grupo de teoria e crítica literária de mulheres que se chama D.M. Este grupo tem vinte e poucos anos. Trabalhando eu TENHO, bem, **provavelmente** dezesseis ou dezessete anos de estar aí.

(29) *Bueno, era bien bonito porque bueno como que vivías en un pueblo, no había pavimento, no HABÍA a lo mejor ni luz. Yo no me acuerdo que hubiera luz. Digo, en la calle ¿no? Había unos arbolotes gigantes que nada más queda como uno o dos ahí en el barrio.* [Inf. 50. Turno: 209].

(29) Bom, era bem bonito porque, bem, como que vivias em uma cidade do interior, não havia pavimento, não HAVIA **provavelmente** nem luz. Eu não me lembro que

<sup>75</sup> O comando [nil] é usado quando se deseja retirar um fator não apenas do grupo em que se insere mas sim também retirar da análise todos os dados nos quais ocorra esse fator por ser considerado categórico de um valor da variável e que a influência dos demais grupos de fatores não teria peso relativo relevante. (cf. GUY; ZILLES, 2007).

houvesse luz. Digo, na rua, né? Havia umas arvoredos gigantescas que nada mais restam como uma ou duas aí no bairro.

(30) *La verdad es que no es cierto, entonces yo a lo mejor sí me INCLINARÍA también a pensar ese tipo de cosas raras [Inf. 11, Turno: 202].*

(30) A verdade é que não é certo, então eu provavelmente sim me inclinaria também a pensar esse tipo de coisas esquisitas.

(31) ... *algún día a lo mejor me OIRÁS...* [Inf. 38, Turno: 764].

(31) ... algum dia provavelmente me ouvirás..

(32) *Lo que dicen muchas veces que hay veces que si se va a construir una presa a lo mejor se VA A INUNDAR alguna comunidad viva [Inf. 11, Turno: 20].*

(32) O que dizem muitas vezes que há vezes que se se vai a construir uma represa provavelmente se vai a inundar alguma comunidade viva.

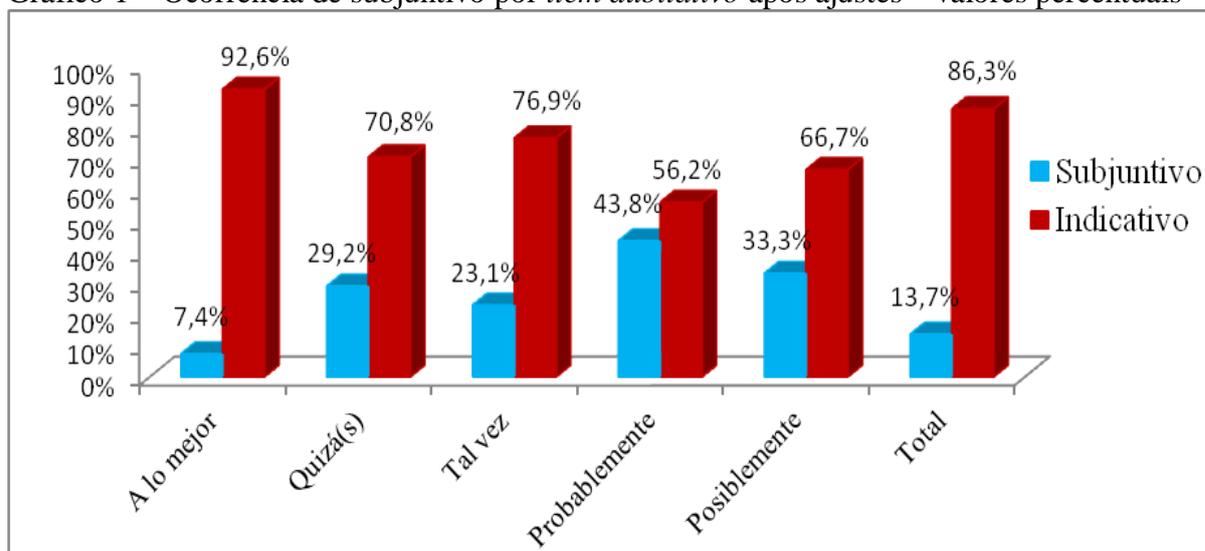
Após a retirada dos dados detalhados, nossa amostra ficou reduzida a um total de 219 ocorrências, e assim, a quantidade de ocorrências por *item dubitativo* resultou a seguinte:

Tabela 6 – Grupo *item dubitativo* após ajustes - valores percentuais de ocorrência.

<i>Item dubitativo</i>	<b>Ocorrências subjuntivo</b>		<b>Ocorrências indicativo</b>	
	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<i>A lo mejor</i>	12	7,4	151	92,6
<i>Quizá (s)</i>	7	29,2	17	70,8
<i>Tal vez</i>	3	23,1	10	76,9
<i>Probablemente</i>	7	43,8	9	56,2
<i>Posiblemente</i>	1	33,3	2	66,7
<b>Total</b>	30	13,7	189	86,3

Como se observa acima, o valor percentual absoluto das ocorrências de indicativo e de subjuntivo encontrado na amostra de enunciados com advérbios de dúvida, após retirada dos contextos categóricos, é de **86,3%** de ocorrências com o indicativo e de **13,7%** com o subjuntivo. Evidencia-se, assim, que orações veiculadoras de valor de dúvida ou incerteza não se constroem preferencialmente com o subjuntivo como prevê a GT espanhola no tratamento do modo verbal. O item dubitativo que mais favorece o subjuntivo, percentualmente, é o *probablemente* com **43,8%**; seguido do *posiblemente*, com **33,3%**; e o que mais restringe o uso do subjuntivo é o *a lo mejor*, com **7,4%**.

A ocorrência de subjuntivo por *item dubitativo* pode ser melhor visualizada no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Ocorrência de subjuntivo por *item dubitativo* após ajustes – valores percentuais

Rodamos os dados sem o *a lo mejor*, no entanto, como essa forma foi a mais frequente no *corpus*, o número de ocorrências da amostra reduziu de 219 para 56 e devido a isso não foi possível obter o peso relativo. Na tabela que segue, expomos apenas os percentuais de ocorrência com uma maior expressividade do uso do subjuntivo em relação ao total, como se observa abaixo:

Tabela 7 – Grupo *item dubitativo* sem o *a lo mejor* - valores percentuais de ocorrência.

<i>Item dubitativo</i>	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
<i>Quizá (s)</i>	7	29,2	17	70,8
<i>Tal vez</i>	3	23,1	10	76,9
<i>Probablemente</i>	7	43,8	9	56,2
<i>Posiblemente</i>	1	25,0	2	75,0
<b>Total</b>	18	32,1	38	67,9

Observa-se, ao retirar da rodada a forma *a lo mejor*, que houve um incremento considerável no percentual de ocorrência do subjuntivo, passando de **13,7%** a **32,1%**, denotando forte ligação desse modalizador com o indicativo, bem como que esse é o modalizador dubitativo mais produtivo no *corpus* sob análise da fala da Cidade do México.

#### b) Tempos verbais em alternância

Passamos ao grupo *tempos verbais em alternância*. Decidimos na codificação contabilizar os tempos verbais para sabermos a frequência de cada tempo verbal na

codificação de enunciados dubitativos. O resultado inicial sem os ajustes se nos apresenta abaixo:

Tabela 8 – Ocorrências por tempo verbal com todos os itens dubitativos sem ajustes – valores percentuais.

Tempos verbais em alternância	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo			
	Total	%	Total	%	Total	%
<b>GRUPO A</b>						
<i>Perífrasis de futuro</i>	não ocorre	-	12	100	12	4,2
<i>Fut. Imperfecto</i>	não ocorre	-	7	100	7	2,5
<i>Presente Ind./Subj.</i>	14	9,4	135	90,6	149	52,5
<b>GRUPO B</b>						
<i>Condicional</i>	não ocorre	-	12	100	12	4,2
<i>Pret. Imperfeito Ind/Subj.</i>	4	9,8	37	90,2	41	14,4
<b>GRUPO C</b>						
<i>Pret. Perfeito Ind/Subj.</i>	não ocorre	-	12	100	12	4,2
<i>Pret. Indefinido Ind.</i>	não ocorre	-	38	100	38	13,4
<b>GRUPO D</b>						
<i>Pret. Pluscuamperfecto Subj.</i>	12	100	0	-	12	4,2
<i>Pret. Pluscuamperfecto Ind.</i>	não ocorre	-	1	100	1	0,4
<b>Total</b>	30	10,6	254	89,4	284	100

O grupo apresentou, como era esperado, *knockout* com **100%** de indicativo nas formas verbais de *futuro imperfecto*, *perífrasis de futuro*, *condicional* e *pretérito indefinido*. Dado o nosso objetivo de observar os tempos verbais que se alternavam na representação do mesmo valor de verdade, conforme explicitado acima (cf. seção 6.4), havíamos proposto inicialmente os grupos de alternância: **Grupo A:** *presente do indicativo, presente do subjuntivo, futuro imperfecto e perífrasis de futuro*; **Grupo B:** *pretérito imperfecto indicativo, pretérito imperfecto subjuntivo, condicional*; **Grupo C:** *pretérito indefinido indicativo, pretérito perfecto compuesto indicativo, pretérito perfecto subjuntivo*; **Grupo D:** *pretérito pluscuamperfecto indicativo, pretérito pluscuamperfecto subjuntivo*.

No entanto, com vistas a manter a coerência do grupo, seguindo os critérios da pesquisa quantitativa, tivemos de eleger para este grupo de fatores focarmos ou nos valores aspecto-tempo-modais veiculados ou na morfologia dos tempos verbais. Nesse ponto residia a nossa dificuldade para a análise desse grupo.

Com vistas a definir o grupo de forma mais discreta, decidimos focar na forma para a definição dos fatores, ou seja, no paradigma de tempo verbal. Cada fator corresponde a um par, sendo um tempo verbal do indicativo e outro do subjuntivo com mesma referência temporal e que se alternam na codificação do mesmo significado referencial. Com isso, descrevemos a atuação dos tempos verbais na codificação do mesmo valor de verdade sem comprometer o critério na seleção dos fatores que se baseia na forma, ou seja, o tempo verbal. E, assim, poder apontar sua influência na alternância subjuntivo/indicativo.

Por esse motivo, retiramos do Grupo A as ocorrências do *futuro imperfecto e perífrasis de futuro*. Do Grupo B, retiramos as ocorrências do *condicional*. Quanto ao Grupo C, todas as ocorrências apresentaram o modo indicativo. Por esse motivo, tivemos de aplicar o comando *não-se-aplica*<sup>76</sup>, com vistas a retirar os *knockouts* vistos na *tabela 8*. Em (33) temos uma das ocorrências do Grupo C:

(33) *Quizá por eso nunca me GUSTÓ el realismo [Inf. 17. Turno: 136].*

(33) **Talvez** por isso nunca GOSTEI do realismo.

Na oração acima ocorre o tempo verbal *pretérito indefinido*<sup>77</sup> codificando um passado com referência temporal indeterminada para o qual, segundo a GT espanhola, o *pretérito perfecto compuesto de indicativo* seria, numa oração sem o traço modal da dúvida e da incerteza, o tempo correto a ser usado. O exemplo (33) poderia alternar, portanto, também como:

(33) *Quizá por eso nunca me HA GUSTADO el realismo.*

(33) **Talvez** por isso nunca GOSTEI do realismo.

Ou ainda o exemplo (33) poderia ser

<sup>76</sup> O comando **não-se-aplica** usado no programa GOLDVARB X, representado pela barra invertida ( / ), é usado quando se deseja retirar, dentro de um grupo de fatores, um ou mais fatores da análise. No entanto, os dados que contenham a codificação desse(s) fator(es) não deixam de ser considerados nos demais grupos de fatores, ou seja, eles não descartados da análise, mas sim somente daquele grupo de fatores.

<sup>77</sup> A título de referência do paradigma dos tempos verbais, esses dois pretéritos do indicativo, o *indefinido* e o *perfecto simple* correspondem no português ao pretérito perfeito do indicativo. A diferença consiste que no espanhol há uma gradação no traço aspectual do passado concluído, i.e., perfectivo. O *pret. indefinido* é o passado concluído e sem relação com o presente, “*Ayer fui ao mercado; Hace dos años nos conocimos em Bariloche*”. Já o *pret. perfecto simple* indica uma relação de um passado com o presente, “*Esta mañana hemos desayunado café y tostadas*”, ou um passado indeterminado “*Siempre hemos viajado a Buenos Aires em las vacaciones; Creo que algunos días atrás hemos ido a Barcelona*”.

(33) *Quizá por eso nunca me HAYA GUSTADO el realismo.*

(33) **Talvez** por isso nunca HAJA GOSTADO do realismo.

Esse contexto não é categórico de indicativo uma vez que o valor aspecto-tempo-modal codificado pelo *Grupo C* nesses enunciados dubitativos é representado prototipicamente, segundo a GT espanhola, pelo *pretérito perfecto de subjuntivo* como no exemplo a seguir:

(34) *Bien no estoy seguro donde están. Tal vez ellos HAYAN IDO al mercado por las frutas.*

(34) Bem, não tenho certeza onde estão. **Talvez** eles TENHAM IDO ao mercado em busca de frutas.

Portanto, o que se constatou em nosso *corpus* foi a prevalência do indicativo na concorrência com a forma do subjuntivo. O valor temporal da oração (34) com subjuntivo ficaria o mesmo que o das duas formas de pretérito do indicativo: “*Bien no estoy seguro donde están. Tal vez ellos HAN IDO / FUERON al mercado por las frutas.*”.

Outra alteração foi necessária nesse grupo de fatores. Havíamos posto separados os tempos *pluscuamperfecto de indicativo* e *de subjuntivo*, por isso apresentaram também **100%** de cada valor de modo verbal respectivo. Por conseguinte, por formarem um grupo de alternância que codifica o mesmo valor de verdade, tivemos de agrupá-los, **amalgamá-los**<sup>78</sup> no arquivo de condições a fim de efetuar a rodada inicial.

Após todos os ajustes necessários, apresentamos a seguir os resultados percentuais de ocorrência para esse grupo de fatores:

---

<sup>78</sup> A amalgamação é um procedimento de agrupamento dos fatores que apresentaram *knockouts* e que possam, por hipótese, ser agrupados em grupos maiores. Consiste, basicamente, em considerar o fator que deu nocaute como um que não tenha apresentado nocaute, e verificar com quais fatores dentro do grupo possa agrupar-se dentro das novas hipóteses propostas pelo pesquisador. (cf. GUY; ZILLES, 2007).

Tabela 9 – Grupo tempos verbais em alternância - valores percentuais de ocorrência

Tempos verbais em alternância	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
<b>GRUPO A</b>				
<i>Pres. Ind. / Pres. Subj.</i>	14	10,9	115	89,1
<b>GRUPO B</b>				
<i>Pret. Imp. Ind. / Pret. Imp. Subj.</i>	4	10,3	35	89,7
<b>GRUPO D</b>				
<i>Pluscuamperfecto Subj. / Pluscuamperfecto Ind.</i>	12	92,3	1	7,7
<b>Total</b>	30	16,6	151	83,4

Os dados nos revelam que o Grupo D, que congrega os tempos verbais *pretérito pluscuamperfecto* de indicativo e de subjuntivo, é o que apresenta menor alternância com o indicativo. Dos 13 dados, apenas um aparece no indicativo, logo, se mostra o grupo com maior favorecimento ao subjuntivo com **92,3%**, praticamente uso categórico do subjuntivo. A única ocorrência no indicativo é a seguinte:

(35)

**Inf. 1** – *Cuando fuimos, yo ... este ... bailé con R y con D y T con A.*

**Inf. 2** – *pero no me acuerdo que hayan hecho eso, cuando yo fui nada más me acuerdo que bajamos.*

**Inf. 1** - *entonces a lo mejor ya lo HABÍAMOS HECHO. [Inf. 56, Turno: 347].*

(35)

**Inf. 1** - *Quando fomos, eu... bem... dancei com R e com D, e T com A.*

**Inf. 2** – *mas não me lembro que tenham feito isso, quando eu fui nada mais me lembro que descemos.*

**Inf. 1** - *então provavelmente já o tínhamos feito.*

A grande maioria ocorre no subjuntivo como a ocorrência abaixo:

(36) *De manera que eso también facilita el incorporar hábitos y costumbres **que** [valor de "y"] aquí **tal vez** HUBIERA SIDO un poco diferente.... Ahora yo digo que no no no tanto porque el otro hijo ha hecho toda su vida de casado en México y se comporta igual, este entonces sí [Inf. 29, Turno: 679].*

(36) De maneira que isso também facilita o incorporar hábitos e costumes e aqui **talvez** TIVESSE SIDO um pouco diferente... Agora eu digo que não, não, não tanto porque o outro filho fez toda sua vida de casado no México e se comporta igual, isto então sim.

Os demais grupos apresentam um percentual favorecendo o indicativo, contexto onde ocorre a alternância, no entanto, com prevalectimento do indicativo. Já o *grupo 3* mostrou-se categórico de indicativo em nosso envelope de variação, por isso não aparece na tabela 9. A seguir, para efeito ilustrativo, trazemos uma ocorrência em nosso *corpus* do *pretérito perfecto de subjuntivo*, porém em uma oração subordinada substantiva objetiva direta, complemento do verbo *decir*:

(37) *hey, entonces, digo, como que HAYAN TRAÍDO quizás otro tipo de cosas, tal vez sí ¿no? Como, digamos, falluca. [Inf. 52, Turno: 216].*

(37) Ei, então, digo, como que, TENHAM TRAZIDO talvez outro tipo de coisas, talvez sim, né? Como, digamos, muamba.

### c) Posição e distância da forma verbal em relação ao item dubitativo

Nesse grupo, os fatores: *verbo anteposto imediatamente ao advérbio*, *verbo anteposto até 2 palavras* e *verbo anteposto 3 palavras ou mais*, apresentaram, como previsto pela normatividade, 100% de ocorrência de indicativo quando a forma verbal estiver em posição anteposta em relação ao advérbio.

Para prosseguir na rodada e retirar os *knockouts*, decidimos retirar da análise os 3 fatores acima citados em que o verbo estivesse em posição anteposta ao modalizador, por se haver apresentado, como era esperado, contexto categórico do indicativo e conseqüentemente não caracterizarem contexto de alternância, foco de nosso estudo. Resumindo o processo descrito, mostramos os resultados percentuais após esses ajustes:

Tabela 10 – Grupo posição e distância da forma verbal em relação ao *item dubitativo* – valores percentuais de ocorrência.

Posição e distancia do verbo	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
Verbo imediatamente posposto ao advérbio	13	23,6	42	76,4
Verbo posposto até 3 palavras ao advérbio	13	10,3	113	89,7
Verbo posposto 4 palavras ou mais ao advérbio	4	10,5	34	89,5
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>13,7</b>	<b>189</b>	<b>86,3</b>

Conforme hipotetizamos, com relação a esse grupo de fatores, os verbos que vêm *pospuestos*, quanto mais próximos do advérbio de dúvida, têm um aumento na probabilidade de ocorrer no subjuntivo. Observa-se que há uma relação de que quanto maior a distância entre o verbo posposto e o advérbio modalizador, menor será o percentual de ocorrências da forma verbal subjuntiva.

Os resultados nos dão indícios que corroboram com nossa hipótese, dada a diferença considerável do fator *verbo posposto inmediatamente ao advérbio* **23,6%** em relação aos outros dois fatores pospostos, respectivamente **10,3%** e **10,5%** de ocorrência do subjuntivo, embora o fator posição *verbo posposto 4 palabras ou mais ao advérbio* apresente um ligeiro crescimento em relação ao fator *verbo posposto até 3 palabras ao advérbio*, cremos que a baixa quantidade de dados explique essa irregularidade. Vejamos alguns exemplos desses fatores:

(38) Él hace un recuento de su vida: “Sabes qué, yo **a lo mejor** HUBIERA SIDO alcohólico... [Inf. 22 Turno: 152].

(38) Ele faz uma digressão sobre sua vida: “Sabes o quê, eu **provavelmente** TIVESSE SIDO alcoólatra...”

(39) ...y yo dije: “no, pues **a lo mejor** algunos TIENEN que venir de traje o él sí acostumbra”[Inf. 1. Turno: 57].

(39) ... e eu disse: “não, pois **provavelmente** alguns TÊM que vir de terno ou ele sim acostuma”.

(40) **Quizás** ahorita ya, este,... yo ya TUVIERA un estilo [Inf.3. Turno:194].

(40) **Talvez** agorinha já, eh... eu já TIVESSE um estilo.

Os resultados nos indicam que a posição do verbo anteposto ao advérbio mostra-se contexto categórico do indicativo como prevê a GT espanhola, por isso os fatores de posição anteposta não estão na tabela 10 acima. Embora não consideradas na presente análise por não satisfazer a condição do envelope de variação, encontramos em nossa amostra dois exemplos que contradizem essa prescrição, como se vê a seguir:

(41) [...] y el plan estaba bien, pero al contrario que me HUBIERAN **a lo mejor** DEMANDADO más, no [risa] fue más este descompromiso con las gentes que enseñaban y eso sí me ... me hubiera importado pues que era, fuera más compromiso...me desilusionó que no era tanto compromiso al enseñar. [Inf. 54 Turno: 286].

(41) [...] e o currículo estava bom, mas ao contrário [do\*] que me TIVESSEM provavelmente COBRADO mais, não [risos] foi mais este descompromisso com as pessoas que ensinavam e isso sim me ... me tivesse importado pois que era, fosse mais compromisso... me desiludiu que não era tanto compromisso ao ensinar. [Inf. 54 Turno: 286].

(42) *hey, entonces digo como que HAYAN TRAÍDO (HAN TRAÍDO/ TRAJERON) quizás otro tipo de cosas, tal vez sí ¿no? Como, digamos, falluca* [Inf. 52. Turno: 216].

(42) ei, então digo como que tenham trazido (TROUXERAM<sup>79</sup>) talvez outro tipo de coisas, talvez sim, não é? Como, digamos, “muamba”.

Nesse sentido, seguindo o *subprincípio icônico da integração* (ou da proximidade), aquilo que está mais próximo cognitivamente tende a ficar também mais próximo no campo da expressão. Por conseguinte, podemos inferir que nessas orações em que os verbos estão mais próximos dos advérbios de dúvida, denota-se que no plano cognitivo há um maior estreitamento, entre o valor de dúvida, incerteza (representados pelo advérbio modalizador) e o predicado da proposição. Logo, nessas orações, no plano cognitivo, haveria um grau mais saliente do valor de dúvida e incerteza subjacentes ao advérbio modalizador associados ao predicado. Assim, esses modalizadores instaurariam também mais fortemente esse julgamento ao predicado da oração no plano da expressão, e com isso se favoreceria a seleção do subjuntivo.

Portanto, com essa maior ocorrência (23,6%) do subjuntivo nessa posição do verbo *posposto imediatamente* ao advérbio, confirmar-se-ia essa relação icônica. Ademais, sugerimos que essa proximidade no plano da expressão reflete que no plano do conteúdo há um grau cognitivo mais saliente da incerteza, dúvida ligado ao predicado sob escopo do advérbio modalizador e que isso resultaria nessa tendência do subjuntivo ser favorecido nesse contexto. Denotando, assim, que em enunciados dubitativos, quando houver maior proximidade entre o modalizador de dúvida e o verbo, haverá valor escalar do epistêmico *irrealis* mais próximo da incerteza.

Segundo Cunha *et al.* (2003), Costa (2000) se vale do *subprincípio icônico da proximidade ou da integração* para explicar a ausência de concordância verbal em orações em que sujeito e verbo encontram-se estruturalmente distanciados. Complementam sobre o trabalho de Costa dizendo que “a introdução de material de apoio entre o sujeito e o verbo,

<sup>79</sup> No português não há um forma correspondente ao pret. perfectum de indicativo. No português as duas formas que aqui se mostram *han traído* e *trajeron* tem a mesma correspondência no português *trouxeram*. No espanhol esses dois tempos verbais marcam diferenças no aspecto da ação no passado, o que não se codifica morfológicamente no paradigma do modo indicativo em língua portuguesa.

como o aposto [...], enfraquece a integração entre sujeito e predicado no plano do conteúdo, o que resulta na falta de concordância verbal” (CUNHA *et al.*, 2003, p.33). Assumimos a ideia de que haja esse mesmo comportamento na relação entre o modalizador e a forma verbal posposta, da qual resulta interferência na seleção do modo subjuntivo ou indicativo. No entanto, supomos que o fato de interpor uma quantidade maior de material linguístico entre o modalizador de dúvida e a forma verbal já reflete a baixa integração no plano do conteúdo entre o valor de dúvida, incerteza, inerentes ao modalizador, e o predicado sob escopo desse.

Em suma, com o grupo de fatores *posição e distância da forma verbal em relação ao item dubitativo* se ilustra no plano da expressão, em nosso caso em enunciados dubitativos, o plano do conteúdo. Logo, reflete o grau de certeza epistêmica do falante que ocorre no plano cognitivo e, conseqüentemente, a relação com a seleção da forma verbal. Sendo assim, o fator *verbo imediatamente posposto ao advérbio* é o maior favorecedor no grupo do subjuntivo por refletir em maior medida a relação existente na mente do falante entre o julgamento epistêmico de baixa certeza inerente ao modalizador e o predicado em questão. Ou seja, o indivíduo quando constrói um enunciado dubitativo com o predicado imediatamente posterior ao modalizador de dúvida exprimiria mais espontaneamente o julgamento epistêmico de baixa certeza epistêmica e isso favoreceria a seleção do subjuntivo, por essa ser a forma prototípica, subconjunto do *irrealis* (GIVÓN, 1995). Diferentemente de uma construção em que o modalizador apareceria mais distante do predicado, em que o uso do modalizador apareceria na construção de um discurso menos espontâneo, sujeito a apreciações e estratégias de ordem pragmática, onde um maior grau de certeza do falante interviria e, assim, favoreceria a seleção do indicativo.

#### **d) Grau de atividade verbal**

Esse grupo de fatores também apresentou *knockouts*. Com vistas a mostrar o percurso realizado no tratamento desse grupo, trazemos inicialmente a tabela a seguir com os resultados dos percentuais de ocorrências antes dos ajustes:

Tabela 11 – Grau de atividade verbal sem ajustes – valores em percentuais

Grau de atividade verbal	Verbos	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
		Total	%	Total	%
<b>Momentâneo</b>	<i>saltar, chutar, derrubar</i>	1	25	3	75
<b>Atividade específica</b>	<i>sorrir, beber, desenhar</i>	-	-	10	100
<i>Dicendi</i>	<i>dizer, falar, ordenar</i>	-	-	11	100
<b>Atividade difusa</b>	<i>trabalhar, aprender, estudar</i>	6	13,6	38	86,4
<b>Estímulo mental</b>	<i>agradar, surpreender, assustar</i>	-	-	3	100
<b>Evento transitório intencional</b>	<i>permanecer, residir, estar</i>	-	-	6	100
<b>Evento transitório não-intencional</b>	<i>desmaiar, acordar</i>	-	-	2	100
<b>Processo</b>	<i>crescer, amadurecer</i>	-	-	2	100
<b>Experimentação mental</b>	<i>desejar, pensar, lembrar</i>	1	2,4	40	97,6
<b>Atenuação</b>	<i>achar, pensar</i>	-	-	2	100
<b>Relacional</b>	<i>depende de, ter, causar</i>	11	13,8	69	86,2
<b>Existência</b>	<i>haver, existir</i>	-	-	14	100
<b>Estado</b>	<i>ser, estar, parecer</i>	11	16,9	54	83,1
<b>Total</b>		30	10,6	254	89,4

Essa classificação segue a tipologia exposta em 6.4, item 7, que concebe um *continuum* no grau de atividade verbal. Por hipótese, assumimos que de acordo com o grau de atividade do verbo haja diretamente relação com a seleção da forma verbal subjuntiva ou indicativa nas orações independentes com itens dubitativos.

Observamos na tabela acima que nesse estágio inicial da análise, seguindo a ordem, os verbos do tipo: *momentâneo*, com **25%**; *estado*, com **16,9%**; *relacional*, com **13,8%** e de *atividade difusa* com **13,6%**, percentualmente são os que mais favorecem o subjuntivo.

Para seguir na análise e retirar os *knockouts*, realizamos uma *amalgamação*, formando grupos maiores, nos quais agrupamos em ordem decrescente seguindo a escala de

atividade. Tavares (2003, p.236-237) fez um agrupamento semelhante em sua análise, no entanto, os agrupou em 5 grupos de atividade.

Os dois primeiros grupos a seguir (*atividade 1* e *atividade 2*) apresentam uma ação realizada intencionalmente por um agente, com domínio da ação e com possível afetamento de um objeto, já os demais grupos de atividade não possuem todas essas características. A amalgamação tomou como base os tipos de verbos descritos na tabela 11.

A seguir, serão apresentados os agrupamentos realizados, considerando os traços de agentividade, intencionalidade, perfectividade, pontualidade, duração, dinamicidade, experiencialidade e afetamento do objeto.

- **Atividade 1:** reúne os verbos do tipo *momentâneo, atividade específica e dicendi*. Temos a seguir um exemplo com o subtipo *dicendi*:

(43) *pues sí, porque no lo disfrutas plenamente, DIRÁS **a lo mejor** en un momento de lucidez o no sé de ...de que te emociones, ¡vaya eh! podrás disfrutarlo por un rato, pero ya en el momento de reflexión, te pones a pensar...[Inf. 52, Turno: 126].*

(43) pois sim, porque não o desfrutas plenamente, DIRÁS **provavelmente** em um momento de lucidez ou não sei de... de que te emociones, pois bem! Poderás desfrutá-lo por um momento, mas já no momento de reflexão, te porás a pensar....

- **Atividade 2:** reúne *atividade difusa, instância, estímulo mental, transitório intencional*. Temos o seguinte exemplo com o *atividade difusa*:

(44) *éramos siete hermanos, entonces éramos un montón. No había para todo. **Posiblemente**, pues, me COMPRABAN una tela o dos telas, pero ya para cuatro trabajos contaban los trabajos que entraban de la calle. [Inf. 58, Turno: 625].*

(44) éramos sete irmãos, então éramos um montão. Não havia para tudo. **Possivelmente**, ahhh, me COMPRAVAM uma tela ou duas telas, mas já pra quatro trabalhos contavam os trabalhos que entravam da rua.

- **Atividade 3:** reúne os verbos com predicados sem traço de intenção e agentividade, compreendidos entre *evento transitório não-intencional* e *sensação corporal*. Temos o seguinte exemplo com o verbo *relacional*:

(45) *pues si, te, ahora sí que no falta también que te provoquen lógicamente pues si, te, sabes aguantar, te aguantas si no, pues, respondes y a lo mejor en la respuesta SALE uno perdiendo. (Inf. 52, Turno: 322)*

(45) pois se, te, agora sim que não falta também que te provoquem logicamente pois se, te, sabes aguantar, te aguantas se não, pois respondes e **provavelmente** na resposta SAI um perdendo.

- **Atividade nula** reúne os verbos de *existência e de estado*. Observa-se o seguinte exemplo com o subtipo *estado*:

(46) *pues, ya tal vez las primeras veces sí ERA así ¿no? Pero, pues, ya es una forma de que sabe que estás bien ¿no? (Inf. 54, Turno: 888).*

(46) pois, já **talvez**, as primeiras vezes sim ERA assim, não é? Mas, bem, já é uma forma de que sabe que estás bem, né?

São esses seus valores percentuais após os ajustes realizados:

Tabela 12 – Grau de atividade verbal - valores percentuais de ocorrência.

Tipo de verbo	Verbos	Ocorrências subjuntivo	
		Total	%
Atividade 1	Saltar, beber, dizer	1	6,7
Atividade 2	Trabalhar, sentar, assustar	6	17,1
Atividade 3	Pensar, precisar, ter	12	11,1
Atividade nula	(Ser, existir)	11	18,0
<b>Total</b>		30	13,7

Destacamos inicialmente o maior número de verbos do tipo *atividade 3* com **49,3%** do total das 219 ocorrências consideradas. Com relação ao percentual de ocorrência do subjuntivo o maior percentual é o do tipo de verbo *atividade nula (18,0%)*, justamente o grau mais baixo na escala de atividade de Tavares (2003), vindo logo em seguida o de *atividade 2 (17,1%)*. O que menos propicia é o de *atividade 1*, com um percentual de apenas **6,7%** de ocorrência do subjuntivo.

Nossas expectativas para esse grupo eram as de que na escala de atividade quanto maior o grau de atividade do verbo, que está relacionado aos traços semântico-pragmáticos

de: agentividade, intencionalidade, perfectividade, pontualidade, duração, dinamicidade, experiencialidade, afetamento do objeto, maior seria a seleção do indicativo.

Seguindo essa tipologia acreditávamos que quanto maior o grau de atividade maior seria sua concretude, ou seja, sua realização concreta, empírica, observável, experienciável e, portanto, maior sua evidencialidade e mais passível de propiciar certeza no julgamento epistêmico do falante, como sugere Givón (2001).

A escala do grau de atividade proposta na tipologia de Tavares (2003) nos permite fazer uma correlação entre o grau de atividade e a atitude valorativa epistêmica, uma vez que seguindo um raciocínio lógico, aquilo que é mais concreto, ou seja, possui um grau de atividade maior é mais evidenciável, observável e conseqüentemente mais passível a um julgamento mais factivo e que implica em uma maior certeza por parte do falante, seja ele, um participante direto do evento (protagonista ou personagem primário) ou indireto (observador do evento ou reprodutor a partir de relatos de terceiros).

Logo, quanto maior o grau de atividade, maior seria a certeza, por conseguinte, menor a probabilidade de ocorrência do subjuntivo. Nesse sentido, cremos que é mais factível e coerente, por exemplo, um falante fazer um julgamento epistêmico com mais certeza sobre uma ação realizada por um outro indivíduo que ele observa diretamente do que sobre seus sentimentos.

Observando os resultados percentuais após os ajustes, nossa expectativa de que os predicados com maior grau de atividade seriam mais favorecedores da certeza do falante e conseqüentemente ao uso do indicativo do que os de menor atividade não se satisfiz. O grupo *atividade 2*, com **17,1%** favoreceu mais o subjuntivo do que o de *atividade 3*, com **11,1%**. Observamos que dentro dos grupos as ocorrências do subjuntivo se concentram em alguns subtipos apenas, denotando certa irregularidade. Por exemplo, dentro do *grupo atividade 3*, com uma exceção, todas as demais ocorrências foram com o subtipo *relacional*. A exceção se nos mostra no exemplo a seguir:

(47) ... *el gusto de la gente de alguna manera manifestarse ¿no? En este caso, pues, **a lo mejor** PUDIÉRAMOS PENSAR que el director estaba manifestando... su placer o su gusto, ¿no? de la homosexualidad vivida o no sé, a lo mejor una manera de manifestar que la gente acepte [Inf. 53. Turno: 111].*

(47) o gosto das pessoas de alguma maneira manifestar-se, né? Neste caso, bem, **provavelmente** PUDÉSSEMOS PENSAR que o diretor estava manifestando... seu prazer ou

seu gosto, não é? da homossexualidade vivida ou não sei, provavelmente uma maneira de manifestar que a gente aceite.

Essa única ocorrência de subjuntivo com valor de atividade 3 que não é do tipo relacional se deu com o tipo *experimentação mental*, que apresentou 40 ocorrências em nossa amostra. Por hipótese, dado o conteúdo codificado por esse tipo ser de cunho subjetivo, emotivo, abstrato e de baixa atividade, esperávamos maior incidência do subjuntivo. Voltando ao *corpus* observamos que boa parte das ocorrências do tipo *relacional* se deu com o verbo *ter* como em:

(48) *Quizás ahorita ya, este, ... yo ya TUVIERA un estilo. [Inf. 3.Turno:194 ].*

(48) Talvez agorinha já, bem... eu já TIVESSE um estilo.

Em suma, o grupo *grau de atividade verbal* não foi selecionado pelo programa estatístico e não satisfaz nossa expectativa de que o grau de atividade do verbo estaria estritamente relacionado à alternância subjuntivo/indicativo observada no banco de dados da fala da Cidade do México.

A seguir, passamos aos resultados obtidos para o grupo *pessoa gramatical*, que não apresentou problemas de *knockouts*.

#### e) Pessoa gramatical

Para esse grupo, esperávamos que a segunda pessoa gramatical, a forma marcada, reteria mais o subjuntivo e que as formas de primeira e terceira pessoas gramaticais favoreceriam o indicativo. Os resultados para esse grupo são os seguintes:

Tabela 13 – Grupo pessoa gramatical – valores em percentuais de ocorrência.

Pessoa gramatical	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
Primeira pessoa	15	22,4	52	77,6
Segunda pessoa	2	9,5	19	90,5
Terceira pessoa	13	9,9	118	59,8
<b>Total</b>	30	13,7	189	86,3

As ocorrências em *terceira pessoa* são as que apresentaram maior frequência no *corpus*, com **59,8%** do total das 219 ocorrências consideradas. No grupo, esse fator

apresentou 13 ocorrências do subjuntivo, no entanto, com um percentual de apenas **9,9%**. A *primeira pessoa* gramatical apresenta o maior número, 15 ocorrências, e o maior percentual de ocorrências do subjuntivo, **22,4%**, mostrando-se o maior favorecedor. O fator *segunda pessoa* mostrou-se o menos frequente no *corpus* e o menor favorecedor do subjuntivo com um percentual de apenas **9,5%**.

Nossa hipótese inicial mostra-se descartada. Essa hipótese consistia em que a *segunda pessoa gramatical* reteria mais o subjuntivo por ser a forma marcada, tal qual o subjuntivo é a forma marcada. Segundo o *princípio da marcação* (GIVÓN, 1990; 1991; 2001), as formas verbais de segunda pessoa gramatical seriam as formas marcadas por serem menos frequentes, mais complexas estruturalmente e de processamento mais difícil. Conseqüentemente, por isso acreditávamos que nessas pessoas gramaticais prevaleceria o paradigma de modo verbal subjuntivo, por ser também considerado o item marcado em relação ao modo indicativo. Correlacionamos a isso o que Cunha *et al.* (2003, p.34) dizem:

Admite-se que a correlação entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa frequência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, dado que representa o isomorfismo entre correlatos substantivos (de natureza comunicativa e cognitiva) e correlatos formais da marcação. **Assim, as categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas.**

Parafraseando os autores, acreditamos que podemos dizer também na ordem inversa “*as categorias substantivamente mais marcadas tendem a ser também estruturalmente mais marcadas*”. Com isso, esperávamos que o correlato cognitivo sobre o incerto, o duvidoso, por ser mais complexo (substantivamente mais marcado) se codificaria através de correlatos formais estruturalmente mais complexos, ou seja, os elementos marcados, as formas subjuntivas e em maior medida nas formas de segunda pessoa. No entanto, o que se observa é que as ocorrências de segunda pessoa apresentam baixo percentual de ocorrência em subjuntivo na amostra de língua estudada, com apenas **9,5%** de ocorrências.

Convém destacar que o gênero textual, embora não o tenhamos controlado como uma variável independente, contribui para que haja uma maior ou menor frequência de ocorrência de determinada pessoa gramatical. De modo geral, nas narrativas e relatos prevalecem as de primeira e terceira pessoas, em nosso caso com **30,6%** e **59,8%**, respectivamente, do total de ocorrências. Nossa amostra é composta de entrevistas semiespontâneas onde se relatam narrativas nas quais prevalecem a primeira e terceira pessoas gramaticais, naturalmente. Em geral, denota-se o uso preponderante da primeira e terceira pessoas em textos desse gênero, bem como prepondera o uso das formas do modo

indicativo uma vez que se fala mais do que já se foi experienciado ou se experiencia habitualmente (não-marcado) do que sobre o que virá, sobre o incerto e o hipotético (marcado). Por conseguinte, apresentam-se como formas já enraizadas, nos termos de Bybee (2003), devido ao papel regulador da frequência.

Faremos uma breve exposição de uma explicação que propomos para a alternância entre indicativo e subjuntivo, a partir do conceito de **implicatura conversacional**. Esse conceito consiste em que

os usuários inferem para os elementos linguísticos valores que eles não possuem em seus sentidos literais, em função de coordenadas contextuais que possibilitam a inferência. Quando esse novo valor é aceito pela comunidade, estendendo-se a novos contextos, o item incorpora de forma mais definitiva e convencional, o que implica a sua inclusão no sistema da língua (MARTELOTA, 2011, p.24).

A partir desse conceito, acreditamos que isso se dê também com as formas verbais de indicativo e de subjuntivo. Considerando que o indicativo assume, em enunciados dubitativos, um valor/função que não é literalmente o seu e, assim, acaba por generalizar-se e incorpora gradualmente esse novo valor, cumprindo, assim, essa nova função.

Nesse sentido, a alternância subjuntivo/indicativo é explicada pela alta frequência das formas não-marcadas, consideradas as de indicativo, que em um dado contexto linguístico, sofreriam um processo de implicatura propiciado pela inferência contextual, assim, acabariam por concorrer com as de subjuntivo assumindo o valor codificado preferencialmente por esse e devido à alta frequência findariam por enraizar-se em construções de enunciados dubitativos.

Desse modo, supúnhamos que em enunciados dubitativos do espanhol, o indicativo comumente já usado com o *seguramente* e o *a lo mejor*, passaria, devido a um *nivelamento por analogia*, a ser usado junto aos demais advérbios de dúvida, em maior medida nas ocorrências de primeira e terceira pessoas gramaticais, devido à alta frequência. Essa alternância seria, assim, fruto de uma reanálise “decorrente de interferências analógicas não modulares provenientes de estruturas de uso com alta frequência ou de inferências ou implicaturas que são pressionadas pelos contextos reais em que as formas linguísticas são usadas” (MARTELOTA, 2011, p.46).

No entanto não se confirma nossa hipótese. As formas verbais de *primeira pessoa* são as que mais propiciam o subjuntivo, **22,4%**, seguidas pelas de *terceira pessoa* gramatical, com **9,9%**. Cremos que devido a uma frequência um pouco mais elevada que as de *segunda pessoa*, as de terceira pessoa resistem mais à substituição pelo indicativo, sofrendo, assim, um **efeito de armazenamento** das propriedades estruturais do paradigma morfofonológico do

modo subjuntivo, não sendo tão reduzidas como as de *segunda pessoa gramatical* (BYBEE, 2003). Por sua vez, como se observa em nossa amostra, as de *terceira pessoa* com um uso mais generalizado favorecem uma maior alternância com o indicativo, a forma não-marcada, do que as formas de primeira pessoa.

Conforme a amostra ora sob análise, em enunciados dubitativos, o subjuntivo tende a ser mais preservado quando se trata de enunciados de primeira pessoa gramatical. Com isso, as formas verbais de indicativo, mais frequentes e menos complexas estruturalmente, passam a substituir, paulatinamente, as formas subjuntivas em especial nas de segunda pessoa gramatical devido a uma menor frequência.

#### f) Modalidade *irrealis*

Passamos aos resultados de outra variável independente. O grupo de fatores *modalidade irrealis* foi elaborado de forma a contemplar a escalaridade da modalidade epistêmica *irrealis* inerente aos enunciados dubitativos e, assim, aferir o grau de certeza epistêmico do falante de modo a avaliar sua influência na variável subjuntivo/indicativo.

Vale ressaltar que para chegarmos aos valores escalares da modalidade epistêmica *irrealis* subjacentes aos enunciados, nos valem dos critérios já descritos e comentados em **6.5**. Os parâmetros subjacentes aos valores de certeza epistêmica que foram aferidos a partir do contexto são:

- I) conhecimento do falante sobre o tópico discursivo;
- II) evidencialidade do evento;
- III) referência temporal sob o qual se ancora o julgamento epistêmico;
- IV) grau de atividade verbal.

Para a classificação em um dos valores escalares do *irrealis*, propomos as seguintes condições: **Certeza 1** – 3 ou 4 parâmetros com valor positivo; **Certeza 2** – 2 parâmetros com valor positivo; **Incerteza** – 3 ou 4 parâmetros com valor negativo. Sugerimos abaixo, valendo-se dos parâmetros mencionados em **6.5.1**, uma classificação prototípica dos valores escalares do *irrealis* de acordo com a presença ou não no discurso do falante dos valores positivos desses parâmetros. Porém, deve-se destacar que pode haver combinações diferentes.

**Certeza 1:** conhecimento do falante sobre o tópico discursivo  
 evidencialidade  
 factualidade

**Certeza 2:** conhecimento do falante sobre o tópic discursivo  
factualidade

**Incerteza:** sem nenhum traço positivo encontrado.

Apresentamos os resultados para este grupo na seguinte tabela:

Tabela 14 – Grupo modalidade *irrealis* - valores percentuais de ocorrência.

Modalidade	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
<b>Certeza 1</b>	11	9,1	110	90,9
<b>Certeza 2</b>	10	16,7	50	83,3
<b>Incerteza</b>	9	23,7	29	76,3
<b>Total</b>	30	13,7	189	86,3

O fator de valor *certeza 1* mostra-se o menor favorecedor do subjuntivo com um percentual de apenas **9,1%**. O fator *incerteza*, como prevíamos, mostra-se como o maior favorecedor de subjuntivo com **23,7%** e o de *certeza 2*, o intermediário, com **16,7%**. Aparentemente, se confirma a nossa hipótese de que quanto maior seja a certeza, menor será a ocorrência do subjuntivo.

Propomos esse grupo por concebermos o modo verbal como uma das formas de expressão da modalidade, e não o meio exclusivo, e por supormos que a alternância subjuntivo/indicativo é regida por motivações interligadas de ordem morfossintática, semântica e pragmático-discursivas. Nesse sentido, nos enunciados dubitativos, inerentemente instauradores do *irrealis* (GIVÓN, 1995), a seleção da forma verbal subjuntiva ou indicativa seria uma escolha governada principalmente como estratégia pragmático-discursiva para atingir certo efeito comunicativo no ouvinte (atenuação da mensagem, não-comprometimento com o conteúdo proposicional, índice de matização do julgamento epistêmico, etc.).

Supomos haver uma maior atuação do componente pragmático-discursivo na escolha do modo verbal, entretanto, sem negar a influência dos níveis sintático e semântico nessa seleção, por exemplo, os contextos categóricos como o uso do indicativo junto ao *seguramente* e na posição da forma verbal anteposta ao advérbio.

Buscamos estabelecer que, por trás do aparente caos da variação em enunciados dubitativos, há um padrão em que o valor escalar da modalidade epistêmica *irrealis*, subjacente à proposição, reflete a atitude do falante ante o *dictum* e o uso do modalizador e a

escolha da forma verbal estariam, assim, correlacionados ao seu propósito comunicativo, uma vez que a escolha de indicativo ou subjuntivo caracterizaria uma **matização desses valores atitudinais** do falante. Nesse sentido, explicar-se-iam as ocorrências de enunciados dubitativos com a presença do indicativo, como o seguinte:

(49)

**Inf.** *...pues sí, entonces yo, es lo que hago, sé quien copia la práctica, sí leo las prácticas, trato de calificar todo. Entonces bueno, siempre lo que emprendo trato de hacerlo bien y eso tal vez me OCASIONA... me PRESIONO, me presiono demasiado.*

**Ent.** *¿Sí, te presionas mucho?*

**Inf.** *Porque de repente quiero ser la súper mujer. Sí, imagi... no sé, digo no sé, si eso deba, si eso deba de, pero atender casa, atender tres hijas, atender profesión, atender padres. [Inf. 32. Turno: 189 - 193].*

(49)

**Inf.** pois sim, então eu, é o que faço, sei quem copia a atividade, sim leio as atividades, trato de qualificar tudo. Então, bom, sempre o que faço trato de fazê-lo bem e isso talvez me ocasiona... me pressionno, me pressionno demais.

**Ent.** Sim, te pressionas muito?

**Inf.** Porque de repente quero ser a super mulher. Sim, imagi... não sei, digo não sei, se isso deva, se isso deva, mas atender casa, atender três filhas, atender profissão, atender pais.

Infere-se, analisando o discurso da falante em (49), que ela tem ciência de sua vida encargada de tarefas e obrigações. E reconhece a sua postura de pessoa exigente e metódica que chama a responsabilidade toda para si: “*siempre lo que emprendo trato de hacerlo bien*”. Ela constrói uma sequência dissertativo-argumentativa expondo sua vida atarefada e mostrando de forma coerente como esse “fardo” a pressiona. Ela denota convicção disso ao reiterar que se pressiona demais. Além de responder afirmativamente à pergunta da entrevistadora com o argumento que denota a sua ciência sobre pressionar-se e qual a sua causa.

Essa argumentação com exposição de suas obrigações permanentes denota o conhecimento (bem como seu grau de evidencialidade, experiencialidade e referência temporal factual) que a falante tem sobre o conteúdo sobre o qual ela faz o julgamento epistêmico e que lhe confere ter mais certeza epistêmica para saber que sua vida encarregada

de obrigações e sua autocobrança com tudo que empreende lhe ocasiona pressão. Nesse sentido, a seleção do indicativo em “*tal vez me ocasiona...*” reflete esse índice de certeza maior da falante, e ela usa o modalizador epistêmico como uma estratégia de atenuação sobre o dito.

Calvo (1995, p. 192) comenta sobre essa interferência do componente pragmático na seleção dos modos verbais na expressão desse caráter escalar da modalidade:

e se indicativo e subjuntivo matizam graus a partir de um mesmo conceito, o indicativo marca um grau menor sobre a incerteza (ou, o que vem a ser o mesmo, um grau maior sobre a possibilidade).<sup>80</sup>

O autor complementa que as oposições semânticas tradicionalmente atribuídas aos modos não são suficientes quando se trata de estudar a alternância entre os referidos modos. O autor sugere que se deva recorrer a conceitos em um nível superior de abstração, no caso o nível pragmático-discursivo, que permitam não recorrer à parte para abarcar o todo. Isso é o que agora propomos com o uso da modalidade para a compreensão dessa alternância subjuntivo/indicativo. Calvo reitera essa postura dizendo:

Nestes **jogos modais**, pode haver manipulação da referência extralinguística através do significado linguístico de atitude ante a realidade. É um caso a mais, e há muitos de muitas diferentes características nas línguas, de **assimetria entre o significado extralinguístico e o linguístico**, o que é algo perfeitamente codificado porque está na mesma entranha da língua: é um dos fundamentos básicos de sua criatividade e expressividade; assim, ante um fato real e constatado, se pode propor como eventual para potencializar ainda mais a expressividade de toda a sequência complexa (CALVO, 1995, p.192)<sup>81</sup>.

O autor nos traz um exemplo de uma oração complexa:

(50) *Sí, es guapísima, pero aunque sea muy guapa no te conviene salir con ella.*

(CALVO, 1995, p.192)

(50) Sim, é lindíssima, mas ainda que seja muito linda não te convém sair com ela.

Calvo argumenta que somente a partir da assimetria entre os significados linguísticos e extralinguísticos se pode compreender a “eventualidade” ou “subjetividade”

<sup>80</sup> y si indicativo y subjuntivo matizan grados a partir de un mismo concepto, el indicativo señala un grado menor sobre la incertidumbre (o, lo que viene a ser lo mismo, un grado mayor sobre la posibilidad) (CALVO, 1995, p.192).

<sup>81</sup> En estos **juegos modales**, puede haber manipulación de la referencia extralingüística a través del significado lingüístico de actitud ante la realidad. Es un caso más, y hay muchos de muy distintas características en las lenguas, de **asimetría entre el significado extralingüístico y el lingüístico**, lo que es algo perfectamente codificado porque está en la misma entranha de la lengua: es uno de los fundamentos básicos de su creatividad y expresividad; así ante un hecho real y constatado, se puede proponer como eventual para potenciar aún más la expresividad de toda la secuencia compleja (CALVO, 1995, p.192).

desse subjuntivo que aparece na oração encaixada, embora se saiba que é um pressuposto que *ella es guapísima*. Transferimos esse mesmo raciocínio para as **orações dubitativas independentes**, sendo o contraste entre, de um lado, a modalidade apreensível no contexto subjacente à proposição, o modalizador de dúvida e, do outro, o modo verbal, indicativo ou subjuntivo, do predicado sob escopo desse modalizador.

De acordo com essa concepção, tomamos como exemplo as orações independentes dubitativas. Consideremos a seguinte situação exposta na *entrevista 8* de nossa amostra:

A falante questionada pela entrevistadora sobre um fato curioso em seu bairro, de que as prostitutas ficariam desfilando em certa rua, diz o que sabe e expõe uma valoração:

(51) y sí, he visto chavas que, hacen como, bueno sí, desfilan. Desfilan y pues, no sé, **a lo mejor** los chavos ESTÁN ahí VIENDO que, cómo está el material, ¿no? [Inf. 8. Turno: 648].

(51) e sim, vi garotas que, fazem como, bom, sim desfilam. Desfilam e bem, não sei, **provavelmente** os garotos ESTÃO aí VENDENDO que, como está o material, né?

Essa passagem traz a opinião da falante acerca do tópico discursivo que trata de prostitutas que em determinada rua desfilam diante dos homens. Ela faz uma valoração sobre o que os homens faziam diante dessa situação. E, logicamente, em posse de: conhecimento socialmente compartilhado que se tem sobre a comercialização de sexo e a atração causada nos homens; sua evidencialidade da situação relatada; o grau de atividade da ação de *ver* e a factualidade do evento tratado como habitual, a falante faz um julgamento com bastante embasamento para certeza.

No caso acima, embora a falante não construa um enunciado afirmativo asseverando sua opinião, mas sim tenha construído um enunciado dubitativo, o modo indicativo apareceria como um matizador da certeza da falante que, assim, o selecionaria de acordo com esse grau de certeza, o qual seria atestado contextualmente no discurso ou no contexto extralinguístico. Portanto, aí teríamos um grau de certeza maior numa oração dubitativa e se alinharia à seleção do indicativo e do item dubitativo *a lo mejor* que matiza esse valor de mais certeza, confirmando a hipótese para este grupo.

Os resultados demonstram a assimetria forma/função, uma vez que temos orações dubitativas codificadas tanto com subjuntivo como com indicativo. O subjuntivo é mais frequente em orações com valor escalar do *irrealis* de incerteza, **23,7%**. Além disso, há um

valor decrescente da ocorrência em percentual de subjuntivo à medida que aumenta o valor de certeza: *Incerteza* - **23,7%**; *Certeza 2* - **16,7%** e *Certeza 1* – **9,1%**, o que corrobora para a nossa hipótese em relação a esse grupo.

Em suma, embora não haja sido selecionado no presente estudo esse grupo de fatores que agrupa os matizes de certeza que estão subjacentes aos enunciados e são apreensíveis no discurso, se mostra relevante para a identificação dos padrões de uso subjacentes à alternância subjuntivo/indicativo.

### g) Padrão morfofonológico verbal

Nossa hipótese inicial, baseada no princípio da marcação e no papel regulador da frequência, previa que as formas irregulares apresentariam um percentual de ocorrência do subjuntivo maior do que o das formas regulares. De acordo com Bybee (2003), o papel regulador da alta frequência opera no nível morfossintático propiciando um efeito de armazenamento das propriedades estruturais de palavras e expressões, ou seja,

palavras e expressões usadas com frequência são altamente enraizadas e mais propensas a serem acessadas como unidades inteiras e menos propensas a serem reformadas em atividade. Assim, sua estrutura geral – a irregularidade morfológica dos substantivos e de verbos de alta frequência, ou a estrutura das construções de alta frequência – tenderão a ser preservadas (BYBEE, 2003, p.621).

Para essa variável linguística independente obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 15 – Grupo padrão morfofonológico verbal – valores em percentuais de ocorrência.

Padrão morfofonológico verbal	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
Verbo principal regular	10	9,2	99	90,8
Verbo principal irregular	7	8,6	74	91,4
Verbo auxiliar regular	1	12,5	7	87,5
Verbo auxiliar irregular	12	57,1	9	42,9
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>13,7</b>	<b>189</b>	<b>86,3</b>

Observamos que as formas verbais principais irregulares possuem um percentual um pouco menor de ocorrência do subjuntivo do que as formas verbais principais regulares. Nesse sentido, as formas verbais principais irregulares no indicativo seriam verbos de baixa frequência, por isso não teriam enraizadas as formas de subjuntivo. Já quanto às formas verbais auxiliares irregulares presentes nos tempos verbais compostos, elas apresentam um percentual bem maior de ocorrência do subjuntivo (**57,1%**) que as formas verbais auxiliares regulares justamente por serem as perífrases e locuções verbais de subjuntivo nas quais os

verbos auxiliares apresentam um paradigma verbal bem enraizado pela alta frequência, como o *pluscuamperfecto de subjuntivo*.

Do exposto destacamos que o paradigma do *pluscuamperfecto de subjuntivo* é um tempo verbal recorrente no vernáculo na amostra analisada, resultante de sua alta frequência e consequente enraizamento do paradigma irregular do verbo auxiliar e que não sofre interferência do *pluscuamperfecto de indicativo* como acontece, por exemplo, no português brasileiro.

Passamos à continuação à exposição dos resultados das variáveis independentes selecionadas pelo programa estatístico GOLDVARB X como representativos na variável subjuntivo/indicativo em enunciados dubitativos.

## 7.2 Grupos selecionados pelo GOLDVARB X

Após essa primeira etapa de ajustes para concretizar a rodada inicial, o programa computacional selecionou como mais significativos os grupos de fatores: *item dubitativo* e *tempos verbais em alternância*. Apresentamos a seguir os resultados e comentários quanto a esses grupos.

### I – Item dubitativo

O primeiro grupo apresentado é o *item dubitativo* cujos resultados se nos mostram na tabela abaixo:

Tabela 16 – Atuação do grupo *item dubitativo* no uso do subjuntivo.

significância: 0.00				
Item dubitativo	Ocorrências de subjuntivo	Total	%	P.R
<b>Expectativa de uso do indicativo</b>				
<i>a lo mejor</i>	12	163	7,4	0.31
<b>Expectativa de uso do subjuntivo</b>				
<i>quizá(s)</i>	7	24	29,2	0.92
<i>tal vez</i>	3	13	23,1	0.80
<b>Expectativa de uso: alternância subjuntivo/indicativo</b>				
<i>Probablemente</i>	7	16	43,8	0.94
<i>Posiblemente</i>	1	3	33,3	0.90
<b>TOTAL</b>	30	219	-	-

Nossa hipótese inicial com relação ao grupo *item dubitativo* era a de que haveria uma tendência de alguns advérbios serem favorecedores do subjuntivo e outros do indicativo, confirmando a prescrição normativa. Como estamos tratando de orações declarativas dubitativas instauradoras do *irrealis* (GIVÓN, 1995), conforme já discutido em 4.3.3.1, pressupomos que temos nestas orações um *continuum* do valor escalar de certeza epistêmica e que nos enunciados com valores de mais certeza teríamos, por hipótese, a prevalência dos advérbios *a lo mejor* e *seguramente*, atuando como índices de modalidade epistêmica de mais certeza, juntamente com a seleção da variante indicativo. Já para incerteza, o polo oposto, teríamos a prevalência do *tal vez* e *quizá(s)* e da consequente seleção da variante subjuntivo. Enfim, supomos uma especialização no paradigma dos modalizadores epistêmicos, advérbios de dúvida, consagrada e ratificada pelo uso.

Em consonância com essa expectativa, Chueca (2005) faz uma exposição abordando o uso dos advérbios modalizadores de dúvida, sua complexidade e sua má abordagem no ensino de E/LE. Nesse estudo que segue uma perspectiva funcionalista, a autora assinala que Kovacci (1986 *apud* CHUECA, 2005) concebe esses advérbios como **índices de modalidade**, ou seja, seriam selecionados de acordo com o grau de certeza do falante e onde os advérbios *tal vez* e *quizá(s)* estariam no polo oposto a *a lo mejor* e *seguramente*:

Afirma Kovacci que existe uma gradação da expressão dubitativa entre a inclinação do falante para a afirmação da verdade do *dictum* e sua inclinação para a negação de dita verdade, de modo que isto explica porque este tipo de advérbio usa no primeiro caso o indicativo enquanto para a negação usam o subjuntivo. Esta é uma das possíveis interpretações que permitem explicar a oposição indicativo / subjuntivo com a que os advérbios *tal vez* e *quizás* lidam habitualmente no espanhol, frente à locução *a lo mejor*, a qual nunca rege o subjuntivo<sup>82</sup>. (CHUECA, 2005, p. 4).

A proposta de Kovacci está em consonância com nossa hipótese, pois também supomos que haja essa especialização dentro do paradigma dos advérbios e locuções adverbiais de dúvida e nos propusemos a descrever qual advérbio favorece mais a variante subjuntivo e com qual(is) há maior alternância subjuntivo/indicativo.

DeMello (1995) aponta casos de variação subjuntivo/indicativo em orações modificadas por *a lo mejor*, embora em baixa proporção, 99% de indicativo; no entanto, se deve destacar que o autor analisou a expressão falada culta.

<sup>82</sup> Afirma Kovacci que existe una gradación de la expresión dubitativa entre la inclinación del hablante hacia la afirmación de la verdad del *dictum* y su inclinación hacia la negación de dicha verdad, de modo que esto explica porque este tipo de adverbios usa en el primer caso el indicativo mientras que para la negación usan el subjuntivo. Esta es una de las posibles interpretaciones que permiten explicar la oposición indicativo / subjuntivo con la que los adverbios *tal vez* y *quizás* juegan habitualmente en español, frente la locución *a lo mejor* y que nunca rige el subjuntivo. (CHUECA, 2005, p. 4).

Observamos na *tabela 16* acima que a locução adverbial *a lo mejor* se mostrou o modalizador mais frequente na amostra analisada do vernáculo dos falantes da Cidade do México com 163 ocorrências, **74,4%** do total de 219 dados considerados. Inicialmente, se consideradas as ocorrências descartadas, seriam 202 orações modificadas pelo *a lo mejor*. Logo, este modalizador, tradicionalmente usado com o indicativo, distorceria o percentual de ocorrência do subjuntivo na fala dessa comunidade em enunciados dubitativos. O *a lo mejor* apresentou um percentual de **7,4%** de ocorrências do subjuntivo e um peso relativo de **0.31**, ou seja, não é favorecedor do subjuntivo, mas sim do indicativo.

No entanto, nosso trabalho esboça uma mudança no uso desse modalizador e a seleção modal em relação ao que prevê a tradição gramatical espanhola que considera o uso desse modalizador exclusivamente com o indicativo. Para ilustrar trazemos algumas ocorrências do *a lo mejor* com o subjuntivo:

(52) *Y que ahorita realmente a lo mejor ESTEMOS PERDIENDO el tiempo ahí porque ya no hay obra. [Inf. 5. Turno: 228].*

(52) E que agorinha realmente **provavelmente** ESTEJAMOS PERDENDO tempo aí porque já não há obra.

(53) *Nosotros a lo mejor ya DEBIÉRAMOS HABER CRECIDO más como empresa o como negocio y realmente no lo hemos podido, pues, abrir[...] porque HEMOS SIDO a lo mejor, empresita pequeñita, muy familiar, pero le ponemos así como que el cuidado específico que necesita a veces para pues cuidar detalles, ¿no?. [Inf. 19. Turno: 128].*

(53) Nós, **provavelmente**, já DEVÊSSEMOS TER CRECIDO mais como empresa ou como negócio e realmente não o pudemos, pois, abrir [...] porque fomos provavelmente, empresinha pequena, muito familiar, porém lhe demos assim como que o cuidado específico que necessita às vezes para, pois, poder cuidar dos detalhes, não é?

(54) *Él hace un recuento de su vida: “Sabes qué, yo a lo mejor HUBIERA SIDO alcohólico, a lo mejor yo HUBIERA TERMINADO como uno de los tantos que criticaba de la institución. A lo mejor yo HUBIERA SIDO..., no sé que tantas cosas, ¿no?”... [Inf. 32. Turno: 152].*

(54) Ele faz um reconto de sua vida: “Sabes o quê, eu **provavelmente** TIVESSE SIDO alcoólatra, **provavelmente** eu TIVESSE TERMINADO como um dos tantos que criticava da instituição. **Provavelmente** eu TIVESSE SIDO..., não sei que tantas coisas, não é?”.

Embora a locução *a lo mejor* tenha favorecido o indicativo, como previsto pela normatividade, nossos resultados demonstram um percentual de ocorrência do subjuntivo maior do que o esperado, um diferencial, por exemplo, em relação ao estudo de DeMello (1995). Nossos dados denotam, portanto, que o que prediz a tradição normativa sobre o item *a lo mejor* reger somente o indicativo não está coerente com o que vernáculo revela.

Tomemos como exemplo a ocorrência (52). O falante faz um julgamento epistêmico ancorado no presente, e denota, ao longo de sua argumentação, convicção no que diz, tem ciência dos fatos. Culmina sua argumentação na proposição acima com a conclusão: “*porque ya no hay obra*”. Nessa proposição, após análise dos parâmetros de aferição da modalidade, inferimos que o falante denota *certeza I* e seleciona o item *a lo mejor*, prototípico de mais certeza. No entanto, embora tenha certeza, ele seleciona o subjuntivo contrariando a prescritividade da GT espanhola e dos trabalhos realizados nesse sentido, denotando que há uma interferência de outra natureza na seleção do subjuntivo que não sintática, mais provavelmente do nível pragmático-discursivo, com isso, o falante ao usar o subjuntivo se distancia da responsabilidade do *dictum*, atribuindo-lhe um caráter de **não-afirmação** nos termos de Klein (1990, p.303)<sup>83</sup>.

Por conseguinte, valendo-nos de uma análise multivariada, pretendemos avaliar outros contextos condicionadores em conjunto e, assim, verificar se, além do tipo de *item dubitativo*, atuam outros fatores.

À continuação, destacamos que o advérbio *seguramente*, o qual foi retirado da rodada como já destacado acima, mostrou-se coerente com o que prediz a GT espanhola, uma vez que suas 13 ocorrências aconteceram categoricamente com o indicativo, conforme exemplo:

(55) *Es muy curioso sobretudo porque uno cree que uno es el que no tiene acento y reconoce el de los demás. Seguramente, cuando llega uno allí, se HAN DE BURLAR de eso. [Inf. 17. Turno: 498].*

(55) É muito curioso, sobretudo porque um acha que alguém é o que não tem “acento” e reconhece o dos demais. **Seguramente**, quando chega alguém ali, HÃO DE FAZER chacota disso.

---

<sup>83</sup> Klein propõe uma classificação do modo espanhol baseada num critério semântico na qual afirma que o indicativo assinala *afirmação* e o subjuntivo, *não-afirmação*. Para ela essa proposta explica tanto os fatores distribucionais (contextos preferenciais de um e outro modo) como os semânticos associados com a diferença no modo em espanhol, em relação com uma generalização particular.

Expomos de forma sucinta nossa hipótese, a ser detalhadamente verificada em estudos futuros, segundo a qual supomos que os itens *seguramente* e *a lo mejor*, formas que se inseriram no paradigma dos modalizadores, advérbios de dúvida, após percurso de variação e mudança na língua espanhola, retenham resquícios de suas formas-fonte e que mantiveram ao longo desse processo um uso frequente nesses contextos de mais certeza, mesmo após a mudança categorial, e se inserirem no paradigma dos advérbios de dúvida.

Isso explicaria, seguindo essa hipótese a ser testada, essa especialização dos advérbios *a lo mejor* e *seguramente* em codificar mais certeza e conseqüentemente ocorrer mais frequentemente junto ao indicativo conforme nos apontam os dados obtidos no presente estudo. Cabe um estudo mais detalhado e criterioso de descrição e análise no plano diacrônico a fim de confirmar essa hipótese de especialização relacionada a um percurso que prescinde, segundo a abordagem funcionalista, um processo de gramaticalização, o que ora foge do escopo de nosso trabalho.

Como se observa na *tabela 16* os advérbios *probablemente*, *quizá(s)* e *posiblemente* se mostraram os maiores favorecedores da variante subjuntivo com os respectivos valores de peso relativo: **0.94**, **0.92** e **0.90**. A seguir, apresentamos alguns exemplos de ocorrências desses advérbios junto ao subjuntivo:

(56) [...] *pero otra de mis grandes pasiones ha sido la música. Quizá yo en el fondo SEA un músico frustrado...* [Inf. 17. Turno: 358].

(56) [...] *mas outra de minhas grandes paixões foi a música. Talvez eu no fundo seja um músico frustrado...* [Inf. 17. Turno: 358].

(57) ... *o sea sí me gustaba mucho. Me gustaba la cocina mucho. Si en mis tiempos hubiera existido, como actualmente la carrera de chef, probablemente HUBIERA ESTUDIADO eso.* [Inf. 35. Turno: 737].

(57) ... *ou seja, sim eu gostava muito. Gostava da cozinha muito. Se em meus tempos tivesse existido, como atualmente a carreira de chef, provavelmente tivesse estudado isso.*

(58) [...] *porque hay abismos ¿no? entonces es peligroso en esta montaña de Wistler, no, ahí ya es especial y está siempre con nieve, posiblemente ellos, hasta inclusive, TENGAN la pista este que sea...* [Inf.64 Turno: 336].

(58) [...] porque há abismos, né? Então é perigoso nesta montanha de Wistler, não, aí já é especial e está sempre com neve, **possivelmente** eles, até inclusive, TENHAM a pista como que... [Inf.64 Turno: 336].

Os advérbios *posiblemente* e *probablemente* são considerados favorecedores do subjuntivo por autores como Lope Blanch (1986) em seu estudo da expressão falada culta das principais cidades de *Hispanoamérica* e Espanha, embora Lope Blanch reconheça a alternância de uso tanto com o indicativo como com o subjuntivo (DEMELLO, 1995, p. 341). Por outro lado, temos trabalhos de cunho descritivo como o de Anadón (1979 *apud* DEMELLO, 1995) que, estudando a expressão falada culta de algumas capitais latinoamericanas,<sup>84</sup> afirma que há uma maior frequência de uso das formas indicativas junto aos advérbios *probablemente* e *posiblemente*. DeMello (1995) apresenta a mesma tendência em seus resultados, obtendo para *posiblemente* um percentual de **73%** indicativo e **27%** de subjuntivo, e para o *probablemente* um percentual de **75%** de indicativo e **25%** de subjuntivo.

Nosso estudo corrobora com os resultados de DeMello (1995) e de Anadón (1979) no tocante a uma maior frequência de uso desses advérbios junto ao indicativo. No entanto, seguindo uma criteriosa abordagem variacionista, fomos além de uma simples descrição com valores percentuais como a realizada por eles, cuja análise, aparentemente, não se propôs a identificar regularidades de uso e os fatores condicionadores da variável.

Realizamos uma análise de caráter multivariado na qual esses advérbios mostraram-se favorecedores de ocorrência do subjuntivo na amostra analisada com os pesos **0.94** (*probablemente*) e **0.90** (*posiblemente*), embora apresentem um percentual de ocorrência de indicativo maior que o de subjuntivo.

Tínhamos por hipótese que o *posiblemente* teria um peso maior que o *probablemente* no favorecimento do subjuntivo, uma vez que o possível é algo cogitado sem nenhuma ou pouquíssima evidencialidade, sem habitualidade, sem experiencialidade, sem um embasamento fiável que explique essa possibilidade. Ou seja, um evento futuro sem uma causalidade lógica fiável, um julgamento com pouca convicção. Já o provável segue uma lógica, há indícios contextuais que indicam uma maior chance de ocorrer, é algo habitual, julgamento com moderada convicção. No entanto, ambos modalizadores se inserem no paradigma que codifica as noções de conjectura, suposição, hipótese, incerteza, o paradigma

---

<sup>84</sup> Confira a seção 5.2 bem como a **nota. 58** para maiores detalhes.

dos advérbios de dúvida que tradicionalmente codificam essas noções *irrealis* e acabam muitas vezes, por analogia, generalizando-se e resultando como sinônimos. Ademais, atribuímos como explicação a esse peso relativo menor do *posiblemente* o seu baixo número de ocorrências.

O advérbio *quizá(s)*, apesar de seu percentual de ocorrência de **29,2%**, apresentou um peso relativo de **0,92**, ou seja, forte favorecedor do subjuntivo. Está em consonância com o que descreve Seco (1999, p.3782): “*Adverbio que expresa duda o inseguridad*”. Isso denota claramente, a nosso ver, que a interferência do indicativo é devida ao condicionamento de outras variáveis, como, por exemplo, o valor escalar de *irrealis* e os tempos verbais em alternância.

Em seu estudo sobre a alternância em orações sob escopo de advérbios de dúvida, DeMello (1995) aponta que, em sua base de dados, as ocorrências com as duas formas, *quizá* ou *quizás*, apresentam uma incidência maior de indicativo, respectivamente **70%** e **61%**, com uma média de **64%**, se consideradas as duas formas como um só advérbio. No entanto, vale ressaltar que em seus dados na Cidade do México, escopo de nossa pesquisa, não se apresenta diferença significativa quanto à alternância modal, mantendo-se neutra, com **50%** de subjuntivo e de indicativo.

DeMello aponta como relacionado positivamente ao uso do subjuntivo em orações modificadas por *quizá(s)* o valor de futuridade, com um percentual de **85%** de subjuntivo e apenas **15%** do indicativo. Por sua vez Woehr (1972, p.322-323) afirma que o que mais influi na seleção verbal com *quizá(s)* é o tempo verbal, sendo de preferência o subjuntivo com referência ao presente ou futuro e o indicativo com referência ao passado.

Sobre o advérbio *talvez* citamos um trabalho em língua portuguesa, o de Pimpão (1999), cujo estudo versa sobre a variação entre *presente de indicativo* e *presente do subjuntivo* no contexto com o advérbio *talvez*. Para a autora, orações sob escopo do advérbio *talvez* se mostraram o contexto mais favorecedor do subjuntivo com um percentual de **67%** e peso relativo **0,73**. Em seu trabalho, dentre as variáveis independentes analisadas com as orações modificadas por *talvez*, foram selecionadas pelo programa estatístico: *escolaridade* e *conjugação verbal*. No entanto, para o nosso presente estudo destacamos a conclusão da autora sobre a relação entre o advérbio *talvez* e o grupo *tempo-modalidade* por ela elaborado. Quanto a isso, a autora afirma que em orações com o *presente do indicativo* ou *presente do subjuntivo* sob escopo do *talvez*, o valor de futuridade é o fator preponderante na retenção do subjuntivo e a incerteza, por ser desprovida de futuridade, inibiria o subjuntivo. A meu ver seria mais propício dizer que seria neutra quanto à seleção do subjuntivo.

Ainda sobre o *tal vez* e a alternância subjuntivo/indicativo, Woehr (1972, p.323 *apud* DEMELLO,1995), em um estudo baseado em um *corpus* escrito de textos jornalísticos e literários da Espanha e América hispânica, encontrou alta preferência do uso do subjuntivo, **61%**, nos dois grupos. Por outro lado, DeMello (1995) declara que, em seu estudo que analisa a expressão falada culta do espanhol em 12 capitais de países hispânicos estudadas, indica que *tal vez* seleciona o subjuntivo somente nos *corpora* peninsular e mexicano, nas demais prevalece e muito o indicativo, como se pode observar mais acima no **quadro 7**, seção 5.2.

Como se vê no quadro 7 (p.83), na expressão falada culta na Cidade do México, foco de nosso trabalho, há uma frequência maior de uso do subjuntivo junto ao *tal vez*, com **67%**, diferentemente de nossos resultados na **tabela 16** que apontam um percentual de apenas **23,1%** de uso do subjuntivo. Vale ressaltar que restringimos o envelope de variação ao considerar apenas as orações independentes e ainda que trabalhamos com a expressão vernacular em entrevistas de caráter semiespontâneo e com falantes de nível médio e superior, não apenas com a expressão falada culta como o fizeram DeMello (1995), Woerh (1972), Anadón (1979) e Lope Blanch (1971).

Como fator condicionador da seleção do modo verbal em orações modificadas pelo *tal vez*, Woehr (1972, p.324) declara que há estreita relação entre os tempos presente/futuro com o subjuntivo e entre o passado e o indicativo. Os resultados de DeMello corroboram essa afirmação. Indicam uma forte correspondência modo-temporal no que se refere ao passado, uma vez que **87%** dos verbos no passado modificados por *tal vez* estão em indicativo. Por outro lado, as orações com valor presente/futuro modificadas por *tal vez* não apresentam um valor distintivo tão acentuado do subjuntivo com um percentual de **44%** de seleção do subjuntivo e **56%** do indicativo.

Em suma, observa-se em estudos anteriores uma estreita correlação entre os valores temporais de futuridade com o uso do subjuntivo e do passado com o uso do indicativo em orações modificadas pelos advérbios *quizá(s)* e *tal vez*. Essa correlação foi observada por Carvalho (2007) no estudo da alternância subjuntivo/indicativo das subordinadas substantivas no português falado no Cariri cearense e de Pimpão (1999) em orações modificadas pelo *talvez* no português falado de Florianópolis. Mais adiante, no item: *II – Tempos verbais em alternância*, voltaremos a discutir essa relação entre tempo verbal e item dubitativo.

Outra hipótese surgiu na leitura dos dados. Imaginamos encontrar correlações entre o grupo *item dubitativo* e o grupo *modalidade irrealis*. Buscamos verificar se havia, como prevíamos inicialmente, uma tendência a uma especialização dentro do paradigma dos

advérbios de dúvida em relação aos valores escalares de certeza. Para isso, decidimos cruzar os dados desse grupo com o de *modalidade irrealis*, embora esse último não tenha sido selecionado pelo GOLDVARB X. O cruzamento pode ser conferido a seguir:

Tabela 17 – Ocorrência da variante subjuntivo em função da modalidade *irrealis* e *item dubitativo*.

	<i>A lo mejor</i>	<i>Quizá(s)</i>	<i>Tal vez</i>	<i>Probablemente</i>	<i>Posiblemente</i>	<b>Total</b>
<b>Certeza 1</b>	5/99 = 5%	2/8 = 25%	0/3	4/9 = 44%	0/2	11/121 = 9%
<b>Certeza 2</b>	5/41 = 12%	2/7 = 29%	0/6	3/6 = 50%	0/0	10/60 = 17%
<b>Incerteza</b>	2/23 = 9%	3/9 = 33%	3/4 = 75%	0/1	1/1 = 100%	9/38 = 24%
<b>Total</b>	12/163 = 7%	7/24 = 29%	3/13 = 23%	7/16 = 44%	1/3 = 33%	30/219 = 14%

Constata-se que com o *a lo mejor* não houve um contexto categórico de uso com o valor de certeza (1 e 2), mas sim das 163 ocorrências consideradas na análise 99 dados são de *certeza 1*, e 41 de *certeza 2*, somando-se 140, a imensa maioria desse advérbio para indicar certeza e apenas 23 com a indicação de *incerteza*. Além disso, observa-se na tabela acima que nas ocorrências com o *a lo mejor*, as que tem valor *certeza 2*, **12%** ocorrem no subjuntivo, as de *incerteza 9%* ocorrem com subjuntivo e apenas **5%** de subjuntivo nas orações com valor *certeza 1*, logo a forte relação desse item dubitativo com o valor de *certeza 1* e com o indicativo.

Destacamos, embora não constem na tabela acima por ter sido retirado da análise, os resultados com o advérbio *seguramente*. Das suas 13 ocorrências, 12 enquadram-se no fator *certeza 1* e apenas 1 no fator *certeza 2*, confirmando-se para esse advérbio a hipótese de ser especializado na codificação de mais certeza e na seleção do indicativo.

Em oposição aos modalizadores que são considerados contexto de uso do indicativo e de mais certeza, o *a lo mejor* e o *seguramente*, encontramos o *tal vez* que apresentou um índice de peso relativo de **0.80** associado ao subjuntivo. Contudo, não foi o maior favorecedor do subjuntivo como previsto por nós. Considerado contexto prototípico do subjuntivo por alguns autores como Seco (1999, p.4524): “[*sinônimo*] *Posiblemente, frecuentemente delante del verbo que en este caso suele ir en subjuntivo*”, ele não ocorre com

subjuntivo com os traços de *certeza 1 e 2*. Já com o traço de *incerteza*, **75%** está em subjuntivo e são justamente as suas únicas ocorrências junto ao subjuntivo em nosso *corpus*.

O *quizá(s)*, com 9 ocorrências com o traço *incerteza*, mostrou-se o mais correlacionado a esse traço do *irrealis* com um percentual de **37,5%** de seu total. No entanto, em orações com o *quizá(s)*, a seleção do subjuntivo cresce à proporção que diminui a certeza: com valor *certeza 1* há **25%** de ocorrências de subjuntivo; com valor *certeza 2* há **29%** de ocorrências de subjuntivo; e com o valor *incerteza* há **33%** de ocorrências de subjuntivo. Portanto, quanto menos certeza maior a seleção do subjuntivo nas orações com o *quizá(s)*, o que está em consonância com nossa expectativa inicial para esse modalizador.

Já o *probablemente*, embora se tenha mostrado o fator com o maior peso relativo associado ao subjuntivo no grupo *item dubitativo*, apresentou apenas uma ocorrência com o traço *incerteza*. Isso denota que a expressão de probabilidade é realmente baseada em uma correlação lógica, numa relação de causa-efeito bem ordenada e na evidencialidade e habitualidade do evento, o que implica mais certeza, daí resulta que **56,2%** de suas ocorrências se dão em orações com o traço de *certeza 1* e de **37,5%** com o traço de *certeza 2* e apenas **6,3%** com o traço de *incerteza*.

No entanto, ao contrário do que esperávamos, houve com o *probablemente* maior seleção do subjuntivo com os valores de mais certeza: *certeza 1*, **44%**, *certeza 2*, **50%** e *incerteza*, **nenhuma**. Denotando, assim, a nosso ver, que a seleção do subjuntivo é explicável a nível pragmático-discursivo, como estratégia por parte do falante com vistas a efetivar certo sentido na recepção do ouvinte, uma vez que não há restrição de ordem sintático-semântica na seleção do indicativo no lugar do subjuntivo nessas ocorrências.

Nesse sentido, propomos duas possíveis explicações. A primeira, seu maior índice de ocorrência com o subjuntivo se explicaria no nível morfossintático, assim, seu uso junto ao subjuntivo em orações dubitativas estaria enraizado devido à alta frequência na marcação dos valores modo-temporais nessas orações. Vejamos um exemplo:

(59) ... *yo tenía las dos opciones. Si yo no lo hubiera tenido, entonces probablemente sí HUBIERA SIDO más frustrante para mí.* [Inf. 26. Turno: 227].

(59) ... eu tinha as duas opções. Se eu não tivesse tido, então provavelmente sim tivesse sido mais frustrante para mim.

Analisando esta ocorrência vemos que a forma verbal destacada seria comutável por *había sido* (*Pluscuamperfecto indicativo*) ou *habría sido* (*Condicional compuesto*) sem a

perda de sentido, ambas referindo-se ao mesmo significado referencial. No entanto, o uso do subjuntivo matiza mais acentuadamente o valor de referência no passado tomado pelo falante para expressar o valor hipotético do predicado e denota uma estratégia pragmático-discursiva do falante com vistas a modalizar sua mensagem e causar o efeito previsto na interpretação do ouvinte, alheando-se da conjectura proposta, onde, embora tenha essa convicção sobre o *dictum*, busca modalizar o seu julgamento sobre essa probabilidade, atribuindo-lhe uma não-afirmação, baixa asseveração. E, assim, causa esse efeito na interpretação do interlocutor.

Essa oração em (59) se mostra como contexto de *certeza 2* com a presença do subjuntivo onde, embora o falante tenha conhecimento, convicção da probabilidade feita sobre o conteúdo proposicional, usa o subjuntivo com vistas a enfatizar ainda mais o caráter não-factual da proposição ou como forma de atenuar sua opinião, sua convicção, denotando diante do ouvinte um menor comprometimento com o valor de verdade do conteúdo proposicional. Não podemos falar de uma exigência sintático-semântica, pois, como assinalamos acima, a forma verbal em destaque é comutável por outras do indicativo sem alteração do significado referencial.

Considerando o exposto acima, a correlação entre o grau de modalidade *irrealis* nas cláusulas dubitativas e os advérbios modalizadores, observamos uma regularidade, uma maior correlação entre *certeza 1* e a seleção do indicativo em orações sob escopo dos advérbios com os seguintes valores percentuais: **95%** com o *a lo mejor*, **56%** com o *probablemente* e **92,3%** com o *seguramente*. Já o *tal vez* e o *posiblemente*, devido à baixa quantidade de dados, com **100%**, pois não apresentam ocorrência do subjuntivo com o valor *certeza 1*.

Por outro lado, o advérbio *tal vez*, com **75%** de ocorrência de subjuntivo com o valor de *incerteza* e nenhuma ocorrência de subjuntivo com valor *certeza 1* ou *certeza 2*, confirma a nossa hipótese inicial de forte correlação que advérbio ocorreria junto ao subjuntivo quando houver maior incerteza epistêmica.

O advérbio *quizá(s)* se mostra também favorecedor quanto à tendência: se há menos certeza, maior é sua presença com o subjuntivo. Apresenta-se em ordem decrescente à medida que aumenta o grau de certeza epistêmico, diminui o percentual de ocorrências com o subjuntivo, com **33%** de ocorrência de subjuntivo com valor de *incerteza* e de **29%** com valor *certeza 2* e **25%** com valor de *certeza 1*.

Já o advérbio *posiblemente* apresenta **100%** de subjuntivo com o traço de *incerteza*, no entanto, apresenta apenas uma ocorrência com esse valor. A baixa quantidade de dados com esse modalizador (apenas 3) denotaria um possível enviesamento dos dados.

## II – Tempos verbais em alternância

Para este grupo, prevíamos que houvesse uma maior frequência do subjuntivo nos julgamentos valorativos dubitativos ancorados em referência temporal não-factual (GIVÓN, 2001), portanto, sem efetiva realização no plano real do tempo, isto é, um plano temporal virtual de valor hipotético, condicional ou de futuridade. Os eventos não-factuais, ou seja, não efetivados na linha do tempo, não experienciados pelo falante, demandariam maior esforço cognitivo dada sua abstração e, conseqüentemente, segundo *o princípio da iconicidade* (GIVÓN, 1984, 1991), demandariam uma estruturação, uma codificação, também mais complexa. Por conseguinte, o paradigma formal do subjuntivo por ser mais complexo estruturalmente, menos frequente, ou seja, o elemento marcado, seria preferível na codificação do valor modo-temporal que se enquadra como *não-factual*, com o matiz de incerto, duvidoso, em suma, uma **não-afirmação** (KLEIN, 1990, p. 303). Nesse sentido, julgamentos epistêmicos ancorados em uma referência temporal não-factual, contexto do *irrealis*, favoreceriam o subjuntivo, que é subdomínio do *irrealis* (GIVÓN, 1995).

Como já detalhado acima, separamos em grupos os tempos verbais que se alternam na codificação dos mesmos valores de verdade. Vejamos os resultados obtidos pelo programa GOLDVARB X para este grupo:

Tabela 18 – Atuação do grupo *tempos verbais em alternância* na variável.

Tempos verbais em alternância	Ocorrências subjuntivo	Total	significância: 0.000	
			%	P.R.
<b>GRUPO A</b>				
<i>Pres. Ind. / Pres. Subj.</i>	14	129	10,8	0.40
<b>GRUPO B</b>				
<i>Pret. Imp. Ind. / Pret. Imp. Subj.</i>	4	39	10,3	0.38
<b>GRUPO D</b>				
<i>Pluscuamperfecto Subj. / Pluscuamperfecto Ind.</i>	12	13	92,3	0.99
<b>Total</b>	30	189	-	-

Como se observa, o *grupo D* de alternância, que compreende os tempos *pluscuamperfecto* (Mais-que-perfeito) de indicativo e de subjuntivo, apresenta o maior índice de favorecimento do subjuntivo, **0.99**, denotando ser altamente favorecedor dessa forma.

Nos enunciados dubitativos, o *pluscuamperfecto* de subjuntivo codifica dois valores: *i*) valor aspecto-temporal de um evento supostamente realizado anterior a outro na

linha de tempo factual, exemplificado em (35) ou, *ii*) um evento potencial perfectivo projetado numa realidade paralela associado a outro evento perfectivo (geralmente uma condição hipotética), ambos no passado, e toma como referência o eixo factual e se põe como anterior a este, simulando substituí-lo, exemplificado em (60).

Os dados nos revelam que para a codificação desses significados, o paradigma morfofonológico de *pluscuamperfecto de subjuntivo* está bem enraizado. Vejamos alguns exemplos no *corpus* que demonstram que esses tempos verbais podem alternar-se, sem que se altere o significado referencial. Inicialmente, com o exemplo (35), com o qual demonstramos o valor descrito em *i*), única ocorrência com o *pluscuamperfecto de indicativo*.

(35)

**Inf. 1** – *Cuando fuimos, yo ... este ... bailé con R y con D y T con A.*

**Inf. 2** – *pero no me acuerdo que hayan hecho eso, cuando yo fui nada más me acuerdo que bajamos.*

**Inf. 1** - *entonces a lo mejor ya lo HABÍAMOS HECHO. [Inf. 56, Turno: 347].*

(35)

**Inf. 1** - *Quando fomos, eu... bem... dancei com R e com D, e T com A.*

**Inf. 2** – *mas não me lembro que tenham feito isso, quando eu fui nada mais me lembro que descemos.*

**Inf. 1** - *então provavelmente já o TÍNHAMOS FEITO.*

Considerando o evento 1 (Ev.1) – a ação que o **Inf. 1** julga ter realizado (ter dançado) e o evento 2 (Ev. 2) - o momento em que **Inf. 2** desce. Sugerimos essa representação:

Figura 2 – Julgamento epistêmico sobre evento com valor aspectual perfectivo anteriormente efetivado com referência a outro evento no passado no eixo factual.



Nessa ocorrência, poderíamos comutar a forma verbal *pluscuamperfecto* de indicativo pela de subjuntivo, resultando: “*entonces a lo mejor ya lo HUBIÉSEMOS HECHO*”. Não teríamos nenhuma mudança de significado na referência aspecto-temporal, pois ambas formas satisfazem a condição de referir-se ao passado com o aspecto perfectivo e referência de anterioridade de uma ação em relação à outro evento no passado, porém a

atitude de encarar o *dictum* de forma hipotética, isto é, como não-afirmação, é prototipicamente atribuído ao modo verbal subjuntivo, daí resulta a possibilidade de alternância. Nesse caso, o modalizador *a lo mejor* já instaura a modalidade *irrealis*, porém, esta seria reforçada pelo modo subjuntivo.

Essa alternância com o uso da variante indicativo pode ser vista como um reflexo da matização da atitude valorativa do falante diante do *dictum* para mais asseveração, já que o indicativo é o modo da afirmação, *i. e.*, uma estratégia pragmático-discursiva. Ou, por outro lado, sendo o *a lo mejor* prototipicamente regente de indicativo teríamos, portanto, a seleção da forma verbal condicionada por um fator no nível sintático-semântico. Mas vale ressaltar que a própria seleção do modalizador *a lo mejor* já pode ser considerada como um índice de modalidade do julgamento do falante de mais certeza.

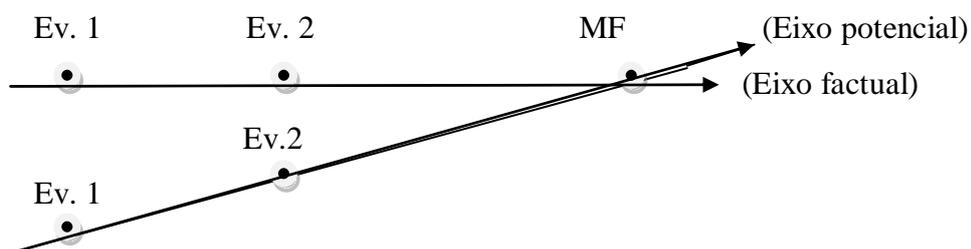
Observemos agora um exemplo para o valor descrito em *ii)*:

(60) ... *pero él sí sabe hablar el inglés bien, y este, y el español también, y tam.... Mi hija no sabe el inglés porque no ha querido estudiarlo porque es muy floja, por eso no estudió lo de la carrera de secretaria ejecutiva bilingüe. Si no ella, **a lo mejor** ni se HUBIERAN IDO para Estados Unidos, pero ellos se fueron de aquí porque no tenían trabajo[...]. Sí tenían trabajo, pero ganaban muy poco[...]* [Inf. 64. Turno: 868].

(60) ... mas ele sim sabe falar o inglês bem, e isso, e o espanhol também, e tam... Minha filha não sabe o inglês porque não quis estudá-lo porque é muito folgada, por isso não estudou a carreira de secretaria executiva bilíngue. Se não ela, **provavelmente** nem TIVESSEM IDO para os Estados Unidos, mas eles se foram daqui porque não tinham trabalho [...] Sim tinham trabalho, mas ganhavam muito pouco.

Ilustramos o valor descrito em *ii)* com o exemplo (60) no diagrama abaixo:

Figura 3 – Representação de julgamento epistêmico com valor de passado perfectivo instaurado no eixo potencial e paralelo ao eixo factual.



No eixo factual, que representa a linha cronológica efetiva, *i.e.*, o tempo real, partindo do momento da fala, é pressuposto em (60) que o evento 1 (**Ev. 1**) refere-se a: *a filha não estudou a carreira de secretária bilíngue*, e como consequência se deu o evento 2 (**Ev. 2**): *eles foram aos Estados Unidos*. Bem, nesse sentido, propomos que o julgamento epistêmico da falante instaura no eixo potencial uma realidade paralela ao eixo factual, onde a falante esboça eventos hipotéticos tomando como referência o eixo factual, e que, nessa “*realidade paralela*”,<sup>85</sup> seriam projetados como anteriores aos eventos no eixo factual, assim, substituindo-os em sua valoração. No eixo potencial, seriam o **Ev. 1**: *se ela tivesse estudado a carreira de secretária bilíngue*, e como consequência o **Ev. 2**: *provavelmente não houvessem ido aos Estados Unidos*.

Portanto, observa-se que esses dois tempos verbais, *pluscuamperfecto* de indicativo e de subjuntivo, podem codificar a mesma referência temporal que ocorre no **evento 2**. Um passado visto como potencial, geralmente dependente de uma condição, e que seria paralelo ao passado factual, e que nessa *realidade paralela* instaurada em seu julgamento, o substituiria. Em outras palavras, denota-se que o falante volta ao passado e toma esse ponto no passado para fazer um julgamento, no qual instaura um passado potencialmente realizado (daí seu aspecto perfectivo) dependente de uma condição satisfeita que seria temporalmente anterior a esse passado potencial.

Sem ampliar a exposição, para a nossa pesquisa de caráter variacionista é imprescindível saber que as duas formas de *pluscuamperfecto* de indicativo e de subjuntivo podem alternar-se sem mudança de significado<sup>86</sup>. Entretanto, com o valor descrito em *i*) somente as duas formas de *pluscuamperfecto* são comutáveis. Observemos o exemplo:

(61) *Puedo hablar con quien sea, cuando a lo mejor antes, no lo HUBIERA HECHO (HABÍA HECHO), sino le hubiera dado la espalda y me hubiera ido. [Inf.11 Turno: 170].*

(61) Posso falar com quem seja, quando **provavelmente**, antes, não o TIVESSE FEITO (TERIA FEITO / TINHA FEITO), mas sim lhe tivesse dado as costas e me tivesse ido. [Inf.11 Turno: 170].

<sup>85</sup> O leitor deve entender por realidade paralela como um plano virtual instaurado no julgamento epistêmico e no qual se projetam as relações referenciais de tempo entre os eventos dessa proposição. Em outras palavras, é um mundo possível, desejado, hipotético criado para a exposição das conjecturas do falante.

<sup>86</sup> Não é o foco do presente estudo, porém convém destacar que o *condicional compuesto* também entra nessa concorrência. Nesse sentido, no exemplo (61) a forma verbal destacada seria comutável também pela forma *HABRÍA HECHO*.

O percentual de ocorrência desse grupo é quase que categórico, **92,3%**, e o peso relativo absoluto é favorecedor do subjuntivo, **0.99**. Normalmente, as ocorrências desse tempo verbal foram em apódose de oração condicional (a principal da condicional), com o valor descrito em *ii*, como a seguinte:

(62) *Te adelantaste mucho para tirar y que si hubieras esperado un poco más a lo mejor HUBIERAS MATADO ese animal. [Inf.26 Turno: 371].*

(62) Te adiantaste muito para atirar e que se tivesses esperado um pouco mais provavelmente TIVESSES MATADO esse animal. [Inf.26 Turno: 371].

Os resultados demonstram que o *pluscuamperfecto* de subjuntivo está fortemente enraizado na língua com a forma irregular do auxiliar *e*, por isso, não apresenta alta frequência de alternância com o *pluscuamperfecto de indicativo*, já que esse é um tempo verbal relativamente de baixa frequência de uso, o qual está, geralmente, associado ao valor descrito em *i*). Por conseguinte, em enunciados dubitativos esses dois valores: *i*) valor aspecto-temporal de um evento supostamente realizado anterior a outro na linha de tempo factual, exemplificado em (35); e *ii*) um evento potencial perfectivo projetado numa realidade paralela associado a outro evento perfectivo (geralmente uma condição hipotética), ambos no passado, e toma como referência o eixo factual e se põe como anterior a este, simulando substituí-lo, exemplificado em (60), mostram-se contexto favorecedor do subjuntivo, forma prototípica prevista para esse contexto.

Passamos a outro grupo de alternância. As formas verbais do *grupo B* (*pret. imperfecto. ind., pret. imperfecto subj.*) apresentam-se como contexto desfavorável à seleção do subjuntivo com peso de **0.38**. Esse grupo prototipicamente codifica nos enunciados dubitativos o passado com aspecto imperfectivo e com inerente valor não-factual que pode vir ou não dependente de condição, como se observa abaixo a comutação possível sem alteração de significado:

(63) [...] *eso fue, estaba muy baja de peso, eh, tal vez ella ya TENÍA (TUVIESE-RA <sup>87</sup>) el problema de la leucemia pero no le había brotado ¿no? porque eso es un... [Inf. 65, Turno: 477].*

<sup>87</sup> O condicional não é considerado na presente análise, no entanto, convém destacar que o mesmo entra nessa alternância. Desse modo, nos exemplos (63), (64) e (65) se alternaria com o *imperfecto* de subjuntivo e de indicativo com as formas, respectivamente, *TENDRÍA*, *SERÍA* e *TENDRÍA*.

(63) [...] isso foi, estava muito baixa de peso, é, **talvez** ela já TINHA (TIVESSE) o problema da leucemia mas não lhe havia brotado, não é? Porque isso é um...

(64) [...] *A su, a lo mejor la esencia ERA (FUESE) buena, pero no sé, ahí también, no sé.. Tengo bien clavado en la cabeza eso de no ser utilizado como masa para que alguien o algunas personas específicamente obtengan algo, manipulación, y como que no paso de todo eso. [Inf. 5 Turno:282].*

(64) [...] A sua, **provavelmente** a essência ERA (FOSSE) boa, mas não sei, aí também, não sei... Tenho bem cravado na cabeça isso de não ser utilizado como massa para que alguém o algumas pessoas especificamente obtenham algo, manipulação, e como que não passo de tudo isso. [Inf. 5 Turno:282].

No entanto, como observamos no exemplo (65) abaixo, essa referência de tempo pode tomar o momento da fala como referência para a efetivação de um evento hipotético, e, assim, se caracterizaria um plano virtual no qual incide o julgamento epistêmico do falante de cogitar a potencialidade de concretização de um evento hipotético no presente como dependente de uma condição no passado. Teríamos um eixo factual e um eixo potencial semelhante ao exposto acima no **Figura 3**. Observa-se, no exemplo seguinte, essa referência no presente:

(65) *Que si me hubiera dedicado bien a lo que es el dibujo **quizás** ahorita ya este... yo ya TUVIERA (TENÍA) un estilo...un estilo propio para ya, este, poder explotar y **quizás** yo no ESTARÍA (ESTUVIESE / ESTABA) aquí en México. Yo estaría ya en París. [Inf. 3 Turno: 193 - 196].*

(65) E se me tivesse dedicado bem ao que é o desenho **quiça** agorinha já eh... eu já TIVESSE (TINHA) um estilo... um estilo próprio para já, é, poder explorar y **quiça** eu não ESTARIA (ESTIVESSE/ESTAVA) aqui no México. Eu estaria já em Paris.

A nosso ver, sem esquecer a influência sintático-semântica, a escolha de uma das formas depende especialmente da perspectiva e referência que tome o falante em seu propósito comunicativo, ou seja, uma escolha a nível pragmático-discursivo. Nesse sentido, em enunciados dubitativos, a seleção do modo serviria como um matizador da certeza epistêmica do falante e de sua atitude valorativa diante do *dictum*, não de forma categórica mas sim sujeita a essa escolha do falante como uma estratégia mais a sua disposição, contrariando-se, assim, o paradigma prescrito de uso dos modos verbais.

Com relação ao **grupo A** de alternância (*presente ind.*, *presente subj.*), seu baixo percentual **10,9%** de ocorrências do subjuntivo, e seu peso relativo de **0.40** indica que temos aí um contexto de alternância que não favorece o subjuntivo. Esse grupo pode apresentar dois tipos de alternância:

a) com referência ao momento presente ou com referência a evento habitual, respectivamente:

(52) *Y que ahorita realmente a lo mejor ESTEMOS PERDIENDO el tiempo ahí porque ya no hay obra. [Inf.6. Turno: 228].*

(52) E que agorinha realmente **provavelmente** ESTEJAMOS PERDENDO o tempo aí porque já não há obra.

(66) *Nosotros ahí con unas personas que a lo mejor los VEMOS cada seis meses o a cada tres meses haciendo... Cada ocho días o quince días con ellos, siempre o diario, conviviendo ¿no? que se integra más la familia, ¿no? [Inf.6. Turno: 86].*

(66) Nós aí com umas pessoas que **provavelmente** os VEMOS a cada seis meses ou a cada três meses fazendo... A cada oito dias ou quinze dias com eles, sempre ou diariamente, convivendo né? que se integra mais a família, né?

Nas construções acima, poderíamos comutar a forma verbal em (52) por “*estamos perdiendo*” sem alteração de significado onde o marcador temporal *ahorita* indica como referência o momento da fala. Do mesmo modo, em (66) a forma verbal destacada seria comutável por “*veamos*” sem alteração do sentido, nesse caso o mesmo valor TAM (Tempo, aspecto, modalidade). O valor de habitualidade é indicado no contexto pelas expressões “*cada seis meses o a cada tres meses*”. Convém agregar que esses valores de presente com aspecto simultâneo (em 52) e de habitualidade (em 66) podem também ser representados pela forma verbal de *futuro imperfecto* do indicativo, procedimento chamado “*presente de incertidumbre*” (BOSQUE, 1990, p.28). Para Bosque as orações desse tipo veiculam conteúdos modalizados, as quais **não** são usadas para realizar afirmações ou apresentar *estados-de-coisas* tomados como certos, nesse caso seriam uma extensão da modalização inserida pelo *a lo mejor*. Por conseguinte, as três formas se alternariam na codificação do mesmo significado, nesse caso, mesmo valor aspecto-tempo-modal. No entanto, por escolha metodológica anteriormente citada, consideramos apenas as orações com as formas de tempo verbal *presente* de subjuntivo e de indicativo.

O outro valor que as formas de presente subjuntivo/presente indicativo codificam é o seguinte:

**b)** com referência a eventos futuros, como em (67):

(67) [...] *pues sí me imagino que sí, tienes que analizar y muchas cosas, pero, ... sí sí sí es interesante, se me hace, y sí me dan ganas, a lo... ¡sí a lo mejor lo HAGO!* [Inf. 4. Turno: 701].

(67) [...] pois sim imagino que sim, tens que analisar e muitas coisas, mas..., sim sim sim é interessante, eu acho, e sim me dá vontade, provável... Sim **provavelmente** o FAÇO! [Inf. 4. Turno: 314].

Na ocorrência acima, tanto podemos ter: *faça, farei, faço*, sem que haja alteração no significado referencial. Kleiman (1974, p.56) nomeia *futuro de certeza* essa possibilidade do *presente do indicativo*, junto a orações modificadas por advérbio dubitativo, codificar eventos com referência temporal no futuro. Dessa forma, se satisfaria a condição da abordagem variacionista, formas veiculando o mesmo significado, nesse caso o mesmo valor de futuridade.

Portanto, o **grupo A** de tempos verbais em alternância com o peso de **0.40** se mostra sensivelmente como contexto desfavorável à variante subjuntivo, sendo contexto de alternância.

Como já citamos anteriormente, DeMello (1995) em seus resultados com relação à alternância subjuntivo/indicativo do espanhol em orações modificados por *tal vez, quizá(s)*, afirma que, em geral, o valor temporal está correlacionado à seleção das formas verbais de indicativo e subjuntivo. E que há favorecimento do subjuntivo quando há valor de futuridade e o passado seria contexto favorecedor do indicativo. Fazemos oportuna comparação com o estudo de Pimpão (1999), que ao estudar a alternância *presente indicativo/presente subjuntivo* em orações modificadas pelo *talvez* no português brasileiro (PB), afirma, baseada nos seus resultados do grupo de fatores *tempo-modalidade*, que a futuridade e não a incerteza seria o fator condicionador do subjuntivo, com um percentual de **80%** de ocorrências do subjuntivo em orações com valor de futuridade.

Resumindo o que foi dito acima, o **grupo D** que representa a referência aspecto-tempo-modal de um passado anterior a outro com valor hipotético, ou de um evento num passado hipotético concebido como efetivado (perfectivo) dependente de uma condição, onde

se alternariam o *pluscuamperfecto* de indicativo e de subjuntivo<sup>88</sup>; há maior frequência do *pluscuamperfecto do subjuntivo*, mostrando-se o principal favorecedor do subjuntivo com peso **0.99**. Considerando a baixa frequência de uso do *pluscuamperfecto do indicativo*, infere-se, de acordo com o que propõe Bybee (2003), ser esse o motivo de sua baixa interferência em orações dubitativas cujo contexto é prototípico do *pluscuamperfecto de subjuntivo*. A autora afirma que formas verbais irregulares de alta frequência tendem a manter seu paradigma morfofonológico e não sofrer com o processo de mudança por analogia.

Os valores aspecto-tempo-modais de futuridade e presente (aspecto simultâneo e de habitualidade) são representados pelo **grupo A**, o qual mostra-se sensivelmente desfavorável à variante subjuntivo com um peso de **0.40** em favor do subjuntivo. O **grupo B**, que representa prototipicamente o passado com aspecto imperfectivo, também se mostra contexto de alternância com sensível desfavorecimento ao subjuntivo com peso de **0.38**. Nossos resultados apresentados na tabela acima não apresentam o **grupo C**, que faz referência ao passado perfectivo, pois apresentou um percentual de 100% de ocorrência do indicativo, mostrando-se, assim, contexto altamente inibidor do subjuntivo, confirmando o já exposto por DeMello.

Com vistas a verificar possíveis correlações entre os dois grupos selecionados pelo programa estatístico (*item dubitativo e tempos verbais em alternância*) fizemos o cruzamento desses dois grupos. Observa-se a seguir o cruzamento:

---

<sup>88</sup> Optamos por não considerar em nossa análise nesse grupo de alternância o *condicional compuesto*, por questões metodológicas já citadas. Além disso, não houve ocorrências dele na amostra ora analisada. Por isso, não o listamos nesse grupo de alternância, onde seria perfeitamente comutável com as formas de *pluscuamperfecto* de indicativo e de subjuntivo.

Tabela 19 – Ocorrência do subjuntivo em função do tempo verbal e item dubitativo.

	<i>A lo mejor</i>	<i>Quizá(s)</i>	<i>Tal vez</i>	<i>Probablemente</i>	<i>Posiblemente</i>	Total
<b>Grupo A:</b>						
<b>Pres. Ind. /</b>	1/97	5/13	2/8	5/9	1/1	14/129
<b>Pres. Subj.</b>	1%	38%	25%	56%	100%	11%
<b>Grupo B:</b>						
<b>Pret. Imp.</b>	2/27	2/4	0/3	0/1	0/2	4/39
<b>Ind. / Pret.</b>	7%	50%				10%
<b>Imp. Subj..</b>						
<b>Grupo D:</b>						
<b>Pluscuamperf.</b>	9/10	0	1/1	2/2	0	12/13
<b>Subj. /</b>	90%		100%	100%		92%
<b>Pluscuamperf.</b>						
<b>Ind.</b>						
<b>Total</b>	12/137	7/17	3/12	7/12	1/3	30/181
	9%	41%	5%	58%	33%	17%

Inicialmente, observamos que nesse grupo o número de dados considerados é menor em relação aos demais grupos, como já descrito acima no item *b* da seção 7.1, apenas 181. E a partir dessas 181 ocorrências, **71,3%**, ou seja, 129, concentram-se no *grupo A*. Em nossa classificação dos fatores da variável independente *tempos verbais em alternância* não discriminamos nem separamos os valores aspecto-tempo-modais representados pelo grupos de tempos verbais em alternância, uma vez que consideramos o aspecto morfológico das formas verbais em competição, por isso não podemos apontar isoladamente a interferência da futuridade junto aos advérbios e sua atuação na variável.

No *grupo A*, estão inseridos os valores de futuridade e de presente (com valor aspectual de simultaneidade e de habitualidade) que não apresenta peso relativo favorecedor do subjuntivo (**0.40**), sendo o *quizá(s)*, *probablemente* e *posiblemente* os que apresentam maior ocorrência de subjuntivo com esses valores aspecto-tempo-modais, respectivamente **38%**, **56%** e **100%**.

Conforme o exposto acima, o *grupo B* é o que menos favorece o subjuntivo. Com exceção do *quizá(s)* que apresenta **50%** de subjuntivo em e do *a lo mejor* com **7%**, os demais itens dubitativos não apresentam nenhuma ocorrência do subjuntivo em orações com o *pretérito imperfecto*. Isso denota a forte interferência do *imperfecto* do indicativo e sua generalização na codificação de eventos com aspecto imperfectivo independente de seu valor modal. Entretanto, o uso do *quizá(s)* se mostra forte índice do uso do subjuntivo em eventos com esse valor tempo-aspecto-modal em enunciados dubitativos.

Os resultados demonstram que o tempo verbal mais favorecedor do subjuntivo é o *pluscuamperfecto* com peso relativo de **0.99**. Quanto a isso, nos parece relevante destacar que o *a lo mejor*, geralmente associado ao indicativo, ocorre de forma quase que categórica junto ao *Pretérito Pluscuamperfecto de subjuntivo*, **90%**. Esse tempo verbal representa prototipicamente dois valores: *i*) valor aspecto-temporal de um evento supostamente realizado anterior a outro na linha de tempo factual; e *ii*) um evento potencial perfectivo projetado numa realidade paralela associado a outro evento perfectivo (geralmente uma condição hipotética), ambos no passado, e toma como referência o eixo factual e se põe como anterior a este, simulando substituí-lo. Nos parece que para a codificação desses significados o paradigma morfofonológico de *pluscuamperfecto de subjuntivo* está bem enraizado.

Constata-se na tabela acima que independentemente do item *a lo mejor* prototipicamente reger indicativo, não houve essa prevalência, restando apenas um caso com o *pluscuamperfecto de indicativo*. Denota-se, assim, que o uso do subjuntivo na representação desse valor aspecto-tempo-modal poderia ser considerada uma construção já enraizada pela habitualidade de uso e que não sofre a influência sintática exercida pelo *a lo mejor*.

A permuta com o *pluscuamperfecto de indicativo* é possível sem que modifique o significado referencial. Observa-se a única ocorrência de oração dubitativa com *pluscuamperfecto de indicativo* modificado pelo *a lo mejor*:

(35)

**Inf. 1** – *Cuando fuimos, yo ... este ... bailé con R y con D y T con A.*

**Inf. 2** – *pero no me acuerdo que hayan hecho eso, cuando yo fui nada más me acuerdo que bajamos.*

**Inf. 1** - *entonces a lo mejor ya lo HABÍAMOS HECHO. [Inf. 56, Turno: 347].*

(35)

**Inf. 1** - *Quando fomos, eu... bem... dancei com R e com D, e T com A.*

**Inf. 2** – *mas não me lembro que tenham feito isso, quando eu fui nada mais me lembro que descemos.*

**Inf. 1** - *então provavelmente já o tínhamos feito.*

Convém destacar o mapa de ocorrências dos itens dubitativos considerados como favorecedores do subjuntivo, o *quizá(s)* e *tal vez*. O *quizá(s)* seleciona o subjuntivo nos tempos presente **38%** e imperfeito **50%**, mas não há dados com *pluscuamperfecto*. O *tal vez*,

por sua vez, apresenta **25%** de ocorrência do subjuntivo, nenhuma com o imperfecto e sua única ocorrência junto ao *pluscuamperfecto* é no de subjuntivo.

Portanto, fechamos essa seção onde se mostrou a descrição da alternância subjuntivo/indicativo na fala da Cidade do México em enunciados dubitativos com relação ao *item dubitativo* e aos *tempos verbais*.

Quanto a essa primeira variável independente linguística, observamos claramente que o *a lo mejor* é favorecedor do uso do indicativo, embora mostre um comportamento diferente do previsto pela tradição normativa, pois apresentou um peso relativo para o uso do subjuntivo de **0.31**. E que *probablemente*, *posiblemente* e o *quizá(s)* mostram-se como favorecedores do subjuntivo, e apresentaram, respectivamente, o peso relativo para uso do subjuntivo de **0.94**, **0.90** e **0.92**.

Quanto a variável *tempos verbais em alternância*, listamos algumas conclusões. Constatamos que todas as ocorrências em que se esperava o *pretérito perfecto de subjuntivo* ocorreram no *pretérito perfecto de indicativo* e no *pretérito indefinido de indicativo*, confirmando-se a generalização desses últimos, uma vez que, além dos valores que originalmente expressam, codificam também os valores reconhecidos pela tradição normativa como preferencialmente codificados pelo *pretérito perfecto de subjuntivo*. Outra constatação dá conta que o *pluscuamperfecto de subjuntivo* quase não se alterna com o *pluscuamperfecto de indicativo*, mostrando apenas um caso de alternância, logo, contexto favorável ao subjuntivo com peso relativo de **0.99**. Ademais, os resultados demonstram que o *presente* e o *pretérito imperfecto* são contexto propício à alternância subjuntivo/indicativo com prevalência do indicativo, respectivamente, mostram os pesos relativos para uso do subjuntivo de **0.40** e **0.38**.

Em linhas gerais, na comunidade em foco há uma probabilidade maior de ocorrer enunciados dubitativos codificados com subjuntivo quando forem construídos com os itens dubitativos *probablemente*, *posiblemente* e *quizás* no contexto em que se expressam os valores aspecto-tempo-modais codificados prototipicamente pelo *pluscuamperfecto de subjuntivo*.

Passamos a seguir aos resultados em percentuais obtidos pelo programa estatístico com as variáveis independentes sociais.

### 7.3 Variáveis Sociais

Passamos agora à apresentação dos resultados relacionados às variáveis sociais, embora não tenham sido selecionadas pelo programa estatístico como relevantes para a *variável linguística*. Por hipótese, listamos as variáveis sociais que tradicionalmente se mostraram recorrentes nos estudos sociolinguísticos, *faixa etária*, *escolaridade* e *gênero/sexo* e que são contempladas na estratificação do *corpus* ora sob análise. Começamos pelo grupo de fatores *faixa etária*:

Tabela 20 – Grupo faixa etária - valores percentuais de ocorrência.

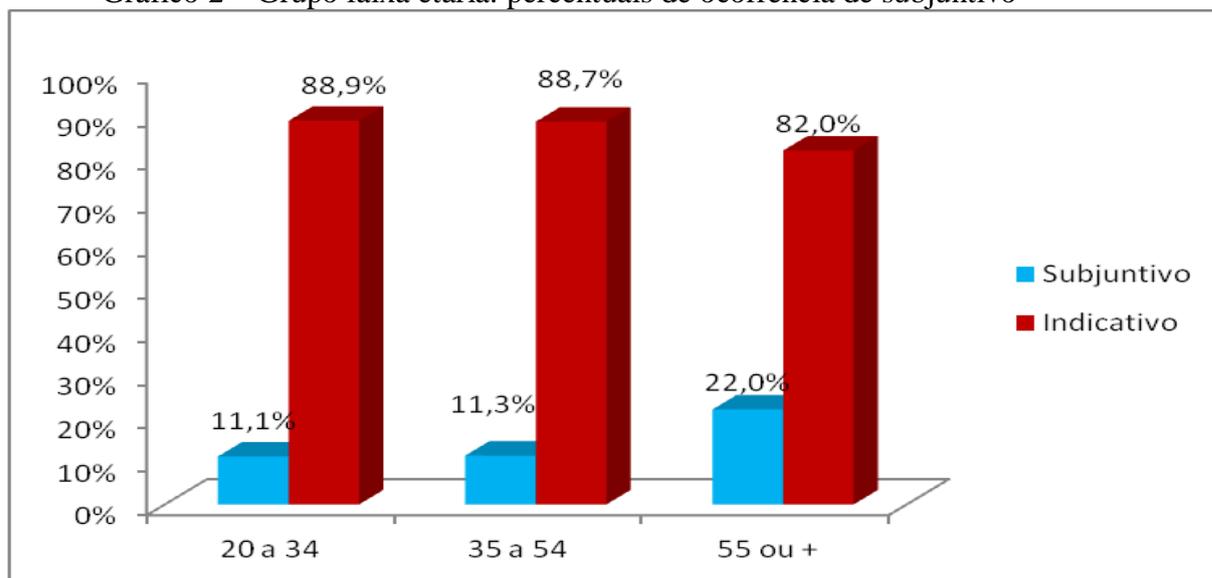
Faixa etária	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
<b>20 a 34</b>	8	11,1	64	88,9
<b>35 a 54</b>	13	11,3	86	88,7
<b>55 ou +</b>	11	22,0	39	82,0
<b>Total</b>	30	13,7	189	86,3

Os resultados acima indicam que os mais jovens (20 a 34 anos) tendem a usar menos a forma subjuntiva com apenas **11,1%**; semelhantemente, o grupo intermediário dos adultos (35 a 54 anos), que apresenta um índice um pouco acima dos mais jovens com **11,3%**. O uso do subjuntivo é considerado a aplicação da regra, a forma prescrita pelos manuais de gramática como a prototípica junto aos advérbios de dúvida em sua grande maioria, com exceção de *a lo mejor* e *seguramente*, prescritos como categóricos no uso com o indicativo.

Em contrapartida, temos o grupo dos mais velhos (55 anos ou mais) com um índice de **22%** de ocorrências do subjuntivo, denotando que esse grupo, podemos dizer mais conservador, tende a manter a forma conservadora que é a forma subjuntiva. Esses resultados nos dão indícios de uma possível *mudança em progresso* da variável linguística na comunidade de fala da Cidade do México, dada essa projeção da variação entre as faixas etárias, estando a faixa etária dos mais jovens usando menos a forma conservadora (o subjuntivo), com um leve ascenso desse uso no grupo intermediário e, logo, um ascenso mais elevado no grupo dos mais velhos. Desse modo, estaria a forma do subjuntivo sendo substituída pelo indicativo.

O gráfico, a seguir, apresenta os resultados desse grupo de fatores:

Gráfico 2 – Grupo faixa etária: percentuais de ocorrência de subjuntivo



Embora se faça necessário uma incursão histórica para uma maior fiabilidade na apreciação sobre o estado da variável subjuntivo/indicativo em orações dubitativas (se variação estável ou mudança em progresso), a fim de averiguar se já havia indícios dessa alternância e como ela se configura historicamente, cremos, baseados na Sociolinguística Variacionista, que a atual *análise em tempo aparente* da amostra do espanhol falado na Cidade do México nos dá subsídios para apontar uma possível mudança em progresso e mostra o quão avançada está a variação na variável com prevalência da variante indicativo, principalmente entre os mais jovens, como se observa no gráfico acima.

Considerando o que aponta o próprio Labov (1981), a *análise em tempo aparente* serve ao pesquisador como uma projeção, um prognóstico, que fomenta a hipótese de uma mudança em curso, sendo necessária uma *análise em tempo real* para confirmar tal hipótese.

Passamos à próxima variável social, que é a *escolaridade*, variável independente que tradicionalmente se mostra produtiva na descrição de variáveis linguísticas. Trabalhamos, de acordo com a estratificação do *corpus*, apenas com os níveis médio e superior. Obtivemos os seguintes resultados percentuais:

Tabela 21 – Grupo escolaridade - valores percentuais de ocorrência.

Escolaridade	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
Médio	11	10,9	90	89,1
Superior	19	16,1	99	83,9
<b>Total</b>	30	13,7	189	86,3

Esperávamos que o uso do subjuntivo, por ser a forma mais elaborada e complexa estruturalmente e menos frequente, requeresse mais instrução formal para o seu uso. Nesse sentido, quanto mais instrução formal e escolaridade, maior o uso do subjuntivo. Podemos observar que essa hipótese se confirma nos dados apresentados uma vez que falantes com nível superior usam mais o subjuntivo (**16,1%**) que os de nível médio (**10,9%**). Essa correspondência do maior uso do subjuntivo pelos usuários com mais instrução formal denota uma correlação com o *princípio da marcação*. Desse modo, as formas subjuntivas por serem menos frequentes, mais complexas estruturalmente e por demandarem maior processamento cognitivo, seriam as formas marcadas e, por isso, para sua aprendizagem se requereria maior instrução formal. Conseqüentemente, o grupo com mais escolaridade favoreceria o subjuntivo.

Destacamos o estudo de Pimpão (1999), no qual se analisa na fala de Florianópolis do PB a alternância presente indicativo/presente subjuntivo em enunciados sob escopo do advérbio *talvez*, o grupo *escolaridade* foi selecionado, conforme se observa na tabela 2 exposta em 5.3. Os resultados mostram para o nível colegial (equivalente ao atual nível médio) um percentual de ocorrência do subjuntivo de **81%** e peso de **0.71** e para o ginásio (atual nível fundamental) um percentual de **44%** e peso **0.26**. Confirma-se, nesse estudo, a prevalência de uso do subjuntivo por pessoas com maior grau de escolaridade e, assim, a importância da instituição escolar como difusor de usos e normas linguísticas.

Por outro lado, no estudo de Carvalho (2007) do PB sobre a alternância subjuntivo/indicativo em orações subordinadas substantivas na fala do Cariri cearense, a variável escolaridade não satisfaz a expectativa da autora e da literatura sobre a variável em destaque. Os resultados da autora podem ser conferidos na tabela abaixo:

Tabela 22 – Atuação do nível de escolaridade no uso do presente do subjuntivo

<b>Escolaridade</b>	<b>Nº de ocorrências do subjuntivo</b>	<b>Total de dados</b>	<b>%</b>	<b>P.R</b>
<b>0 ano de escolaridade</b>	15	48	31%	.76
<b>1 a 4 anos de escolaridade</b>	8	71	11%	.20
<b>5 a 8 anos de escolaridade</b>	23	79	29%	.64
<b>9 a 11 anos de escolaridade</b>	17	57	30%	.52
<b>Total</b>	70	286	24%	-

Fonte: Carvalho, 2007

Portanto, como a própria autora declara, os seus resultados contradizem a expectativa dos estudos sociolinguísticos que, em geral, evidenciam forte correlação dessa variável a fenômenos de natureza fonológica e sintática. Para Carvalho, não se evidencia um sentido crescente de uso do subjuntivo em função dos anos de escolarização e seu resultado indica que o emprego do subjuntivo na fala dos não-escolarizados é preservado na comunidade de fala do Cariri cearense (CARVALHO, 2007, p.130).

Pelo exposto, observamos que cada comunidade pode apresentar peculiaridades que reflitam uma heterogeneidade linguística, uma norma coletiva com relação ao uso de certo item linguístico que a distingue da de outras comunidades de fala. Mostra-se, assim, a relevância de se observar a estratificação social para entender a heterogeneidade linguística e, assim, apreender os padrões de uso de dada variável e os fatores condicionadores de cada variante dessa variável. Nesse sentido, é oportuna a consideração de uma análise diacrônica para que se faça um encaixamento histórico da variável no seio da comunidade analisada considerando aspectos socio-históricos e culturais que contribuam no maior entendimento dessa.

Por fim, dando continuidade às variáveis sociais, passamos ao grupo *gênero/sexo*, que também tem se mostrado recorrente nos estudos variacionistas. Obtivemos em percentuais os seguintes resultados:

Tabela 23 – Grupo gênero/sexo - valores percentuais de ocorrência.

Gênero/sexo	Ocorrências subjuntivo		Ocorrências indicativo	
	Total	%	Total	%
Masculino	20	16,8	99	83,2
Feminino	10	10,0	90	90,0
<b>Total</b>	30	13,7	189	86,3

A tabela nos mostra que as mulheres da Cidade do México usam menos o subjuntivo (**10%**) do que os homens (**16,8%**). A princípio, inferimos que isso representa um desvio do padrão encontrado em muitos estudos variacionistas de que as mulheres tendem a manter a forma conservadora, a forma padrão, que nesse caso seria o uso do subjuntivo em enunciados dubitativos. No entanto recorremos a um aprofundamento da discussão quanto ao papel do gênero/sexo.

Para Labov (2001, p. 262; 366) as mulheres apresentam comportamentos diferentes de acordo com o tipo de mudança, se variação estável mantém comportamento

conservador, se mudança com consciência social (*changes from above*) usam mais as variantes de prestígio, se mudança sem consciência social (*changes from below*) tendem a usar mais as forma inovadoras. Faz-se oportuno destacar que *mudanças com consciência social* seriam aquelas em que uma das variantes é notadamente estigmatizada, nesse sentido, rechaçada por certa parcela da comunidade, geralmente a classe tradicionalmente nomeada alta e escolarizada devido a sua situação socioeconômica, que, geralmente, evita as variantes das camadas mais populares e dita as norma de uso prestigiadas. Por outro lado, *mudanças sem consciência social* seriam as mudanças cujas variantes não sofrem estigma em seu uso e são usadas por todos os estratos sociais.

Assim, Labov ao tratar do chamado *Paradoxo do Gênero*, reformula-o, nomeando-o o *Paradoxo da Conformidade*, o qual estabelece inicialmente: “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293).

Por sua vez, Scherre (2011) traz à tona uma discussão sobre o papel do gênero baseada no *Princípio da Marcação Linguística e Social* de Givón (2005) em relativa contraposição ao *Princípio da não-conformidade* de Labov (2001). Scherre (2011, p. 139-140) esboça algumas proposições sobre o papel do gênero e nos diz de forma mais geral que:

*i)* Traços linguísticos menos marcados no sentido de serem menos dependentes das relações interacionais ou mais frequentes ou mais aceitos socialmente, tendem a ser favorecidos pelas mulheres. Dito de outro modo, em configurações menos marcadas – e não necessariamente mais prestigiadas – as mulheres estão à frente na variação ou na mudança.

*ii)* Traços linguísticos mais marcados, no sentido de serem mais dependentes de relações interacionais ou menos frequentes ou menos aceitos socialmente, tendem a ser favorecidos pelos homens. Dito de outro modo, em configurações mais marcadas – e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou mudança.

Conforme o proposto por Scherre (2011), por ser o uso da variante indicativa em enunciados dubitativos uma configuração menos marcada, não necessariamente mais prestigiada, as mulheres estariam à frente na variação, apresentando um percentual de uso maior que os homens da variante inovadora (o indicativo), **90%**.

Em nosso caso, consideramos o proposto por Labov, e atribuímos ao maior uso do indicativo em detrimento do subjuntivo em enunciados dubitativos por parte das mulheres, por ser essa uma mudança do tipo *from below* (sem consciência social e internas à variedade em uso), *i.e.*, não há estigmatização no uso da variante indicativo em enunciados dubitativos.

Ao contrário, há um uso propagado, generalizado e aceito socialmente, e assim, mostra-se como a norma de uso.

Nesse sentido, dizemos que as mulheres apresentam comportamento inovador (maior uso do indicativo com **90%**) embora em dissonância com as normas prescritas, por serem as formas de indicativo bastante frequentes e não-estigmatizadas e por ser essa alternância generalizada e já tratada como norma no vernáculo da Cidade do México.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação, trazemos a lume um estudo focado em um fenômeno de variação linguística do espanhol falado da Cidade do México. Para isso, nos valem dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, cujo principal expoente é Labov, bem como de conceitos oriundos do Funcionalismo Linguístico. Ambas correntes convergem no tocante à concepção de língua como sistema heterogêneo, passível às pressões do uso condicionadas por fatores internos e externos ao sistema linguístico. Buscamos compor, da forma mais detalhada possível, a exposição das etapas da pesquisa e as partes integrantes do trabalho para uma maior compreensão do leitor.

A partir desse arcabouço teórico-metodológico projetamos hipóteses que, após testadas e analisadas, propiciariam a descrição e análise da variável em questão, alternância subjuntivo/indicativo em orações dubitativas independentes. E isso nos demonstraria os contextos: de alternância, os favoráveis ao indicativo e os favoráveis ao subjuntivo, denotando, assim, as regularidades de uso de subjuntivo e de indicativo e quais os fatores condicionadores, ou seja, nos dariam os padrões de uso subjacentes ao fenômeno de variação supramencionado.

Para o tratamento da variável em foco, foi imprescindível que remontássemos à abordagem normativa tradicional espanhola com vistas a discutir a sua definição atribuída à categoria modo verbal. Isso se fez relevante, pois, frequentemente, se observam discrepâncias entre a normatividade gramatical e a realização no vernáculo, propiciando em enunciados dubitativos o que ora tratamos, a alternância subjuntivo/indicativo.

Portanto, com vistas a tratar essa variável, compartilhamos a perspectiva da separação entre modo e modalidade como a de Lyons: “modo é uma categoria gramatical que é encontrada em algumas, mas não todas línguas. Não pode ser identificado com a modalidade ou força ilocucionária” (LYONS, 1977, p.848). A de Palmer: “[...] um é gramatical (modo) o outro nocional ou semântico (modalidade)” (PALMER, 1986, p.7). E, por fim, a de Bybee *et al.* (1994, p.181): “[...] modalidade é uma categoria conceptual e modo é sua expressão flexional”.

Nesse sentido, concebemos o modo como uma categoria gramatical que carrega em seu paradigma morfofonológico a marcação dos valores do complexo categorial TAM (GIVÓN, 1984; 1993). Dessa forma, o julgamento do falante (a modalidade subjacente aos enunciados) diante do *dictum* não se manifesta exclusivamente na forma verbal, mas sim

através de outros itens linguísticos (NEVES, 2006), bem como é apreensível no contexto discursivo no qual se enquadra a proposição.

Com essa concepção da distinção *modo Vs. modalidade* e com o estabelecimento das hipóteses que originaram as variáveis independentes, buscamos descrever e analisar essa variável. E com isso, estabelecer, nessa análise com base em dados sincrônicos, se poderíamos sugerir um fenômeno de mudança em progresso.

O percurso resumidamente descrito nos levou à análise linguística dos resultados. Observamos, antes dos descartes realizados para ajustes na rodada, a elevada frequência de ocorrências do indicativo em orações dubitativas independentes na comunidade de fala da Cidade do México (**89,4%**). Ademais, observamos que boa parte dessa elevada frequência ocorreu em enunciados produzidos com a locução adverbial *a lo mejor*, que representava **71,1%** do total de 284 ocorrências inicialmente consideradas.

Após a rodada com a retirada de 65 dados já descartados, obtivemos um percentual de **13,7%** de subjuntivo e **86,3%** de indicativo, com uma elevação nas ocorrências com o *a lo mejor*, **74,4%** do total dos dados. Fizemos uma nova rodada, a efeito de teste, desconsiderando as 163 ocorrências com a locução adverbial *a lo mejor*, restando 56 ocorrências, e obtivemos um aumento considerável no percentual de subjuntivo, **32,1%**. Com isso, se denota a alta produtividade do modalizador *a lo mejor* na comunidade de fala e sua alta correlação com o indicativo **92,6%**. Ademais, os resultados contradizem a normatividade, que prediz que esse modalizador rege exclusivamente o indicativo.

Destacamos, outrossim, que se satisfaz o prescrito pela gramática tradicional normativa espanhola quanto à ocorrência do advérbio *seguramente* reger somente o indicativo, com suas 13 ocorrências todas modificando verbos no indicativo. E, também, confirma-se a prescrição da GT espanhola quanto ao verbo na posição anteposta ao advérbio ocorrer sempre no indicativo. As 25 ocorrências com o verbo anteposto ao modalizador consideradas em nosso envelope de variação ocorreram no indicativo.

O programa estatístico GOLDVARB X nos mostrou que as variáveis linguísticas *item dubitativo* e *tempos verbais em alternância* são as condicionadoras do fenômeno em estudo na amostra da fala da Cidade do México. Prevíamos a existência, entre os modalizadores dubitativos, de três grupos: *preferencial de indicativo*, *preferencial de subjuntivo* e *contexto de alternância*. Entretanto, apenas o grupo referente aos modalizadores favorecedores de indicativo se confirmou, com os modalizadores *a lo mejor* com **92,3%** de indicativo e o *seguramente* com **100%**, embora haja uma mudança no uso do *a lo mejor* modificando o subjuntivo, o que não é previsto pela GT espanhola.

Compartilhávamos a expectativa de Kovacci (1986 *apud* CHUECA, 2005) de que há uma especialização dentro do paradigma dos advérbios modalizadores de dúvida, que atuariam, assim, nos enunciados dubitativos como **índices de modalidade**, codificando um *continuum* na escala de certeza, estando o *a lo mejor* e o *seguramente* no polo de mais certeza e *tal vez* no polo oposto, o de incerteza. E correlacionado a isso, estaria a seleção dos modos verbais, se mais certeza sobre o *dictum* (ou em outros termos, mais asseveração, afirmação), teríamos preferentemente o indicativo e, se o contrário, teríamos o subjuntivo. Nesse sentido, teríamos uma proposta coerente para a explicação da alternância em enunciados dubitativos. Por esse motivo, devido à concepção de um valor escalar do julgamento epistêmico *irrealis* inerentemente instaurado em enunciados dubitativos, propusemos nesse estudo um conjunto de parâmetros para aferir contextualmente no discurso esse grau de certeza epistêmica do falante subjacente à proposição sob escopo do modalizador, a fim de confirmar essa hipótese. E, assim, criamos o grupo de fatores *modalidade irrealis* contendo esses valores escalares.

Os resultados denotam que os maiores favorecedores do subjuntivo no grupo *item dubitativo*, com peso relativo de favorecimento do subjuntivo, são o *probablemente* (**0.94**), o *quizás(s)* (**0.92**) e o *posiblemente* (**0.90**). Esperávamos, de acordo com a tradição, que o *tal vez* e o *quizá(s)* fossem os maiores favorecedores do subjuntivo. E que o *probablemente* seria mais usado com o indicativo que os demais em enunciados com moderada certeza, dado o valor de probabilidade estar ligado à experiencialidade e, geralmente, haver uma explicação lógica relacionando uma causa factível ao evento da proposição. O que se infere desta forte correlação de peso relativo entre *probablemente* e seleção do subjuntivo é que a escolha é explicável a nível pragmático-discursivo, e que já está generalizado no paradigma dos itens dubitativos. Dessa forma, mostra-se um uso já enraizado pela frequência com vistas a cumprir uma estratégia discursiva na qual o subjuntivo matizaria o grau de certeza do falante, atenuando o comprometimento do falante à medida que impõe na proposição um grau de probabilidade do evento na interpretação do ouvinte.

O grupo *modalidade irrealis*, embora não tenha sido selecionado, apresentou coerência com nossa hipótese inicial, resultando os percentuais de subjuntivo: *certeza 1* **9,1%**; *certeza 2* **16,7%** e *incerteza* **23,7%**, ou seja, quanto menos certeza mais subjuntivo.

Cruzamos os dados do grupo *tipo de verbo* com o grupo *modalidade irrealis*. Nesse cruzamento, observamos que o *seguramente* apresentou **92,3%** de suas 13 ocorrências com o valor *certeza 1* sendo elas **100%** em indicativo e apenas 1 ocorrência com o valor *certeza 2* também no indicativo. Confirma-se ser esse advérbio um índice de mais certeza.

O *a lo mejor* apresentou de suas 163 ocorrências, **61%** com o valor de *certeza 1*, **25%** com valor *certeza 2* e **14%** com valor *incerteza*. Percebe-se a sua tendência de ocorrer em enunciados de mais certeza embora não seja categórico. Destaca-se que apenas **5%** dos enunciados de *certeza 1* com o *a lo mejor* apresentaram a forma subjuntiva. Esse percentual aumenta para **12%** com o valor *certeza 2*.

Quanto ao advérbio *quizá(s)*, **37,5%** das suas ocorrências apresentam-se com o valor *incerteza* e entre estas **33%** com o subjuntivo. Com esse item dubitativo, à medida que diminui a certeza em enunciados dubitativos aumenta a seleção do subjuntivo.

Por sua vez, o *tal vez* se mostra como o item dubitativo menos ligado à *certeza 1*, apenas **23%** de seus dados. Com ele há a melhor relação entre *incerteza* e seleção do subjuntivo, **75%** das ocorrências.

Portanto, os resultados desse grupo nos mostram que temos subsídios para propor, coerentemente, que há uma especialização entre os itens dubitativos na codificação do julgamento epistêmico, caracterizando-se como índices dessa modalidade conjuntamente com o modo verbal.

Nesse sentido, considerando a competência comunicativa do falante (HYMES, 1974), uma explicação plausível sobre a alternância subjuntivo/indicativo, sem desconsiderar a influência sintático-semântica, dá conta de que no ato comunicativo a escolha do falante, situada no nível pragmático-dicursivo, permitiria a codificação de mensagens com sentidos diferentes da significação que o modalizador epistêmico ou o modo verbal prototipicamente possuem, com vistas a cumprir determinado propósito comunicativo.

Tomando o que propõe Calvo (1995, p.192), a alternância subjuntivo/indicativo se caracterizaria como um jogo modal governado pelas escolhas do falante de acordo com seu objetivo comunicativo a ser atingido em dada interação, na qual o subjuntivo marcaria um grau maior de incerteza epistêmica e o indicativo um grau menor. Dessa forma, o falante manipularia, através das diferentes combinações dos elementos linguísticos, a realidade extralinguística, ou seja, o **significado** expressado pelo *dictum* e conseqüentemente diferentes **sentidos**<sup>89</sup> na interpretação do ouvinte.

Assim, em enunciados dubitativos, a assimetria entre o significado linguístico e o sentido apreensível na interação comunicativa é fruto da criatividade e expressividade

---

<sup>89</sup> Aqui nos valem da distinção assumida na Pragmática entre *significado* e *sentido*. Nas palavras de Fiorin (FIORIN, 2006, p.165 – 186) a significação é o produto das indicações linguísticas dos elementos componentes da frase. Assim, a significação de “*Está chovendo*” é “*Tomba do céu*”. O sentido, no entanto, é a significação da frase acrescida das indicações contextuais e situacionais. Desse modo, a mesma frase, se proferida em um contexto de racionamento de energia pode significar “*Agora o racionamento vai acabar*”.

inerentes ao processo comunicativo. Desse modo, um falante pode propor um evento sobre o qual tem total certeza e convicção como possível e como duvidoso de sua ocorrência com vistas a causar certo efeito de sentido na interpretação do ouvinte. Para isso, a classificação tradicional do uso dos modos é insuficiente, sendo necessária uma maior abstração e a consideração do nível pragmático-discursivo numa análise que contemple essas relações interativas no processo comunicativo.

Sugerimos que esses contrastes de sentido, eleitos pelo falante visando a causar certo efeito na interpretação do ouvinte, seriam marcados em enunciados dubitativos pelas diferentes combinações dos três elementos (item dubitativo, modo verbal, valor escalar do *irrealis* epistêmico): modalizadores certeza/incerteza + indicativo/subjuntivo + julgamento epistêmico de mais/menos certeza.

Por conseguinte, na amostra analisada de língua falada da Cidade do México esse uso segue certa regularidade, denotando que há uma especialização de modalizadores que atuam como índices de mais certeza (*seguramente, a lo mejor*) e outros de menos certeza (*tal vez, quizás*) aliados, respectivamente, às formas verbais de indicativo que matizam mais certeza e de subjuntivo que denota um grau maior da incerteza e da dúvida.

Passamos à contemplação dos resultados da variável *tempos verbais em alternância*, também selecionada pelo programa estatístico GOLDVARB X. Tínhamos a expectativa de, seguindo a proposta de Givón (2001, p. 305) sobre a correlação entre o complexo categorial TAM e a modalidade epistêmica, que os tempos verbais que representam julgamentos epistêmicos ancorados em ações passadas, concluídas, habituais e em andamento, experienciadas direta ou indiretamente, bem como julgamentos ancorados em tempo presente efetivado no tempo, ou seja, factuais, seriam favoráveis, assim, a um grau de maior certeza epistêmica do falante e, conseqüentemente, ao uso do indicativo, mesmo em orações modificadas por modalizadores epistêmicos de dúvida. E, por outro lado, esperávamos que os tempos verbais que codificam julgamentos ancorados em referência futura, sem aspecto de ação concluída ou em uma realidade hipotética paralela ou potencial (projetada no presente, passado ou futuro), favorecessem o subjuntivo.

O grupo A de alternância (*presente de indicativo / presente de subjuntivo*), que codifica os valores de futuridade e de presente, mostrou-se desfavorável à variante subjuntivo com peso relativo favorecedor do subjuntivo de **0.40**. Apesar de não termos discretizado os valores aspecto-tempo-modais de cada grupo, devido à nossa opção metodológica, esperávamos que houvesse uma maior ocorrência do subjuntivo, como em resultados apresentados por DeMello (1995), Woerh (1972). Trabalhos realizados no PB, como o de

Pimpão (1999), que trata a variável *presente subjuntivo/presente indicativo*, aponta, em enunciados com o *talvez*, o traço de futuridade como favorecedor do subjuntivo. Carvalho (2007), no estudo da variável *presente subjuntivo/presente indicativo*, embora tenha tomado como escopo orações subordinadas substantivas, também aponta o traço de futuridade como favorecedor do subjuntivo.

O resultado apresentado pelo grupo 2 (*pretérito imperfecto de indicativo e de subjuntivo*) é um peso relativo de **0.38** da variante subjuntivo, logo, também mostra-se desfavorável à essa variante. Esse grupo codifica prototipicamente o valor de um passado imperfectivo, no entanto, também codifica o valor de um evento potencial no passado ou no presente, geralmente dependente de uma condição.

Nossos resultados mostraram que todos os dados do grupo 3 de alternância (*pretérito indefinido, pretérito perfecto de indicativo e pretérito perfecto de subjuntivo*), que codifica julgamentos ancorados em eventos perfectivos no passado, ocorreram no indicativo. Confirmando-se nossa hipótese e ao igual que em trabalhos como o de DeMello (1995), Anadón (1979) e Woerh (1972) que também trabalharam a variável em foco em enunciados dubitativos.

Por sua vez, o grupo 4 de alternância (*pretérito pluscuamperfecto de indicativo e de subjuntivo*) é contexto praticamente categórico do subjuntivo com peso relativo favorecedor do subjuntivo de **0.99**. Esse grupo codifica: *i*) valor aspecto-temporal de um evento supostamente realizado anterior a outro na linha de tempo factual; e *ii*) um evento potencial perfectivo projetado numa realidade paralela associado a outro evento perfectivo (geralmente uma condição hipotética), ambos no passado, e toma como referência o eixo factual e se põe como anterior a este, simulando substituí-lo. A grande maioria dos dados aparece com o segundo valor em nosso *corpus*.

Devido à nossa opção metodológica, não pudemos correlacionar mais detidamente cada valor das categorias de tempo e aspecto veiculadas por cada grupo de alternância à seleção do modo verbal, uma vez que nesses grupos o que se observa é que podem veicular diferentes valores aspecto-tempo-modais e isso exigiria rodadas separadas com os dados de cada grupo de alternância selecionando cada valor aspecto-tempo-modal como um fator da variável independente. Fica a sugestão para estudos futuros que optem por focar nos valores aspecto-tempo-modais como um grupo de fatores.

Entretanto, seguindo uma abordagem variacionista observamos claramente que os tempos verbais de subjuntivo se alternam com formas do indicativo, veiculando o mesmo valor de verdade e que há, com exceção do *pluscuamperfecto*, prevalectimento da forma de

indicativo. Portanto, o *pluscuamperfecto de subjuntivo* demonstra estar altamente enraizado para representar os valores aspecto-tempo-modais codificados pelo grupo 4, inibindo a interferência do *pluscuamperfecto de indicativo*.

Propomos como justificativa por ser o *pluscuamperfecto de subjuntivo* uma forma composta cujo verbo auxiliar é irregular que constitui um paradigma morfofonológico de alta frequência, e por isso já bem enraizado nessa função. Com isso, não sofre a interferência do *pluscuamperfecto de indicativo*.

Também evocamos o *princípio da iconicidade* para explicar, a nosso ver coerentemente, a baixa variação do *pluscuamperfecto de subjuntivo* por *pluscuamperfecto de indicativo*, uma vez que o valor prototipicamente representado pelo *pluscuamperfecto* em enunciados dubitativos, que seria um evento potencial dependente de uma condição, criando um plano de uma realidade paralela, portanto, mais saliente cognitivamente, exigiria no plano da expressão a forma mais complexa estruturalmente (com mais carga fonética e irregular), nesse caso, a de subjuntivo. Inclusive, a única ocorrência de *pluscuamperfecto de indicativo* em nosso *corpus* ocorre com o primeiro valor aspecto-tempo-modal descrito para esse grupo e ilustrado na *figura 2*, o de um evento passado em relação a outro ancorado em um passado efetivamente realizado, *i.e.*, plano factual, menos saliente cognitivamente.

Embora as variáveis sociais não tenham sido selecionadas como significativas, encontramos tendências percentuais que nos dão certos padrões de uso do espanhol falado na Cidade do México relacionados à estratificação social. Destacamos que dentro da variável *escolaridade*, trabalhamos apenas com dois estratos devido ao *corpus* que está em composição não conter ainda dados disponíveis do nível *baixa escolaridade*. Para esse grupo, houve percentualmente a confirmação de nossa expectativa inicial, sendo maior o uso da forma subjuntiva pelo grupo de falantes de nível superior, **16,1%** que o de falantes de nível médio, **10,9%**, confirmando-se o que se observa na literatura sociolinguística que as formas mais complexas estruturalmente, ou seja, formas marcadas, são mais usadas por quem tem mais instrução formal. Provavelmente, se houvéssimos considerado o nível *baixa escolaridade* teríamos distinções mais representativas.

As mulheres tendem a usar menos a forma conservadora, o subjuntivo, com **10%** enquanto os homens apresentam **16,8%**. Essa constatação contrasta com o que tradicionalmente é visto na literatura, que as mulheres tendem a seguir mais as normas e a manter a forma conservadora, já previsto e exposto por Labov (2001). Isso denota mudanças em relação ao papel da mulher exposto nos primeiros estudos sociolinguísticos dos anos 70 e 80, ao menos em sociedades ocidentais.

Por último, os dados com o grupo de fatores *faixa etária* esboçam uma possível mudança em tempo aparente onde o indicativo estaria substituindo o subjuntivo, dada a diferença de uso do subjuntivo entre o grupo dos jovens (11,1%) e adultos (11,3%) para os mais velhos (22%). A par disto, por um lado, faz-se necessário uma incursão histórica em outras sincronias dessa comunidade de fala congregando uma análise em tempo real para confirmar essa tendência e, por outro lado, observar se teríamos um caso de variação estável, sendo essa mesma disparidade entre as faixas etárias observada em outras sincronias da história nessa comunidade de fala, caracterizando um fenômeno de gradação etária.

A nosso ver, é factível que as prescrições da GT espanhola para o uso dos modos verbais mostram-se incoerentes com o uso observado na amostra do vernáculo da comunidade de fala em questão. É necessária, na análise linguística, uma concepção de gramática que agregue o componente pragmático, além da importância de se considerar a realidade sociocultural de cada comunidade de fala avaliada, realçando-se a relevância dos estudos sociolinguísticos no sentido de se considerar que, no tratamento de determinada variável, pode haver, para cada realidade extralinguística, um arranjo linguístico diferente, ou seja, padrões de uso dessa variável linguística. Porém, se há de considerar que também podem existir padrões regulares de uso entre comunidades de fala distintas.

Convém destacar que nossos resultados não se alinham à premissa givoniana de que sendo os enunciados dubitativos inerentemente instauradores do *irrealis*, o subjuntivo mais provavelmente apareceria sob essa modalidade (GIVÓN, 1995, p. 124). Baseados na presente análise, propomos que, no espanhol falado da Cidade do México, é mais provável a ocorrência de subjuntivo em enunciados dubitativos cujo julgamento valorativo possua valor escalar do *irrealis* de incerteza epistêmica e com a presença de *probablemente*, *quizás*, e *posiblemente* e esteja ancorado em referências temporais não-factuais, em especial os valores codificados pelo *pluscuamperfecto de subjuntivo*. Ou seja, o subjuntivo se especializou e seu uso implica peculiaridades semântico-pragmáticas apreensíveis na interação comunicativa.

Por fim, julgamos relevante, considerando a nossa experiência no ensino de E/LE a estudantes brasileiros, e a observação da ênfase dos manuais didáticos a aspectos formais prescritos pela gramática espanhola no tocante ao uso dos modos verbais, essa descrição que ora empreendemos do uso variável dos modos verbais, na expressão falada, para uma melhor compreensão da alternância subjuntivo/indicativo no espanhol. Bem como, é relevante considerar a situação comunicativa e seus distintos componentes envolvidos e os aspectos socioculturais para o entendimento e análise dos modos verbais no uso efetivo da língua na interação comunicativa.

## REFERÊNCIAS

- AKRILL, J. L. (tr. e ed.) **Aristotle`s categories and de interpretatione**. Oxford: Clarendon Press, 1963.
- ANADÓN, S. R. **El subjuntivo en el español de sudamérica**: Indicios de cambio sintáctico. 1979. Tese de doutorado - Universidade de Michigan, Michigan, 1979.
- BECHARA, E. **Ensino de gramática. Opressão? Liberdade?** 11ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Caracas: Ministerio de Educación ediciones, [1847] 1972.
- BIDERMAN, M. T. C. A formação de um padrão linguístico nacional. **Revista de Cultura Vozes** – Panorama da Sociolinguística. Petrópolis: Editora Vozes, n.8, volume LXVII, 1973.
- BOSQUE, I. Las bases gramaticales de la alternância modal. Rapaso y balance. In: \_\_\_\_\_. **Indicativo y Subjuntivo**. Madrid: Taurus, 1990, cap 1, p. 13-65
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BUTRAGUEÑO, P. M. (coord.); LASTRA, Y., (coord.). **Corpus sociolingüístico de la ciudad de México. Materiales de Preseaa-México**. Volume I: Hablantes de instrucción superior. Cidade do México: El Colegio de México, 2011.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency . In: JOSEPH. B.D.; JANDA, R.D., **The handbook of historical linguistics**, Oxford: Blackwell, 2003, p.602 -623.
- \_\_\_\_\_; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1994.
- \_\_\_\_\_; FLEISHMANN, S. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 1995.
- CALVO, M. G. Sobre el modo verbal en español. In: **Anuario de estudios filológicos (AEF)**, volumen: XVIII, 1995, p.177 – 203.
- CÂMARA JR., J. M. **Princípios de linguística geral**: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa. 4ª edição (rev. e aum.), Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CARNAP, R. **Meaning and necessity**. Chicago: University of Chicago Press, 1947.

CARVALHO, H. M. de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

\_\_\_\_\_. A alternância dos modos indicativo e subjuntivo na língua falada. in: NOGUEIRA, M. T.; LOPES, M.F.V. **Modo e Textualidade**. Fortaleza: Ed.UFC. 2011.

\_\_\_\_\_. Alternância dos modos verbais em entrevistas sociolinguísticas: tipo de verbo, tempo e modalidade. **Interdisciplinar**. Ano VI, v.14, p. 65-75, jul-dez de 2011. - ISSN 1980-8879 | Disponível em:  
[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_14/INTER14\\_06.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_14/INTER14_06.pdf)  
 Acesso em: 20.04.2012.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S.. Sociolinguística. in: MARTELLOTA (org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.

CHUECA, M. P. M. Los adverbios de modalidad. Los adverbios de duda: quizá(s), tal vez, acaso, a lo mejor. In: **red ELE – revista electrónica de didáctica/ Español Lengua Extranjera**. nº 4. 2005.

COAN, Márluce. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos Mais-que-perfeito e Perfeito**: correlações entre função(ões) – formas(s) em tempo real e aparente. 2003. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

\_\_\_\_\_.; *et al.* **As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência**: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. *Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 1463-1472, [1463/1472] 2006.

CORREAS, G. **Arte grande de la lengua castellana española**. Madrid: Ediciones del Conde de la Viñaza, 1626. [Madrid: E. Allarcos Gracia, 1957].

COSERIUM, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. 2 ed. Madrid: Gregos, 1967.

COSTA, Marcos Antonio. Procedimentos de manifestação do sujeito. In: CUNHA, M.A.F. (orgs.) **Procedimentos discursivos na fala de Natal - Uma abordagem funcionalista**. Natal: Ed.UFRN, 2000.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M. A. F.; SOUSA, M. M.. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez editora, 2011.

\_\_\_\_\_.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M., Pressupostos teóricos fundamentais. in: CUNHA; OLIVEIRA; MARTELLOTA(orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

DAPENA, J.A.P. **Del indicativo al subjuntivo – Valores y usos de los modos del verbo**. Madrid: Arco/Libros S.A, 1991.

DEMELLO, G. Alternancia modal indicativo/subjuntivo con expresiones de posibilidad y probabilidad. **Verba**, University of Iowa, v.22, p.339-361, 1995.

DU BOIS, J.W. *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FAGUNDES, E. D. **As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo**. 2007. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná, 2007.

FILLMORE, C. J. **Lexical entries for verbs**. Ohio: Ohio State University. 1968. p. 374.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística**. v. I e II. São Paulo: Contexto, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. **A functional-typological introduction**. v. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1984.

\_\_\_\_\_. **Syntax - a functional - typological introduction**. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1990.

\_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar: a prospectus**. University of Oregon, 1991.

\_\_\_\_\_. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. v. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1993.

\_\_\_\_\_. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

\_\_\_\_\_. **Context as other's minds**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

GUY, G. **A identidade linguística da identidade da comunidade de fala: paralelismo unidialeto nos padrões linguísticos**, [S.l.] *Organon*, v. 14, p. 17-32, 2000.

GUY, G.R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. Londres: Edward Arnold, 1973.

HOPPER, P. Emergent Grammar. **Berkeley Linguistic Society**. v. 13, p. 139-153, 1987.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, nº 2, 1980.

HYMES, D. **Foundations in sociolinguistics**. Filadélfia: University of Filadelfia Press, 1974.

KLEIMAN, A. B. **A syntactic correlate of semantic and pragmatic relations: the subjunctive mood in Spanish**, 1974. Tese de doutorado – Universidad de Illinois, 1974.

KLEIN, F. Restricciones pragmáticas sobre la distribución del subjuntivo en español. in: BOSQUE, Ignacio (org.). **Indicativo y Subjuntivo**. Madrid: Taurus, 1990. p. 303 – 314.

KLINGE, A. The impact of context on modal meaning in English and Danish. **Nordic Journal of Linguistics**. [s.l.]. v.19, p.35-54, 1996.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008]

\_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (eds.), **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins. p. 17-92. 1982.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**, v. III: Social Factors. Malden and Oxford: Blackwell. 2001.

\_\_\_\_\_. **Where does the linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic Working Paper, nº 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978, p.01-17.

\_\_\_\_\_. Field Methods of the Project in Linguistic Change and Variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (eds.). **Language in Use**, Prentice-Hall: p. 28-53. 1984.

\_\_\_\_\_. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, p. 57, 1981.

\_\_\_\_\_. The overestimation of functionalism. In: **Principles of linguistic change – internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_, HERZOG, M.; WEINRICH, U. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 2ª ed. São Paulo. Ed. Parábola, [1968], 2006. [Traduzido por Marcos Bagno. Coleção: Linguagem, nº 18].

LASTRA, Y.; BUTRAGUEÑO, P. M. **Aproximación al uso del modo subjuntivo en el corpus sociolingüístico de la ciudad de México**. Boletín de Filología, Tomo XLVII, n 2, p 101-131, 2012.

LAVANDERA, B. Análisis semántico de variación en tiempos verbales: Oraciones condicionales del español. **Anuario de Letras**. v. 17, UNAM, 1979.

\_\_\_\_\_. Where does the sociolinguistic variable stop? In: **Language society**, nº 7. Printed in Great Britain, 1978, p.171 – 182.

LLORACH, E. A. **Gramática de la lengua española**. Colección Nebrija y Bello. Madrid: Ed. Espasa Calpe, 1994, [1996].

LOPE BLANCH, J. **El estudio del español hablado culto. Historia de un proyecto.** México: Universidad Autónoma de México, 1986.

\_\_\_\_\_. (ed.) **El habla de la ciudad de México** - Materiales para su estudio. México: Universidad Autónoma de México, 1971.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem:** um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola ed., 2004.

LYONS, J. **Semantics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTELLOTA, M. E. *et al.* **Linguística funcional:** Teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mudança linguística:** uma abordagem baseada no uso. Coleção leituras introdutórias em linguagem; v. 1. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, A. **Gramática emergente: uma leitura.** 2007. Projeto de pós-doutorado financiado pela FCT (Ref. SFRH / BPD / 40498 / 2007) - Centro de Linguística da Universidade do Porto. 2007 disponível em: [http://www.prof2000.pt/users/anamartins/G\\_Emergente.html](http://www.prof2000.pt/users/anamartins/G_Emergente.html) acesso em: 08.05.13.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.(orgs.) **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NEBRIJA, A. **Gramática castellana.** Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, [1492] 1992.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional.** São Paulo: Ed Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática.** São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

NOGUEIRA, M. T. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. In: **X Seminário do Grupo de Estudos Discurso e Gramática** - Linguística funcional: a interface linguagem e ensino. Natal: EDUFRN, 2006, p.23-40.

PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L., Mudança Linguística: observações em tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.(orgs.) **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

PALMER, F. R. **Mood and modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PEÑALVER CASTILLO, M. Teoría gramatical y práctica idiomática: sobre indicativo / subjuntivo en oraciones subordinadas. **Moenia: Revista lucense de lingüística & literatura**, ISSN 1137-2346, n. 11, p. 305-326, 2005.

PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do modo subjuntivo:** uma abordagem discursivo-pragmática, 1999. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

\_\_\_\_\_. **Variación no presente do modo subjuntivo: redução no paradigma do modo verbal. CELSUL- Círculo de Estudos Linguísticos, 2009.** [s.l.] Fundação Universidade do Rio Grande, 2009a Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/121.htm>. Acesso em: 25.06.12.

\_\_\_\_\_. **Presente do subjuntivo e presente do indicativo: um encontro na história. Working Papers em Linguística.** ISSN 1984-8420. Florianópolis, v. 10, n. 1, 2009b. Disponível: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/11295>. Acesso em: 20.05.2012.

POPLACK, S. The inherent variability of the French subjunctive. In: **Current issues in Linguistic Theory.** v. 74, p. 235-263, 1992.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la lengua española.** Madrid: Ed. Espasa Libros, S.L.U., 2009

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española.** Madrid: Ed. Espasa Calpe, 2006.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española.** 22.<sup>a</sup> ed. 2001. versão online: <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X:** A variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto: University of Toronto - Department of Linguistics, 2005.

SARMIENTO, R; SÁNCHEZ, A. **Gramática básica del español.** 7. ed. Madrid: SGEL, [1989] 1996.

SAUSSURRE, F. **Curso de linguística geral.** 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1973. [Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein].

\_\_\_\_\_.; **Curso de linguística geral.** 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

\_\_\_\_\_.; **Curso de linguística geral.** 30 ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2002.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90

SCHERRE, M. P.; YACOVENCO, L. C.. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN,** v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146, 2011.

SCHLESINGER, I. M. **Cognitive space and linguistic case.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SECO, M.; OLIMPIA, A.; GABINO, R. **Diccionario del español actual.** Madrid: Aguilar, 1999, Dois volumes, 4.666 págs.

SILVA-CORVALÁN, C.. The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles's Spanish. In: **Language Variation and Change** 6(3), p. 255-272, 1994.

SILVA, I. M.. **As voltas que o modo dá:** parâmetros funcionais da alternância indicativo/subjuntivo em espanhol. 2009. Tese de doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

TARALLO, F. **A pesquisa sócio-linguística.** 4ª ed. São Paulo: Ática - Série princípios, 1994.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO:** estratificação / variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TORREGO, L. G. **Gramática didáctica del español.** São Paulo: Edições SM, 2005.

WOEHR, R., *Acaso, Quizá(s), Tal vez:* Free Variants? **Hispania** 55, p. 320-327, 1972.

## ANEXOS

ANEXO I - Exemplo de análise para aferição da modalidade *irrealis*.

Trazemos esta análise do texto seguinte para demonstrar como procedemos na codificação das ocorrências ao atribuir os valores constantes no grupo de fatores *modalidade irrealis* expostos em 6.5. No cabeçalho constam as informações do informante: idade, sexo, escolaridade, ocupação profissional e data da entrevista. Vejamos a análise:

**Texto 1 – [Inf.7. feminino, 25 anos, nível superior. Área de Letras. julho de 2000].**

**E – entrevistador, I – informante.**

*E- Lo mismo que se da en hombres grandes con mocosas de veinte ¿no?*

*I- sí sí lo mismo exactamente*

*E- claro*

*I- y dices ¡órale! Igual para donde volteabas ya les empezamos a ver que la ceja así depilada y todo*

*E- [risa]*

*I- no pues si efectivamente si es como nos habían dicho*

*E- mh*

*I- y también había alguna que otra lesbiana*

*E- ¿mh?*

*I- igual así parejitas que decías órale ¿no? y entonces empezábamos ahí de sangronas como íbamos las tres*

*E- ajá*

*I- ¿no pues estos ya han de decir que somos*

*E- ajá el trío [risa]*

*I- El trio dinâmico [risa] y nosotros no pues sí seguramente porque además qué casualidad y que*

*E- que las tres mujeres ¿no?*

*I- y ya en esa playa ¿no?*

*E- mh*

*I- entonces ya nos moríamos de la risa ahí nada más viéndolos y viéndonos nosotros no pues*

*(<sup>1</sup>) seguramente HAN DE ESTAR[DICIENDO\*]*

E- ajá

I- DICIENDO\* estas, ... este trío de lesbianas ¿no?

E- de lesbianas

I- y pues ya nos moríamos de la risa

E- ¿y luego?

I- pero luego ya otros días fuimos a otros lugares fuimos a bueno a Puerto Marqués

E- mh

I- que ahí nos la pasamos muy padre. (L. 694 – 719)

[então já morríamos de rir, ali por nada, vendo-os e vendo-nos, não é, pois seguramente hão de estar dizendo...] **tradução nossa.**

**Conhecimento:** A falante demonstra conhecer o contexto situacional que promoveu o seu julgamento na proposição: “seguramente HAN DE ESTAR[DICIENDO\*][.] estas, ... este trío de lesbianas” Como se observa na entrevista, sobre o contexto situacional relatado, a informante relata que está em um lugar de férias e cheio de casais gays, homens mais velhos com jovencinhos, casais de lésbicas, o que se confirma no trecho: “no pues si efectivamente si es como nos habían dicho”. Portanto, ela tem total embasamento e conhecimento do contexto situacional, além do conhecimento universal partilhado de que casais homossexuais não são o padrão convencional e que ainda causam uma certa polêmica no julgamento de algumas pessoas, para prever o julgamento feito por terceiros sobre ela e suas amigas andando abraçadas de que naquele momento seriam vistas como: um trio de lésbicas. Logo: [+conhec].

**Evidencialidade:** Na passagem: “entonces ya nos moríamos de la risa ahí nada más viéndolos y viéndonos nosotros no pues (1) seguramente HAN DE ESTAR[DICIENDO\*]” A ação de ESTAR DICIENDO seria produzido por outras pessoas em relação a elas, portanto, atestável a elas somente pela observação apesar de elas vivenciarem a situação que desencadearia o julgamento, entretanto a mesma experienciou diretamente a situação. Embora o ato verbal em si, de estarem dizendo que elas são lésbicas, não apareça como concretizado, é inferível pelo contexto situacional da mesma forma como ela fazia esse julgamento vendo outras pessoas nas mesmas condições nas quais ela se encontrava. Elas são personagens protagonizadoras e, por isso, o julgamento seria sobre a ação delas. [+part.]

**Atividade verbal:** Processos verbais estão na escala de Tavares (2003) no nível 3, portanto representam mais atividade e portanto mais concretude, sendo mais passível de ser verificado e conseqüentemente de incidir em mais certeza. [+ativ]

**Referência temporal:** “*Han de estar diciendo*” O momento de referência no qual se ancora o julgamento epistêmico é o momento da fala presente. A ação é progressiva, tempo presente, simultâneo; está ocorrendo, portanto: [factual].

Analisando a combinação dos resultados dos quatro parâmetros temos: [+conhec], [+part.], [+ativ], [factual]. Possui quatro parâmetro positivos, logo, de acordo com o quadro 11, temos o valor **certeza 1**.

A própria seleção do verbo *Haber* (*han de*) no lugar de *deber de* já indica uma escolha mais relacionada à certeza pois “*deben de estar diciendo*” é um uso consagrado de ações mais incertas, conjecturas, situações prováveis no espanhol. Além disso, em enunciado anterior à proposição em questão no seu relato, a informante cita um exemplo comparativo que dá base para a interpretação de seu julgamento: “*y también había alguna que otra lesbiana[...] igual así parejitas que decías, órale ¿no?*”.

A sensação de estar sendo julgada era compartilhada e demonstrada pelas demais colegas, evidente na passagem: “*entonces ya nos moríamos de la risa ahí nada más viéndolos y viéndonos nosotros, no pues[...]*”. Além disso, há uma sequência expositiva que contextualiza e valida a interpretação da proposição em questão como positiva (para mais certeza), pois nos mostra que elas estão justamente num ambiente que essas atitudes são encaradas como próprias aos homossexuais, já que ali há uma grande maioria de pessoas homossexuais com atitudes supostamente iguais às delas. Num contexto anterior, ela apresenta uma sequência dissertativa antecedente corroborando com o seu julgamento. O maior grau de certeza coincide com a seleção do advérbio *seguramente* que provém de fonte lexical que denota mais certeza. A seleção da forma *seguramente* junto à forma indicativa parece ser condicionada pela escalaridade dentro do paradigma dos advérbios de dúvida, sendo a forma mantenedora de traços semânticos de sua forma base que persistem no novo paradigma que se encontra e por acomodação, se especializa, se adapta dentro do paradigma dos advérbios dubitativos sendo selecionada para codificar + **certeza**, e este por sua vez aparece preferentemente consagrado pelo uso com o indicativo.

## ANEXO II - CODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

### VARIÁVEL DEPENDENTE

0 – Indicativo

1 – Subjuntivo

### LINGÜÍSTICOS

#### 1 –Item dubitativo

*a- Tal vez*

*b- A lo mejor*

*c- Quizá(s)*

*d- Acaso*

*e- Probablemente*

*f- Posiblemente*

*g- Seguramente*

#### 2 – Tempos verbais em alternância

A- Presente

B- Pretérito perfecto

C- Pretérito indefinido

D- Pretérito pluscuamperfecto Ind.

J- Pretérito imperfecto

j- Pretérito pluscuamperfecto Subj.

K- Potencial

k- Composto

L- Futuro

l- Perífrase futuro

M- Futuro perfecto

#### 3 – Posição e distância da forma verbal em relação ao item dubitativo

2- Posterior subsequente.

3- Posterior até de 3 palavras intervenientes

4- Posterior 4 palavras ou mais intervenientes

5- Anterior subsequente

6- Anterior até 2 palavras intervenientes

7- Anterior 3 palavras intervenientes ou mais.

#### 4 - Grau de atividade verbal

A- momentâneo

B – ativ. específica

C – dicendi

D – ativ. difusa

E – instância

F – estímulo mental

G – transitório intencional

H – Evento transitório não-intencional

I – Processo

J – Experimentação mental

L – Atenuação

M – Relacional

N – Sensação Corporal

O – Existência

P – estado

#### 5 – modalidade *irrealis*

C- Certeza 1

D- Certeza 2

B- Incerteza

#### 6 - Pessoa gramatical

p- 1ª pessoa

s- 2ª pessoa

t- 3ª pessoa

**7 - Padrão morfofonológico verbal**

- !- Regular verbo principal
- ?- Irregular verbo principal
- £- Regular verbo auxiliar
- ¢- Irregular verbo auxiliar

**EXTRALINGUÍSTICOS****8 - faixa etária**

- @- 20-34
- #- 35-54
- %- maiores 55 ou mais

**9 - escolaridade**

- <- médio
- >- superior

**10 - Gênero / sexo**

- ^- masculino
- ~- feminino

